



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANDRESSA DE FREITAS RIBEIRO

**DA AVENIDA CERQUEIRA LIMA AO BECO DOS ARTISTAS:
UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE GLS.**

**Salvador
2011**

ANDRESSA DE FREITAS RIBEIRO

**DA AVENIDA CERQUEIRA LIMA AO BECO DOS ARTISTAS:
UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE GLS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Gabriela Hita.

**Salvador
2011**

Ribeiro, Andressa de Freitas
R484 Da Avenida Cerqueira Lima ao Beco dos Artistas: um espaço de
sociabilidade GLS / Andressa de Freitas Ribeiro. – Salvador, 2011.
210 f..il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Gabriela Hita
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas, 2011.

1. Homossexualismo – Aspectos sociais. 2. Sexualidade. 3. Guetos. 4. Identidade
de gênero. I. Hita, Maria Gabriela II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 306.766

ANDRESSA DE FREITAS RIBEIRO

**DA AVENIDA CERQUEIRA LIMA AO BECO DOS ARTISTAS:
UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE GLS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em _____ de Maio de 2011.

Banca Examinadora

Maria Gabriela Hita – Orientadora _____
Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Universidade Federal da Bahia

Cecilia McCallum – Examinadora interna _____
Doutora em Antropologia Social pela University of London
Universidade Federal da Bahia

Leandro Colling – Examinador externo _____
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

A Elizete e Sebastião, meus pais que tanto amo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria aqui de expressar meu profundo agradecimento a algumas pessoas que foram de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho. A pesquisa desenvolvida durante o mestrado e a redação final da dissertação é, de fato, um trabalho bem árduo, um trabalho que exige bastante concentração e comprometimento. Ora permeada por angústia, ora por euforia, a pesquisa vai se desenrolando e, sem o apoio e a compreensão da família, dos amigos, do orientador (a), esse processo se torna bastante difícil. Por isso, deixo aqui meus profundos agradecimentos a todos aqueles que estiveram ao meu lado, durante este período, seja apoiando através de palavras incentivadoras, seja através apenas do carinho, companhia e atenção que dispensaram para mim nesse momento, ou, até mesmo, através das críticas construtivas necessárias para pensar e repensar o processo de pesquisa e a redação final do texto.

Aos meus pais, que tanto amo.

A Emanuella amiga/irmã querida, de todas as horas.

Ao meu irmão, sempre presente e companheiro.

A minha irmã que, mesmo de longe, sempre contribuiu com palavras de carinho.

A Vitor Cunha, que me deu muita força e carinho neste processo.

Ao meu amigo Glauber, por sua sensibilidade e carinho.

A minha orientadora, por quem nutro profundo respeito e admiração e a quem só tenho a agradecer pelas longas conversas e pelas críticas construtivas.

A Capes, pelo apoio financeiro, que viabilizou a realização desta pesquisa.

“Totalmente terceiro sexo, totalmente terceiro mundo, totalmente
terceiro milênio. Carne nua, nua, crua...”

(Transfiguração – Caetano Veloso)

RIBEIRO, Andressa de Freitas. *Da Avenida Cerqueira Lima ao Beco dos Artistas: um espaço de sociabilidade GLS*. 210pp. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

RESUMO

Este trabalho se propõe a pensar um espaço de sociabilidade homossexual em Salvador, o Beco dos Artistas, refletindo sobre como as pessoas vivem esse espaço, o significado e sentido que lhe atribuem, e sobre as práticas, relações e comportamentos que se dão espaço à dentro. Proponho-me a pensar, também, os motivos da existência de tal espaço e quais as consequências de sua existência tanto para os frequentadores, quanto para o tecido social de forma mais ampla. Para isso, realizo uma etnografia sobre o espaço, descrevo suas características físicas e sociais, sempre com o intuito de utilizar essa descrição como material para reflexões de cunho mais crítico e teórico, tentando sempre perceber quais as questões sociais que aquele espaço particular suscita. Com essa perspectiva, a discussão sobre espaço e sexualidade ganhou um lugar central no meu trabalho.

Palavras-chave: espaço, sexualidade, gueto e identidade.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. *Da Avenida Cerqueira Lima ao Beco dos Artistas: um espaço de sociabilidade GLS*. 210pp. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ABSTRACT

This paper proposes to consider a space of homosexual sociability in Salvador, *Beco dos Artistas*, reflecting about how people live in this space, the meaning and sense which they attribute to it, and their practices, relations and attitudes. I also propose a reflection on the reasons for the existence of such place and the consequences of its existence, for both the visitors and the wider society. In view of those questions, I do an ethnography of the space, describe its physical and social characteristics, in order to use these data as a material for critical and theoretical reflections, trying to realize what are the social issues raised by that particular space. Therefore, the discussion on space and sexuality takes a central place in this work.

Keywords: space, sexuality, ghetto, identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	16
1 O BECO E SUA HISTÓRIA	21
1.1 O BECO E A EXPERIÊNCIA VIVIDA.....	40
1.2 O BECO E A HOMOSSEXUALIDADE.....	51
1.2.1 O Cactus.....	51
1.2.2 O Conexão Arco-Íris.....	60
1.2.3 O Camarim	65
2 O BECO HOJE (PERÍODO DE CAMPO)	68
2.1 OS BARES	73
2.1.1 Gina D`Mascar.....	79
2.2 A RUA E O ESTIGMA	88
2.3 O CORPO E O COMPORTAMENTO	111
2.4 O FECHAMENTO DO CAMARIM.....	121
3. BECO DOS ARTISTAS: UM ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO E/OU UMA LIBERDADE GUETIFICADA?	132
3.1 ATUAIS FREQUENTADORES: BECO COMO UM ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO.....	132
3.1.1 Medo e Aceitação.....	139
3.1.2 A heteronormatividade e o Beco.....	149
3.2 O BECO E O GUETO.....	157
3.2.1 A relação entre espaço e identidade: Beco/Gueto e a identidade homossexual.....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS CITADAS.....	183
REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....	188
ANEXOS.....	191

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma etnografia sobre um espaço de sociabilidade GLS, cujo nome é Beco dos Artistas, localizado no bairro Garcia, na Avenida Cerqueira Lima em Salvador. O intuito inicial do trabalho era fazer apenas uma etnografia do lugar, em seu sentido sincrônico, no entanto, ao adentrar o campo, percebi que para falar do Beco dos Artistas hoje, eu teria que explorar, também, sua história, já que uma série de significações que giravam em torno do lugar mantinha relação com o sentido que, por hora, o espaço teve em um passado recente. Além disso, percebi também a necessidade de construir uma reflexão mais analítica do lugar, pensando tanto sobre a significação daquele espaço para os frequentadores, quanto sobre a significação do espaço, tendo como referência o tecido social mais amplo.

O Beco dos Artistas, no período que iniciei o trabalho de campo, em agosto de 2008, possuía quatro bares. Esses bares eram o Camarim, o Bar de Eduardo, o Green Bar e o Bar Cultural. No decorrer do trabalho de campo, o Bar Camarim fechou e o Beco dos Artistas passou a ter apenas três bares. O Beco dos Artistas, no início do período de campo, funcionava de terça a domingo, depois do fechamento do Camarim os dias de funcionamento alteravam, mas, sempre funcionando na sexta e no sábado. O Beco não é um espaço sofisticado, é uma ruela cuja frente dá para a avenida principal do Garcia – a Leovigildo Filgueiras – e o fundo para o espaço residencial, onde vivem os moradores. O calçamento é deteriorado, as paredes são sujas, a rua é mal iluminada e os bares são simples. O público que frequenta o Beco pertence às camadas sociais mais desfavorecidas, a grande maioria é de cor de pele negra e, atualmente, o Beco é freqüentado, majoritariamente, por homossexuais. A intersecção desses fatores – classe, raça e sexualidade - faz com que o Beco seja alvo de grande estigma, não só pela vizinhança, mas, também, por grande parte dos frequentadores. No entanto, para além de ser um lugar de negro e pobre, o Beco é, antes de tudo, um lugar para pessoas que se identificam como homossexuais; essa é a sua característica mais marcante.

Como moradora do Garcia, vizinha do Beco dos Artistas, aquele espaço sempre me chamou a atenção por dois motivos: o primeiro motivo foi observar, como moradora, o quanto a existência daquele espaço provocava burburinhos entre a vizinhança; o quanto aquele espaço e as práticas que se davam ali dentro mobilizavam ora a curiosidade dos moradores, ora seus preconceitos e pré-noções, ou uma ou outro, o Beco sempre era o assunto do dia; o segundo motivo era mesmo a minha subjetividade - a subjetividade de uma garota, ainda se

descobrir sexualmente, que veio do interior, onde os tabus relacionados à sexualidade talvez tenham uma força ainda maior – tudo isso me fez sentir completamente atraída e curiosa em relação ao Beco dos Artistas.

Desde o início, minha subjetividade sempre esteve implicada no processo de pesquisa. Epistemologicamente falando, minha postura enquanto pesquisadora estava muito mais próxima do que Weber (1991, 1992) entende como fazer ciência - no sentido de que a única forma de atingir objetividade nas ciências humanas é assumindo a subjetividade própria do mundo humano – do que com o que Durkheim (1966) postula como ciência, ou seja, a necessidade de tratar o fato social como coisa, separado da subjetividade do pesquisador.

Mas, epistemologia à parte, o que de fato me motivou a pesquisar o Beco foi, primeiro, minha curiosidade, fruto da minha subjetividade e, depois, a curiosidade que aquele espaço provocava nas pessoas ao redor. E qual o motivo de tal curiosidade, tanto minha, quanto dos moradores do entorno? O motivo estava centrado, principalmente, no fato do Beco dos Artistas ser um espaço que possibilitava, no seu interior, a vivência de práticas e comportamentos sócio-sexuais que não eram legitimados Beco a fora. A sexualidade se torna, então, um ponto central na minha pesquisa. Entender o Beco foi, também, uma forma de compreender melhor, não só como aqueles indivíduos que frequentam o Beco lidam com suas sexualidades, como eles a compreendem e a vêem, mas também, como a nossa sociedade lida com a sexualidade daqueles indivíduos que não se adequam às normas sócio-sexuais hegemônicas. Uma pergunta, então, se coloca: o que um espaço como o Beco, na medida em que legitima em seu interior práticas não-heterossexuais, significa para os seus frequentadores e, também, o que ele significa, quando pensamos em termos de sociedade mais ampla? Essa foi minha pergunta de partida.

Para responder a essa pergunta, propus-me primeiro, a compreender o Beco em suas nuances para, a partir dessa compreensão, passar para uma reflexão mais analítica sobre o lugar. Não poderia responder a essa questão sem antes entender as relações e os comportamentos que se davam dentro do Beco e as relações que a própria existência espacial de um lugar como o Beco propõe. Ainda que eu tivesse uma pergunta de fundo, que estava direcionada para o entendimento da sexualidade naquele espaço, eu fui guiada menos por essa pergunta formulada previamente à experiência de campo, do que, de fato, pelo desenrolar dos fatos etnográficos. Mais do que responder a uma pergunta, no sentido de uma explicação monológica, meu intuito era compreender o lugar e as representações que giram em torno dele e, só a partir daí, responder a uma questão que, embora tenha sido formulada previamente ao

trabalho de campo, se mostrou, no decorrer do processo, em total conexão com as questões que emergiam deste.

Não se pode compreender esse lugar, dissociando-o do significado que a sexualidade tem para sua modulação, por isso, a sexualidade é o eixo que conecta os diferentes temas tratados nos diferentes capítulos. O que se percebe, no presente trabalho, é uma ligação entre aquilo que Roberto Cardoso de Oliveira (1998) chama de uma conjunção entre uma interpretação explicativa – pautada no entendimento da sexualidade – e uma interpretação compreensiva – pautada na etnografia e na compreensão do espaço. Neste sentido, os dados do campo, provindos da compreensão do lugar, e a teoria, advinda da necessidade de entender analiticamente a sexualidade e o espaço, dialogam o tempo todo no desenrolar da minha construção reflexiva. O que talvez, como afirma Peirano (1995), seja a característica mais marcante do trabalho antropológico – a relação simbiótica entre pesquisa e teoria.

Ao entrar em campo, aquilo que parecia ser uma questão única e linear se complexificou; o tronco condutor da pesquisa ramificou-se e eu percebi que, para compreender o desenvolvimento desse tronco, eu precisava compreender, também, suas ramificações. Assim, o texto dissertativo ficou dividido em três capítulos, cada um focaliza um aspecto da existência do Beco. O último, sob o pilar da compreensão etnográfica de caráter diacrônico e sincrônico, construída nos dois primeiros capítulos, é o responsável por responder, de forma mais analítica, à seguinte questão: o que significa a existência de um espaço como o Beco dos Artistas (meu objeto de estudo), na medida em que este possibilita, em seu interior, a expressão de desejos que não são legitimados no atual contexto de organização sócio-sexual, para os frequentadores e para a sociedade mais ampla? O terceiro capítulo retoma, então, à questão principal, através não de uma reflexão abstrata, teórica, vazia, mas, de uma compreensão construída através da minha presença em campo.

O primeiro capítulo “O Beco e sua história” trata da história do Beco dos Artistas, das suas origens, de como o Beco começou e como ele era inicialmente. O Beco dos Artistas surgiu em meados da década de setenta, sendo frequentado, inicialmente, pela classe artística e intelectual de Salvador. Essa ligação com a arte foi tão forte ao ponto de não só ser responsável pelo nome do lugar mas, também, de dotá-lo de uma identidade vinculada à arte, que reflete até os dias de hoje. São mais de trinta anos de história que guardam uma série de acontecimentos que foram e são fundamentais para a constituição do espaço e para o seu entendimento. Neste capítulo, também, falo sobre a relação que o espaço já tinha com a vivência de uma sexualidade mais livre e como, ao longo dos anos, o Beco foi se consolidando como um espaço GLS, ou seja, como ele se tornou o que é hoje.

O segundo capítulo “O Beco hoje (período de campo)” consiste na etnografia propriamente dita. Nesse capítulo, faço uma descrição do espaço, falo sobre o comportamento e das relações que se estabelecem entre os frequentadores, trato do espaço da rua como um local que concentra um forte estigma, falo sobre a transformação do Beco dos Artistas em BA (Baixo Astral) - termo cunhado pelos próprios frequentadores -, descrevo os atores sociais do Beco como Gina D’Mascar, os michês, as mulheres que manejam mais os atributos de masculinidade, os homens que manejam mais os atributos da feminilidade e também o oposto, falo sobre a relação entre corpo e comportamento e, por fim, sobre o fechamento do Camarim e do seu impacto sobre o Beco. Aqui a relação entre espaço, comportamento, gênero e sexualidade está sempre sendo colocada; essas temáticas estão sempre sendo suscitadas pelos dados etnográficos e eu, como antropóloga, sou sempre motivada a estabelecer uma relação entre essas categorias.

O terceiro capítulo, “O Beco dos Artistas: um espaço de libertação e/ou uma liberdade guetificada?” analisa o Beco sob duas perspectivas principais. Analisar o Beco sob esses dois prismas é uma forma de contemplar duas dimensões distintas de análise. Essas dimensões não são, contudo, auto-excludentes, mas, ao contrário, coexistem como duas faces da mesma moeda, ou melhor, como dois sentidos relacionados à existência do lugar. A primeira perspectiva toca no significado que o Beco tem para alguns frequentadores, na relação que eles mantêm com o espaço, como se sentem ao frequentar o Beco e o que os motiva a isso. Essa primeira perspectiva tem uma relação com a hipótese inicial do trabalho, qual seja, que a existência de um lugar como o Beco, dentro de uma sociedade heteronormativa, facilita o processo de aceitação da sexualidade por parte daqueles indivíduos que não se enquadram nos padrões de coerência entre gênero e sexualidade pressupostos pela sociedade mais ampla. Neste sentido, eu toco em questões como o medo, a aceitação, o acostumar-se com o desejo homossexual através da presença no Beco e, por fim, como o Beco significa, para muitos frequentadores, de fato, um espaço de libertação.

A segunda perspectiva, presente também nesse capítulo, busca dar um salto crítico-teórico em relação a minha primeira hipótese. Esse salto crítico caminha no sentido de compreender o que significa a existência de um espaço como o Beco dos Artistas, com as características que ele possui hoje, dentro de uma sociedade mais ampla ainda regida por uma matriz sócio-simbólica marcadamente heterossexual. Isso significa pensar as proximidades que a configuração espacial do Beco guarda com uma lógica social excludente e, nesse sentido, com o próprio conceito de gueto, como, ainda, pensar que essa sensação de liberdade, experimentada por alguns frequentadores dentro do Beco, pode ser fruto de um cerceamento

de tal liberdade em espaços fora do Beco. Essa é minha segunda hipótese que, de certo modo, balizou a primeira hipótese e que foi construída no decorrer do processo de pesquisa, através dos depoimentos dos frequentadores, de não-frequentadores e, antigos frequentadores. Outra reflexão surge de uma possível relação entre uma “identidade homossexual” e o próprio Beco dos Artistas, ou, “beco dos viados”, como chamam alguns frequentadores. Assim, gueto, espaço e identidade se tornam, também, categorias centrais desse capítulo.

Todos os três capítulos são permeados pelas falas dos atores que compõem a realidade do Beco, a pesquisa e o texto etnográfico/dissertativo foi sendo construído de forma conjunta com os próprios entrevistados. Os dados empíricos ocupam, nesse sentido, um lugar de destaque nesta dissertação. O texto privilegia os dados garimpados em campo, assim como, os depoimentos conseguidos através das entrevistas. Assim, a teoria não surge no texto como uma mera abstração, mas surge, sim, quando o campo a demanda. A teoria é acessada por uma demanda do campo e da realidade. Sob essa perspectiva, a teoria não tem um valor em si, mas, seu valor emerge, na medida em que ela é capaz de elucidar questões postas pela realidade empírica; ela é construída em consonância com aquilo que o mundo da experiência coloca como questão. Como afirma (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998) o trabalho de pesquisa é um constante vai e vem entre uma reflexão teórica e o trabalho empírico.

O texto dissertativo é, deste modo, povoado pelas falas dos entrevistados, pelos relatos de campo e pelos dados etnográficos de um modo geral. O texto acompanha aquilo que alguns autores da antropologia, de tendência pós-moderna, chamam de plurivocalidade (ERIKSEN; NIELSEN, 2001), ou seja, a possibilidade de dar voz, também, àqueles sujeitos que são seu objeto de estudo, mas, que ao mesmo tempo são atores sociais pensantes. Assim, a minha voz é só mais uma entre tantas outras que compõem o texto etnográfico. E o conteúdo reflexivo emanado da minha voz, no texto, é construído em consonância e através do diálogo com muitas outras vozes. Isso não significa adotar o ponto de vista do pesquisado, mas, construir sua reflexão - de quem tem a autoridade etnográfica - através dessas falas, e, dando espaço, no texto, para que essas falas, também, sejam ouvidas pelo futuro leitor. Ademais, ainda que, acredito, eu tenha dado um salto epistemológico, no sentido de pensar o pensar desses atores sociais, esse salto só foi possível, na medida em que eu, também, permiti que a voz de esses atores fossem ecoadas neste texto. Desse modo, a plurivocalidade, assim como, a ligação íntima entre teoria e campo são características marcantes do meu texto.

O trabalho tem o intuito, então, de pensar um espaço que legitima, em seu interior, práticas e comportamentos que ainda não são legitimadas, com o mesmo grau de liberdade, fora daquele espaço e, ao pensar o espaço, pensar, também, as práticas e os comportamentos.

Ao mesmo tempo, o presente trabalho se justifica, como afirma Gayle Rubin (2003), pela necessidade de pensar populações de carne e osso. Pensar a sexualidade e tentar compreendê-la através dessas distintas práticas que se dão em um espaço real, em tempo real, onde as pessoas se encontram para viver os seus desejos e as contradições características destes.

Acho interessante lembrar aqui as palavras de Gayle Rubin, com as quais me identifico, quando ela se refere ao estudo que realizou em uma comunidade de homossexuais masculinos em São Francisco,

Tive acesso a eles, e pude estudar esse fascinante processo pelo qual algumas práticas ou desejos sexuais, que em certa época foram completamente estigmatizados, escondidos e disfarçados, podiam ser institucionalizados em uma subcultura na qual eram considerados normais e desejáveis. A construção de sistemas subculturais destinados a facilitar sexualidades não-normativas é um processo interessante (RUBIN, 2003, p.201).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolver meu trabalho de pesquisa, utilizei quatro instrumentos principais: a etnografia, a observação participante, as entrevistas e os relatos informais. A etnografia, assim como a observação participante, foi realizada no período de 23/08/2008 até 05/06/2010, com o total de 45 idas a campo, sendo que 39 foram registradas no diário de campo, as seis primeiras idas foram exploratórias, como forma de me familiarizar com o ambiente, antes de começar a escrever os relatos. A presença corpórea em campo foi de fundamental importância para que eu pudesse compreender o lugar e as pessoas, assim como as relações, que habitavam aquele espaço. Só assim, pude ter uma apreensão minuciosa do espaço e das relações que, mais tarde, se transformaram na etnografia presente na redação final do texto dissertativo. Foi o trabalho de campo que permitiu, também, me familiarizar com o lugar e, através dessa familiarização, compreendê-lo.

A observação participante, também, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho. Como Raymond Quivy e Campenhoudt (1998) falam, a observação participante é uma forma de recolher dados que não poderiam ser recolhidos de outra forma. É possível com a observação participante apreender comportamentos e acontecimentos no mesmo momento em que se produzem, dotados, por isso mesmo, de uma espontaneidade que outras técnicas, como a entrevista, por exemplo, não possibilitam apreender. Roberto Cardoso de Oliveira (2000) quando diz que o trabalho do antropólogo se concentra em três atos principais – o olhar, o ouvir e o escrever –, coloca a observação participante como uma possibilidade de ir além do olhar já domesticado pelo esquema conceitual da disciplina; não só observar, mas, observar e participar do mundo de relações que estamos pesquisando possibilita uma imersão no mundo do pesquisado que, por sua vez, fornece uma possibilidade de compreensão, em um nível de profundidade, jamais alcançável sem tal interlocução. Roberto Cardoso de Oliveira (2000) diz:

“Mas essa observação participante nem sempre tem sido considerada como geradora de conhecimento efetivo, sendo-lhe freqüentemente atribuída a função de geradora de hipóteses, a serem testadas por procedimentos nomológicos – esses sim, explicativos por excelência, capazes de assegurar um conhecimento proposicional e positivo da realidade estudada. No meu entender, há um certo equívoco na redução da observação participante e na empatia que ela gera a um mero processo de construção de hipóteses. Entendo que tal modalidade de observação realiza um inegável ato cognitivo, desde que a compreensão – *Verstehen* – que lhe é subjacente capta aquilo que um hermeneuta chamaria de ‘excedente de sentido’, isto é as

significações – por conseguinte os dados – que escapam a quaisquer metodologias de pretensão monológica” (OLIVEIRA, 2000, p.24).

Vê-se, pela fala de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), que a observação participante permite uma qualidade/tipo de compreensão que nenhuma outra técnica permite e isso se deve à possibilidade que a observação participante tem de captar um “excedente de sentido”, um sentido que só se elucida através da imersão do pesquisador em campo.

Outra técnica, utilizada por mim, foram as entrevistas. Todas as entrevistas realizadas eram de caráter semi-diretivo, isso porque, esse método de entrevista é o que mais supre as necessidades colocadas pelo tipo de pesquisa que realizei. Primeiro, pois, como bem colocam Quivy e Campenhoudt (2000), esse tipo de entrevista serve para a análise do sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas, as leituras que fazem das próprias experiências. Segundo, porque permite a análise de um problema específico através dos dados do problema, dos pontos de vista presentes, dos sistemas de relações. Terceiro, porque as entrevistas semi-diretivas proporcionam uma profundidade nos elementos de análise recolhidos, que uma técnica como, por exemplo, o questionário, não permitiria. Além disso, como trabalho com análise de conteúdo, os dados recolhidos em um questionário seriam insuficientes, o que não acontece na entrevista semi-diretiva, na medida em que esta dá uma maior margem de expressão ao entrevistado.

Primeiro, entrevistei os donos de bares. No início de período de campo, eram quatro donos de bares, logo, quatro entrevistas. Essas entrevistas foram importantes para compreender melhor o espaço, a sua dinâmica, os dias e horários de funcionamento, o tipo de público que frequentava o Beco e a perspectiva que os donos dos bares tinham em relação ao lugar. Realizei, também, uma entrevista com Gina D’Mascar – transformista que se apresentava no Bar Camarim e, depois, passou a se apresentar no Bar Cultural, assim como, também, realizei uma entrevista com a pessoa que vendia churrasquinho na entrada do Beco, para ter a perspectiva de uma pessoa que não era frequentador(a) do Beco, mas, que estava cotidianamente ali.

Depois de passar um longo período indo a campo sem um gravador, assumindo a posição de participante, já mais para o final das idas a campo comecei a levar o gravador, para colher depoimentos dos frequentadores sobre o Beco. Esses depoimentos se davam em um estilo de conversa informal, na qual algumas questões eram levantadas. Caminhava pelo Beco e ia conversando com as pessoas; explicava que era um trabalho de pesquisa para o mestrado

e perguntava se eu poderia gravar seus depoimentos. Algumas pessoas concordavam, outras não. Algumas aceitavam falar, mas, sem me dar o nome, outras falavam, mas, me davam nomes fictícios, e outras falavam sem se importar em identificar-se. Às vezes, conversava com pessoas individualmente, às vezes com grupos de pessoas. Foi realizado um total de dezoito entrevistas semi-diretivas e informais com os frequentadores atuais. Essas entrevistas foram muito importantes para perceber as significações que os frequentadores atribuíam ao lugar e como eles se relacionavam com este, assim como, o que os levava a frequentá-lo. Depois, a partir dessas entrevistas informais realizadas em campo, escolhi dois garotos e duas garotas, que se identificavam enquanto homossexuais, para realizar uma entrevista formal e com maior profundidade, relacionando as suas experiências objetivas e subjetivas, enquanto homossexuais, com o espaço; a possível relação destas com o fato desses indivíduos serem frequentadores do Beco dos Artistas. Nessas entrevistas, toquei mais detalhadamente na questão do medo, dos preconceitos vividos, do processo de aceitação e em como essas questões mantinham uma relação com o espaço.

Também realizei dez entrevistas, de caráter formal, fora do espaço de campo, com antigos frequentadores do Beco, no intuito de rememorar sua história e entender como o Beco se transformou, ao longo dos anos, no que é hoje. Consegui esses nomes, através de um informante que, também, foi frequentador assíduo do Beco e que, por isso, conhecia as pessoas que tiveram um maior contato e maior representatividade para o espaço naquela época. Essas entrevistas, além de serem direcionadas para a história do lugar, a fim de que eu pudesse ter acesso a essa transformação do espaço, também, focou a sexualidade, para que eu, também, pudesse ter uma noção de como a vivência da sexualidade foi-se transformando, ao longo dos anos, junto à transformação do próprio lugar.

Por fim, realizei cinco entrevistas com moradores do fundo do Beco. Como eu não conhecia nenhum morador dali, então, não podia fazer a escolha dos entrevistados segundo esse conhecimento. A primeira entrevista que realizei foi batendo na porta da primeira casa que encontrei. Depois, já com indicação dessa moradora, fui realizando as outras entrevistas. Pude entrevistar, então, uma das moradoras mais antigas dali. Depois, entrevistei mais três moradores (as), e, já na quinta entrevista, os relatos começaram a se tornar repetitivos, o que me fez perceber que essa quantidade de entrevistas, para o meu objetivo – perceber a relação dos moradores com o Beco -, já era suficiente. Através dessas entrevistas pude perceber as representações acessadas pelos moradores para pensar o Beco e, também, apreender como esses moradores se relacionavam com o espaço.

Já no período final de campo, realizei três entrevistas com um grupo de jovens frequentadores que causaram algumas transformações no Beco após o fechamento do Camarim. Eles pintaram as paredes do Beco, fizeram uma logomarca para o Beco, começaram a promover alguns eventos, como o cinema no Beco e shows de pequenas bandas de rock e cantores jovens de MPB. Todas essas transformações vieram acompanhadas de um tipo de pensamento que esses jovens tinham em relação ao Beco e de uma perspectiva de futuro, de uma vontade que o Beco se tornasse um lugar diferente. Achei importante entrevistá-los, pois, de fato, esse grupo interveio e gerou algumas mudanças no espaço.

Nem todas as entrevistas foram utilizadas, o que me fez perceber que, talvez, eu tenha realizado entrevistas em excesso – foi um total de 46 entrevistas -, talvez, por ser movida por uma ansiedade de compreender minuciosa e profundamente o espaço. Agora, no entanto, já com todos os dados em mãos e entrevistas realizadas, penso que poderia ter chegado ao mesmo resultado com uma quantidade menor de entrevistas, o que tornaria o trabalho menos cansativo e dispendioso.

Além das entrevistas, nas idas a campo, conversava com as pessoas sem o gravador, e essas conversas eram registradas no diário de campo. Os relatos, conseguidos através dessas conversas informais, sem o gravador, me trouxeram dados muito ricos sobre o campo que, acredito eu, não teria conseguido se estivesse com um gravador em mãos. Essas conversas eram fruto da observação participante e de um contato mais direto com os frequentadores.

Todas as solicitações dos entrevistados, assim como das pessoas com que tive contato no campo, foram respeitadas. Os informantes que não quiseram ter seu nome exposto no texto final, não o tiveram, o que, na verdade, foi uma pequena parcela dos entrevistados. Para satisfazer essa demanda de alguns poucos entrevistados, eu utilizei nomes fictícios. Por outro lado, em outras entrevistas eu preservei o nome real do entrevistado (a), já que este (a) não se opôs, nem colocou nenhuma objeção. Todos os nomes dos atuais frequentadores, quando mencionados, estão em siglas, ainda que, a maior parte não tenha pedido sigilo sobre suas identidades. Não utilizei o termo de consentimento, pois, por vezes, o termo causa mais constrangimento do que, de fato, colabora no processo de pesquisa. Se algumas pessoas já se sentiam constrangidas com o gravador, imagine ao ter que assinar um termo de consentimento! Tal procedimento poderia ser um empecilho na criação de empatia entre entrevistador e entrevistado, tão necessária em uma entrevista. Como, por exemplo, entrar no Beco dos Artistas com uma série de termos de consentimentos em mãos, para realizar as entrevistas informais, ou seja, as entrevistas que foram feitas dentro do próprio Beco dos Artistas, quando o próprio gravador já era um instrumento que, muitas vezes, inibia os

frequentadores? Além disso, não consta, na redação final do texto, nenhum conteúdo que possa prejudicar a imagem pessoal dos entrevistados, ou, que possa lhes causar algum dano moral. Ademais, toda entrevista implica, de certo modo, em um consentimento tácito, em que o entrevistado (a) se dispõe a dividir suas experiências e pensamentos. Diante desses argumentos e, tendo em vista que foram contempladas todas as demandas dos entrevistados, optei por não utilizar o termo de consentimento.

Por fim, a etnografia foi permeada, durante todo o tempo, pela minha presença corpórea em campo, assim como, a escrita final do texto foi permeada pela descrição das sensações que tive, através, da imersão do meu corpo em campo, e não só pela descrição, mas, pelas explicações que pude alcançar a partir dessas sensações. Utilizei aquilo que Csordas (2008) chama de paradigma da corporeidade, isto é, quando a experiência corporificada é o ponto de partida para analisar a participação humana em um mundo cultural.

Todo o processo de pesquisa – as entrevistas, a observação participante, os relatos informais – e todas as dificuldades enfrentadas me fizeram perceber que a antropologia, enquanto ciência que possui o homem ao mesmo tempo como sujeito e objeto, só pode desejar alcançar uma objetividade relativa, tendo em vista que os dados só podem emergir através da subjetividade de quem os interpreta. Cabe aqui lembrar DaMata, quando ele diz que “não seria um exagero afirmar que a antropologia é um dos mecanismo mais importantes para deslocar nossa própria subjetividade” (DAMATA, 2000, p.35).

1. O BECO E SUA HISTÓRIA

O Beco dos Artistas surge no dia 25/10/1978 com um francês chamado Jacques Frelicot que morava na Avenida Cerqueira Lima. Esse francês de aparência um pouco hippie e boêmia, antes de abrir seu primeiro bar no Beco já possuía um restaurante no corredor da Vitória, chamado Bagatelle. O nome Bagatelle, segundo Pierre¹, faz referência a um jardim muito famoso nos arredores de Paris, onde há uma coleção excepcional de flores e rosas e é, nas palavras de Pierre, um lugar muito agradável para passear e que, significa ao mesmo tempo, uma coisa leve, de pouca importância. Essa palavra foi aportuguesada e, na língua portuguesa, significa coisa de pouco valor, de pouco peso, por exemplo – ah, isso não vale uma bagatela. Esse restaurante na Rua Braulio Xavier, no corredor da Vitória, virou um sucesso. Antes de abrir esse restaurante, no entanto, Jacques já conhecia a Avenida Cerqueira Lima e tinha a idéia de fazer daquela Avenida um espaço só de bares e restaurantes, criar uma sinergia para um espaço dedicado ao encontro e a diversão. Em 1975, antes de abrir o restaurante no Corredor da Vitória, ele tenta alugar duas casas na Avenida Cerqueira Lima para abrir um restaurante, mas, na época, não tinha casas para serem alugadas. Em 1978, quando surge a oportunidade dele alugar duas casas na Travessa, ele, então, se desfaz do restaurante no Corredor da Vitória e abre o primeiro Bar do Beco dos Artistas, chamado “La Bohême”.

O nome “La Bohême” faz referência a uma canção muito conhecida de um cantor chamado Charles Aznavour, que fala sobre a boemia. A música diz:

“A boemia, a boemia
E isso queria dizer que éramos felizes
A boemia, a boemia
Nós só comíamos de 2 em 2 dias

A boemia, a boemia
Isso queria dizer: temos vinte anos
A boemia, a boemia
E nós vivíamos de brisa

A boemia, a boemia
Éramos jovens, éramos loucos
A boemia, a boemia
E isso não quer dizer mais nada”

¹ Pierre é um francês que foi dono de um dos bares do Beco, o Cactus.

O “La Bohême”, segundo Jacques, tinha uma decoração rústica e original, um ambiente aconchegante, era um bar em forma de L, de aproximadamente 9 metros, 80 assentos, metade com bancos de couro e a outra metade com tamboretos cobertos também de couro, dois banheiros e o serviço jovem e descontraído e, ao mesmo tempo, eficaz. O “La Bohême” servia uma comida menos sofisticada do que a comida francesa, ele tinha um cardápio com pratos agradáveis, mas não tipicamente da terra, nem tipicamente franceses. Naquela época, Salvador não tinha muitas opções, de modo que, quem oferecesse um produto de qualidade, tinha todas as condições de crescer. Foi o que aconteceu com o “La Bohême”. Em 1979, Jacques aluga outra casa, para ampliar o “La Bohême”, com o intuito de fazer um palco com vestiários, para apresentações teatrais, o que acaba não acontecendo, embora, o palco tenha servido para apresentações de música ao vivo de muitos cantores e cantoras que mais tarde ficaram conhecidos. Em 1980, aproximadamente, Jacques abre o “Le Grill”. O “Le Grill” era um restaurante simples, que parecia uma cantina, aliás, como o próprio Jacques afirma, a idéia era essa, fazer uma “Cantina dos Artistas”. Jacques afirma que muitos artistas freqüentavam esse lugar simples para comer omelete de queijo, fritas e outros pratos à francesa. No “Le Grill” as pessoas iam para jantar, enquanto que, no “Le Bohême”, as pessoas iam para tomar uma cerveja. Nesse meio tempo², provavelmente 1980, o irmão de Jacques, Dominique, abre o “Le Onze”, um bar que tinha uma fachada marrom e branca. O nome se deve ao fato de que o “Le Onze” se localizava na casa de número onze. Antigos freqüentadores comentam sobre o “Le Grill”:

“Tinha um bar que eu não me lembro o nome dele, mas, tinha um bar que eu me lembro muito bem que era o bar de Jacques, que era um francês que tinha esse bar e tinha Pierre que namorava com um negão lindo, alto e que nesse bar tinha uma coisa que era a que eu mais me lembro do Beco, que era o omelete de Jacques. E todo mundo duro, todo mundo começando a fazer teatro, e era uma omelete deliciosa que ele fazia com um molho delicioso, que era mostarda, e, a gente dividia aquela omelete, era uma omelete enorme, eu nunca mais

² É importante frisar que, no decorrer do trabalho, não consegui o registro exato das datas. A história do lugar está sendo rememorada através do relato dos antigos freqüentadores e donos de bares, assim, as datas apresentadas são aproximações e não exatas.

comi uma omelete como aquela e todos os artistas comiam essa omelete...” (Yulo Cezzar, informação verbal)³

“... então o Jacques que era um francês que servia comida, a gente comia e ia comer a omelete do Jaques, que era uma das omeletes com batata, eram maravilhosos, então, esse ponto, a partir daí, que os artistas passaram a frequentar mais o Beco. Na verdade, quer dizer, Jaques era o ponto de referência, a gente ia jantar no Jaques que era barato, bom, a comida boa e barata, então a gente encontrava muito artista lá jantando, não é? A gente tomava cerveja, tanto que ele não gostava de vender só cerveja, se fosse para tomar só cerveja não entrava no bar - ‘meu bar não é um bar é restaurante’” (Euro Pires, informação verbal).

Antes de Jacques abrir o “La Bohême”, já existia um senhor que tinha uma quitanda, onde vendia legumes, carne seca e cachaça de folhas na Avenida Cerqueira Lima. Seu João, o dono, morava com D. Chica, sua companheira discreta que, mais tarde, quando Seu João morre, em 1984, continua a fazer e vender a cachaça ali. Muitas pessoas com quem conversei, afirmam que o Beco surgiu com D.Chica. No entanto, ao conversar com Jacques, ele afirma que, embora D. Chica e Seu João façam parte da história do Beco e, embora seu João já vendesse a cachaça dele ali, esse não foi o fator primordial para o surgimento do Beco dos Artistas que, inclusive, só vai receber esse nome depois que Jacques abre seu primeiro bar – o “La Bohême” -, quando um frequentador ao observar a grande frequência de artistas, batiza o lugar com o nome de Beco dos Artistas. Nas palavras de Jacques:

“Agora, é verdade que a partir do momento em que o bar “La Bohême” começou a ficar na moda (em três meses), isso atrai muita gente que, não tendo condição de pagar no “La Bohême”, mas, querendo aproveitar o ambiente do Beco, compravam na quitanda, bem mais barato, e, consumia na rua. Seu João, sabido, aproveitou a oportunidade e a situação e colocou duas mesas e quatro tamboretas tipo festa de largo. Quer dizer, a quitanda faz parte do espaço também, mas, o nascimento do espaço não é uma consequência de uma evolução lenta a partir de uma pretendida Dona Chica preparando suas misturas com cachaça (Literatura de Cordel), mas, ao contrário, nasceu da vontade de um jovem comerciante querendo criar exatamente o que foi criado.” (Jacques, informação verbal)

³ Optei por colocar as entrevistas nesse formato, pois, achei que facilitaria a leitura e, também, para diferenciá-las tanto das citações de outros autores quanto das citações do diário de campo.

Mais tarde, Pierre entra na história. Naquela época, afirma Pierre, havia uma comunidade de pessoas conhecidas que compartilhavam a nacionalidade francesa. Através dessa comunidade é que Pierre conhece Jacques. Segundo Pierre, Jacques estava passando certa dificuldade com os negócios, não por que ele não fosse um bom administrador e trabalhador, ele sim o era, como afirma o próprio Pierre, mas, o que prejudicou o negócio naquela época foi a inflação. Pierre afirma:

“O que levou meu sócio praticamente à falência foi a época de inflação, que o que se comprava de dez, se vendia de 20, e o que tinha se vendido de 20 se recomprava a 25, de modo que, era sempre uma série de aumentos que, às vezes, agradava, às vezes desagradava à clientela, que as vezes ficava, assim, de mal uns dez dias, pensando que nós éramos uns ladrões, que aproveitávamos do nosso sucesso, enfim, esse negócio não funcionava como negócio...” (Pierre, informação verbal)

Pierre diz que estava estranhando a situação. Como não estava dentro do negócio, não podia entender como um lugar de boa reputação e frequência não podia dar retorno, lucro, nem pagar o trabalho. Pierre entra, então, com a participação de 50%. Ele compra metade do negócio de Jacques. Jacques ficou responsável pelo restaurante “Le Grill”, já que ele era cozinheiro e Pierre pelo “La Bohême” que passou a se chamar Cactus, isso foi provavelmente em 1982. O nome Cactus era porque a decoração reverenciava o Nordeste, o contexto nordestino. A decoração foi feita sem muito dinheiro e luxo, não houve um decorador ou arquiteto, tudo foi feito, como afirma Pierre, a “pau e a pique”, recuperando madeiras, tintas velhas, enfim, com seus próprios recursos. Geralmente, as pessoas - nessa época a maioria artistas que usavam o Beco como espaço de encontro - jantavam em Jacques, no “Le Grill” e bebiam no Cactus⁴. A fala de Zoíla contempla um pouco essa relação que existia entre o Cactus e o “Le Grill”:

“Le Grill tinha a janta e as pessoas ficavam na porta esperando uma mesa. E era uma mesa para duas pessoas. As pessoas ficavam no Cactus, bebendo, conversando, e aí o garçom saía de lá do bar e chamava. Porque, alguém já tinha dito que queria jantar, então, quando vagava ele chamava a pessoa que queria jantar. Ali no Beco você via muita gente de pé

⁴ O Cactus foi um dos bares que trouxe uma presença mais concentrada de homossexuais para o Beco. Discutirei isso melhor em outro subcapítulo.

conversando no lado de fora. Passou algum tempo, surgiu o Bar de Raimundo⁵, aí eu já não estava freqüentando. (Zoíla Barata, Informação Verbal)

Euro Pires, um antigo freqüentador, também comenta sobre as brigas homéricas que alguns clientes tinham com Jacques, pelo fato dele só servir cerveja se fosse acompanhado de comida. Euro Pires diz:

“Lembro muito das brigas homéricas com Jacques, porque a gente ele só servia cerveja se fosse acompanhado de uma comida, pois ali não era bar, era restaurante. Então, a gente tinha que tomar a cerveja, depois consumir, senão ele não permitia. Aí isso ficou um ponto de referência para a gente, sempre no final da noite ia jantar no Jaques, ia lá comer no Jaques e aquilo foi, depois a gente esticava até o Cactus, que esse bar, sim, era um bar maior, que tinha músicas etc. e tal, música ao vivo, já era um lugar mais permissivo, então, se a gente queria continuar bebendo ia para o Cactus entendeu...” (Euro Pires, informação Verbal).

Pierre e Jacques trabalharam juntos por um bom tempo, quase cinco anos, depois eles se separaram. Jacques ficou com o “Le Grill” e Pierre ficou com o Cactus. Seis meses depois de eles terem se separado, Jacques foi à falência e vendeu seus negócios no Beco em 1985. Pierre continuou com Cactus por mais alguns anos, mas, as obrigações financeiras, os aluguéis e a inflação, o obrigaram a vender. Ele vendeu o bar por uma quantia irrisória. O Cactus funcionou até, aproximadamente, 1987. O rapaz que comprou não levou o negócio muito adiante, durou uns seis meses, pois, segundo Pierre, esse rapaz era uma pessoa meio fantasiosa, que não tinha tino para negócio e não conhecia muito de comércio. Ele abre uma boate, e, esse não era o perfil do público do Beco, a música muito alta, por fim, o bar acaba fechando logo depois. Esse rapaz morreu com a síndrome do HIV, um tempo depois de o bar fechar.

Outro bar que existiu nesse período foi o Utopia. O Utopia era uma casa bem simples, um barzinho pequeno, tinha umas dez a doze mesas, era de um paulista chamado Carlos, que estava morando em Salvador. Hamilton Lima, ator e diretor e futuro dono do Bastidor⁶, trabalhou no Utopia como garçom. Outro bar que abriu, aproximadamente em 85, 86, foi o Bar de Raimundo. O Utopia fechou na mesma época que o Cactus. O Bar de Raimundo continua a funcionar, mas parece que começa a funcionar só durante o dia, servindo almoço.

⁵ O Bar de Raimundo foi um bar que surgiu posteriormente, no primeiro momento que a classe artística se afasta do Beco.

⁶ O Bastidor é um bar que vai abrir no Beco já na década de 90

O Beco entra aí, aproximadamente em 1987, 1988, na sua primeira fase de declínio, de queda do movimento, quando os bares começam a fechar e o Beco passa a funcionar só durante o dia, servindo almoço. É nesse período que o Beco passa a ser frequentado pelos bancários que trabalhavam pelas redondezas e iam almoçar ali no Beco e pelos estudantes das escolas próximas. A fala de Hamilton é bem interessante nesse sentido:

“Pierre sai e no lugar do Cactus fizeram disso daí uma boate, daí em diante virou um inferno, primeiro porque não tinham isolamento acústico. Chegou uma época né... (não audível) então o Onze fecha. Sabe quando você começa a fazer umas coisas assim, começa a fechar isso, começa a fechar isso, não era só bar, você tinha gente morando, enquanto estava só bar, o som apenas não incomodava a vizinhança. Chega 90, 89, Carlos já não estava mais com o Utopia, aí começa a fechar tudo. Tinha um cara que era morador dali - Raimundo -, que ele tinha um bar que era um bar pequenininho, que logo depois ele fica com isso. Ele, na verdade, não estava muito aberto à noite, ele estava de vez em quando, mas, assim, não dava público mais, as pessoas não iam mais, então, você não tinha mais nada, tudo funcionava mais como restaurante durante o dia. Em frente, tinha um casal, também, que, se eu não me engano, era de São Paulo, mas funcionava durante o dia, onde era o Cactus. O Cactus não funcionava mais e aí ficou isso assim, mas você tinha um movimento durante o dia dos bancários, do pessoal de escola, não sei o que...” (Hamilton, informação verbal).

A fala de Euro Pires também é ilustrativa:

“Eu me lembro de uma época que a gente, inclusive, chegou a acreditar que ele não iria mais funcionar. Foi nesse período que eu acredito que vai, não vou ser preciso, mas, acredito entre 86 e 90, mais ou menos. Foi a fase que deu a impressão que o Beco não voltaria a existir, foi numa época que ele chegou a ficar fechado por uns três anos, nada funcionando. Poxa, a gente tinha saudade, a gente falava assim: pô, que saudade!” (Euro Pires, informação verbal)

O Beco passa, então, um período funcionando só durante o dia. Parece que essa mudança, essa queda da movimentação à noite e o fato do Beco começar a funcionar só durante o dia marca o que alguns antigos frequentadores chamam da primeira fase do Beco.

Depois desse período (período de Jacques e Pierre) de efervescência e declínio, o Beco passa, então, um período funcionando só durante o dia, de aproximadamente 1987 até início de 1990. Depois, Hamilton Lima, em 1990, abre o Bastidor, onde era o antigo Bar de Raimundo que era um bar pequeno e não tinha nem como fazer grandes reformas. Eles abriram uma arcada pequena no bar, para permitir, ao menos, dez mesas. No início, o bar só funcionava durante o dia, e, depois, eles resolveram abrir à noite, contra muita resistência do restaurante vizinho, de um casal de paulistas, que afirmava que não ia dar certo, que Hamilton era louco de querer abrir o bar à noite, que não ia ter público. Mas, ainda assim, Hamilton começou a abrir e, durante os dois meses iniciais, o movimento foi fraco, mas, depois, o bar começou a aumentar sua freguesia. A classe artística que frequentava o Beco desde seu nascimento - por Hamilton ser muito conhecido no meio artístico - volta a frequentá-lo. Isso levou o casal da frente a abrir à noite, porque o Bastidor era pequeno, tinha poucas mesas, e, às vezes, as pessoas ficavam do lado de fora, sem ter onde sentar, enquanto, o bar do paulista era um bar maior, com mais infra-estrutura, o que o levou a abrir à noite e aproveitar esse público.

Depois, Hamilton e seu sócio Flávio pegam a casa vizinha e ampliam o bar, então, ficou um bar grande, com um espaço maior. O Bastidor tinha uma cor creme, era decorado com quadros que o próprio Hamilton pintou, às vezes ele substituía por alguma decoração ligada ao cinema, um cartaz de filme. Mas, o que chamava mesmo a atenção, segundo Hamilton, era a música. Aquela época, início da década de noventa, foi o tempo da explosão do axé music e da sua massificação. Hamilton tenta, então, desenvolver uma proposta diferente e grava fitas com os mais variados estilos de música. Ele afirma que, às vezes, estava lá tocando Elis Regina e, logo depois, entrava uma ópera, e, depois, um sertanejo mais raiz. Então, essa variedade de músicas acabou por se tornar uma atração do bar. As pessoas se sentiam tão envolvidas com essa história que começaram a gravar fitas e levar para Hamilton. Hamilton também conta que, como ele trabalhava sozinho, os clientes começaram a ajudá-lo. Como o bar era pequeno, criou-se um clima de irmandade, de familiaridade, as pessoas levantavam e iam pegar sua própria cerveja, outros amigos o ajudavam a servir. Hamilton Lima, também, promovia o Correio Elegante em seu bar:

E: Como é que era o correio elegante?

E3⁷: Correio elegante era, à época do dia dos namorados, então, sempre ficava um ator fazendo performance como cupido. Ele entregava o bilhetinho, ia lá.

(vozes sobrepostas)

E3: Muita gente saía de lá namorando sério.

Z: É. Você estava interessada, fazia o bilhetinho e botava na urna. Aí a pessoa lia, aí tinha as características da pessoa, aí... às vezes, rolava, não é?

E3: Rolava.

Z: Saía gente já de namorinho. Era muito legal.

Zoíla Barata também comenta como a comida do Bastidor era um forte atrativo e como a classe artística volta a frequentar o Beco com a abertura do Bastidor:

“Sempre a comida pegando, né? O Bastidor servia o melhor cozido. Eu ligava, ‘olhe guarde o cozido’, porque, se não ligasse, não dava, não sobrava. As pessoas iam na quinta-feira almoçar o cozido... E aí comecei a ir à noite também, que tinha banana, carne do sol com pirão de leite, onde todo mundo se encontrava. A classe artística, Escola de Teatro, Belas Artes, o pessoal que vinha em temporada para aqui saía do espetáculo e ia para o Beco. Então era uma efervescência. E lá era o seguinte: você podia ir sozinha que sempre encontrava pessoas conhecidas. Era como se fosse uma grande família. Um lugar tranqüilo, sem bagunça, não tinha nada, briga nenhuma. E lá era onde a gente sentava, conversava, fazia projetos, espetáculo, figurino, estudava o texto, chegava cedo, abria o texto, tinha Flávio que era o dono do Bastidor e Hamilton Lima que trabalhava com Flávio⁸, que era cunhado de Flávio, tomava conta do Bastidor. Então, era um ambiente aconchegante. Iam até crianças, os pais levavam para comer, porque a comida era assim de primeira mesmo. Você não pegou o Bastidor nessa época, né? Era muito bom, nós ficávamos até fechar. Sempre eram pessoas conhecidas. Pessoas que saíam do ensaio, que bebiam alguma coisa, tomar uma cervejinha, sabe...sem bagunça, sem confusão, era um grande lugar. Então, me fascinou muito essa história de você chegar e, de repente, chegarem amigos. Você podia ir

⁷ Esse entrevistado não quis ser identificado.

⁸ Ao conversar com Hamilton, ele explicou que ambos eram sócios do bar.

sozinho, coisa que é difícil você ir , principalmente mulher, sozinha. A gente ia...”(Zoíla Barata, informação verbal).

O Bastidor cumpre um papel bem importante nesse retorno da classe artística. O Beco volta a funcionar à noite e retoma um movimento e perfil que havia se iniciado com Jacques, logo no início do Beco. Nesse momento, no entanto, o Beco já ganha a característica de um verdadeiro reduto da classe artística. O Beco passa a ser uma espécie de segunda casa dos artistas. A familiaridade é um fator que é recorrente na fala dos antigos frequentadores. Todos se conheciam, todos se cumprimentavam. O lugar parece ser vestido pela presença desses artistas, é tomado por esse sentido. Passa a existir uma contigüidade entre a experiência vivida e o lugar.

Depois de dois anos, em 1992, Hamilton Lima⁹ sai do negócio, um tempo depois, o Bastidor fecha. Isso foi aproximadamente em 1993. Logo depois o bar da frente, do casal de paulistas, também fecha. Os bares vão fechando, outros bares surgem com outro perfil, o Beco deixa de funcionar à noite novamente e, segundo a fala de alguns frequentadores, começa a ficar feio e mal cuidado, perde um pouco a identidade. Hamilton diz:

“... porque em meados dos anos 90 você tem isso, aí ele se sustenta com um público diferente, você não localizava o que era aquilo, você estava indo lá porque era um bar próximo ao espetáculo, era mais próximo você ficar por ali...” (Hamilton Lima, informação verbal).

“Tinha o Bastidor, e aí o Bastidor fechou e esse rapaz, que eu não lembro mais o nome, ele abriu um bar. Só que estava muito decadente o Beco, muito mesmo. Hoje em dia, eu já estive lá há um ano, um ano e meio, eu vi que tá no mesmo caminho. Quando a gente pegou, quando a gente entrou no Beco, o Beco estava completamente decadente... Era, era, primeiro só tinha um bar, o Bar de Gargamel e assim, era só para você tomar cachaça...” (Warney Júnior, informação verbal).

O Beco perde um pouco o perfil, fica um lugar sem uma identidade, uma coisa meio solta, nas palavras de Hamilton, não localizável. Perde-se o fervor, a efervescência¹⁰ do lugar.

⁹ Hamilton sai do Bastidor antes dele fechar por causa de uma briga que teve com seu sócio Flávio.

¹⁰ É curioso como essa palavra é tão utilizada para se referir a alguns momentos do Beco, mas, o que é essa efervescência mesmo? Parece que a efervescência está ligada ao encontro de pessoas e, nesse sentido, não me refiro só à quantidade, mas, ao desejo, ao desejo de encontrar o outro, de trocar, de compartilhar, de conversar, de produzir e criar. Parece que essa é a efervescência que marcou algumas fases do Beco.

E aí é um segundo momento de queda do movimento no Beco, quando a classe artística se afasta novamente e o Beco entra em um novo período de declínio. Percebe-se como o Beco teve, ao longo de sua história, momentos de auge e declínio, muitos antigos frequentadores pensaram, tanto nesse período de queda, quanto no anterior, depois da fase de Jacques e Pierre, que o Beco ia deixar de existir e aí, como numa espécie de movimento cíclico, o Beco volta a funcionar à noite, os bares ressurgem, e isto marca a mobilidade e a capacidade de mudança do próprio espaço.

Esse período de certo marasmo é, novamente, rompido quando o Conexão Arco-Íris¹¹ surge, aproximadamente em 1996 e dura até 2001, 2002. O Conexão Arco-Íris também era um bar mais sofisticado, possuía um sistema sofisticado de atendimento, os garçons possuíam intercomunicadores e o pedido ia direto para a cozinha, o que proporcionava certa rapidez no atendimento. Os garçons trabalhavam com cartão individual, cada pessoa tinha um número e eles lançavam na comanda. Eles ampliaram o bar, fizeram uma decoração diferente e pintaram a fachada do bar de rosa. O bar tinha um balcão com bancos acolchoados para as pessoas que quisessem ir sozinhas terem onde ficar. Eles disponibilizavam o jornal do dia, tinha um Guinness, livros de Jorge Amado, de literatura de um modo geral, tudo isso ficava a disposição dos clientes. O Conexão apresentou uma proposta diferenciada.

O Conexão Arco-Íris, também, tinha uma variedade muito grande de frios, de bebidas e eles não trabalhavam com pratos, era uma coisa mais prática. Eles tinham uma variedade imensa de queijos – gorgonzola, camembert, cheddar, provolone, queijo defumado -, de presuntos, tinham torradas e várias pastas, cebola curtida, umas saladas diferentes, isso tudo ficava em uma tábua, então, as pessoas iam lá, faziam seu prato e pesavam. Além dessa variedade de frios e bebidas, o Conexão foi um bar que sempre promoveu espetáculos de dança, teatro e recitais de poesia. Warney conta que já dançou tango no Beco com outro rapaz, já teve apresentações de dança flamenga, tinha performances. O Conexão também promovia a “Quarta de Ar Cênico”, pois, eles não queriam perder o público de teatro, então, toda quarta-feira tinha a apresentação de uma peça de 15 ou no máximo 20 minutos. Foi aí que começou a haver teatro em bar. Houve o projeto “Quatro vezes Caio” que era a apresentação de contos de Caio Fernando de Abreu. O pessoal de dança começou a procurar e fazer pequenos solos lá dentro. Hamilton afirma que eram quartas deliciosas.

¹¹ Os sócios do Conexão eram Flávio, um dos antigos sócios do Bastidor, Warney Júnior seu irmão, Kátia sua esposa e, mais tarde, Hamilton Lima entra para ajudar nos negócios

Havia as festas que eles promoviam: a Rainha do Milho, a Rainha do Beco, a Rainha das Flores. A Rainha do milho era em época de São João, quando todos iam caracterizados e uma pessoa era escolhida para ser a Rainha do Milho. Como o Conexão fechava na semana do Carnaval, pois enchia muito, a rua ficava muito suja, muita urina, então, para não cair muito o lucro do mês, na quinta-feira antes do carnaval, eles promoviam a lavagem das escadarias do Beco (eram apenas dois degraus que tinha o Conexão), todos iam fantasiados e era escolhida a melhor fantasia. A pessoa que tivesse a melhor fantasia era a Rainha do Beco. E a escolha da Rainha das Flores era mais um motivo para as pessoas se encontrarem, tomar uma cerveja, e era escolhida a pessoa mais simpática, que se relacionava bem com todos. Warney Júnior já foi escolhido como a Rainha do Beco:

“Aí eu dancei e, assim, a Rainha do Beco fui eu, não é? Porque, eu deixei todo mundo surpreso. Todo mundo perguntava, minha cunhada falou, assim: ‘Ah, eu vou de mestre cuca. Ah, eu venho de baiana e você? Eu não sei, não.’ E aí, eu tinha uma das meninas que dançava comigo que tinha um vestido vermelho, aí eu fui ao meu cabeleireiro e disse ‘venha cá, você tem uma peruca loira aí?’ Ele disse: ‘Tenho’. Eu era muito magrinho na época, aí ninguém esperava. Aí cheguei cinco horas da tarde, com vestido vermelho, com capa vermelha, com sapato vermelho, roupa vermelha e aí de sacanagem, eles me elegeram a Rainha, que não era para escolher a rainha, era para escolher a melhor fantasia. Aí foi que surgiu essa coisa da Rainha do Beco.” (Warney Júnior, informação verbal)

As falas de Zoíla Barata e Rita descrevem bem esse contexto e ainda tocam em um episódio muito comentado pelos antigos frequentadores, que foi a queima do Judas:

“Z: Nós fazíamos até o Judas, queimávamos o Judas.

R: Agora o lance do sarau, das festas que tinha, já foi no Conexão.

Z: Mas, ainda na época que Beco, era o Beco. (vozes sobrepostas). Teve uma exposição de máscaras e chapéus. Que foi no Conexão. Era muito interessante. Eu sofro de saudades.

R: Os donos também eram muito interessados. (vozes sobrepostas).

E: Será que vocês não podem contar uma dessas histórias, sem citar nomes?

(risos)

Z: Teve um Judas, essa eu posso contar. Teve um Judas que nós fizemos, foi feito aqui no Teatro, nós caprichamos. Porque, era uma forma de reunir os amigos para uma grande festa. Mesas do lado de fora, então os donos de bar se uniram, patrocinaram de certa forma, comprando material. Foi o Conexão, o bar de Raimundo... (inaudível). Nós caprichamos no Judas, tamanho grande, bonito, foi maquiado. A roupa, Moaba tinha trazido uma camisa da França, rosa, de seda, muito linda, uma calça jeans, também de marca, tênis novo, bonito, meia, cueca, o Judas teve cueca, relógio, anéis, peruca...

R: Era uma releitura do folguedo popular, que a gente estilizou isso...

Z: Mas o Judas foi um Judas bonito. E foi convite para a Bahia toda. Então, o Beco ficou lotado e o Judas lá no centro. Puseram bomba, chamaram técnico para armar, para não causar incêndio. O Judas tinha uma camisinha também na mão, porque já era a época da AIDS, como uma forma de alertar as pessoas. Muito lindo, tava assim a fina flor da Bahia artística do Beco. Chegou Mott, do GGB, com um grupo, foi a fim de dar porrada, de quebrar tudo, porque falaram com Mott que tinham feito um Judas que era ele.

E3¹²: Imagina se seria ele, tão bonito! Eu acho que o Judas tinha um pouquinho mais de élan do que ele.

Z: O Judas era Lindo, tinha filhos.

E3: Ninguém fez apologia a gays.

Z: Nós nem pensamos na pessoa. (vozes sobrepostas)

E: Qual era o significado do Judas?

E3: Era confraternização de amigos, para se reunir...

Z: Então, houve um testamento que Hamilton Lima ajudou a redigir, era engraçado, sabe? Pegava fregueses, por exemplo, eu tenho um sobrinho que ele é chato de galocha, a cerveja pode estar véu de noiva, branquinha por fora que ele bota no copo e diz que está quente. Então, o Judas deixou para ele uma passagem só de ida para o Alasca, para ele tomar

¹² E3 não quis ser identificado.

cerveja eternamente gelada no Alasca. Para mim, ele deixou maletas e mais maletas de maquiagem. E maquiagem que não saísse, para eu não precisar retocar. Então, para cada um tinha alguma coisa, foi pegando as características dos fregueses e colocando no testamento. Foi lindo. E o Judas não tinha nome não, foi ‘Fulano’.

E3: Foi tão legal, que era uma época que frequentava o público gay e tudo, e muita gente saiu dos barzinhos da região do centro, para assistir o Judas, então, o Beco lotou e teve muita organização, diferente do que está agora.

Z: Então, eles foram porque alguém, sempre tem alguém...

*E3: O problema de Mott é que ele carrega aquele encanto que gay tem que ser da forma que ele acha que é. Denominar pessoas como ele faz durante a passeata gay, acusando. **As pessoas têm o direito de se rebelar, e outras também têm o direito de se resguardar**¹³ (grifo nosso). E o problema foi que ele trouxe isso, ele queria ibope na verdade.*

Z: Na verdade, fizeram fofoca e ele foi verificar e levou uma gangue para bater. E o coitado do Moaba¹⁴, porque estava à frente, organizando, arrecadando as coisas dos bares para comprar o material do Judas, ele queria quebrar Moaba de cacete mesmo. Eu tinha ido em casa trocar roupa, porque tinha dado os últimos retoques lá, quando eu voltei, que eu cheguei, veio dois brutamontes me entrevistar, perguntar se o Judas tinha nome. ‘Não o Judas não tem nome, nós fizemos uma confraternização, e o Judas somos todos nós. E por que ele está maquiado? Nós maquiamos, porque é comum o Judas ser aquela coisa caricata, feia, deformada e nós fizemos um Judas bonito, que é um Judas dos artistas, então, é bonito, é bem vestido. E é uma festa de confraternização’.

E3: E foi logo quando surgiu o termo ‘metrossexual’. A gente queria fazer um Judas metrossexual, um homem que se cuidasse.

Z: Ah, sim. Aí já é esse fato interessante. Encerrando o Judas, eles perceberam que não tinha nada a ver com nada, aí sentaram calmamente, beberam, participaram, deve ter arrancado o

¹³ A fala desse entrevistado quando diz “as pessoas têm o direito de se rebelar, mas também têm o direito de se resguardar” é interessante para pensar essa necessidade, ou não, de se revelar e, conseqüentemente, de assumir, ou não assumir, uma identidade. É nesse contexto de raciocínio que o entrevistado faz uma crítica a Luis Mott quando diz “o problema de Mott é que ele carrega aquele encanto que gay tem que ser da forma que ele acha que é”, ou seja, que o indivíduo que se identifica enquanto homossexual tem que, necessariamente, assumir essa condição.

¹⁴ Moaba foi um dos primeiros frequentadores do Beco.

couro de quem fez a fofoca. Agora, como eu falei, tinha sempre festas. Na copa do mundo, a gente se reunia no Beco, botava bandeirolas, enfeitava os bares, e a gente ia assistir. Moaba é o cozinheiro 'mor'.

E3: Teve um dos carnavais mesmo que a feijoada foi tão legal, que quem foi almoçar com a gente foi, foi uma segunda-feira de carnaval, Matheus Nachtergaele.

Z: Para ver a mudança do Garcia, todo mundo ia para o Beco.

E3: Era o camarote vip.

Z: É. Porque a gente ficava no barzinho, deixa bolsa, tudo lá e vinha para frente, para olhar, depois voltava para o barzinho e continuava até tarde da noite. Aí rolava feijoada. Moaba armava um camarote, camarote vip de Moaba, onde ele levava uísque, não sei o que, para o pessoal do Teatro Castro Alves. E sempre tinha feijoada na segunda-feira, da mudança do Garcia.

E3: Foi o dia que Matheus Nachtergaele foi lá e comeu com a gente. (inaudível). A gente se encontrava e ficava para ver a mudança, outros iam para outro ponto, depois se reunia, quando acabava de passar os trios elétricos, subia na Barra, vinha para Avenida Sete, e continuava o carnaval ali. Tinha um licor também de Moaba, que a gente fazia uma prévia de São João. O Licor era o maior sucesso, era muito legal.

E3: Cristine, Jussara Silveira... a gente teve lá Ângela Rô Rô, fez uma palhinha lá também. Tem um grupo que agora está fora do Brasil, que era de Anselmo, muito bom, de muito boa qualidade.

Z: Então não eram barzinhos comuns, eram bares que tinham uma motivação para você ir.

Esse trecho da entrevista mostra um pouco como era a realidade do Beco naquele momento e como tudo era motivo de festa, como tudo era motivo para que as pessoas se encontrassem e comemorassem. O Conexão provocou uma revolução no Beco, uma reviravolta no movimento, no estilo. Nesse momento, a classe artística passa a freqüentar com força. Novamente, o Beco vai ganhando a cara de uma segunda casa da classe artística, ou de uma agência de encontros e negociações ao ar livre. O Conexão Arco-Íris retira o Beco do estado de marasmo e o coloca em um momento de efervescência. O Conexão também teve

grande importância para atrair o público GLS, ele tinha essa proposta, o próprio nome faz referência a esse intuito.

Outros bares existiram na época do Conexão Arco-Íris. Nesse período, muitos bares abriram, outros fecharam, outros reabriram. Raimundo passa a tomar conta, novamente, do bar que ele havia passado para Hamilton, que era o Bastidor. Além do Bar de Raimundo, existia o Bar de Gargamel, que eram bares mais simples e em, aproximadamente 1997/1998, Ivo, um paulista cheio de idéias abre o Atlântico Café Teatro que é um bar maior, mais sofisticado, mais parecido com o Conexão. O Atlântico Café Teatro era fechado, portas de vidro blindex, tinha ar condicionado central, as janelas eram blindadas com isolamento acústico, aconteciam espetáculos lá dentro. Ângela Rô Rô tocou piano de caldas no Atlântico Café Teatro, Lulu Santos cantou, Márcia Short, Margareth Meneses. A fala de Geraldo Cohen sobre o Atlântico Café Teatro é bem interessante nesse sentido:

“Era um bar interessantíssimo, era de um paulista, Ivo. Ivo era o dono desse bar. A cerveja mais gelada da Bahia era lá, os petiscos mais geniais ele inventava (risos), nossa! Por exemplo, um escondidinho de torresmo que era uma coisa de outro planeta. De comer e o colesterol ia para o espaço... (risos), mas era de um sabor fabuloso... Feijoada, feijoada tira-gosto, peixe, salmão... A primeira vez que eu comi salmão foi lá no Atlântico Café Teatro, eu ainda cantei no Atlântico... Era muito legal, porque tinha exposições artísticas dentro - era uma galeria. O cara era um paulistano delirante, sabe, daqueles paulistanos ultra cheios de idéias. Então, o cara era assim: ele queria fazer um bar dos Jardins lá. E fez, e fez. O bar tinha isolamento acústico, tinha janelas blindex, porta blindex, de vidro. Tinha três áreas diferentes, tinha uma área externa que era um terraço no alto. Era um terraço no alto, você subia uma escada helicoidal e ficava numa parte do segundo andar aberta, que você não ouvia o som de lá de baixo. Se você quisesse ouvir a música, você tinha que descer. Tinha climatização central, então quem entrava, entrava num ambiente de ar-condicionado. E, de fora, não dava para ouvir um som, não dava para ouvir uma nota. A não ser se abrisse a janela. Era muito chique. Um bar chique. Realmente, muito elegante. Ele fazia noites à luz de velas e aí eu cantei lá, cara! Eu cantei lá com o Saul Barbosa, eu cantei lá com um trio maravilhoso, um trio de tchelo e violão que era Iran e Ricardo Érique... Cantei lá com Da Ilha, que é o percussionista de Margareth Meneses, cantei lá com Margareth Meneses. Na época da ‘Lídia de Oxum’, que eu fazia a ‘Lídia de Oxum’, com direção de Paulo Dourado,

com a Margareth Meneses. Cantou lá a Elizeth Gomes, uma das maiores sopranos do Brasil, Amir Seres, Marcos Tadeu, o tenor da ópera 'Lídia de Oxum'. Era um lugar de Jam Seccion, era um lugar de música de grande... Interessante, cara, um lugar muito interessante, um lugar muito rico. Muito rico, criativo, inteligente. Um lugar de grandes artistas locais. Era um lugar de expressão de artistas locais. Muitos artistas começaram ali, grandes artistas começaram ali. Eram frequentadores. Eu posso dizer Lázaro, Lázaro Ramos, eu posso falar assim: a Ilmara Rodrigues não começou lá, mas era frequentadora. Aidil Linhares, Zizi Possi, Possi Neto, Cleide Mendes, Gideon Rosa, Paulo Dourado, Fernando Guerreiro, Aicha Marques, Maria Marighela, Maria Meneses, essa galera toda ali, frequentava ali...”(Geraldo Cohen, informação verbal).

O Atlântico fecha em, aproximadamente, 2003/2004. Nessa época, outros bares foram abertos, como, por exemplo, a Casa das Luzes. A Casa das Luzes era um lugar meio escuro, tinha as paredes internas derrubadas, tinha uma aparência de caverna e era um espaço de música, era o espaço musical do Beco e fazia concorrência com o Conexão Arco-Íris. Posteriormente, surge o Camarim. A Casa das Luzes já não existia mais, em seu lugar existia o Bar Amarelo, que era um Bar de um rapaz chamado Gilberto. O Camarim surge em 2000 quando o Conexão ainda existia. Então, a composição do Beco ficou sendo o Camarim, o Atlântico Café Teatro, o Bar Amarelo e o Conexão. Depois de um ano, o Conexão fecha e, no lugar do Conexão, é aberto outro bar chamado Persona, isso em aproximadamente 2001. O dono do Bar Persona era proprietário de uma sauna gay nos Barris, que também se chamava Persona. Então, eles escureceram mais o ambiente, eles deram um tom mais fechado, diminuíram a iluminação. As pessoas que frequentavam a sauna passaram a frequentar o bar, mas outras pessoas também frequentavam. A fala de Hamilton Lima descreve o estilo do bar:

“... era um climão meio bafão, porque, assim, ninguém fazia nada demais ali dentro, mas, ele queria que as pessoas tivessem essa sensação, esse clima. No início, era uma coisa mais dance, pendia para isso, não era um batidão mais pesado...”

E- Mais erótico?

H- Não, o erotismo acontecia, porque, como na Sauna alguns meninos faziam o número de Streep, ele resolveu levar esses números lá para dentro e não tinha assim – é tal dia, tal hora -, entendeu como é? Você estava lá bebendo, você só sentia a janela fazendo assim ‘pá’, claro você tinha que fechar a janela, não é? Quando você sentia fechar a janela, pronto. É

agora, pau. Sentia uma luz mais alta, tocava uma música, aumentava e o outro entrava dançando. Os rapazes eram muito bonitos e, assim, era aquele Streeper que não tiravam, eles iam de sunga, ou com a mão, mas, assim, eles fechavam as portas, porque, tem alguém tirando roupa. Eles brincavam com essa coisa do fetiche mesmo, sabe? Aí depois, começou a ficar centrado num dia, eram as sextas-feiras, em torno de onze horas da noite. Depois, ele começou a acertar isso, mas, a princípio, não tinha. Nesse dia, o pessoal falou – ah, fique, fique mais aqui. Daí entra um homem vestido de zorro, na moto - ‘rum, rum’ (barulho da moto). A moto entrando Beco adentro, ele parou em frente, escancarou a porta (rum, rum) e entrou de moto e tudo dentro do bar, aí fecharam as portas e aí começou. Tem um menino, que atualmente está até na Espanha...

E- Mas como ele estava vestido mesmo?

H- Imagine um rapaz de zorro, de capa, chapéu, máscara, tudo e aí para. Parou a moto, ele levanta, a música sobe, ele levanta, fica em pé na moto, e tira o chapéu, joga o chapéu e chap, chap, tira as duas calças. Streeper mesmo, e ele começa a se movimentar entre as mesas, se joga, senta no colo de um. A coisa mais louca que teve, também, foi um menino que era um dos garotos de lá, mas, nunca dançava, que era Téo. Esse dia estava lá e Tom falou – ‘poxa, hoje não tem ninguém para fazer. Olha Téo, você podia ir, não é?’ Tinha um copo de conhaque, Téo vira esse copo de conhaque – ‘bote tal música’ -, e começa a falar. Isso a namorada dele, a namorada estava. Ele disse assim – ‘Hamilton, cada peça que eu jogar de roupa, você vai segurando, senão depois eu vou ter que entrar para pegar e eu vou ter que me vestir’. E aí tinha uns balcões altos, no meio, e Téo começou a subir nesses balcões e chama à namorada, a namorada puxa. Ele estava de calça jeans e a namorada ajuda, ele fica de cueca e dança, dança. E o povo começou a gritar - tira, tira. Ele mostrava a metade da bunda, descia até aqui e aí foi saindo. Eu achei assim, para cá você tinha uma entrada que tinha os banheiros, que era onde eu tinha deixado a roupa dele, ele vai chegar aqui, vai entrar e fazer uh e tchau, né? Ele chegou aqui e fez ‘chap’, arrancou a cueca toda, mas, você acha que ele se conformou só em fazer isso, ele subiu no balcão, desceu e fez chap, fez uma estrela e, nu, plantou uma bananeira. Eu só vi a platéia extasiada e depois veio ele: minha roupa, minha roupa...” (Hamilton Lima, informação verbal)

Esse climão do Persona e a relação que o Bar tinha com a sauna gay de mesmo nome nos Barris, o fato de frequentadores da sauna passarem a frequentar o bar, junto ao próprio estilo do bar, com streeper, com uma iluminação mais escura, tudo isso contribuiu para que o

Beco, aos poucos, fosse tomando a cara de um espaço de sociabilidade GLS, um movimento que o Conexão já havia começado anteriormente. Quando o Persona surge, no lugar do Conexão, a composição do Beco fica sendo o Bar Persona, o Bar Amarelo, o Atlântico Café Teatro e o Camarim. Em 2002, aproximadamente, Luís, o dono do Persona, passa o bar para Hamilton Lima. Hamilton fica com o bar por, aproximadamente, oito meses, e, depois, fecha o Bar. O Persona deixa de existir em cerca de 2002/2003 e o Beco passa a ser composto pelo Camarim, pelo Atlântico Café Teatro e pelo Bar Amarelo.

O Camarim, inicialmente, era um bar pequeno com quatorze mesas, as paredes eram forradas com jornal da parte cultural, tinha carpete no chão, a fachada era pintada de preto, havia uns espelhos com luz em volta para dar a aparência de um Camarim. Segundo Augusto, o dono do bar, ele e seu sócio davam um atendimento personalizado aos clientes, ofereciam uma variedade de produtos, de modo que, os clientes se sentissem prestigiados por estar em um bar que oferecia um cardápio variado. Augusto também colocou uma bandeira do movimento gay na porta do seu bar, isso foi um marco para que o Beco ganhasse um sentido mais ligado à homossexualidade. O nome Camarim é porque Augusto queria um nome que fosse ligado ao ambiente artístico e, como o Camarim é o lugar onde os atores se sentem à vontade para serem eles mesmos, o lugar onde eles não precisam atuar, então, Augusto pensou que seria um nome que representaria o tipo de ambiente que ele queria criar.

O Camarim começa a crescer e Augusto resolve comprar o espaço em frente ao seu bar para fazer uma extensão do Camarim. Depois, Augusto amplia mais uma vez, toma o espaço do lado e cria um ambiente para se ter acesso a internet, um Cyber Café. Em 2003/2004, o Atlântico Café Teatro fecha. O dono do espaço que era o mesmo dono dos dois espaços do lado esquerdo da rua, aonde era o bar de Augusto, propõe alugar esse espaço para Augusto. O bar de Augusto, com o fechamento do Atlântico Café Teatro, passa a ser um dos bares que ofereciam mais opções, um dos bares mais sofisticados do Beco. Os outros bares foram mudando de donos. O primeiro Camarim que se localizava do lado direito da rua, Augusto vendeu para um rapaz chamado Eduardo. O Bar Amarelo se transformou no Bar Cultural e o antigo Persona, que foi o Conexão, se transformou no Green Bar.

Nesse momento, o Beco já havia mudado de perfil. Os donos dos atuais bares, de fato, não eram empreendedores, não tinham um projeto para o Beco. Eduardo, um dos donos dos bares, adota uma política agressiva de preços, começa a colocar um tipo de música que atraiu um público com menor poder aquisitivo. Começa a ocorrer aí um empobrecimento do público que freqüentava o Beco. Então, além de começar a tomar os contornos de um lugar marcadamente gay, o Beco também passa a se tornar um lugar de gay e pobre, de um público

que vem mais das zonas periféricas de Salvador e da Carlos Gomes para frequentá-lo, além da frequência de muitos estudantes que saem da Lapa e encontram no Beco um espaço, sem muitos custos, para sua diversão. Esse movimento vai acontecendo paulatinamente. A chegada de Eduardo no Beco foi um ponto crucial para essa outra transformação do lugar e mudança de público. A fala de Augusto é interessante nesse sentido:

“Aí com o advento da entrega do bar menor, passado um tempo, ali foi alugado por um rapaz que fez uma política agressiva de preços muito baixos, músicas bem popularescas e acabou atraindo um público que freqüentava a Carlos Gomes para ali que, talvez, não freqüentasse antes por não ter poder aquisitivo, porque lá era mais caro, mas, com o barateamento dos preços, a tendência é que as pessoas se deslocassem para lá, tipo ‘vamos invadir sua praia’. Aí, eles inauguram outro bar lá, também sem nenhuma estratégia de atrair um público específico, tentava pegar o que estava por ali sobrando. Aí, também, continua atraindo as pessoas, né? Cerveja barata, música ao vivo de graça. A partir daí, começou a atrair, principalmente na sexta-feira, a galera forte de estudante que traz sua bebida de supermercado para beber na rua e aí foi criando, na rua, um ambiente diferenciado. Então, nosso bar começou a ser... criou dois ambientes, um ambiente que era a rua e o outro que era do nosso bar para dentro. Esse ambiente da rua acabou afastando, também, as pessoas que chegavam. Até entrar no nosso bar passavam por dissabores, viam coisas que não queriam ver. O pessoal da prefeitura que também não cuidava do lixo na entrada do Beco, a gente tentou construir um recipiente para botar o lixo e o Banco do Brasil não deixou, para arrumar o lixinho lá na entrada, tentamos conseguir alguma coisa de iluminação com a prefeitura, e, nunca deu certo. Foi uma seqüência de coisas, sabe? Aí eu fiquei muito desanimado, além da frequência não ficar como a gente gostaria, a questão dos órgãos públicos da cidade, todos eles me decepcionou. O bar que funciona ali na frente, dois, três anos funcionando sem água, a água foi cortada, eles trazem balde de água de algum lugar e funcionam com bar desse jeito, é um bar que não tem nem nome, já recebeu tanta denuncia que ele deixou até sem nome na frente, é o primeiro bar do lado direito, que Eduardo é o dono. Aí, quer dizer, funciona sem água. A vigilância foi avisada várias vezes e não vai lá, continua tudo do mesmo jeito, a SESP não vai lá para tirar as cadeiras da rua, a SUCOM não faz nada em relação ao som ao vivo que o pessoal coloca sem o alvará de som, a polícia não aparece para fazer uma ronda, então, há assalto, coisas que vão acontecendo lá pela rua que não contribui para a boa imagem do lugar.” (Augusto, informação verbal)

A fala de Augusto mostra como, ao longo dos anos, o Beco foi-se transformando e como uma série de fatores contribuiu para isso. Mas, duas transformações foram marcantes nessa década. De um espaço que tinha como característica marcante a ligação com a classe artística e intelectual de Salvador, o Beco passa a se constituir como um lugar ligado a uma identidade GLS¹⁵ e de um público com certo poder aquisitivo e capital cultural, o Beco passa a ser frequentado por um público proveniente das camadas menos abastadas da população.

Tudo isso foi, ao longo dos anos, contribuindo para que o espaço começasse a ganhar um novo sentido. O lugar ia-se habituando às pessoas, assim como, as pessoas iam-se habituando ao lugar e o Beco foi adquirindo, gradativamente, uma nova atmosfera. Claro que essa mudança interna gera, também, uma série de mudanças em como as pessoas ao redor do Beco, em como a sociedade mais ampla, lida com a existência desse lugar. Se antes existia uma maior maleabilidade entre o seu interior e o entorno, depois, o Beco se torna um lugar com fronteiras e limites mais claros. O estigma passa a ser o ponto central sob o qual a sociedade passa a se relacionar com o lugar.

1.1 O BECO E A EXPERIÊNCIA VIVIDA

O Beco é um espaço que teve várias fases e momentos. Essas fases não foram, no entanto, bem delimitadas, muito pelo contrário, as fases e os momentos no Beco sempre se intercambiaram. É impossível fazer uma divisão clara e nítida dos momentos que compõem a história do Beco, pois elementos que existiram em uma fase, também existiram em outra, com mais ou menos força. No entanto, ainda assim, é possível vislumbrar a existência de fases não como uma linha evolutiva, mas, como momentos de maior e menor movimentação, com características que, embora específicas mais de uma fase, também existiam em outras. Esses momentos e a experiência vivida marcaram o Beco, ao longo dos anos, com diferentes sentidos. A experiência vivida impregnou e impregna o lugar de sentido, assim como o lugar acomodou, ao longo dos anos, e acomoda as subjetividades de eventos e de histórias vividas no Beco. A dialética entre o lugar e a experiência vivida. Casey (1996) diz:

¹⁵ Quando digo que o Beco se constituiu como um lugar ligado a uma identidade GLS, não estou querendo dizer, no entanto, que essa identidade é fixa, natural e imutável. Muito pelo contrário, o próprio fato do Beco ter se tornado um espaço com tal característica já elucida que essa identidade foi construída através de uma série de fatores que implicaram na transformação do lugar. Tal identidade é fruto de um processo de transformação e, como tal, é também propícia a essa mesma transformação, em termos de tempo e espaço, da qual resultou. Assim, afirmar que existe uma identidade ligada ao lugar não é o mesmo que afirmar a imobilidade/imutabilidade de tal identidade. O Beco é um bom exemplo de que a identidade é fruto de um processo de construção.

“Não é só o sensório significativo, também é o lugar significativo. Como Feld colocou ‘do mesmo modo que os lugares são sentidos, os sentidos são localizados; do mesmo modo que lugares fazem sentido, sentidos fazem lugares’. A dialética da percepção e do lugar (e ambos com significado) é tão intrincada quanto é profunda e nunca tem fim” (tradução nossa) (CASEY, 1996, p.19).

O Beco foi tomado por e, ao mesmo tempo, produziu diferentes sentidos ao longo desses anos. Para alguns frequentadores, o período de Jacques e Pierre foi o grande momento do Beco, sua fase áurea. Muitos artistas e intelectuais freqüentaram o Beco nessa época. Outros como Geraldo Cohen e Euro Pires afirmam que essa foi uma fase despreziosa do Beco, a fase autêntica, de encontros casuais, a fase da boemia, e, só mais tarde, a classe artística ia realmente ocupar o Beco. No entanto, é fato que a classe artística sempre esteve presente no Beco, desde as suas origens, e, permaneceu, em alguns momentos, com mais força e outros com menos força.

Esse primeiro período (“La Boheme”, “Le Grill”, Cactus e Utopia) foi um período de efervescência cultural, fim da Ditadura Militar, quando a famosa abertura de Figueiredo começa a produzir efeitos no país. Na Bahia, são as elites intelectuais e artísticas que aproveitarão essa abertura. Isso, junto ao fato de que o Beco estava localizado no celeiro cultural de Salvador, próximo ao Teatro Castro Alves, da Escola de Teatro e Belas Artes da UFBA, próximo ao Teatro Vila Velha, da Concha Acústica, tudo isso contribuiu para torná-lo um ponto de concentração dessa classe artística e intelectual.

“Era um espaço da sociedade, era um espaço que começou na ditadura, um espaço que começou num quadro de uma ditadura violenta, horrorosa, bizarra, que lutava exatamente contra o pensamento, lutava contra a criatividade, cujo principal alvo era a criatividade. Eu costumo dizer que o Exército Brasileiro foi um dos exércitos mais eficientes, porque, com relativamente poucas mortes, aniquilou uma nação, aniquilando com o pensamento dessa nação. E nós éramos exatamente isso, éramos um front de resistência absolutamente democrático. Lá dentro acontecia a democracia de pensamento. A democracia do pensar. O livre pensar acontecia ali. Você pode dizer que o Beco seria um Soho da Bahia; ou o Beco seria uma alternativa? Não é não. O Beco era a Bahia na sua mais profunda expressão que é mandando à merda qualquer conceito, mandando às favas qualquer opressão. E numa revolução doce. Uma revolução dulcíssima. Num movimento revolucionário dulcíssimo, simplesmente de poéticas livres que podiam falar o que quisessem, que se reconheciam e se

beijavam e se amavam e se integravam e produziam, foi o momento mais produtivo do teatro baiano. O Beco viveu o momento mais produtivo e mais criativo do teatro baiano...” (Geraldo Cohen, informação verbal).

“Acontece que a gente estava vindo de uma ditadura militar, quando as informações eram censuradas, aí no final dos anos 70 isso abriu, veio a anistia, veio tudo, então voltam umas pessoas que estavam fora, umas pessoas da própria geração 70 que ainda estavam na flor da idade, e a minha geração que estava chegando, teve um momento de encontro dessas pessoas. Minha geração tinha como referência à geração de 70, que eram os tropicalistas, esse pessoal todo que eu citei, aí lá essas pessoas conviviam e era isso que acontecia no Beco, como vamos dizer assim, a galera que tinha a ver com aquilo...” (Yulo Cezzar, informação verbal)

Muitos artistas e intelectuais frequentaram o Beco a título de registro, ligados ao Teatro, Rádio e TV, tem Mario Gadelha/ator, Carlos Ribas/TV, Armindo Bião/ator/ex-diretor FUNCEB, Carlos Petrovick/ator/professor de teatro, Zezão Pereira/ator, Aninha Franco/atriz/escritora, Ângela Machado/produtora de TV, Nivalda Costa, Márcio Meirelles/diretor/ator/atual Secretário da Cultura, Nilda Spencer/atriz, Jurema Penna/atriz, Mario Gusmão/ator, Eduardo Cabus/ator/fundador do Teatro Gamboa, Pola Ribeiro/cineasta, Ney Galvão/figurinista/apresentador de TV, Maria Eugenia Millet/atriz, Hebe Alves/atriz, Deolindo Checucci/diretor de teatro, Wilson Melo/ator, Sérgio Guedes/ator, Nélia Carvalho/atriz. Como músicos (cantores, compositores e instrumentistas) tem Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Betânia, Eddu Nascimento, músicos da orquestra sinfônica, Gonzaguinha, Rose, Silvia Patrícia e, como artistas plásticos, tem Carlos Bastos, Betânia/ceramista e professora do MAM, Mazzo, Calasans Neto. No universo da dança, tem o Grupo Frutos Tropicais, Nilson Mendes, Nelson Reis, Bego, Flecha/Evandro Macedo, Janete Catarino e hoje políticos, têm Lidice da Matta, Javier Alfaya e Juca Ferreira. A fala de Geraldo Cohen é bem ilustrativa nesse sentido:

“... no final da década de 70, início da década de 80. Esse foi o grande momento do Beco. Foi a aparição do Beco. Foi o momento que todos os artistas se concentravam, artistas que estavam sem trabalho, buscando trabalho, artistas consagrados... Todos se reuniam ali. E ali surgiam convites, ali surgiam amores, ali surgiam idéias, ali surgiam grandes espetáculos de dança, de teatro, de música, de artes plásticas.” (Geraldo Cohen, informação verbal)

Apesar dessa fala de Geraldo Cohen, outros relatos me levam a crer que, inicialmente, embora o Beco tivesse uma grande frequência de artistas, essa frequência não era tão marcada como se tornou posteriormente. Em um primeiro momento, o Beco era um lugar mais boêmio, mais voltado para a boemia. As pessoas reuniam-se no Beco, para trocar, para conversar, para filosofar. Era um público mais misturado, uma presença mais diversa. Havia certa despreensão, os encontros eram despreziosos, as pessoas iam para lá jantar, tomar uma cerveja e se encontravam; a classe artística se encontrava de uma forma despreziosa. Mais tarde, as pessoas começam a ir ao Beco, porque como o Beco já era dos artistas, tinham o intuito de encontrar os colegas de trabalho, sabendo que lá era um espaço daquela classe.

Claro que, dentre os frequentadores boêmios, boa parte deles devia ser de artistas. No entanto, parece que a arte começa mesmo a se expressar no lugar, com uma força maior, já em meados da década de 80 e, mais tarde, já na década de 90. Aí o Beco se consolida como um lugar de artistas, uma espécie de agência ao ar livre, onde espetáculos eram montados, onde peças eram pensadas, onde atores eram contratados. Isso se dá posteriormente, já com o “Bastidores”. Não é que, no início, a classe artística não tivesse um peso, tanto tinha que o próprio nome Beco dos Artistas surge nesse período. No entanto, me parece que com o tempo essa presença se tornou mais substancial e foi, ao longo dos anos, se expressando com mais força dentro do espaço. Embora o germe dessa movimentação já estivesse presente desde o período de Jacques, esse perfil só se torna mais nítido posteriormente:

“Divida nesses três períodos: o período da autenticidade – o período inicial de autenticidade, que era um lugar eventual... Eu vou te explicar depois porque é um lugar eventual... Era o ponto de encontro de todos os artistas da Bahia. Depois a segunda fase que é a... (várias falas) De eventual, porque, começou eventualmente, começou sem um acordo tácito. Era um tácito consenso do povo. (Risos) Do povo de arte. (Risos) E aí é o seguinte: tem esse período intermediário, que foi um período de auge, foi um período extremamente glamoroso...” (Geraldo Cohen, informação verbal)

“... porque, na época que antecedeu isso, que é a época do Zanzibar,¹⁶ era uma época muito bacana de muito boêmio, nem era tanto de artistas, era mais de boêmio, entendeu? Assim, os artistas passaram a frequentar mais mesmo na segunda fase. Tinha artista, já tinha, mas na

¹⁶ Zanzibar foi um bar muito famoso na época, que existia também no Garcia, e fazia parte do circuito das pessoas que frequentavam o Beco. Muitos antigos frequentadores citam o Zanzibar. Além disso, Caetano Veloso fez uma música que faz uma referência ao Zanzibar.

primeira fase eram boêmios, pessoas mesmo da noite que frequentavam, artistas que iam frequentar o Zanzibar, que vinham cá também, mas os artistas, na verdade, seguiam para outro lugar, não ficavam só aqui dentro do Beco, essa relação que o Beco criou depois com o Teatro Castro Alves, com as pessoas daqui, as festas que aconteciam, por exemplo, toda vez que tinha uma premiação de teatro era proposto de sair todo mundo da premiação e ir para o Beco, já era a festa das pessoas que ganhassem, entendeu? Mas, isso já aconteceu quando reabriu [quando o Beco volta a funcionar à noite com o Bastidor]”. (Euro Pires, informação verbal)

Depois desse momento de efervescência e encontros, ainda que de uma forma despreziosa, que durou até 1987, aproximadamente, o Beco passa por um momento de declínio, de queda no movimento. Mais tarde, já com o Bastidor, na década de 90, inicia-se um momento em que o Beco se torna a segunda casa da classe artística. A figura de Hamilton Lima, como homem de arte, teve uma importância muito grande para isso. A fala de Jorge Gaspari é bem ilustrativa nesse sentido:

“... eu me lembro bem do bar de Hamilton Lima, e aí já estava um lugar assim como uma referência da classe artística e ia mais o pessoal de teatro, de dança, de cinema, de artes plásticas, ia todo mundo para lá, não é? E aí começou a ficar conhecido como Beco dos Artistas por causa disso aí, porque a clientela preferencial eram os artistas. Eu me lembro que, depois de Jacques, veio o Cactus e, depois, o Utopia. Os bares eram uma coisa relâmpago, abria, ficava um tempo, depois fechava, outro comprava, essa coisa rotativa (grifo nosso). Agora eu tenho mais de 15 anos que não vou ao Beco. A gente ia para lá tomar uma cerveja, comer um tiragosto, aquelas coisas de final de noite, né? E ali era uma espécie de Piolin, um lugar que tinha em São Paulo, congregava todos os atores, as pessoas iam para ali para conversar, para acertar a produção. Muita produção foi acertada ali, muita gente foi contratada ali, muita gente foi descoberta ali no Beco, e, me lembra um pouco as famosas leiterias do Rio de Janeiro da década de 20 até 50, mais ou menos, que os compositores, os cantores se encontravam naqueles lugares para acertar suas músicas, fazer parcerias. Funcionava mais ou menos assim, é como uma agência ao ar livre, uma agência de contatos, de negociações, descoberta de atores, convites (grifo nosso)...” (Jorge Gaspari, informação verbal).

Essa movimentação permanece, mesmo com todos os momentos de quedas e ressurgimentos, até a época do Conexão e do Atlântico Café Teatro. Gil Vicente¹⁷ conta um episódio interessante, que ocorreu na época do Conexão, sobre a escolha da sua peça de formatura:

“Eu me lembro de chegar de manhã em casa tranquilamente, com o dia amanhecendo em casa, bebendo, mas não era bebendo de beber até se acabar não, porque era um papo muito agradável, muita gente agradável conversando. E eu lembro que eu cheguei para Arildo Deda, quando ele me convidou para fazer Baal e falei - ‘Olha, eu aceito, mas também eu quero que você faça a minha peça de formatura, independente do que seja o texto’-, e ele falou - ‘Aceito’. E aí eu comecei a entrar numa crise. Eu estava vindo numa linha estética muito ligada ao absurdo, tinha feito um ‘Samuel Beckett’, tinha feito um ‘Jean Genet’, e não sabia o que montar, e ficava naquela dúvida, e aí eu parei no ‘Conexão Arco-Íris’ um dia, entrei sozinho, fui lá para o ‘Conexão Arco-Íris’, porque, era um bar que eu gostava muito, porque, um bar gay sempre tem uma coisa mais cuidadosa. Eu lembro que tinha uma torta de cebola que era gostosa, encontrei com Hamilton Lima, e aí comecei - ‘Porra, Hamilton, estou aqui em crise, porque eu tenho apoiado até uma grana, mas, eu não sei que peça montar, tal e tal, e aí eu lembro que ele falou assim: ‘Quartett de Heiner Muller’¹⁸ é a sua cara, a peça termina falando assim para ele: agora estamos sós, meu amado câncer’. Quando ele falou essa frase, eu olhei e, pô, gostei da frase. Fui atrás do texto e, graças a esse encontro no Beco, eu peguei a minha peça de formatura, que foi uma peça que me revelou para a Bahia e eu tenho essa mancha no currículo, de ter ganhado até prêmio aqui, com essa peça, e tal, então, assim, isso era muito legal no Beco” (Gil Vicente, informação Verbal).

Além de ter-se tornado uma espécie de agência ao ar livre, o Beco é marcado por uma experiência de familiaridade entre as pessoas. As pessoas que frequentavam o Beco, de um modo geral se conheciam, trocavam, confraternizavam. Tudo era motivo para uma festa, para uma comemoração. Os antigos frequentadores ressaltam muito esse ponto da familiaridade; o Beco como um lugar onde eles se sentiam acolhidos, onde eles se sentiam à vontade, porque o lugar era a materialização dessa grande fraternidade e dessa experiência de acolhimento. Muitos falam da experiência de poder ir só ao Beco, tranquilamente, pois, sabiam que iam

¹⁷ Ator e diretor.

¹⁸ Os personagens de Quartett desdobram-se em quatro ou mais personagens, trocando de identidade e sexo no decorrer da trama.

encontrar pessoas conhecidas. O encontro não era com uma pessoa em particular, mas sim com uma totalidade acolhedora – o Beco. A fala de Adriano Big é bem interessante nesse sentido:

“... uma vez eu cheguei ao Beco e, no primeiro bar, na primeira mesa, estava Zoíla Barata e algumas outras pessoas, e alguém comentou: ‘hoje é o aniversário de Zoíla’. Ah, poxa, é seu aniversário, parabéns! Aí o pessoal da mesa ao lado falou: ‘poxa, hoje é o aniversário de Zoíla’. Aí eu saí andando e eu fui para a penúltima mesa do último bar, na calçada. Eu sentei e comecei a conversar. Um minuto e meio depois uma pessoa da mesa ao lado virou para cá e falou: ‘vocês sabiam que hoje é aniversário de Zoíla?’ Então, levou um minuto e meio para a notícia circular por todas as mesas do Beco até o final. Entendeu?”¹⁹ (Adriano Big, informação verbal)

Essa fala reflete um pouco a dinâmica social do Beco. A relação simbiótica entre pessoas e espaço, entre a experiência vivida e o lugar. Talvez, aqui caiba uma pequena digressão teórica para pensarmos a relação entre espaço, corpo, experiência vivida e sentido. Heidegger (2001) diz que o homem/mulher é marcado(a) pelo habitar, ser homem/mulher é habitar o mundo, é habitar a terra. Esse habitar consiste na condição do homem/mulher de-morar-se sobre as coisas, na sua capacidade de estender seu ser no mundo. Heidegger diz:

“... libertar para a paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre a terra” (HEIDEGGER, 2001, p.129).

A existência humana é marcada por esse de-morar-se dos indivíduos sobre a Terra, por essa relação entre o humano e o mundo. É no mundo e, só através do mundo, que a existência humana pode adquirir um sentido. O espaço e as “energias sociológicas” (SIMMEL, 1939) comungam na produção de um sentido. O homem/mulher vai, então, se relacionando com a

¹⁹ Adriano só lembra que isso aconteceu mas, não, o ano. Esse episódio pode ter acontecido na época de Jacques e Pierre, ou na época do Bastidor, ou, mais posteriormente, quando surgiram outros bares como o Conexão Arco-Íris e o Atlântico Café Teatro. Independentemente da cronologia exata, o que interessa resgatar é o fator da familiaridade, essa característica parece presente, com mais força ou menos força, em todo o período que o Beco funcionou à noite e que estava ligado à classe artística. A familiaridade entre as pessoas e entre o lugar não é uma particularidade desse momento. Como eu já tinha dito antes, os diversos momentos do Beco se cruzam e intercambiam, tanto é que os antigos frequentadores demonstram dificuldade de localizar um acontecimento no tempo, como se os diferentes momentos se misturassem nas suas memórias.

casa, com a escola, com a rua, com a universidade, na medida em que o espaço/lugar permite esse acolhimento da experiência. Espaço e homem/mulher fazem, dessa forma, parte do movimento de totalidade da existência e não são, assim, partes separadas, ou posições objetivas da existência. Heidegger (2001) diz:

“Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, espaço. Ao se dizer ‘um homem’ e ao se pensar nessa palavra aquele que é no modo humano, ou seja, que habita, já se pensa imediatamente no nome ‘homem’ a demora junto as coisas” (HEIDEGGER, 2001, p.136).

Se pensarmos o Beco por essa perspectiva, entenderemos que o Beco não é um espaço físico que está para além da experiência vivida, mas, sim, que o Beco é esse espaço/lugar acolhedor da experiência, e perceberemos, também, o quanto a experiência de fraternidade e integração das pessoas reverberou e reverbera no lugar/Beco. De certo modo, o Beco era esse lugar aonde todos aqueles artistas podiam se resguardar; “podiam estar entregues de antemão ao seu vigor de essência, podiam permanecer pacificados na liberdade de um pertencimento” (HEIDEGGER, 2001). O Beco era o lugar aonde todos aqueles artistas podiam de-morar-se, podiam estender o seu ser sobre e podiam habitar em seu sentido mais amplo. Não é à toa que, muitos dos antigos frequentadores²⁰ se referem ao Beco como uma segunda casa. A definição de Simmel (1936) de casa é muito rica para pensarmos esse significado do Beco como uma segunda casa para os antigos frequentadores²¹.

“La casa de la comunidad no está pensada solo em el sentido de la propiedad. No es como el inmueble o el trozo de terreno que la comunidad puede poseer como persona jurídica, sino que es como la localización, la extensión en el espacio de sus energías sociológicas, el lugar de vivienda o reunión. En este sentido no se puede decir propiamente que tenga casa, pues ésta no tiene importancia aquí como objeto económico valioso, sino que es la casa. La casa significa el pensamiento de la sociedad misma, localizado. El lenguaje corriente indica esto al llamar a una familia una casa...” (Simmel, 1939, p. 287)

O pensamento de Simmel (1939) mostra como a casa não é, nesse sentido, uma coisa que encerra seu significado em uma existência material à parte da existência humana. A casa, assim como o Beco, só é dotada de sentido e só provê à experiência de sentido quando sua

²⁰ E não só os antigos frequentadores, mas, atuais também. Mas, essa relação de simbiose entre o espaço e a experiência se dá de outro modo hoje. Tratarei disso posteriormente.

²¹ Mais informação sobre essa relação entre casa/espço e relações sociais ver HITA (2004).

existência está em conexão com aquilo que Simmel (1939) chama de “energias sociológicas”. Simmel chama a atenção, também, para o fato de, na linguagem corriqueira, as pessoas chamarem a família de casa, indicando a relação íntima que existe entre as relações vividas e o espaço físico. A casa – espaço físico – localiza a relação familiar – uma relação de extrema proximidade, intimidade e troca mútua – ao ponto da casa significar, ela mesma, essa relação. Daí ser compreensível que, quando um antigo frequentador fala da relação de familiaridade que existia entre o lugar e as pessoas e entre as pessoas entre si, ele também esteja falando de uma relação com o espaço/lugar/Beco. O espaço/lugar abriga essa familiaridade, abriga a possibilidade de sua sensação de pertencimento e, por isso, pode ser considerado mesmo como um lar, como uma segunda casa.

Rosa Madalena, uma antiga frequentadora²², afirma que se sentia melhor no Beco do que na sua própria casa (MENDES, 2009)²³. Para expressar esse sentimento pelo Beco, ela escreve a seguinte poesia:

“A tristeza e a felicidade andam de mãos dadas.
 Se no pôr-do-sol estou infeliz, ao nascer dele me sinto contente.
 Se no frio choro rios de lágrimas, no calor meu sorriso torna-se reluzente.
 Se na doença transmito fraqueza, na saúde demonstro uma veemente fortaleza.
 Se no romance não sinto o vigor da paixão, na amizade encontro segurança e afeição.
 Se no quarto escuro sinto medo, no efervescente Beco sinto aconchego...”

Essa poesia é representativa da relação de intimidade que os antigos frequentadores mantinham com o Beco. Essa intimidade com o lugar se traduz na sensação de familiaridade. As pessoas falam muito nesse sentimento de familiaridade com o lugar. Mas, o que é esse sentimento de familiaridade? A familiaridade é um habituar-se através do corpo. Guarda uma correspondência não só com o habitar – no sentido de que os antigos frequentadores demoravam-se no espaço e estendiam sua existência sobre o espaço – mas, também, com o habituar-se através do corpo.

“Se o hábito não é nem um conhecimento, nem um automatismo, o que é então? Trata-se de um saber que está nas mãos, que só se entrega ao esforço corporal e que não se pode traduzir por uma significação objetiva. O sujeito

²² Rosa Madalena era uma antiga frequentadora do Beco, costureira e, na época, tinha muitos problemas com seu marido, muitas brigas. Nesses momentos, ela sempre recorria ao Beco, quase como um refúgio das tensões familiares.

²³ Esse dado foi retirado do livro reportagem sobre o Beco dos Artistas desenvolvido por Fernanda Mendes e Luise Figueiredo em 2009, pela Faculdade Dois de Julho em Salvador.

sabe onde estão as letras do teclado, assim como sabemos onde está um dos nossos membros, por um saber de familiaridade que não nos oferece uma posição no espaço objetivo” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.199).

A ligação daqueles indivíduos com o lugar/Beco era, antes de tudo, uma ligação corpórea. É o corpo que permitia essa simbiose entre o lugar e a subjetividade daqueles indivíduos, é o corpo que permitia esse familiarizar-se, que permitia o ser estender-se sobre o espaço. Rosa Madalena afirma que “seus pés por si só já sabiam o caminho do seu lugar predileto”. Isso mostra o grau de familiaridade que existia entre Rosa e o Beco e não só entre ela, mas, entre os antigos frequentadores de um modo geral. Se o habituar-se implica em uma relação com o corpo, ele implica também em uma relação com o espaço. Merleau-Ponty (1994) diz:

“Os lugares do espaço não se definem como posições objetivas em relação à posição objetiva do nosso corpo, mas eles inscrevem em torno de nós o alcance variável de nossos objetivos ou de nossos gestos. Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando-nos a novos instrumentos” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.199).

É como se o Beco estivesse inscrito no corpo de Rosa Madalena e como se ela estivesse instalada nele. O Beco, nesse momento, não se definia como uma posição objetiva em relação à posição objetiva do corpo de Rosa Madalena, mas fazia parte da própria extensão do seu ser. E isso é a familiaridade que marcou a relação dos antigos frequentadores com o Beco, esse habituar-se. Rosa afirma que seus próprios pés continham um saber, era um saber corporal que é, ao mesmo tempo, causa e efeito da familiaridade e da relação íntima com o lugar.

O pensamento de Ingold (2004) é muito rico ao pensar a relação entre percepção/sentido, espaço e corpo, em como esses três eixos se ligam na idéia de familiaridade, tão presente na fala dos antigos frequentadores. Ingold diz (2004) que a “percepção não se dá com os olhos, com os ouvidos, ou com a superfície da pele, mas, com o corpo todo” (INGOLD, 2004, p. 230). A percepção, nesse sentido, é uma função do corpo, ao mesmo tempo, essa mesma percepção é também uma função do espaço, na medida em que, na vida real, é ela mesma uma função do movimento e o que nós percebemos deve depender, pelo menos em parte, de como nos movemos (INGOLD, 2004). Deste modo, a cognição não deve ser definida fora da locomoção, já que é, ela mesma, o ponto de partida para a

percepção. “Os pés tanto quanto as mãos medeiam um compromisso histórico do organismo humano, em sua totalidade, com o mundo em seu redor (tradução nossa)” (INGOLD, 2004, p.332). A percepção/sentido é, assim, uma consequência da relação simbiótica entre o corpo e o mundo, ou, entre o corpo e o espaço/lugar.

Vê-se que o Beco está sendo analisado aqui sob três eixos – o corpo, o espaço e a experiência vivida, que pode ser traduzida na idéia de sentido quando esta se relaciona com o espaço. O Beco, em toda sua trajetória, se mostra um lugar muito fértil para pensar a relação entre esses três eixos. É incrível a relação de proximidade que os antigos frequentadores mantinham com o espaço. Ao mesmo tempo, é incrível como essa relação entre artistas e lugar marcou o Beco, ao ponto dessa relação se materializar no próprio nome. Muitos antigos frequentadores falam dessa relação com o Beco como uma relação simbiótica, marcado pelo sentimento de pertencimento. O lugar acabou por refletir a subjetividade daqueles sujeitos e por ser contaminado por um sentido que vem dessa relação entre a experiência desses sujeitos e o lugar. “As paisagens são tecidas em vidas e vidas são tecidas na paisagem, em um processo que é contínuo e interminável (tradução nossa)” (INGOLD, 2004, p.333)

É muito grande a força com que as experiências vividas marcaram o Beco. O desejo de encontro, a criatividade, as festas, a arte, a familiaridade entre as pessoas, tudo isso impregnou o lugar de um sentido, como um perfume forte e muito difícil de sair. Ao mesmo tempo, ao longo desses anos, o Beco acolheu todas essas experiências, as exposições artísticas, os shows musicais, as peças e performances, os amores vividos e os não vividos, as brigas, as risadas, as histórias. Só o lugar tem esse poder, o poder de acolher, e o Beco é a materialização desse poder. Casey (1996) diz:

“Lugares acolhem coisas em seu centro – onde coisas conotam a variedade de entidades animadas e inanimadas. Lugares também acolhem experiências e histórias, mesmo linguagem e pensamentos. Pense apenas o que significa retornar a um lugar que você conheceu, encontrá-lo cheio de memórias e expectativas, coisas velhas e coisas novas, o familiar e o estranho e muito mais além. O que mais é capaz dessa ação acolhedora maciçamente diversificada? Certamente nenhum sujeito humano construiu ou originou essa ‘produção’ e ‘reprodução’, nem mesmo esses assuntos como eles se desenham sobre suas potências corporais e perceptuais. O poder pertence ao lugar, ele próprio, e este é um poder de acolher (tradução nossa)” (Casey, 1996, p.25).

Além desse sentido ligado à arte, que o Beco acolheu durante muitos anos, mais tarde, com o correr dos anos, quando fecha o Conexão e, depois, quando fecha o Atlântico Café Teatro, essa dinâmica, esse sentido do qual era provido o Beco começa a se perder e o Beco

passa a ganhar outros sentidos. Com a mudança de público em termos de classe econômica e, ao mesmo tempo, com a formação de um sentido mais ligado ao público GLS, outros tipos de práticas e experiências vividas passam a impregnar o lugar e, conseqüentemente, outra atmosfera é criada e outras experiências são acolhidas.

1.2 O BECO E A HOMOSSEXUALIDADE

Quando comecei a estudar o Beco dos Artistas e a fazer trabalho de campo, não percebia que o Beco foi, ao longo dos anos e de uma forma evolutiva, se transformando em um lugar de sociabilidade GLS. Existia uma divisão clara na minha cabeça entre o antes como sendo o lugar dos artistas e o hoje como sendo um lugar de sociabilidade GLS. Com o desenrolar da pesquisa, fui percebendo que a homossexualidade sempre existiu no Beco e que, ao invés de um antes ligado à arte e um depois ligado a homossexualidade, essas realidades sempre coexistiram. Mas alguns bares fizeram com que a presença de homossexuais se tornasse mais recorrente. Eles são o Cactus, o Conexão Arco-Íris e mais tarde o Camarim. Claro que, como já dito, sempre existiu, em todos os bares e em todas as épocas, a presença de homossexuais, mas esses três bares atraíram esse público de uma forma mais concentrada.

1.2.1 O Cactus

Um dos primeiros bares que atraiu esse público de uma forma mais forte foi o Bar de Pierre, o Cactus. Pierre é homossexual e, provavelmente, isso contribui muito para atrair o público gay. Pierre tinha um parceiro chamado Aparecido, que trabalhava junto com ele no bar. A fala de Euro Pires dá uma idéia de como já existia um público gay mesmo naquela época, início do Beco:

“O Beco, na verdade, era assim desde o começo. Ele foi um lugar que tinha bares alternativos e tinha um bar que se chamava Cactus que já era um bar, que era um bar mais da galera homossexual, mas tinha muito bissexual. Nessa época ele não era ainda, a gente ainda não tinha os guetos formados na Bahia. A Bahia tinha poucos lugares que eram guetos (grifo nosso), muito poucos, como o Anjo Azul, que era famoso, que eram mais antigos ainda. Mas os bares tinham uma característica mais de bissexualidade do que só homossexual. Na verdade e, por conta de ter artista e os artistas são mais permissivos, então, o nome do beco era Beco dos Artistas, sempre foi Beco dos Artistas. Então, muitos artistas

frequentavam independente da opção sexual deles. E a gente tinha outro lado de cá do Beco, que o Cactus era essa referência, sabe...” (Euro Pires, informação verbal)

Jacques afirma que a homossexualidade existia desde o início, que junto à classe artística, existiam, também, muitos homossexuais. Mas homossexuais de nível, como ele afirma. Pierre diz que, embora já existissem muitos homossexuais que frequentavam o Beco, essa frequência se fez mais recorrente, quando ele se tornou sócio de Jacques e abriu o Cactus. Pierre também fala de como o Cactus foi-se tornando um ponto de concentração dos homossexuais e, aí, de homossexuais não só de classe média mas, também, de homossexuais que não tinham dinheiro para consumir. Isso foi um dos fatores que tornou difícil a manutenção do seu bar. Mas é interessante lembrar que, embora tenha existido, a partir do Cactus, uma frequência maior de homossexuais, ainda assim, o Cactus não era um bar específico para homossexuais, não existia aí a afirmação de uma identidade, nem o levantar de uma bandeira. Sua fala é bem interessante nesse sentido:

“Aqui o fato é como apareceram esses gays, é que dentro do mundo das artes, teatro, cinema local tem uma porcentagem de homossexuais, até certa permissividade com isso. Então, com o tempo, um chegou, e é uma comunidade que, como tudo, tem vários níveis, tem gente fina, tem gente de baixa classe, tem as pessoas que atravessam as correntes que são os travestis, os transexuais, é uma grande família, meio complexa, né, da homossexualidade. Então, diante de tudo, eu tentava manter certo nível, discriminando certas pessoas, as pessoas mais visíveis, as pessoas que davam para sentir, pela intuição, que trariam mais problema do que vantagem, que incomodariam, porque, dentro do mundo da homossexualidade, como eu observei, existe também muita discriminação de uma classe com a outra, e, também, de racismo, porque, o racismo existia muito. Na época, existia muito o racismo contra os negros, e a comunidade negra não aceitava, com muita facilidade, os homossexuais. Como era raro ver dois negros juntos, um tendo caso com o outro, o que era mais comum era um negro com um branco, e, muitas vezes, um negro e um estrangeiro, então, existia uma discriminação de classe, como continua existindo. É uma ilusão acharmos que somos uma grande fraternidade, mas a discriminação continua tendo e eu acho que até se complicou e pode se complicar mais ainda, que a coisa não foi solucionada, é apenas uma ilusão de que é um grupo de irmãos. O Cactus, também, foi um bar que começou uma concentração, quando as pessoas não se encontravam nesse bar elas iam para a boate. No final de semana, as pessoas iam da boate para o bar, então, no final de semana, o Beco enchia, necessitando da

minha presença para poder entrar no bar. Na minha época, não tinha tanta violência como hoje, não tinha esses vigilantes, era muito rara a bandidagem dentro desse tipo de estabelecimento, mas, era necessário eu ficar na entrada desde as sete, oito horas, só para deixar entrar quem eu bem entendia, os que consumiam eu deixava entrar, tinha uns que eu não deixava, com elegância, nunca com grosseria. Isso significava que, às vezes, tinha duzentas ou trezentas pessoas, mas ninguém consumia. O que eu observei depois é que, aqui no Brasil, o seu sucesso é o seu fracasso. Se você é conhecido demais, não dá para acolher com a mesma qualidade, com a mesma intensidade um maior número de pessoas, se você se desdobrar já não é mais você, são outras pessoas que vão assumir e representar o seu lugar. Então, eu comecei a regular a entrada. Pobreza não é vício, mas, tem pessoas que não tem dinheiro. Tem muito homossexual, dentro das camadas mais pobres, que não tinham como consumir, e, se eu deixasse entrar, ia passar a noite toda bebendo uma coca-cola, um refrigerante, cinco pessoas e aí não dava. Era impossível manter nossos desafios, nossos deveres financeiros com uma clientela péssima, até que a gente tentava manter também, mas, como eu te falei que os próprios homossexuais discriminam, tem muito homossexual que é racista, que não gosta de pobre, é muito complexo.” (Pierre, informação verba)

Pierre deixa claro pela sua fala como a presença de homossexuais no seu bar já era uma constante. Mas, além disso, ele chama a atenção também para as tensões e contradições que existiam dentro daquele meio, na convivência e nas relações que ele percebia através do cotidiano do seu bar. Como as variáveis de classe, raça e sexualidade se cruzavam ali naquele ambiente. Penso que essa fala de Pierre, assim como outro episódio que ocorreu no Cactus, relatado por um antigo freqüentador²⁴, pode ser muito interessante para uma reflexão teórica.

Percebem-se, pela fala de Pierre, as tensões que existem entre os diferentes marcadores de raça, classe e sexualidade. O racismo que está presente entre os próprios homossexuais e a discriminação de classe. Uma das grandes questões dos movimentos sociais, hoje, é pensar a diferença dentro da identidade, dentro daquilo que supostamente confere uma unidade e um suposto sentido de irmandade a grupos que compartilham de uma condição comum de opressão. Pierre diz “É uma ilusão acharmos que somos uma grande fraternidade”. É interessante que, ao mesmo tempo em que a identidade é aquilo que permite a diferença, ou que marca a diferença e, assim, possibilita a visibilidade, essa mesma identidade é também, uma estratégia simbólica que permite a homogeneização das diferenças em um

²⁴ Esse antigo freqüentador não quis ser identificado, já que o seu relato envolve o nome de uma antiga liderança do movimento negro.

mesmo signo-significado. O que me chama a atenção na fala de Pierre é, então, o fato dele apontar para essas diferenças que existem dentro de um grupo que, supostamente, comunga de uma identidade. Mas, qual é mesmo o limite dessa identidade? Até onde a identidade de homossexual pode dar conta das diferenças de classe e de raça? Crenshaw (2002) afirma:

“Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados às suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são *‘diferenças que fazem a diferença’* na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação” (CRENSHAW, 2002, p. 174).

Embora Crenshaw (2002) se refira aqui, especificamente, às mulheres, nós podemos utilizar o seu raciocínio para pensar não só a homossexualidade, mas, qualquer outra posição sujeita a discriminação e subordinação social. Assim, os marcadores de raça, classe e gênero, como bem coloca Crenshaw (2002), farão uma diferença em como cada indivíduo é interpelado pelo eixo de subordinação que caracteriza a homossexualidade. Isso fica bem claro pela fala de Pierre, como existe uma série de tensões dentro dessa suposta irmandade identitária. O racismo, assim como a discriminação de classe, parecia, pela fala de Pierre, que fazia parte da realidade daquelas pessoas que frequentavam o Cactus.

Tais tensões existem, também, no âmbito político mais amplo, na prática dos movimentos sociais e, dentre eles, o movimento LGBT. Como essas diferenças são manejadas dentro do movimento? Será que existe um olhar reflexivo e crítico quanto à existência de diferentes marcadores sociais? Ou será que a política, engessada na identidade, só me permite olhar para o eixo de opressão que me interpela e/ou que interpela e constitui tal identidade? Isso, no entanto, não é só uma questão do movimento homossexual, mas é uma questão para todos os movimentos políticos, relacionados a minorias - e digo minorias aqui não no sentido quantitativo, mas, no sentido de representatividade e expressividade política -, como o movimento feminista e o próprio movimento negro. Será interessante contar aqui um relato de um antigo frequentador do Cactus, que não quis se identificar, para mostrar que essa não é uma questão específica do movimento homossexual, mas, dos movimentos políticos que trabalham com a identidade de uma forma geral:

“Um dia um rapaz negro, do movimento negro, chegou ao Cactus, em prantos, subiu na mesa chorando e tirou a roupa, ao mesmo tempo em que, ia se encolhendo, parecia uma criança desesperada. Denunciou que o Vovô, líder do movimento negro, tinha dito que não aceitava

homossexuais dentro do movimento e que, por isso, não queria ele dentro do movimento. Ele foi rejeitado por aqueles que ele acreditava serem seus irmãos de cor.” (Informação Verbal)

Assim como Pierre afirma que existe um racismo muito grande entre os homossexuais, claro que isso não é geral, por outro lado, esse relato, através da ilustração de um episódio, elucida uma possível discriminação em relação à homossexualidade que, talvez, tenha sido exercida por uma forte liderança do movimento negro²⁵. Isso mostra que a dificuldade em lidar com as diferenças não é específica só do movimento homossexual, nem é algo que atinge só os homossexuais, mas é, sim, uma questão que está aí colocada, de uma forma geral, para os grupos que trabalham com a ideia de identidade. O conceito de interseccionalidade é muito bom para pensar essas tensões. Um conceito que surge, principalmente, pelo movimento feminista, para pensar as demandas das feministas negras e de baixo poder aquisitivo e, ao mesmo tempo, questionar um feminismo que vinha se delineando como branco, de classe média e heterossexual. Crenshaw (2002) define a interseccionalidade da seguinte forma:

“A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente a forma como o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Assim, podemos pensar que um homossexual negro ou um negro homossexual vivencia dois ou mais eixos de subordinação e que esses eixos se interceptam na sua própria experiência de vida e que, muitas vezes, os grupos identitários não estão atentos a essa intersecção de eixos de subordinação (CRENSHAW, 2002). Então, aquele negro que, hipoteticamente, chega ao Beco chorando, porque foi discriminado por um de seus “irmãos de cor”, não sofre só o preconceito pela cor da sua pele, mas, também, o sofre pela sua orientação sexual, assim como, os homossexuais que eram discriminados pelo público homossexual que freqüentava o Cactus por sua cor de pele ou por sua classe social, também,

²⁵ Digo que, talvez, tenha sido exercida, pois, não tenho como comprovar, nem como negar tal fato. Esse depoimento surgiu despreziosamente do relato de um antigo freqüentador, e considero que, ainda que isso não tenha acontecido de fato, ainda assim, mesmo como hipótese, esse depoimento tem um valor heurístico importante. Meu interesse aqui é menos o fato em si do que o poder ilustrativo que esse depoimento possui em relação a questões que pude perceber, inclusive, na relação entre as pessoas dentro do próprio Beco dos Artistas.

não sofriam preconceito somente pela sua orientação sexual mas, também, pela cor da sua pele e pela sua classe social.

O que acontece é que a política de identidade, muitas vezes, ganha um caráter excludente e esse caráter excludente não é o objetivo, mas, a consequência de um olhar restrito a uma condição particular de opressão, voltado para um único lócus de sofrimento - “aquele lócus que me interpela”. Enquanto o movimento negro luta pela igualdade racial, ele pode – mas, não necessariamente o faz - reproduzir a discriminação relacionada à orientação sexual e, enquanto o movimento LGBT luta contra a homofobia, ele corre o risco de reproduzir o racismo se permanece atento apenas ao seu lócus (particular) de sofrimento. Assim, um indivíduo que é interpelado por mais de um eixo de subordinação, dificilmente se sentirá contemplado pelas demandas e estratégias políticas de um movimento específico, se este permanecer atento e for sensível apenas àquele lócus de sofrimento que o interpela e o constitui. A ideia de interseccionalidade, então, permite e/ou demanda uma estratégia política mais sofisticada por parte dos movimentos sociais. Uma estratégia política que não seja somente sensível a um lócus de sofrimento particular, mas que também esteja atenta às demandas do mundo social mais amplo, incluindo aí as demandas pertinentes a outros grupos ou movimentos de luta social.

Tudo isso para mostrar o quanto o episódio que ocorreu no Cactus – o rapaz que, hipoteticamente, foi expulso do movimento negro por ser gay - e a fala de Pierre quanto ao fato de o racismo ser muito presente entre o público gay que frequentava seu bar, podem ser representativas de questões sociais mais amplas. É interessante pensar, também, como algumas questões que se apresentam em contextos mais gerais e sociais já estão colocados nas experiências particulares e cotidianas dos indivíduos. Assim, o episódio e a fala de Pierre podem ser interessantes para pensar qual mesmo tem sido a postura do movimento LGBT²⁶ frente às outras demandas de outros movimentos sociais. Como tem se dado esse elo de equivalências e essa possibilidade de articulação de interesses? E, será que o movimento LGBT tem estado atento e mostrado uma sensibilidade em relação aos eixos de subordinação que interpelam os homossexuais de um modo geral, as diferentes formas que cada homossexual vive sua posição de subordinação?

²⁶ Quando falo movimento LGBT, tenho consciência da própria heterogeneidade do movimento, das diferentes posições e posturas políticas. No entanto, tais questões se colocam como uma forma de provocação, um estímulo para se fazer pensar.

A fala de Pierre e o episódio ocorrido no Cactus também servem para nos mostrar o quanto, naquele período, o Beco, ainda que não fosse um lugar que tivesse uma identidade GLS marcada, já era um lugar frequentado por um público homossexual, logo, conectado com as questões que, de algum modo, tocavam essas pessoas. Tanto é assim que, tanto Jacques quanto Pierre afirmam que a síndrome do HIV foi um fator que mexeu na rotina do Beco e na forma como as relações se davam ali dentro, assim como contribuiu para a sua primeira fase de “declínio”, quando houve uma diminuição no movimento e alguns bares fecharam. A fala de Pierre é bem ilustrativa desse momento:

“... eu diria que a coisa mudou quando começou a aparecer a AIDS, os relacionamentos, um clima de medo, de ignorância e de medo que cercava a doença no início. Ninguém sabia se era contagioso, se era isso ou aquilo, então se instalou um pânico e, para muitas pessoas, a informação não circulava bem, não era nítida e pessoas que frequentavam tantos lugares, que posso chamar assim, de um modo genérico, de lugar de paquera, deixaram de ir. Tinha o farol da Barra, tinha a Praça Municipal e era a maior facilidade uma pessoa que queria ter um relacionamento sexual com a outra, levaria não mais que meia hora para encontrar um parceiro, não tinha desconfiança, porque também não tinha essa violência, hoje em dia o quadro é totalmente diferente...” (Pierre, informação verbal)

Jacques também afirma:

“Para evocar o fim do período de ouro do Beco, eu tenho uma estória. Um dia, em 1984, estávamos na rua, em frente à porta do “La Bohême”, eu, Pierre, Claude Olivenstein, pioneiro famoso na França de ajuda aos tóxicos, um amigo da gente, cirurgião estético belga e mais dois estrangeiros chegando de Nova York. A conversa era sobre uma doença que se propagava no meio e dava muito medo aos gays dos EUA, a Herpes. De repente, um dos estrangeiros vindo de Nova York começou a falar de uma nova doença que tinha aparecido ultimamente e parecia perigosa, a AIDS/SIDA. Foi a primeira vez que eu tinha ouvido falar da AIDS e, na época, ainda não era considerada como a doença dos homossexuais. A gente não sabia ainda naquele dia, mas a festa ia acabar, uma página ia se virar. Eu não conheci o período depois de 1985, mas imagino que deve ter sido um trauma para toda gente. Da França, depois, eu soube de uns falecimentos de meus antigos fregueses e conhecidos. Meu sócio Pierre, ele mesmo perdeu o companheiro, Aparecido, ele tinha menos de trinta anos,

professor de dança. Isso explica talvez esse buraco negro sobre a história do Beco.” (Jacques, informação verbal)

É interessante que tanto a fala de Pierre, como a de Jacques mostram como a síndrome da AIDS, de algum modo, influenciou a dinâmica e o movimento no Beco. Claro que essa mudança de comportamento e da dinâmica do Beco é representativa de uma mudança muito maior que marcou o estilo de vida e a forma como se davam as relações homossexuais. A síndrome da AIDS, como Pierre coloca muito bem, instaurou um clima de pânico e horror entre os homossexuais, ao mesmo tempo em que foi utilizada para reforçar o estigma ligado as práticas homossexuais. Isso modificou completamente a dinâmica de encontros e buscas afetivo/sexuais entre os homossexuais naquela época. A fala de Veriano Terto Jr. (1996) é esclarecedora nesse sentido:

“O antes da AIDS era o tempo onde tudo era permitido, ou o tempo quando o sexo era desregrado, livre, sem culpas; ‘depois’ passa a prevalecer o medo do contágio, e também o risco da rejeição, de ficar só, caso as negociações sobre o sexo seguro não sejam bem sucedidas ou porque os contatos sexuais já não podem ser tão ‘bons’ quanto ‘antes’. Com o advento da AIDS, o ato sexual deve ser manipulado, o risco considerado e medido e, ao mesmo tempo, excluído, dentro dos novos pressupostos do sexo saudável. Saúde e morte são duas palavras que passam a orientar os prazeres homossexuais” (TERTO, 1996, p.100).

O depoimento de um dos freqüentadores também é muito rico e proporciona uma noção, em termos de experiência vivida, de como se deu essa mudança nas relações e no comportamento:

“Salvador sempre foi um desbunde, Salvador sempre foi a cidade onde se botava o pau para fora para mijar na rua, Salvador é uma cidade muito permissiva, fora toda a hipocrisia das famílias de classe média, porque as famílias tradicionais, também, eram loucas, completamente... em outra esfera, mas a classe média tem essa hipocrisia, tem essa coisa, existia liberdade sexual mais do que nos dias de hoje, as pessoas se encontravam e não tinha AIDS, porque a AIDS chegou aqui na cidade em 82. Eu estava no bar de Aninha Franco, quando, pela primeira vez, alguém leu e o bar todo leu aquela notícia da AIDS que era uma doença de gay, que veio com essa informação e o bar todo parou quando alguém trouxe esse jornal e leu, não era um jornal daqui, era folha de São Paulo, uma coisa dessa, chegou aquela matéria e ali chegou a AIDS. Foi a primeira vez que eu ouvi falar e acredito que as

peessoas que estavam ali também. Existia isso, as pessoas se falavam com pitoque, pitoque homem com homem, mulher com mulher, as pessoas namoravam muito, se beijavam muito naquela época e se transava,. Como não tinha a AIDS, você ia ali no fundo do Beco, lá mesmo matava, rrsrrrs. A preocupação que tinha era com doença venérea, se fazia muita suruba nessa época e a gente tinha uma casinha, a gente tinha um grupo de teatro e a gente alugou uma casinha no Engenho Velho de Brotas e a gente ia nessa casinha, todo mundo com dezenove, dezoito, dezessete anos, tinha um de 30 anos, mas todo mundo muito jovem, e, a gente fazia orgias. A gente ia para lá, tomava vinho, aí ... ah, vamos fazer suruba, aí todo mundo tirava a roupa, e, ia fazer suruba, aí surgia uma e falava - Ah, não quero não, quero só ver; Ah, então fique vendo – aí ficava vendo, tinha uma inocência que hoje falando isso parece que é uma coisa... é difícil, só para quem viveu sabe o que é. Tinha uma inocência em relação à sexualidade, não tinha o peso que eu sinto que tem hoje, tinha uma inocência, estavam se descobrindo. Esse grupo específico, com certeza, mas isso era geral, nas festas você ia, namorava, e ia com um no banheiro, e ia com outra e ia com vários, não tinha... Aí veio um corte, um corte de ter que usar camisinha, aí a gente veio tendo que usar camisinha. Eu não sei como é camisinha para quem nasceu sob a camisinha, eu sei que eu tenho dificuldade com a camisinha até hoje, mas tenho muita dificuldade com a camisinha até hoje. Às vezes brocho na hora de colocar, aí tem que começar tudo de novo, entendeu? Eu tenho uma dificuldade, porque é meio castrador, completamente castrador, o contato é outro, a fluidez é outra, você sente, se você estiver dentro de uma vagina, você não sente a pulsação como é de fato sem a camisinha; se você estiver chupando um pau com camisinha não é a mesma coisa de chupar um pau sem camisinha, entendeu? É diferente, é diferente, mas tem que usar, infelizmente, aí veio a camisinha que é uma coisa terrível, terrível...” (Yulo Cezzar, informação verbal).

A fala de Yulo Cezzar mostra como a síndrome da AIDS/SIDA, de fato, mudou a forma como se davam às relações, como o uso da camisinha, associada ao temor da doença, significou uma disciplinarização do corpo e do sexo (FOUCAULT, 2007). O quanto o uso de camisinha foi para Yulo e, imagino que não só para ele, castrador e limitador da vivência da experiência sexual. Toda essa transformação, na dinâmica das relações homossexuais, acabou por acarretar conseqüências e refletir também no cotidiano do Beco. Embora Pierre trabalhasse com regularidade, mantendo a disciplina, o que fez com que ele conquistasse, inicialmente, uma boa clientela, posteriormente, a síndrome da AIDS, a queda do movimento

no Beco, a presença de um público que não tinha dinheiro para consumir, a inflação, tudo isso fez com que Pierre vendesse o bar.

1.2.2 O Conexão Arco-Íris

Outro bar que contribuiu para que o Beco, ao longo dos anos, fosse construindo uma identidade GLS, foi o Conexão Arco-Íris. O Conexão foi um bar que trouxe uma nova movimentação para o Beco. Retirou o Beco de um período de marasmo e marcou um novo momento de efervescência. Mas, além de atrair a classe artística novamente, o Conexão entrou com uma proposta mais GLS, com o intuito de atrair esse público. Não é à toa que o nome do bar é Conexão Arco-Íris. Então, além de atrair a classe artística, o Conexão atraiu para o Beco um público gay e mudou, de certo modo, o estilo do Beco. Warney²⁷ afirma que, nas sextas e nos sábados, o Beco virava um verdadeiro desfile de modas, as pessoas iam com calças de marca, muita gente bonita, e esses dias eram voltados mais para o público GLS. Mas, não era um lugar específico para o público GLS, havia uma frequência de artistas e intelectuais muito grande e de outras pessoas que frequentavam o Conexão, era um público variado. Mas, também é verdade que o Conexão trouxe, de uma forma mais assumida, essa cara GLS para o Beco.

Warney Júnior, um dos sócios do bar, também afirma que o Conexão não só mexeu com o Beco, como também mexeu com a cena gay de Salvador. O Conexão saiu, duas vezes, em uma revista chamada Sui Generis, uma revista de circulação nacional, voltada para o público GLS, uma vez falando muito bem do bar, de como o bar tinha uma proposta diferenciada e outra vez falando mal, por causa de um episódio que aconteceu no Conexão:

“... a gente tinha um estatutuzinho, porque a gente, independente da sua orientação sexual, o seu comportamento deve ser sempre um comportamento legal e aí tinha um casal se beijando sentado no colo, e aí a gente pediu para sentar cada um em uma cadeira, e a gente foi notícia da revista, entendeu?” (Warney Júnior, informação verbal)

Desse modo, o Conexão já vai dando uma cara GLS ao Beco. Euro Pires dá um depoimento muito interessante nesse sentido:

²⁷ Antigo frequentador e sócio do Conexão Arco-Íris.

“... o bar de Hamilton ajudou muito isso, porque o bar de Hamilton (O Conexão) era um bar subitamente gay, era um bar cor de rosa, tinha toda uma conotação, entendeu? Então, os caras que namoravam iam para lá, para se encontrar lá, para ficar lá, como muitos lá, entendeu? Tinha essa conotação, mas, eu prefiro Hamilton, adoro Hamilton. Assim, eu ia para lá, mas meus amigos não queriam ir, ficavam no de cá da frente. Eu ia por Hamilton, porque, inclusive era meu conterrâneo, aí eu disse: pô! Aí, a irmã dele que era uma pessoa maravilhosa, que era sócia do bar também, eles tinham comida bacana, coisas legais, e eu ia muito para conversar com ele, ficava na porta para ficar conversando com ele, e, tinha algumas pessoas de teatro, também, que iam para lá, e a gente ficava com ele, mas, a grande maioria não gostava de ficar lá, por causa dessa coisa aí, inclusive surgiu uma brincadeira que era uma brincadeira dos meninos de teatro na época **‘já vai para lá porque assumiu hein, já vai lá para o fundo’**, tinha essas coisas, brincadeiras desse tipo. ‘Você vai para lá para o fundo? Você vai para o Beco, né?! Vai para lá para ser assumido’. Tinha um pouco essa brincadeira. Então, os machões ficavam cá na frente, entendeu? Ainda continuavam frequentando, mas ficavam cá na frente, mas, até isso, com o tempo, porque assim, se você procurar um lugar que seus amigos não vão, você acaba não indo. Mas, também, aí você termina deixando de lado isso, você se solta de lá, passei a frequentar aqui o café do Teatro Castro Alves, com a galera do balé que está por aqui o tempo todo...”(Euro Pires, informação verbal).

A fala de Euro Pires sobre as brincadeiras que começam a existir em relação ao Beco, mostra que, inicialmente, parece que existia uma divisão entre o fundo do Beco e a frente. Essa divisão foi marcada pela abertura do Conexão no fundo do Beco. Então, algumas pessoas diziam, ‘ah, você vai lá para o fundo do Beco, vai se assumir’. Isso mostra a forte ligação entre o Conexão e uma identidade GLS, que vinha começando a se configurar no espaço. O Conexão foi, nesse sentido, um ponto importante na gradativa transformação do Beco em um lugar de sociabilidade GLS. É interessante, também, o depoimento de Warney Júnior sobre a ligação de sua experiência subjetiva, suas sensações e a transformação do lugar:

“Porque eu acho que o Beco é dos artistas, independente da orientação sexual do artista e eu acredito que a gente teve essa responsabilidade, mas ele virou muito mais GLS do que... Ele ficou muito mais na orientação sexual do que no... Essa é minha opinião. Eu particularmente, quando eu fechei o bar, algumas coisas mexeram com a minha cabeça, é mesmo que eu

falava assim, que a gente acabava se agrupando com as pessoas não pelo padrão cultural, não pelo padrão social, mas, se agrupando apenas por uma orientação sexual. O que não é ruim, mas também, mas a gente... era bom. Quando eu falo em padrão social e cultural não é a questão do nome, é questão de falar uma mesma linguagem, de gostar de arte, de gostar da mesma coisa, de poder compartilhar outras coisas que não só a orientação sexual.”. (Warney Júnior, informação verbal)

Mais adiante ele continua:

*“E aí, durante a semana, sexta e sábado que tinha mais o público GLS, que as outras pessoas já não iam mais, mas, mesmo assim, o que me chocou não foi (pausa) não é que me chocou, que eu não era criança e não sou criança, mas assim, o que eu passei a ter uma visão, foi o que eu te falei, quando que... que... Meu ciclo de amizades passou a ser muitas das pessoas que estavam no Beco dentro do bar. Um ano e meio, quase dois anos, eu ia quase todos os dias e aí quando... O choque foi muito mais em relação a mim. **Quando eu me vi que estava próximo das pessoas não em função... em função da orientação sexual, entendeu? Que eu estava dentro de um gueto mesmo** (grifo nosso). Eu estava me fechando naquele... Então aquilo começou a me incomodar. E me incomodavam, também, pessoas que eu tinha (pausa), que eu acreditava que eram casamentos duradouros, que você via dois homens juntos que poxa, que legal, tão aí e aí você via que aquilo tudo era uma cena, e aí você via que todo mundo era igual a todo mundo e que num... Pode ser homossexual, hetero... e aquilo ia e voltava meia hora depois, uma hora depois, para pegar depois o menininho que estava na mesa e que foi com a cara dele, entendeu? Então essas coisas assim, eu, na verdade, eu questioneei muito mais a minha vida, não é que eu fiquei chocado com esse tipo de coisa como se não tivesse visto nunca. Agora, o comportamento assim de agarramento nunca ultrapassou demais. Eu trabalhei no Café Cancun²⁸ durante algum tempo e vi coisas piores no Café Cancun do que vi dentro do Beco, isso com certeza” (Warney Júnior, informação verbal).*

A fala de Warney Júnior mostra como, com o decorrer do processo, quando ele fecha o bar, o Beco já estava com essa característica mais marcadamente voltada para o público GLS. Como as pessoas se encontravam ali porque tinham uma orientação sexual em comum e como isso se tornou, de algum modo, o elo entre as pessoas que freqüentavam aquele lugar. A

²⁸ O Café Cancun é uma boate heterossexual que tem em Salvador.

orientação sexual, nesse momento, passa a ser um ponto definidor das relações. A verdade última dos sujeitos, como afirma Foucault (2007), se constitui como um marcador ao ponto de ser, por si só, um motivo para fazer com que duas pessoas se relacionem, uma verdade compartilhada entre aqueles sujeitos. Nesse momento, o Beco já vai ganhando um tom de gueto, marcado pela sexualidade. É interessante perceber, também, o incômodo de Warney Júnior com o desenrolar dos acontecimentos e com o sentido que o lugar toma. É como se ele tivesse sido jogado nisso pelo movimento das pessoas e do lugar e, em um momento, ele para e se dá conta do quanto as relações se tornavam restritas quando guiadas e determinadas apenas pela orientação sexual de um indivíduo.

Ao mesmo tempo, na sua fala, ele dá a entender que não foi uma coisa pensada, mas que isso aconteceu quase como uma imposição de algo, de um sentido que é maior do que aqueles indivíduos e, inclusive, do que ele mesmo. É como se as coisas tivessem caminhado para isso, como se fosse o movimento natural das coisas, como se a orientação sexual fosse um marcador tão forte que levasse quase necessariamente a um isolamento entre pares. E esse movimento, é importante frisar, não veio de uma vontade individual, ou particular, mas foi consequência mesmo de como a sexualidade é manejada em nossa sociedade. Esse isolamento, que aos poucos foi tomando conta do Beco e que é representado pela experiência subjetiva de Warney é uma consequência de uma lógica social (BUTLER, 2008) e não fruto de uma vontade individual.

Atrelado ao incômodo relacionado ao fato da orientação sexual ser um fator preponderante para as relações que se estabeleciam ali no Beco, Warney também mostra certo incômodo em relação a alguns comportamentos, dentre eles a traição. A fala de Warney descreve situações, nas quais parece existir certa facilidade em trair, certo desprendimento em relação à fidelidade enquanto valor. Essa facilidade em trair, colocada pela fala de Warney, é, a meu ver, consequência da própria condição de marginalidade do homossexual, da possibilidade que lhes é negada de construir arranjos estáveis de relações, na medida em que é negada legitimidade social a tais relações. Mais adiante, na fala de Warney, o que se vê é um profundo questionamento da identidade homossexual.

*“A promiscuidade existe em qualquer lugar, mas, assim, quando você se fecha **naquilo, num lugar que você acha que você tem que fazer aquilo porque está no gueto, aí a promiscuidade aumenta. Quando você se... é o que estou falando para você, quando você está próximo das pessoas apenas por uma orientação sexual** (grifo nosso). Você vai para um show de pagode porque você gosta do pagode, você vai para o futebol porque você gosta*

do futebol, você vai para o mercado do peixe porque você gosta daquela comida que você vê no mercado do peixe, você vai para um lugar de música eletrônica porque você gosta de música eletrônica, mas você ir para um lugar gay só porque você é gay, entendeu a questão? É como você assistir ao show de uma pessoa que você não gosta, mas, só porque é um lugar que todas as pessoas que são gays vão, você vai. Mas, então, você juntava ali no bar não só quem gostava do queijo, só quem gostava da música, ou nem quem saiu do teatro ou se juntava no Beco. Você juntava porque era gay na sexta e no sábado. Então, isso foi, isso que me levou a um questionamento da condição gay, entendeu? E falar que, poxa, não é isso só. Não é isso, você não se aproxima das pessoas apenas pela orientação sexual, você não se junta com as pessoas, se junta com as pessoas por vários outros motivos. Então, tudo isso foi que deu, assim, uma mexida e também, na época, eu estava com o quê? Trinta e um anos, trinta e dois, época também de reflexões, de mudanças.”(Warney Júnior, informação verbal).

Diante dessa fala, tais questões emergem quase que instantaneamente: a condição de gay, a orientação sexual de alguém é mesmo suficiente para definir um indivíduo? Será que ela deveria mesmo ser um marcador? Não há coisas mais relevantes, como as afinidades em termos de gostos para fazer com que duas pessoas se relacionem? Será que o homossexual deveria trazer essa marca e será que essa marca deveria ser o elo de ligação entre as pessoas que a compartilham? Será que o homossexual tem que ser pensado como um ser a parte e com uma essência própria (Foucault, 2007)?

Além disso, essa fala mostra como o questionamento de Warney em relação a sua própria vida, a como suas relações estavam caminhando, ao fato dele perceber que seu ciclo de amizades estava ficando reduzido a pessoas que eram homossexuais, está, também, atrelada a um questionamento do lugar, a um questionamento do que o Beco vinha se tornando. A experiência de Warney é contígua à transformação do lugar, que passava, cada vez mais, a ser marcado por uma identidade. O questionamento da condição de gay é, também, um questionamento ao rumo que o lugar vinha tomando. E o questionamento, parece que se dá, principalmente, pela capacidade restritiva e limitadora do que ele chama de condição gay. Sua fala é um questionamento à própria condição gay e ao que essa condição significa em termos de relações Beco à dentro. Fica claro, pela experiência subjetiva de Warney, pelas suas sensações, como o Beco começa a se delinear como um espaço de sociabilidade GLS e como o Conexão teve um papel importante nesse processo.

1.2.3 O Camarim

O Camarim foi fundamental para a formação de um sentido de lugar ligado a práticas homossexuais que já vinha se delineando no Beco. Posso afirmar que as modificações no espaço - e naquele espaço particularmente - guardam uma relação com a subjetividade das pessoas. Augusto coloca o nome do seu bar, Camarim, pois o nome camarim, além de ter uma ligação com o ambiente artístico, também, significa o lugar aonde as pessoas podem *se sentir à vontade para serem elas mesmas, onde os artistas ficam à vontade antes de entrar no palco e encenar uma personagem*. Esse desejo de se sentir à vontade é um sentimento que permeia a relação de Augusto com sua própria homossexualidade. Augusto era publicitário e o que o fez largar sua carreira de publicitário para se tornar comerciante foi a possibilidade de poder assumir sua orientação sexual, de encontrar um lugar, como o próprio nome que ele coloca no bar sugere, onde ele pudesse se sentir à vontade para ser ele mesmo. “O amor que não ousa dizer seu nome” (Oscar Wilde), ali seria um espaço onde esse amor poderia ousar dizer seu nome. A fala de Augusto é bem interessante, nesse sentido:

E - Se incomodaria de falar tua orientação sexual?

A - Eu sou casado com outro cara, já fui para a televisão falar disso, não tenho nenhum problema com isso, o principal motivo que me levou a ser comerciante e largar a carreira de publicitário, o principal motivo que me levou a querer ter um negócio próprio era poder me libertar do medo de ser homossexual (grifo nosso) e, profissionalmente, ter minha carreira prejudicada pela minha opção. Então, esse medo já não faz mais parte da minha vida, eu me declaro homossexual em qualquer ambiente, para qualquer pessoa que perguntar, não tenho nenhum problema com isso.

E - Acha que sua orientação sexual influenciou na tua decisão de comprar um bar no Beco dos Artistas?

A - Acho que sim, o fato de você poder estar com o bar montado, junto com sócio que veio comigo, que era meu relacionamento, nós ficamos juntos aí oito anos, então, o fato de estar num lugar, onde esse relacionamento não precisasse ser um segredo era uma coisa gratificante, uma coisa legal, porque seria chato eu trabalhar com ele e ter que ficar disfarçando, fingindo que a gente não era casado.

Pode-se fazer uma analogia e pensar que o nome Camarim, enquanto significando um espaço que permitiria as pessoas serem elas mesmas e se sentirem à vontade, não se referia somente à classe artística, mas, também, talvez, nessa circunstância particular, principalmente ao desejo homossexual. Mais tarde, Augusto vai colocar uma bandeira do movimento gay na porta do seu bar, como se essa afirmação fosse o ápice da sua possibilidade de libertação, de libertação desse medo que marca a sua condição de homossexual. Esse vai ser um momento representativo da mudança do espaço, da transformação do Beco em um espaço GLS. Mais do que uma atitude em relação ao seu Bar, levantar a bandeira pode ter sido, muito mais, uma relação com sua própria subjetividade e com sua história.

“Olha, quando a gente abriu o bar lá, o Beco tinha essa fama de ser um lugar que agrupava pessoas ditas alternativas, no sentido de uma liberalidade, de não ter preconceitos, de respeitar uns aos outros como eram, independente de serem gays, ou usuários de drogas, ou livre pensadores, ou pessoas de esquerda, vários tipos de pessoas e nós percebemos que, em Salvador, as pessoas tinham muito medo de rotularem seus bares como bares com uma tendência declarada GLS. Então, a gente resolveu praticamente estabelecer uma vanguarda na época e colocamos uma bandeirinha do movimento gay lá, dependurada na frente do bar para identificar que nosso bar era voltado realmente para esse público (grifo nosso). Isso trouxe muito crédito com as pessoas, se sentiram prestigiadas e nosso bar sempre conseguiu um público muito bom em relação aos outros, sabe?” (Augusto, informação verbal)

Augusto decide, então, assumir esse rótulo. A bandeira do movimento gay passa a ser um símbolo daquele lugar. O sentido do lugar ligado à classe artística começa a se esvanecer, enquanto o sentido ligado à homossexualidade se fortalece. É preciso compreender que, na história do Beco, esses dois sentidos sempre estiveram muito próximos. A arte e a homossexualidade foram duas coisas que coexistiram no Beco desde suas origens. Fico pensando na relação que existe entre essas duas realidades. A arte, como um instrumento de libertação para quem precisa ser libertado, ou para quem é colocado em uma posição em que se é necessário esconder e reprimir aquilo que talvez seja o mais constitutivo do ser humano – o desejo. A arte como uma licença poética aos códigos morais e à ordem social de uma forma mais geral; a arte como o lugar onde é possível ser diferente, sair das normas para repensá-las, onde é possível deixar a subjetividade, falar com toda sua vivacidade; a arte como o lugar onde o desejo pode se colocar em sua forma mais fiel. Ao mesmo tempo, o desejo

homossexual, como um desejo que embaralha as normas de gênero, normas que são constitutivas da condição humana, embaralha os códigos morais, e encontra, na arte, uma possibilidade de expressão, se não uma possibilidade de expressão, ao menos, uma afinidade em termos de posições.

Mas, retornando, o que significa mesmo rotular? Rotular significa imprimir uma marca²⁹. Quando Augusto levanta a bandeira do movimento gay, ele cria, com isso, uma identificação para o lugar. De um lugar livre de rótulos em relação à sexualidade, o Beco vai se delineando como um lugar, eminentemente gay voltado especificamente para o público gay. Augusto acaba por cristalizar, em um rótulo, experiências que já existiam e eram vividas no Beco, claro que em outro grau e intensidade, desde suas origens. Ele imprime uma marca ao lugar e contribui na construção de uma identidade relacionada ao espaço. O Beco passa, então, a compor os guias turísticos de lugares gays em Salvador. Foi nesse contexto de significação que iniciei meu trabalho de campo.

²⁹ França (2004) diz: “‘Rótulo’, neste contexto, é um termo êmico que indica de maneira ampla um processo de classificação identitária em que se interpela determinados indivíduos de modo a produzir o seu reconhecimento como sujeitos a partir de um determinado esquema classificatório” (FRANÇA, 2007, p.249).

2. O BECO HOJE (PERÍODO DE CAMPO)

No período de campo que se estendeu, pude entender um pouco o que é o Beco e como é o Beco hoje, a dinâmica do lugar, o modo como as pessoas se relacionam com o lugar e o modo como as pessoas se relacionam entre si, dentro do lugar. Para isso, minha presença corporal em campo foi de fundamental importância, meu corpo foi usado como um lócus de compreensão. Lembro-me da primeira vez que fui a campo, como senti certo nervosismo, uma sensação de imprevisibilidade, sem saber ao certo o que ia acontecer comigo no desenrolar da minha presença no Beco. Com o passar dos meses e dos dias, a sensação de nervosismo foi diminuindo, mas, ainda assim, eu sempre sentia certo frio na barriga antes de entrar no Beco, uma sensação de deslocamento e de imprevisibilidade que estava ligada à exposição do meu próprio corpo em campo. Um trecho do diário de campo é bem ilustrativo nesse sentido:

Entre meio deslocada, essa é sempre a sensação que sinto quando entro no Beco, sensação de deslocamento. A sensação de imprevisibilidade, de não saber o que eu vou encontrar pela frente. Parece que você, o teu corpo, é no fim das contas, o objeto da experiência, não as pessoas que estão ali, não o espaço, mas teu próprio corpo. Teu corpo sendo usado como tela, onde os riscos de tinta do lugar e das pessoas que ali estão são projetados; riscam teu corpo e ali se forma uma imagem, meio confusa e nublada, único resquício do lugar e das pessoas, única forma de conseguir chegar a certo entendimento do lugar. Só através de si mesmo, do teu próprio corpo, o lugar e as pessoas podem ser interpretadas e compreendidas. Eu era, então, ali, esse palco de imprevisibilidade, esse corpo que é riscado, que é vulnerável, que pode ser mexido, essa subjetividade que pode ser questionada, colocada em cheque. Eu estava ali exposta para as pessoas e só através dessa exposição corporal, dessa presença corpórea, que eu podia, através da percepção, chegar a um entendimento do lugar. (Diário de campo, 20/11/2009).

Csordas (2008) fala da corporeidade como um paradigma ou orientação metodológica, colocando o corpo como fonte de compreensão de uma dada cultura. “O corpo não seria aqui apenas um objeto de reflexão, mas um sujeito que é necessário para ser” (CSORDAS, 2008, p. 367). O conceito de corporeidade tem como pressuposto que “a experiência corporificada é o ponto de partida para analisar a participação humana em um mundo cultural” (CSORDAS, 2008, p. 368). É exatamente assim que percebo minha experiência no Beco; a inserção etnográfica foi, para mim, um fazer-se presente através do corpo. As sensações, o cheiro, a percepção visual, a percepção auditiva foram o que me proporcionou um entendimento do

lugar. O raciocínio abstrato foi algo que veio depois e só foi possível como consequência da experiência perceptiva, desse imbricar-se entre meu corpo e o Beco.

O Beco se caracteriza hoje por ser um espaço de convivência entre pessoas que se sentem atraídas por pessoas do mesmo sexo; um espaço onde essas pessoas podem ir e expressar os seus desejos. Naquele espaço, as práticas e comportamentos homossexuais ganham certa legitimidade e não sofrem a mesma repressão da qual geralmente são alvo do Beco para fora. Se dentro do espaço essas práticas são permitidas e legitimadas, ao mesmo tempo, essa mesma legitimidade, interior ao espaço, faz com que esse espaço, na relação com a sociedade mais ampla, seja alvo de grande estigmatização. Assim, na medida em que o Beco dos Artistas vai-se transformando em um beco GLS e, quando esse sentido ligado às práticas homossexuais ganha mais substância, o Beco deixa de ser visto como um lugar bom (O Beco dos Artistas), onde todos freqüentavam e se divertiam, para ser visto como um lugar ruim e deteriorado. A afirmação de uma identidade GLS atrelada a outros fatores vem junto com a estigmatização do Beco e com a formação do que Wacquant (2004) chama de uma identidade maculada.

A Avenida Cerqueira Lima possui certa invisibilidade, assim, as pessoas que passam pela avenida principal, nem sempre, se dão conta de que ali é um espaço de sociabilidade GLS, ou, um espaço comercial com bares. A entrada do Beco é abarrotada de lixo. Existem três contêineres, mas, ainda assim, não é suficiente para acolher o lixo proveniente da casa dos moradores do fundo do Beco, dos bares e da Pizzaria e do Restaurante Ricota que se localizam na esquina do lado direito do Beco. O lixo transborda os contêineres e se espalha pelo chão. Esse lixo se mistura com as pessoas que ficam encostadas na parede do Beco se beijando. As pessoas fazem das paredes e do poste, que ficam próximos ao lixo, de mictório e a rua fica, por isso, empoçada de urina. A urina se mistura com o lixo, que se misturam com as pessoas, todos ocupando o mesmo espaço. Por um momento, lixo, urina e pessoas parecem uma só e única coisa.

A sujeira na entrada do Beco, o lixo e as pessoas circulando no lixo e através do lixo me trazem uma reflexão que segue dois caminhos. O primeiro caminho é associar, de imediato, aquele cenário a depoimentos que já ouvi sobre o Beco, qualificando-o como um lugar sujo, mas, não no sentido literal, sujo no sentido de ser amoral ou impuro, um reduto de promiscuidade. Ao mesmo tempo em que surge essa associação, também, emerge outra associação referente a uma reflexão que Roberto DaMatta faz ao discutir liminaridade (DAMATTA, 2000).

Para DaMatta (2000), a sujeira é aquilo que está fora de lugar ou de ordem – grãos de areia na praia não é sujeira, mas, grãos de areia na sala de uma casa é sujeira. Se pensarmos que o sexo é, na nossa sociedade, algo de cunho extremamente privado e íntimo, cuja percepção se dá quase no nível do secreto, daquilo que não deve ser exposto - “As relações íntimas de pessoas privadas constituem, em aparência, o âmbito mesmo da sexualidade, o que permite que o sexo em público se apresente como algo que está fora de lugar (tradução nossa)” (BERLANTE; WARNER, 2002). Então, o Beco, enquanto espaço que publiciza além de comportamentos com certo teor sexual, relações entre pessoas do mesmo sexo e, tendo em vista que tais comportamentos e relações acontecem na rua, num espaço público, ou seja, fora de lugar, fora de ordem, então, o Beco se torna, na nossa sociedade, um espaço “sujo” por excelência.

Assim, a sujeira física referente ao lixo que se encontra na porta do Beco ganha um sentido de simultaneidade com a visão que não só as pessoas de fora, mas algumas pessoas de dentro sustentam do Beco, como sendo um espaço sujo e promíscuo. Essa impressão que as pessoas guardam sobre o Beco retifica o caráter negativo que, muitas vezes, lhe é atribuído.

Do lado do lixo fica uma senhora, cujo apelido é Gordinha, que fica assando e vendendo churrasquinho bem próximo ao lixo. A fumaça da carne sendo assada se mistura com o cheiro de urina e lixo. Isso dá à entrada do Beco um odor que lhe é muito peculiar. O Beco é, de um modo geral, mal iluminado, o que gera um clima sombrio, com o aspecto de um lugar underground. O fato dos bares se localizarem mais para o meio do Beco, faz com que esse espaço tenha uma melhor iluminação, enquanto as extremidades são mal iluminadas. Isso atrai muitos casais homossexuais para as extremidades do Beco; é no início e fim do Beco que os casais, tanto de homens quanto de mulheres, se namoram mais calorosamente.

O chão do Beco é coberto de asfalto, mas, o asfalto já está bem deteriorado. As paredes do Beco também já estão deterioradas e sujas. Mas, entre essa sujeira existem, nas paredes, alguns desenhos que parecem ser uma marca do lugar e, ao mesmo tempo, marcam o lugar. Um dos desenhos são dois rapazes se beijando e um coração saindo entre eles. Esse desenho, essa marca que imprimiram no lugar tem toda relação com o tipo de público do Beco hoje, com o sentido que hoje esse lugar guarda. Os outros desenhos são fractais, espécies de redemoinhos que, desde a primeira vez em que estive em campo, me chamaram a atenção. Do mesmo modo que o outro desenho citado tem uma relação com as experiências que o Beco acolhe hoje, pensei que esses fractais também pudessem guardar uma relação com as subjetividades ali presentes. Um trecho do diário de campo clareia essa sensação:

Olhei aquelas paredes todas rabiscadas, com alguns desenhos que me parecem desenhos abstratos, uma série de redemoinhos. Fiquei pensando se aqueles desenhos não teriam uma simbologia, eles parecem fractais. Talvez fossem representativos de identidades fragmentadas, sem um início e sem um fim, identidades indefinidas, sem um sentido fixo, identidades que podem se camuflar. Ser e não ser a depender das circunstâncias. Além do mais, achei que aqueles fractais poderiam ter sido pintados por alguém que se identifica como homossexual. Os fractais seriam representativos de uma identidade ainda mal definida e manejada pelo mundo social, representativos de sensações, sentimentos e desejos, ainda tão mal compreendidos, relegados ao mundo ininteligível do simbólico, ao submundo do ilegítimo e que, são, ao mesmo tempo, obrigados a se apresentar ao mundo social como uma identidade fixa e definida no próprio conceito, mal compreendido, de homossexualidade.

Talvez fossem fractais que representassem a sensação que a homossexualidade traz por ser de alguma forma marginal, logo por estar se não fora, mas num lugar social muito menos privilegiado do que a heterossexualidade. Ou, talvez, fosse representativo de um lugar, o Beco, que traz em si a característica de ser um lugar transgressor e, por isso, um lugar onde as pessoas podem viver outras identidades e subir no palco e, ao fazê-lo, assumir a personagem que lhe convém, em um espaço onde a liberdade para expressão dessas múltiplas identidades é realmente um fato.

Os fractais desenhados naquela parede podem ser representativos das múltiplas sensações que permeiam o interior de cada um daqueles indivíduos que ali estão e que, sabendo desse significado marginal que o Beco dos Artistas possui, se identificam, também, com esse significado. É como se o espaço se tornasse a objetivação de um mundo subjetivo conturbado que está em cada uma daquelas pessoas que frequentam o Beco. Não que não estejam nas outras pessoas do Beco para fora, pois acredito que sim estão, mas as pessoas que se permitem entrar naquele espaço, se permitem também viver essa confusão interior, esse mundo sem fronteiras, esse redemoinho indefinido como os fractais daquela parede que estão em cada um de nós. (Diário de campo, 27/08/2008)

Quando escrevi esse relato, pensei que talvez pudesse ter exagerado um pouco. Não sabia a origem daqueles desenhos, por quem tinham sido feitos, poderiam ter sido feitos por qualquer um, inclusive, por alguém que não tivesse nenhuma relação com o lugar, ou que nem sequer fosse homossexual. Alguém que passou ali, um dia à tarde, e pintou aqueles fractais. Mas, já no período final da pesquisa, na etapa de entrevista, quando fui entrevistar uma moradora do fundo do Beco³⁰, ela disse o seguinte –

“Quando Eduardo botou esse bar, um ano depois que ele já estava com o bar lá em cima, a mãe dele saiu daqui e foi morar no Barbalho, ele pegou e alugou para uma menina chamada Daniela, a que pintou a entrada. Você já viu as pinturas ali na entrada? Já viu o nome dela,

³⁰ Falo sobre a relação dos moradores com o espaço em um pequeno texto que compõe o Anexo A.

Daniela? Todas as pinturas ela bota, tinha um painel enorme ali na frente, não sei se tem ainda, e tinha o nome dela embaixo, Daniela. Esta menina veio morar aí, Eduardo alugou um dos quartos aí para ela, dividiu esse rebaixado aí com ela, pois, tinha três quartos, alugou para ela o quarto de cima. Pois ela não trouxe uma amiga, uma lésbica que era amiga dela que ficou defronte da minha casa, aí eu disse - o quê? Aí eu vi um dia, ela entrando, se agarrando. No outro dia, eu cheguei lá, bati na porta e disse: Eduardo, você alugou aí para essa moça, a Daniela, mas, você avisa a ela que, daqui para baixo é outra história, não é como dali do portão para cima, ela tem o caso dela com quem quer que seja e a gente não tem nada com isso, agora que ela faça as coisas dela em quatro paredes, na frente da porta, aqui nesse pedaço, ela não vai fazer, porque, se ela começar, nós vamos expulsar ela e você também. Com medo, porque a gente tomou essa posição, eu e os vizinhos vimos, quer dizer, se a gente não tomasse essa posição, eles iam fazer daqui uma palhaçada, porque a gente botou o portão aqui para se preservar e ele vem morar aí, alugou para ela, e ela trouxe a amiga dela, e estava um dia se agarrando, se beijando aqui na porta. Faça suas coisas, mas, faça suas coisas para dentro, que ninguém tem nada a ver com isso. Vocês são de maiores, é problema de vocês, em público, aqui dentro, vocês não fazem, que aqui dentro vocês não vão mascarar como vocês fazem lá em cima. Lá em cima, ninguém é de ninguém, um pode, outro pode e ninguém quer se meter, mas aqui a gente pode. As coisas aqui são diferentes. Aí elas ficaram com medo, eu mesma tomei a frente, entendeu? Então, são essas coisas todas, se a gente não tomar posição, se a gente não estiver ativa, aí vão passar a perna. Daniela deixou de falar comigo. Um dia, chegou lá no bar de Estela, eu estava até nesse dia almoçando lá, ela chegou com essa tal amante dela, acabou, estava fumando lá no horário do almoço. Estela não permite, Estela levantou e mandou ela apagar o cigarro, ela se aborreceu e não foi mais lá em Estela, não entrou mais lá para almoçar. Estela disse: eu não me incomodo de perder cliente, o que eu não quero é cliente inconveniente que prejudique os meus clientes certos. Depois, ela também deixou de falar comigo, viu que eu era amiga de Estela, aí ficou morando aí sem falar comigo. Eu não perdi nada, depois ela brigou com Eduardo. Eu sabia mesmo que a amizade era passageira, não era amizade duradoura, e ela foi embora daí. Essa tal Daniela tinha o nome dela lá, nos desenhos que ela fez, nos desenhos psicodélicos. Ela é artista plástica, ela era estudante da escola de Belas Artes, ela estava estudando, tanto que ela pintou a casa de Eduardo toda, a sala, o rol, cada parede de quarto que ela via ela fazia um desenho. Quando ela saiu daí estava tudo macacado, quer dizer, os desenhos dela até que não eram feios, realmente não eram feios, ela tinha jeito e eu até gostei do traço dela, mas

não entendo, né, não entendo, mas, como admiradora leiga, as coisas não agrediam, agora o comportamento dela...” (Informação Verbal)

Achei curioso descobrir que a pessoa que pintou os fractais na parede do Beco teve uma relação de proximidade com o espaço, ao mesmo tempo em que se identificava como homossexual e, por isso, viveu todas as vicissitudes de quem possui uma identidade sexual marginalizada. Isso, de alguma forma, torna minha observação menos fantasiosa e dotada de alguma relação com a realidade, ainda que, quando eu escrevi, não tivesse uma consciência direta dessa relação. Isso mostra também, o quanto o lugar é impregnado pela subjetividade de quem o vive; como o lugar acolhe um sentido. Se antes esse sentido estava ligado à classe artística, hoje esse sentido está ligado a vivências de sexualidades marginalizadas.

O Beco guarda um sentido de sensualidade em todos os cantos, as músicas, os cliques que passam na televisão, o jeito das pessoas usarem o corpo, a sexualidade aflorada, as gravuras coladas na parede. Tudo parece um culto a beleza e, ao mesmo tempo, um estímulo sensitivo a sexualidade. As pessoas se olham e elaboram estratégias de aproximação, parece que existe um flerte que é natural do próprio espaço, da atmosfera criada pelo lugar. (Diário de campo, 23/08/2008)

2.1 OS BARES

No período que iniciei o trabalho de campo em 23/08/2008 até 18/03/2009, o Beco possuía quatro bares, eram eles: Camarim, Bar Cultural, Green Bar e Bar de Eduardo. No decorrer do trabalho de campo, o Camarim fechou. Isso gerou uma série de transformações no Beco, das quais tratarei mais adiante. No momento, entretanto, pretendo tratar apenas da existência dos bares no período em que ainda existia o Camarim. Mesmo sabendo que o Camarim já fechou, colocarei o texto no presente para caracterizar aquele momento etnográfico específico – o presente etnográfico.

Os quatro bares que existem no Beco - Camarim, Bar Cultural, Green Bar e Bar de Eduardo - possuem características diferentes. Essas características estão ligadas ao perfil dos donos dos bares. Existe uma competitividade entre os bares que torna a convivência entre os donos difícil. Essa dificuldade, por sua vez, inviabiliza qualquer atitude ou empreendimento em conjunto que poderia melhorar a condição do Beco; gera uma desunião e individualidade que acaba por prejudicar a totalidade do espaço/Beco. Esses donos de bares, com exceção de Augusto, não são empreendedores e, além de não serem empreendedores, abriram os seus

bares sem ter uma proposta para o lugar, sem ter um projeto. Esse descompromisso com o lugar por parte dos donos dos bares foi um dos fatores que contribuíram para a mudança de perfil do Beco, que hoje é marcado pelo descuido.

O Camarim é o maior bar que existe no Beco, ocupa todo o lado esquerdo da rua e corresponde à extensão dos outros três bares que se localizam do lado direito. É também o bar que atrai o maior número de público e, ao mesmo tempo, o público com maior poder de consumo. Isso faz com que exista uma espécie de comensalismo entre os bares, na medida em que os outros bares se beneficiam da clientela e do público que o Camarim atrai. O Camarim é dividido em três partes, cada parte com características próprias. A primeira parte, para quem entra, é cheia de mesas e cadeiras, as pessoas utilizavam aquele espaço mais para conversar e se reunir. A parede dessa parte do bar é cheia de fotos de celebridades, como James Dean e Marilyn Monroe.

A segunda parte do bar é a menor das partes, mas é também a parte mais aconchegante, não tem muita luz e é o ambiente mais adequado para namorar, com mesas de madeira e um telão passando clipes de música. Essa parte do Bar, também, tem cartazes de filmes colados na parede, como Perdas e Danos, Dom Juan, O Corpo em evidência. Nesses cartazes leem-se frases interessantes como: “Os amantes nunca sabem quando parar...” “Nada pode ser obsceno em um amor assim”; “A melhor parte do amor é perder o senso de realidade”. Todos esses cartazes criam uma atmosfera de sensualidade muito peculiar ao ambiente.

A terceira parte do bar é onde acontecem os shows e onde estão as mesas de sinuca. Toda quarta-feira, a partir das 21:30h, acontece o show de uma Drag Queen chamada Gina D’Mascar e, na quinta-feira, o show de Gogo-boys. Os shows são pagos, e não é permitida a entrada de menores de idade. Nesse espaço, também, funciona uma boate. Esse é o compartimento mais escuro do bar e mais propício a uma busca afetivo-sexual.

Outro bar que existe no Beco é o Bar Cultural, localizado do lado direito, onde geralmente há música ao vivo, música romântica ou MPB. É um lugar mais tranquilo, onde as pessoas vão para conversar ou namorar. O Bar Cultural é um bar frequentado por todo tipo de gente, de todas as idades, cor e sexo, desde meninos de 17, 18 anos até pessoas mais velhas, de 60 anos, por exemplo. No Bar Cultural toca muito Axé Music e música romântica, como as de Alcione e Ana Carolina. Dia de sábado é o dia mais movimentado do bar e os dias menos movimentados são terça-feira e domingo.

O Bar Cultural é o segundo maior depois do Camarim, é também o segundo bar mais frequentado. O perfil do Bar Cultural é bem semelhante ao do Camarim, só que o Bar Cultural

é um bar mais simples, sem tantos recursos. Tem uma televisão e uma mesa de sinuca, mas nada que se compare com o telão e com as duas mesas de sinuca, maiores e mais bem equipadas, que existem no Camarim. É um bar que está em uma posição intermediária dentro do Beco. Se, por um lado, não alcança a variedade de possibilidades que o Camarim possui, oferece um nível de conforto e possibilidades de diversão maior que o Bar de Eduardo, por exemplo. O Bar Cultural fica em frente à entrada do Camarim e entre o Bar de Eduardo e o Green Bar.

O Green Bar é um bar bem peculiar e tem características distintas dos três outros bares do Beco. Os donos do Green Bar são Estela e José, são os únicos donos de bares no Beco que são heterossexuais. Eles são um casal. José é português e conheceu Estela, que é brasileira, em Portugal. Vieram morar no Brasil e, quase que por uma eventualidade, compraram o bar ali no Beco. Estela tinha um dinheiro e queria investir. Ao olhar nos classificados viu que um bar estava à venda no Campo Grande³¹. Quando foi procurar o bar acabou descobrindo que o bar não ficava no Campo Grande mas, sim, na Avenida Cerqueira Lima, atual Beco dos Artistas.

A - O que te fez escolher o Beco dos Artistas para comprar um bar?

E – Bom, o Beco dos Artistas eu não escolhi por opção, nem por gostar, foi por necessidade. Eu morava em Portugal, aí vim morar em Salvador porque minha mãe teve um problema de saúde. Chegando aqui vim com tanto de dinheiro, eu e meu marido, aí ficamos de março, procurando, procurando e a gente não achava nada. Tudo que sai e não entra a tendência é acabar o dinheiro, não é? A gente já estava num ponto assim muito crítico, aí um dia a gente viu, no jornal, “vende-se um bar no Campo Grande” e eu moro no Campo Grande. Então, eu vim procurar onde era esse bar no Campo Grande e, aí, de repente, não era no Campo Grande, era aqui, entendeu? Na época, eu não conhecia o Beco dos Artistas, não conhecia o meio gay, entendeu? A pessoa que era dona desse bar era um senhor, seu Zaqueu, uma pessoa muito boa de fato, inclusive era comerciante de arroz, de não sei o que, uma pessoa que sabia negociar, de muito blá blá blá. Aí pintou isso aqui como uma coisa assim dourada, que era ótimo, isso e aquilo. Na época, eu estava sem carro, então para mim era tudo perfeito, o dinheiro coube, e a gente não tinha carro era só andar daqui ao Campo Grande, é um pulo, entendeu? Então, foi uma questão assim de necessidade, não conhecia nada, nunca tinha tido

³¹ Ao colocar o bar à venda nos classificados, o antigo dono não explicitou que o bar ficava no Beco dos Artistas. Isso, provavelmente, tem relação com a imagem negativa do lugar ou com o fato do lugar ser um espaço de sociabilidade GLS, o que provavelmente tem uma conexão com essa imagem negativa.

*bar, nunca tinha lidado com pessoas assim, sempre fui uma pessoa burocrata, sempre trabalhei, antes trabalhava para o governo e aí vim parar aqui num lugar com pessoas até que eu não conhecia, que são pessoas que é (parou para pensar) que eu não tenho nada contra, mas que não é da minha opção sexual, tem um outro tipo de cabeça, é uma outra mentalidade e que são pessoas que eu acho mais complicadas, mais difíceis de se conviver, mais difíceis de lidar, mas, que a gente vai lidando, aprendendo, eu adorei. **Em três anos, eu acho que cresci mais do que em cinquenta anos de vida** (grifo nosso).*

Quando seu Zaquel era dono do Green Bar, o bar era bem sofisticado, as cadeiras de vime, as mesas de vidro, o teto de gesso. Depois, ao ser vendido, o bar ganhou um aspecto mais simples e menos sofisticado. O Green Bar é simples, as mesas e cadeiras são de plástico, o teto e chão do bar já estão bastante deteriorados. O Bar não tem uma decoração, as paredes já estão desbotadas. Ainda assim, é um bar que, por ser mais reservado, por ter um espaço aberto, ao ar livre e pela televisão que fica passando DVD, exerce algum tipo de atração. O Green Bar é o ultimo do Beco, fica no final da rua, talvez, por isso, seja o bar que atrai mais casais. As pessoas que frequentam são, em sua maioria, jovens, entre 20 e 45 anos. O bar é dividido em dois ambientes, um ambiente fechado e outro ambiente aberto. O ambiente aberto, geralmente, é mais freqüentado do que o ambiente fechado, é um ambiente mais espaçoso, cabem mais pessoas, e é chamado de curral ou cancela. O bar só funciona na quarta-feira, na sexta-feira e no sábado. O ambiente a céu aberto é bem iluminado, já o interior do bar é bem escuro. Tem uma televisão que fica passando DVD e, em todas as vezes que estive lá, estava tocando Ana Carolina. Imagino que seja pela grande freqüência de casais de mulheres homossexuais.

O Green Bar é um bar bem tranquilo. Muitas pessoas frequentam o bar, principalmente, pela relação de amizade que têm com José, marido de Estela, pois, José tem uma relação de permissividade com a clientela. Deixa copo de vidro sair, às vezes libera a ultima cerveja consumida pelo cliente, enfim, uma série de posturas permissivas que acabam atraindo as pessoas. O Green Bar possui cinco funcionários. Não existe um critério rígido de escolha para os garçons, a relação entre donos do bar e garçons é bem informal e os garçons que trabalham ali não têm vínculo empregatício. A própria Estela orienta e ensina como se deve atender um cliente. Isso fica bem claro na sua fala -

A - E você utiliza algum tipo de critério para as pessoas virem trabalhar aqui?

E - Na cozinha, sim, né? Tem que realmente saber cozinhar, fazer as coisas, mas, garçom o critério é o mínimo, né? A gente mesmo que vai ensinando, porque, na realidade, isso aqui não é um trabalho, é mais um bico, porque, é só sexta e sábado. Eles não têm, assim, nenhum tipo de obrigação no caso. A única coisa que eu peço é que, se eles não vierem, que eles avisem para que eu possa providenciar outra pessoa. Não têm vínculo empregatício nenhum e tem que ter alguma noção, assim, e aqui não pegaria um garçom profissional. É uma coisa muito doida, todo mundo chamando ao mesmo tempo. Mas, como o público é de certa forma fiel, o povo já conhece, já faz uma certa amizade e eu vou dando umas dicas, entendeu?

Em relação ao tipo de público e ao seu comportamento Estela afirma:

E - A maioria é classe social E, F, H, normalmente não é uma classe social boa. São pessoas assim muito cheias de manias, esquisitices, entendeu? Coisas do tipo, aqui mesmo eu sofro muito com DVD, o pessoal chega, senta numa mesa e já está pedindo um DVD, quer trocar. O outro da outra mesa já chega, já quer outro DVD, são pessoas que chegam e botam os pés nas cadeiras, botam os pés em cima da mesa, querem entrar sem camisa e eu não deixo nada, mando sair, não quero nem saber, prefiro que nem pague a cerveja. Por causa de uma cerveja, ser o dono do meu bar, não pagam meu aluguel, então não, tchau e bênção.

O Bar de Eduardo é o primeiro bar do lado direito da rua, é o bar mais popular, o estilo de música que mais toca é o pagode. De todos os bares no Beco o que atrai o público mais popular é o Bar de Eduardo, é também o menor bar do Beco. Como o Bar é pequeno as pessoas ficam ali muito próximas umas das outras, geralmente dançando pagode. O pagode toca e as pessoas dançam, mulher com mulher e homem com homem. Um dia, fui ao Bar de Eduardo e vi duas mulheres, duas jovens, uma com vestido preto bem curto, na polpa da bunda, e a outra com uma calça jeans bem colada ao corpo. Elas estavam com as pernas entrecruzadas, as pernas de uma entre as pernas da outra, juntas elas reboavam muito sensualmente e desciam até o chão, a calcinha da de vestido preto ficava à mostra, mas ela parecia não estar se importando muito com isso. Desciam e subiam juntas com o corpo colado e, às vezes, ao subir se beijavam no movimento da música sem perder o molejo e o movimento que o ritmo da música ditava.

A maioria das pessoas que frequentam o Bar de Eduardo é negra. Eduardo não tem garçom. Ele vende a ficha para o cliente e o próprio cliente vai até o balcão pegar a cerveja. O

Bar não tem um nome específico, por isso, passou a ser chamado de Bar de Eduardo. Ao perguntar a Eduardo se ele tem funcionários, ele responde:

E – Meu bar não é grande, eu não preciso de muita gente para fazer com que ele funcione, para fazer com que ele se movimente. Eu tive problemas com garçom, com personalidade, tive problemas com o trabalho de alguns e resolvi ser mais independente. Eu criei uma forma, juntamente com meu cliente, que ele compra uma ficha no caixa, paga à vista, eu entrego a ficha, ele vem no balcão e pega a cerveja. Então, como a maioria dos meus clientes são meus amigos, eles ainda fazem melhor, eles ainda pegam a cerveja e ainda trazem o casco. Se eles vêem o casco no chão, eles levam para mim; se eles vêem a mesa suja, eles limpam para mim. Então, eu criei uma coisa com meu cliente, eu eduquei ele de uma forma que ele pode me ajudar a não ter problema com funcionários, porque, hoje a questão do trabalho está muito difícil e qualidade no trabalho está mais ainda. Eu acredito que essa questão do emprego está relacionada à capacitação. Então, eu já cansei de ficar batendo na mesma tecla, então, eu conquistei minha independência e, graças a Deus, eu já estou trabalhando há dois anos dessa forma. Não é cansativo? Muita gente me pergunta: ah, Eduardo, não é cansativo vender quinze caixas de cerveja sozinho? Não, é mais cansativo você ficar brigando com funcionário. Cadê funcionário? Onde ele está? E o pior, se ele não chegar, ainda vai ter que pagar. Melhor e está dando certo.

Essa fala é representativa do tipo de relação que Eduardo mantém com o seu bar e, por conseguinte, com o Beco de um modo geral. Eduardo é dono do bar há oito anos. Além do interior do bar, Eduardo coloca várias cadeiras na porta e no passeio em frente ao seu bar. As cadeiras são de plásticos e todas são pinceladas com tintas de várias cores, isso dá um aspecto sujo às cadeiras. Eduardo tem uma relação extremamente informal com sua clientela. Gostaria de contar uma cena que presenciei entre Eduardo e alguns fregueses do seu bar:

Estava eu sentada lá nas mesas que ficam na calçada do Bar Cultural, quando, de repente, ouço uma gritaria, olho para a frente do Bar de Eduardo e vejo uns cinco homens, aproximadamente, incluindo o próprio Eduardo, tentando sentar no colo de um rapaz que estava sentado em uma cadeira. Um empurrando o outro, corpo de um contra o corpo de outro, eles aproveitavam esse momento de proximidade para dar beijos triplos e quádruplos, um sentava no colo do outro, outro vinha e empurrava até formar um amontoado de corpos sobre uma única cadeira. Parecia uma única e só massa corpórea. Cinco homens sentados em uma mesma cadeira, um sobre o colo do outro. Todo esse movimento corporal acompanhado de

grunhidos e risadas chamava a atenção de quem, por ali, passava. (Diário de campo, 25/03/2009)

Esse episódio mostra o quanto é pessoalizada a relação de Eduardo com sua clientela. A ida de Eduardo para o Beco dos Artistas foi um ponto fundamental para a mudança de público e perfil que aconteceu no Beco de 2000 para cá. Claro que essa mudança não se deve só a sua presença, deve-se a uma complexidade de fatores, mas, dentre esses fatores, a postura de Eduardo dentro do espaço, como dono de bar, é um desses.

Embora o Beco tenha esses quatro bares que compõem o espaço, as pessoas não falam de ir a um ou outro bar especificamente, mas, de ir ao Beco. O Beco conforma, então, uma totalidade que é diferente da existência dos bares individualmente, uma totalidade com um sentido e significado. De um modo geral, o Beco funciona de terça-feira a domingo e os bares só funcionam à noite. Durante o dia fica uma espécie de barraca onde se vende frutas e verduras na frente do Beco. Os dias mais movimentados são sexta e sábado. A quarta-feira é um dia também de bastante movimento, mas o público se concentra mais no Bar Camarim, onde acontece o show da Drag Queen Gina D'Mascar. A sexta-feira e o sábado são os dias de maior efervescência. A terça-feira, quinta-feira e o domingo são os dias de menor movimentação. Na terça-feira e no domingo, o único bar que abre, constantemente, é o Camarim.

2.1.1 Gina D'Mascar

Gina D'Mascar é uma Drag Queen que se apresentava toda quarta-feira no Bar Camarim. Depois que o Camarim fechou, Gina D'Mascar passa a fazer, durante um período de tempo, shows no Bar Cultural. Faço essa breve digressão sobre Gina D'Mascar, primeiro para descrever dois momentos em que ela se apresenta - um no Bar Camarim e o outro já no Bar Cultural, depois do fechamento do Camarim -, segundo, para, a partir dessas descrições, desses exemplos empíricos, pensar a questão de gênero e sexualidade de uma forma mais ampla. Primeiro, descreverei uma apresentação de Gina D'Mascar no Bar Camarim e depois, descreverei o processo de transformação de Gina D'Mascar, que pude acompanhar, já no Bar Cultural.

Toda quarta-feira, às 21:30h, acontece o show de Gina D'Mascar no Beco dos Artistas. Ela sai toda glamorosa de dentro do Bar Camarim, com sua taça imensa de cerveja, desfilando pela rua e convidando a todos e todas para assistir ao seu show. Quem representa Gina é um garçom do Camarim, chamado Aldo, que trabalha também com teatro. O espaço

onde Gina realiza o show é um espaço amplo, com duas mesas de sinuca, na frente do espaço, fica um palco pequeno onde Gina faz sua apresentação. Na frente do palco, uma série de cadeiras e mesas fica arrumada para a chegada do público. Em frente ao balcão de atendimento, do espaço onde Gina se apresenta, tem um painel de fotos com celebridades, homens e mulheres se beijando, galãs de novela sem camisa, mulheres seminuas.

O show começa com ela interagindo com a platéia, arriscando uns passos de dança. Gina não é uma Drag que preza pela perfeição estética, ela é o contrário disso e beira quase o ridículo. Especificamente, no dia em que assisti ao show, Gina estava com um vestido rosa choque, um punhado de panos cor de abóbora pendurado no pescoço, algo parecido com xale, mas muito mais esdrúxulo. Uma bota preta com salto plataforma, uma maquiagem bem extravagante. Uma sobrancelha bem preta e bem grossa, uma peruca loura, com cabelos nos ombros e muito despenteados, uma boca meio cinza brilhosa, e um rosto bem branco com as bochechas rosa, alguns dentes pintados de preto, dando a impressão de ela estar sem alguns dentes.

O cenário do seu show era um banquinho, o qual ela usava para descansar quando fazia muito esforço físico, uma taça de cerveja imensa e uma boneca que ficava em cima da caixa de som e que era sua cara, parecia uma Gina em miniatura. O rosto redondo e o mesmo tipo de maquiagem causavam um efeito de muita semelhança entre a boneca e Gina. Ela sempre usava a boneca em um ou outro momento do show. O show se constituía por dublagens de um estilo de música que me surpreendeu, ela dublou muita música nacional (pensava que ela ia dublar mais músicas internacionais), como Fafá de Belém e Alcione. As músicas, em sua maioria, falavam de um amor perdido, de ciúmes, de encontros e desencontros.

Ela demonstrava uma espontaneidade fora do comum, é como se o palco fosse sua casa, a graça do seu show estava na sua simplicidade. Em nenhum momento, ela fez movimentos bruscos, ou, precisou apelar para malabarismos corporais para conseguir chamar a atenção da platéia. Teve um momento do show que me chamou muita atenção; quando ela leu uma carta escrita pela Igreja Universal do Reino de Deus, mandada por alguém do público. A carta tinha um conteúdo que se referia a como as pessoas deviam conviver com sua sexualidade, qual a melhor posição de fazer sexo e o que não deveria ser feito na relação sexual.

Ao mesmo tempo em que ela lia a carta, ela ia ironizando o seu conteúdo, fazendo comentários, mudando as frases com uma maestria e um humor muito refinados. A carta começa dizendo que a melhor posição para uma relação sexual é o homem deitado e a mulher

sentada, sem que os corpos se encostem, eles devem estar vestidos, embora os órgãos sexuais devam ficar descobertos. O sexo oral não é permitido. A carta afirma que essas são duas regiões responsáveis por funções excretoras e, por isso, muito sujas, às quais a boca e a língua não devem ter contato. A boca é feita para comer e a língua para sentir os sabores. É bom lembrar que, o tempo todo, ela está parodiando essas frases.

A relação sexual, segundo a carta, não deve gerar prazer, sua função é apenas a reprodução e se, por acaso, os participantes da relação sentirem prazer, devem se auto-punir, açoitando-se com varas de bambu, pois se não, se o prazer for sentido sem penitência, o destino desses indivíduos será o inferno. Gina termina falando que ou o inferno não vai caber tanta gente ou vai faltar vara de bambu no mundo.

Eu achei esse episódio muito interessante, pois ela contestava, o tempo todo, a visão da Igreja Universal. É interessante, porque o Beco é um lugar que propicia, em cada canto do espaço, nas paredes e nos banheiros, nas músicas e clipes que passam na televisão, uma atmosfera regida por um sentido sexual. Então, uma carta da Igreja Universal do Reino de Deus, dizendo como se deve fazer sexo ou não, afirmando que o sexo não deve ser usado para sentir prazer e, sim, para procriação, o que é impossível em relações homossexuais, sendo lida e parodiada ali, no Beco dos Artistas, um espaço de sociabilidade homossexual, foi algo realmente contrastante.

Aquele foi um momento representativo de dois mundos de valores muito distintos. Uma carta que não concebe a existência social-sexual de seres que estavam ali, naquele espaço, ouvindo e sentindo o peso de um setor da sociedade que os repudia e, ao mesmo tempo, estes mesmos seres estavam brincando, rindo, superando aquelas frases através da paródia e validando sua existência e legitimidade através do humor.

Depois que ela leu a carta, ela começou a fazer as dublagens e, no intervalo de uma dublagem e outra, ela interagia com a platéia e a platéia interagia com ela. A platéia gritava: puta, vadia. E ela fazia uma expressão de estar se sentindo super elogiada. Quando a platéia gritava: gostosa, linda, ela falava: larga de ser mentiroso, quem é esse viado mentiroso aí da platéia? Durante o show houve duas participações especiais. Não me lembro exatamente o nome das participantes, mas as duas tinham estilos muito diferentes do de Gina, prezavam pelo glamour e pelos malabarismos corporais em suas dublagens, colocavam-se na posição de estrelas, no centro do palco, enquanto Gina tinha uma performance menos extravagante, ocupando todo o espaço do palco.

Essas duas participantes fizeram um total de três apresentações, cada uma fez uma apresentação solo, e, depois, elas fizeram um dueto. As apresentações consistiam basicamente

em dublagens. Elas apresentavam, conversavam um pouco com Gina e saíam. O show foi até as 12:30h, como era o previsto. Valeria aqui fazer uma reflexão sobre a Drag Queen e seu papel de parodia do gênero baseada nos argumentos de Guacira Lopes Louro e Judith Butler.

O tempo todo, na nossa sociedade, os corpos são marcados com códigos, sinais, adereços que, além de ter expressão simbólica, terão efeitos sociais e materiais. O corpo da mulher e do homem é o tempo todo marcado para que possa entrar no mundo da cultura de uma forma coerente e inteligível. Aquilo que é criado e construído ganha um sentido de autenticidade e originalidade que lhe parece próprio. O que é construído se cristaliza a tal ponto de parecer natural, inerente e próprio à natureza humana. O gênero, por sua vez, é uma dessas esferas que, por meio de sinais e códigos que marcam o corpo, se cristalizam ao ponto de parecer natural. A paródia é, nesse sentido, um forte instrumento de contestação e desestabilização dessa pressuposta autenticidade. “É exatamente aí que a figura da Drag permite pensar sobre os gêneros e a sexualidade, permite questionar a essência ou autenticidade dessas dimensões e refletir sobre seu caráter construído” (Louro, 2004).

“Sua figura estranha e insólita ajuda a lembrar que as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos. Os corpos considerados normais e comuns são, também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos, e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos. Nós também nos valem de artifício e de signos para nos apresentarmos, para dizer quem somos e dizer quem são os outros” (LOURO, 2004, p.86).

Isso mostra o quanto o gênero é uma categoria construída e como a Drag ao parodiar esse gênero, desvela seu caráter construído. Além disso, a figura da Drag demonstra a ineficácia do sistema sexo-gênero. Ao imitar e exagerar os traços do feminino, a Drag desvela os imperativos culturais que nenhum indivíduo elege, mas é obrigado desde sua mais tenra existência a negociar.

“O que se põe em cena na Drag é, sem dúvida, o signo do gênero, um signo que não é idêntico ao corpo que representa, mas que não pode ser interpretado sem esse corpo. O signo entendido como um imperativo de gênero – a menina – não se interpreta como uma atribuição mas, sim, como uma ordem e, como tal, produz suas próprias insubordinações. A conformidade hiperbólica à ordem pode revelar o caráter hiperbólico da própria norma, e mais, pode converter o signo cultural que torna legível o imperativo cultural. Posto que as normas heterossexuais de gênero produzem ideais inacessíveis, podemos dizer que a heterossexualidade opera mediante a produção regulada de versões hiperbólicas do homem e da

mulher. Em sua maioria, trata-se de representações que nenhum de nós elege, mas, com as quais estamos obrigados a negociar. Escrevo obrigados a negociar porque o caráter obrigatório dessas normas nem sempre as faz eficazes. Estas normas são sempre assediadas por sua própria ineficácia, daí que se repetem, de maneira angustiante, os esforços para estabelecer e incrementar sua jurisdição”(BUTLER, 2002, p.73).

A fala de Butler deixa claro como o gênero é um imperativo da cultura e como a figura da Drag, ao assumir esse caráter hiperbólico, revela o caráter mesmo hiperbólico dos próprios imperativos culturais e, além do mais, explicita seu caráter ineficaz. O gênero se revela, então, como um tipo ideal impossível de ser alcançado de uma forma fidedigna. Isso se revela não só na Drag Queen, quando parodia o gênero ao assumir uma postura, um comportamento e uma forma de se vestir que não são “adequados” ao seu sexo biológico, mas, também, nas diferentes formas que os diferentes indivíduos negociam com as categorias de gênero nas suas vidas cotidianas. Um homem nunca é cem por cento másculo, e uma mulher nunca é cem por cento feminina. As categorias de gênero são, nesse sentido, categorias aproximativas.

O outro episódio que descreverei é o processo de transformação de Aldo em Gina D'Mascar que pude acompanhar no Bar Cultural. No dia 24/03/2010, uma quarta-feira, fui assistir ao show de Gina no Beco. Era mês de março, o tempo estava chuvoso e isso fez com que o movimento diminuísse. Entrei no Bar Cultural e vi que o bar estava vazio. Então, fui cumprimentar Eduardo³² que já tinha encontrado mais cedo e avisado que iria hoje ao Beco, ver o show de Gina. Ele me convidou imediatamente para entrar no Camarim de Aldo, para ver a transformação de Aldo em Gina. Entrei e percebi que Aldo ficou meio desconcertado de início. É como se, de alguma forma, eu estivesse invadindo um espaço íntimo seu. Provavelmente, ele achou que eu fosse fazer uma entrevista e falou: pode falar, pode começar as perguntas. No entanto, embora ele tenha dito para eu falar, em nenhum momento ele parou seu trabalho. Continuou de frente para um espelho, uma penteadeira feita de improviso, em um quarto minúsculo, onde era seu espaço de transformação. O quarto era bem pequeno, as paredes estavam descascando, era tudo muito simples e sem nenhuma sofisticação. Aldo ficava sentado numa cadeira de plástico, de frente para um espelho pendurado e uma penteadeira improvisada com uma mesa velha. Acompanhei esse processo de transformação desde o início.

³² Nesse momento do Beco, Eduardo já tinha arrendado o Bar Cultural, isso aconteceu um tempo depois que o Camarim fechou.

Como havia dito, Aldo continuou seu trabalho normalmente. De início apresentou certa estranheza com a minha presença mas, depois, foi-se acostumando. Não estava ali com intuito de fazer uma entrevista. Pensei que ali não era o momento adequado de entrevistá-lo. Ele estava se transformando, um trabalho que exige muita atenção, um trabalho pormenorizado e cheio de detalhes. No fim do processo, você se dá conta de que ele é o produto modificado da sua própria capacidade de intervenção artística. Aldo, naquele momento, era, ao mesmo tempo, o artista e a obra de arte. Se, por ventura, o artista – pintor, escultor, músico - se modifica indiretamente ao criar uma obra que tenha realidade material própria, exterior a si mesmo, Aldo como um transformista, modifica a si mesmo com o desenrolar da sua própria capacidade artística.

Fiquei, em alguns momentos, bastante em silêncio, só observando e, ao mesmo tempo, admirando. Para mim, mais importante ali, não era uma compreensão racional através de perguntas, mas uma compreensão corpórea que se deu através da percepção e do aguçamento dos sentidos por tudo aquilo que os estímulos sensoriais – visual, auditivo, olfativo, tato – me proporcionavam.

Quando entrei, Aldo estava sentado. Aldo é um homem grande. Estava sentado na cadeira e parecia uma espécie de múmia, apesar de ter uma boa movimentação. Aldo estava todo enrolado em meias-calças. Vestia uma meia calça nas pernas, outra que cobria todo seu tronco. Além disso, outras meias calças, em forma de faixas, amarradas na cintura. É realmente uma estrutura muito difícil de descrever, parecia um tipo de armação e era essa armação que, mais tarde, iria sustentar seu corpo falso. Aquele corpo com todas aquelas faixas parecia uma espécie de geringonça. Tinha uma meia-calça feita de faixa que passava pelo pescoço, trançava ao peito e fechava na cintura. Perguntei a Aldo sobre aquela estrutura e ele disse ter inventado tudo. No entanto, disse que, no início, era algo muito mais amador, que ele foi aperfeiçoando com o decorrer dos anos e das apresentações.

Aldo começou a se maquiar. Do seu lado, havia um copo de cerveja, ele bebia e se maquiava. Começou por um pó que deixou sua face mais branca, depois colocou outro pó na bochecha, no queixo, na testa, que deixou seu rosto com manchas vermelhas. Depois começou a espalhar esse pó e, então, seu rosto ganhou uma coloração mais uniforme, colocou um cílio postiço e passou um batom bem vermelho na boca. O batom foi passado de uma forma que aumentou sua boca, deixou-a mais volumosa, uma boca grande. Depois Aldo/Gina pegou purpurina e passou por cima da sua Boca. Aldo, nesse momento, já não era a mesma pessoa, já estava se transformando em Gina D`Mascar. Seu rosto começou a mudar de feição, a

sobrancelha ficou diferente, a boca ganhou outro formato, ali já não era a mesma pessoa com quem eu iniciei a conversa anteriormente.

Gina, o personagem que começa a despontar através do rosto e do corpo de Aldo, não era, também, um exemplo de beleza. Gina não representava o belo, ao contrário, seu intuito era parodiar o próprio belo através do cômico. Assim, ao contrário de outras travestis e transformistas que primam pela beleza e se esforçam para construir, através dos seus corpos, o belo, Gina, por outro lado, se desprende desse ideal padronizado de beleza e se aproxima da comédia, do ridículo e do cômico. Assim, Gina ia-se transformando e sua transformação, ao mesmo tempo em que bela, porque artística, não se aproximava do ideal de beleza. Aquelas sobrancelhas grossas, aquela boca feita de batom tão grossa que parecia borrada, embora o traçado fosse muito bem feito, ia aproximando Aldo, cada vez mais, de uma aparência esdrúxula.

Nesse meio tempo, Eduardo entrou no quarto-cubículo, para apressar Aldo/Gina. Disse que já estava tarde e que as pessoas estavam ansiosas. O show estava marcado para começar às 21:00h, no entanto, já era por volta de 22h00min e Gina ainda estava se aprontando. Conversando com Aldo/Gina, toquei no assunto de que a considerava uma transformista diferente, pois ela não se importava em ser esteticamente bela, ao contrário, parece que ela buscava o oposto disso. Aldo/Gina, então, respondeu que, antes de fazer Gina, Aldo já tinha uma formação em teatro. Isso gera uma desenvoltura. Além disso, Aldo/Gina disse que uma das primeiras coisas que você aprende no teatro é não ter medo do ridículo, pois, se você tiver medo do ridículo, dificilmente você vai ter coragem de subir em um palco e de se expor. Afirmou, logo em seguida, que essa era a grande sacada de Gina - explorar o ridículo, expor o ridículo ao ponto dele deixar de ser ridículo³³.

Achei isso fantástico, pensei na própria condição do homossexual, como o homossexual é muitas vezes ridicularizado, e como o homossexual é colocado na posição do ridículo em nossa sociedade. Talvez fosse interessante pensar o ridículo aqui. O ridículo me parece aquilo mesmo que não pode ser mostrado. Além do mais, me parece que o ridículo é algo que todo ser humano já experimentou - a sensação do ridículo. Esse ridículo é algo que gera certo desencaixe, parece que é algo que está fora de lugar; que gera uma espécie de desarranjo na cadeia significativa, no senso de normalidade. É algo que, por isso, embora

³³ É interessante como essa fala de Aldo me lembrou da proposta da Teoria Queer. O termo queer, que significa estranho, era inicialmente um termo pejorativo, um insulto que se referia aos homossexuais afeminados. O que a teoria queer propõe é ressignificar esse termo, é utilizá-lo e assumi-lo ao ponto de inverter seu sentido (GAMSON, 2002). É utilizar a linguagem contra ela mesma na tentativa de, ao parodiar o termo, esvaziá-lo do seu sentido negativo. A relação de Aldo com o ridículo caminha, também, nesse sentido. Ele se propõe a assumir essa posição, ao ponto dessa posição perder seu caráter de negatividade.

tenha um tom cômico, também possui um caráter de ameaça, na medida em que coloca em cheque o sentido de ordem e de normalidade da situação. Sentido este que todo ser humano necessita para ordenar o caráter caótico da experiência vivida. O cômico, por vezes, parece ser uma tentativa mesmo de lidar com esse caráter de ameaça que emerge do ridículo. É preciso tornar cômico aquilo que me causa medo, ou melhor, aquilo que me causa medo, tornando-o cômico, pode deixar de ser ameaçador. O cômico funciona como uma espécie de mecanismo embotador do medo, ou o embotamento daquele conteúdo que existe em mim, mas, com o qual, eu tenho medo de me deparar, isso gera o cômico e, por vezes, o ridículo. Assim, o ridículo é algo que diz muito sobre mim, falando de uma forma mais ampla, o ridículo social é algo que diz muito sobre esse social e que, por vezes, faz parte da sua própria constituição. O ridículo é aquilo que existe e que é real, mas que é, ao mesmo tempo, escondido e negado e, por isso, quando emerge, ganha o caráter de irrealidade, de algo fora do lugar.

Essa irrealidade e essa sensação de algo fora do lugar são, no entanto, um falseamento da realidade, uma ilusão criada pelos sujeitos sociais para esconder de si mesmos o conteúdo daquilo que eles ridicularizam. A homossexualidade, nesse sentido, na medida em que ocupa a posição do ridículo social, pode ser algo que diz muito sobre esse mesmo social. Em uma sociedade construída sob o ideal de família, em uma sociedade que se organiza através de vínculos heterossexuais, a homossexualidade é, em si mesma, uma ameaça (BUTLER, 2003, 2008). No entanto, é sabido que a própria heterossexualidade é uma construção e que o desejo homossexual, ao invés de ser algo bizarro e esdrúxulo, é algo que está presente como realidade no corpo social e na subjetividade dos indivíduos (HALPERIN, 2004; PULET, 2005). Essa presença insidiosa e afamada da homossexualidade é que a torna ridícula. É seu caráter mesmo de realidade, é seu caráter mesmo constitutivo da sociedade, é a sua inevitável presença no social e nas subjetividades que a torna objeto de tanto temor e, por isso mesmo, alvo do ridículo. Daquilo com o que ainda não sabemos lidar em nós mesmos e nos outros. Todo homossexual tem que, por isso, enfrentar, cotidianamente, o peso do ridículo. Esse ridículo que provém de um ethos social é, ao mesmo tempo, internalizado pelo indivíduo. Assim, além de enfrentar a ridicularização que vem do outro, o indivíduo que se depara com seu desejo homossexual tem que enfrentar o senso de ridículo que, muitas vezes, por consequência de ser um ser social, ele internalizou na sua própria subjetividade.

O personagem de Gina é, por isso, muito ilustrativo para pensar a homossexualidade, o Beco e as pessoas que estão ali e fazem parte daquele espetáculo. Gina expõe o ridículo e o coloca em pauta. Nesse sentido, ela se comunica com a maioria das pessoas que estão ali e que vivem o “ridículo”, vivem a sina de terem sido colocadas no lugar/posição do ridículo na

nossa sociedade. Por outro lado, ao expor o ridículo ao ponto de torná-lo aceitável e até belo em sua expressão de autenticidade; ao vencer o medo de se expor e de expor esse ridículo, Gina lança mão de uma nova possibilidade, da possibilidade da existência do ridículo, da exteriorização do ridículo e da visibilidade do ridículo, ao ponto dele perder seu caráter de ridículo, pois o ridículo só se sustenta diante da sua invisibilidade, como algo incomum, consequência da sua própria repressão.

Além disso, quando Gina incorpora o ridículo, de alguma forma ela está sendo cúmplice daqueles indivíduos ali presentes, de alguma forma aqueles indivíduos se sentem identificados com ela, de alguma forma é a comédia da própria vida daqueles indivíduos que está sendo ali representada e parodiada³⁴. Gina é a representação do ridículo da posição que a homossexualidade ocupa na nossa sociedade e é, ao mesmo tempo, a representação da superação dessa condição. O ridículo toma o palco e ganha expressividade, o ridículo se expõe e perde seu caráter de ridículo.

Ao terminar a maquiagem, Gina/Aldo pegou uma bola cheia de água e se contorcendo toda, numa espécie de malabarismo corporal, Gina conseguiu enfiar aquela bola imensa dentro daquele emaranhado de meia-calça enroladas pelo seu corpo, para fazer os seios. Gritou Eduardo e Eduardo chegou com outra bexiga cheia de água. Aldo/Gina falou que a bexiga estava menor do que a outra que ele tinha acabado de colocar. Eduardo falou: não tem problema, vai assim mesmo. Gina/Aldo disse: não, vai ficar desproporcional. Mas, Eduardo falou que não tinha jeito de colocar mais água e, então, Aldo/Gina aceitou. Gina, com menos dificuldade do que a primeira bola que estava mais cheia, colocou o outro seio. Eram seios imensos, mas, um ficou maior que o outro. Logo depois, Aldo/Gina colocou um vestido branco, um sapato vermelho com um salto altíssimo e, por fim, pôs a sua peruca. Dentro daquele emaranhado de panos, havia uma almofada na região de sua barriga que dava a aparência de Gina ser uma mulher gorda e forte. A peruca de Gina era loura, mas o cabelo era todo bagunçado, parecia um emaranhado de fios disformes, era curto, ia até abaixo da orelha aproximadamente e apontava para várias direções, para cima e para baixo. Agora, Aldo já havia se transformado em Gina D'Mascar. Depois que Gina ficou pronta, tendo passado por todo esse processo de transformação, eu resolvi me retirar para que ela ficasse à vontade. Quando saí, me sentei em uma mesa para assistir ao show e percebi que o Bar já não estava tão vazio.

³⁴ Boa parte do show de Gina é composta por pessoas da platéia que vão até a frente do palco para falar de suas vidas. É um show interativo, em que a platéia é um dos protagonistas. Gina chama as pessoas na frente e desenvolve o show, sob improviso, através das falas e dos depoimentos do público.

2.2 A RUA E O ESTIGMA

Além de ter os bares como espaço de sociabilidade, as pessoas também ficam na rua e fazem dali um ponto de encontro. A rua é o espaço de maior “pegação”. O espaço que as pessoas utilizam para namorar, se beijar de forma mais enfática, se abraçar. Os casais ficam no início e no final da rua, nas extremidades do Beco, encostados nas paredes. Um encostado na parede e o outro encostado no corpo do que está encostado na parede, os corpos bem próximos, as genitálias se atritando e beijos bem fervorosos. Essa é uma cena típica do Beco, que é comum tanto na entrada quanto no final da rua. No entanto, tal cena é mais típica entre casais do sexo masculino. Poucos casais lésbicos ficam encostados na parede e quando ficam a interação corporal é mais sutil do que entre os homens. Isso não significa, no entanto, que não haja casais lésbicos que interajam corporalmente de forma mais acintosa. A rua é um espaço de sociabilidade distinto de dentro dos bares. As pessoas que ficam na rua, segundo alguns entrevistados, ou não têm dinheiro para consumir, ou estão em clima de flerte. Um entrevistado diz:

A – Não gosto muito das pessoas que ficam na rua. Tenho a impressão que são do tipo de pessoa que não podem sentar em um bar e pedir uma cerveja e aí utilizam o espaço da rua para ficar e conseguir as coisas de uma forma que não considero muito legal.

E – Como assim?

A - Tem muita coisa desagradável que acontece aí na rua. Tem pessoas que se aproveitam de outras, na tentativa de conseguir dinheiro ou de conseguir uma cerveja. Enganam, mentem e até coisa pior.

Em uma fala de um entrevistado, a diferença entre a rua e o espaço dentro dos bares fica bem clara.

A - Você acha que existe uma diferença entre a rua e o espaço dentro dos bares?

T – Tem sim. Uma boa parte das pessoas não tem dinheiro para entrar em um bar. As pessoas que estão do lado de fora, elas estão lá para caçar mesmo, sabe? Já as pessoas que estão dentro do bar são pessoas que estão lá para encontrar os amigos, ou para encontrar o

paquerinha da semana passada que marcaram para conversar, sabe? Ou são casais que vão para tomar uma cerveja, ver o movimento, são casais heteros que nunca ficam do lado de fora, porque, eles sabem que vão ser paquerados se não estiverem acompanhados. As pessoas que estão dentro do bar são pessoas que não têm interesse na bagunça. Tipo: eu olhei para você, quero te beijar. São pessoas que vão para o bar para conversar, reunião de amigos, comemoração de aniversário, muita gente conversando, mas sem interesse de ficar com ninguém. Tem muita diferença. As pessoas que estão do lado de fora querem se mostrar, querem mostrar seus corpos, suas roupas bonitas, seus cabelos bem arrumados, a lente de contato verde, a bichinha preta betume com a lente azul. É terrível, terrível e o cabelo relaxado, bota guanidina, meu Deus, é horrível.

A rua é um espaço de exposição, onde as pessoas circulam com o intuito de trocar olhares, paquerar, com a expectativa de conhecer alguém, arranjar um(a) parceiro(a) sexual. É quase uma passarela, as pessoas desfilam para mostrar o que têm de melhor. O olhar é a principal estratégia de flerte. Só a segurança de um olhar retribuído permite a continuidade do flerte. O olhar é a primeira instância de contato e troca entre duas pessoas que se interessam mutuamente. Por outro lado, o olhar não correspondido é um sinal de que não existe uma reciprocidade entre pares e, na maioria das vezes, leva a um cessar da tentativa de aproximação. Isso é muito comum no Beco, onde as buscas afetivo-sexuais são, em sua maioria, pautadas na objetividade e no imediatismo. Simmel (1939) descreve muito bem esse poder do olhar e o olhar como um tipo de laço sociológico:

“Descendo agora para os órgãos sensoriais, os olhos desempenham uma função sociológica particular: o enlace e ação recíproca dos indivíduos que se miram mutuamente. Acaso seja esta a relação mútua mais imediata e mais pura que existe. Todos os outros segmentos sociológicos costumam ter um conteúdo objetivo e gerar um objetivo. Até mesmo a palavra falada e ouvida tem uma significação objetiva que poderia comunicar-se de outro modo. Mas a vivíssima ação recíproca em que entram os homens ao mirar-se cara a cara, não se cristaliza em produtos objetivos de nenhum gênero; a unidade que se cria entre eles permanece toda no processo mesmo, subsumida a função. E esta relação é tão forte e sutil que só se verifica pelo caminho mais curto, pela linha reta que vai de olhos a olhos. O desvio mais mínimo, o mais ligeiro distanciamento da mirada destrói por completo a peculiaridade do laço que cria” (SIMMEL, 1939, p.238).

A rua é o espaço onde o olhar é um marcador. As pessoas se olham, observam umas as outras, observam a roupa, o comportamento, o corpo. O fato de a rua ser um espaço já legitimado como um local de flerte, de algum modo, explica essa força que o olhar tem na

sociabilidade que se dá no espaço da rua. No entanto, penso que o olhar na rua não se resume à busca afetivo-sexual, mas está também relacionado a um desejo de sociabilidade mais amplo, no desejo de ver pessoas, sociabilizar e interagir. Também existe no Beco, principalmente no espaço da rua, o que Lacombe (2009) chama de modo indireto de aproximação, ou o que eu chamaria de olhar indireto. Tal categoria surge em um trabalho etnográfico que Lacombe (2009) faz em duas boates de sociabilidade lésbica da periferia do Rio de Janeiro. Ela diz;

“Este modo indireto de aproximação tem outra variante, desta vez fixada no intercâmbio de olhares e não na troca verbal: uma pessoa que não faz parte de determinado grupo, cruza o olhar com outra que pertence a ele, mas, que não é aquela de seu interesse; explicita então, sempre através da troca de olhares ou de gestos, o gosto por determinad@ integrante do grupo, de tal modo que o interlocutor informe a situação para ela, deixando a palavra final no cruzamento de olhares entre @s interessad@s. Se for aceita, a pessoa aproxima-se do grupo, ou @ integrante sai do seu grupo e vai até a outra, começando o flerte. Entretanto, a rejeição se explica com o afastamento do olhar de todo o grupo, indicando assim a imposição da exclusão” (LACOMBE, 2009, p.386).

Por mais que Lacombe (2009) esteja se referindo aqui a formas de interação lésbica, percebo que, no Beco, esse mesmo tipo de comportamento acontece em relação aos homens. Esse “olhar indireto” quando não correspondido pela pessoa que é alvo do interesse, muitas vezes, acaba por proporcionar uma interação entre o interessado e o grupo da pessoa de interesse, criando laços de sociabilidade que, embora iniciados por um interesse afetivo-sexual, não se restringiram a tal interesse. Amizades se formam daí, assim como conversas e trocas.

É na rua, também, que é perceptível a existência de diferentes grupos. Existem os estudantes, meninos e meninas que chegam lá com a farda do colégio e levam seu vinho São Jorge, pirulito na boca, postura de “vamos invadir o pedaço”. Muitos deles não são homossexuais, aproveitam o espaço para beber, gritar e fazer barulho. Como é um lugar que não cobra entrada e que possui um nível alto de permissividade, então, se tornou um bom ponto de encontro para esses estudantes. Geralmente, são jovens de 16, 17, e 18 anos, jovens de menor poder aquisitivo, vindos de colégio público. Além do grupo dos estudantes, há as pessoas mais hippies, que possuem uma aparência mais hippie. Esse grupo geralmente anda com violão debaixo do braço, uma garrafa de São Jorge, nunca entram nos bares. Senta no final do Beco, próximo da casa dos moradores, para tocar violão e conversar.

Esses são os dois grupos mais destoantes do espaço, já que a maioria das pessoas que estão ali se identifica como homossexuais e eles não. Eles vão ali para viver a rua. O Beco, para eles, é a rua. A rua é o único espaço que lhes é acessível e que lhes interessa. A fala de uma entrevistada é interessante sobre esse aspecto:

A - Dá muito estudante aqui?

E - Muito estudante, inclusive com farda de colégio e a gente não deixa, a gente quer proibir de entrar com farda do colégio, mas vem muito. Aí eles trazem um vinho São Jorge e ficam na rua tomando e ficam, mas, gente bem jovem mesmo, 16, 17, 18 anos, entendeu? Aí ficam gritando e gritam e se abraçam. Esses com farda de escola eu nem vejo muito esse negócio de beijo, de abraço. É mais assim, como se fosse um lugar onde eles pudessem gritar, sabe? Se expandir, é criança pô, não sei explicar.

J - Eles ficam aqui até sete e oito horas, e, depois vão para casa, não ficam mais tempo.

E - É só para ver os amigos mesmo, que tem muitos amigos deles que são gays, para se encontrarem e tocarem um violãozinho, colocar para fora um pouco das loucuras da juventude. Eles não vão para um lugar mais fino, levando uma garrafa de São Jorge na mão que eles não vão entrar em lugar nenhum, não é? Aqui na rua tudo pode, como eu disse.

Se, por um lado, posso denominar os dois grupos citados acima, devido ao fato desses grupos destoarem da totalidade do Beco e já que eles compartilham características próprias que os distinguem enquanto grupo, não posso fazer o mesmo - classificar os indivíduos - tendo como parâmetro os atributos de gênero. Isso porque, o que eu observei em campo foi muito mais uma mistura de indivíduos que manejavam de forma diferente os atributos de gênero do que, de fato, grupos com fronteiras bem delimitadas. Assim, empacotar esses indivíduos em grupos como “@s mais masculin@s” ou “@s mais femin@s” seria muito mais uma consequência da minha reflexão e da necessidade de categorizar, própria do pensamento, do que, de fato, uma realidade percebida em campo. Falarei, por isso, em termos de indivíduos que se misturam dentro do Beco e não de grupos.

Além disso, percebo que existe uma tendência nas etnografias atuais feitas em contextos de sociabilidade LGBT no Brasil, em dividir os homossexuais, tanto homens quanto mulheres, em “@s mais masculino@s” e “@s mais femin@s”. Fico me questionando, até que ponto, essas categorizações e divisões não retificam a dicotomia auto-excludente entre o

feminino e o masculino e, ao mesmo tempo, criam subespécies dentro de um grupo – os homossexuais - que já é visto como uma espécie à parte (FOUCAULT, 2007). Ao fazê-lo, além de criar essas subespécies, a meu ver, fortalecem a própria idéia do homossexual como uma espécie à parte.

Ainda que, por vezes, seja necessário utilizar essas categorizações de ‘mais masculin@s’ ou ‘mais feminin@s’, gostaria de frisar que esses atributos de gênero não são fixos e coerentes, mas se espalham pelas pessoas e subjetividades de formas distintas. “A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista” (BUTLER, 2008, p.59).

Nesse sentido, os atributos de feminilidade e masculinidade se distribuem por entre os indivíduos como um espectro que ora aparece com mais força em um indivíduo, ora com menos força em outro. Existem homens homossexuais que são mais “femininos”, usam calças coladas, fazem a sobrancelha, usam muitos colares, alguns usam brincos e passam gloss na boca. Geralmente, são homossexuais de menor poder aquisitivo. Isso é perceptível pelo tipo de roupa que usam como, por exemplo, o aspecto da calça jeans e o aspecto da blusa. Alguns escovam o cabelo, estes são em sua maioria negros. O Beco é formado, em sua maioria, por esse tipo de público. Mas, mesmo entre esses indivíduos que usufruem do atributo da feminilidade de forma mais enfática, existem diferenças e gradações no uso da feminilidade.

Por outro lado, existem homens homossexuais que se vestem e se comportam de uma forma mais “masculina”. Usam tênis, calça mais solta e folgada, blusas folgadas. Não percebi uma distinção de classe nos homens que se vestem assim. Eles – os homens que se vestem e se comportam de forma mais “masculina”- são tanto homens de classe menos abastada quanto homens de classe média, tanto negros quanto brancos, já os gays que se vestem de forma mais afeminada são, a maioria, de aparência mais pobre, de pessoas que possuem um baixo poder aquisitivo. Percebe-se, então, que a forma de manejar o gênero está ligada a outras posições do sujeito, como classe e cor de pele.

Facchine (2009), ao falar de mulheres lésbicas, afirma que o fato de muitas mulheres rejeitarem a postura masculina e optarem por uma postura mais feminina e discreta tem uma relação muito íntima com a classe social dessas mulheres e em como elas manejam o estigma relacionado à homossexualidade. Geralmente, essas mulheres vêm de classes sociais mais altas, onde existe uma alta vigilância em termos de gênero, não só da família, mas, do seu ambiente social como um todo e, ao mesmo tempo, são mulheres que estão em “relações

sociais caracterizadas menos pelo rompimento do que pelo desejo de aceitação e manutenção da convivência” (FACCHINE, 2009, p.328). Embora essa reflexão de Facchine (2009) se refira a mulheres, acredito que, também, possa se estender aos homens, já que, também, entre os homens, como percebi no Beco, existe uma relação entre classe social e masculinidade/feminilidade. O manejo da masculinidade/feminilidade pode ser também uma forma de manejar o estigma. “A revelação da identidade sexual ou das preferências eróticas através da aparência é algo que se pode – e deve – manejar a fim de evitar situações de conflito e preconceito” (FACCHINE, 2009, p. 325)

Além disso, independente da posição de gênero, de como esses indivíduos do sexo masculino manejam os atributos de feminilidade e masculinidade, mesmo um homem que tenha uma aparência mais “masculina” e que mantenha certa coerência entre seu sexo e o gênero, mesmo esse homem, se ele pratica sexo com outros homens, na posição de ativo ou passivo, ele é considerado homossexual. Aqui, vale menos a posição de gênero do que o ato sexual. Isso é consequência do que Peter Fry (1982) chamou da passagem de um sistema hierárquico e tradicional que se dava no Brasil, entre as classes populares, até a década de 1960, para um sistema médico-igualitário que surge nas classes médias na década de 1960 em diante e que ganhou uma evidência maior nos dias atuais, entre os brasileiros, sem, no entanto, suprimir a existência do outro modelo hierárquico.

O sistema hierárquico tem como parâmetro de classificação o gênero. Esse sistema divide os homens em machos e “bichas”. Os homens machos são masculinos e ocupam o papel de ativos na relação sexual, já as “bichas” são homens efeminados e ocupam a posição de passividade na relação sexual. “Assim, o ato sexual entre pessoas do sexo masculino significa e é constitutivo da hierarquia que se estabelecem nas relações sociais” (FRY, 1982, p. 92), as “bichas” são as que carregam o estigma por adotarem o gênero “incompatível” com seu sexo, enquanto os machos gozam da posição de homem por manter essa coerência entre sexo e gênero. Já o sistema igualitário surge junto com a prática médica que vinha se desenvolvendo no Brasil, muito influenciada pelos pressupostos da medicina que vigoravam na Europa, e com a ajuda ideológica da igreja católica e seu ideal de pureza. Assim, qualquer homem que mantivesse relação sexual com outro homem, fosse ativo ou passivo, era considerado homossexual, ou seja, não gozava do status de homem e de macho. A própria categoria homossexual surge dentro do discurso médico brasileiro, mas muito influenciado pelo discurso europeu. A classificação deixa de ser feita sob uma perspectiva de gênero e

passa a ser feita sob a perspectiva do sexo³⁵. No Beco, ao conversar com alguns entrevistados, percebi que a posição na relação sexual, de atividade ou passividade, assim como as performances de gênero, não eram os pontos definidores das suas sexualidades.

As mulheres, em sua maioria, têm uma aparência mais masculina, manejam essa masculinidade com adereços como calças folgadas, boné para trás, calcinha aparecendo, blusa regata folgada e um top à mostra por dentro. Mas, também, existem as mulheres que manipulam adereços considerados mais femininos, como calça colada, salto alto, brincos, batom, maquiagem, cabelo alisado, blusa decotada. Já presenciei no Beco tanto mulheres que manipulam mais a postura corporal e os adereços ligados a uma posição feminina e as que manipulam atributos mais ligados ao ideal de masculinidade. Muitas dessas mulheres que se utilizam mais dos atributos relacionados à masculinidade são mal vistas pelos próprios frequentadores do Beco e por alguns donos de bares e são consideradas umas das responsáveis pelo estigma que recai sobre o Beco. São, muitas vezes, consideradas arruaceiras, sem educação e causadoras de problemas. A partir de entrevista feita com mulheres lésbicas, Facchine (2009) diz:

“Entre a maior parte das entrevistadas, as masculinizadas são quase sempre citadas como ‘outras’ relativamente distantes, sendo criticadas por tornarem socialmente visíveis suas preferências eróticas, de um modo que poderia se tornar perigoso, e acusadas de procurar chocar ou agredir com sua aparência, o que poderia depor contra a imagem de todas as mulheres que gostam de mulheres” (FACCHINE, 2009, p.322).

Essa visão negativa que recai sobre as mulheres “mais masculinizadas” pode ser uma conseqüência da pretendida e pressuposta continuidade entre o sexo e o gênero, como bem explica a autora Judith Butler (2008) em seu livro “Problemas de Gênero”. Quando Facchine (2009) diz que essas mulheres mais masculinizadas são acusadas de chocar ou agredir com sua aparência, é preciso pensar também, por que tal aparência se apresenta como chocante ou agressiva e em quais contextos de significados elas os são. Assim, assumir que tais posturas são agressivas é também assumir que existe um contexto de significados, em termos de gênero e sexo, que as coloca nessa posição. “Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais”

³⁵ A reflexão de Peter Fry (1982) é muito importante para pensarmos o quanto o termo homossexual não diz sobre uma verdade última dos sujeitos, mas, ao contrário é uma expressão simbólica que tem características próprias e que surge em um determinado contexto, assim como a expressão bicha, ou, o sistema classificatório macho x “bicha”.

(FOUCAULT, 1985, p.244) que conformam o que Foucault (2007) chama de dispositivo da sexualidade. É esse dispositivo de controle e produção, a serviço sempre de um tipo de parentesco tido como heterossexual (BUTLER, 2003) que coloca tanto os homens como as mulheres, que não correspondem à coerência pressuposta e exigida entre sexo/gênero/desejo/prática sexual (BUTER, 2008), em uma posição de marginalidade e, por conseguinte, capaz de chocar e agredir³⁶.

Em termos de pares, já presenciei “mulheres mais femininas” com outras “mulheres femininas”, outras “mais masculinas” com “femininas” e, também, com “masculinas”. Ao perguntar a uma garota sobre qual sua preferência, ela respondeu que nenhuma, desde que fosse mulher; já outras apresentavam preferências, mas essas posições eram muito variadas. Entre os homens, também, já presenciei o flerte com as combinações de gêneros mais distintas entre pares. Embora, ao conversar tanto com homens quanto com mulheres, alguns deles apresentassem preferências, tais preferências não são suficientes para estabelecer categorias em termos de relações, já que elas são muito variáveis de indivíduo para indivíduo e, muitas vezes, independem da postura mais masculina ou feminina que sustentam.

É muito comum os freqüentadores, principalmente, homens, falarem de traição. Muitos destes, com quem conversei, tinham uma história de traição que, por vezes, tinha ocorrido no Beco mas, também, em outros lugares e momentos. Um rapaz de 21 anos conta que foi ao Beco um dia, despretensiosamente, e encontrou seu namorado com outro rapaz. Outro rapaz conta que era casado, há seis anos, com um rapaz do qual estava separado há seis meses por traição do parceiro. Ele disse que o casamento gay é bem complicado e é muito difícil lidar com a questão da fidelidade. Conta que fez uma viagem e falou para o parceiro que voltaria no domingo, mas voltou no sábado para fazer uma surpresa. Quando chegou no sábado à noite, o parceiro estava com outro rapaz na cama deles. Perguntei se ele já tinha traído e ele disse: “*Claro que sim, todo mundo trai, mas eu fazia bem feito, coisa que ele não soube fazer. Você pode fazer, mas tem que fazer bem feito.*”

Estela, responsável pelo Green Bar, dá um depoimento interessante sobre essa questão da traição. Ela contou sobre um casal que sempre ia para o bar, mas, de vez em quando, um

³⁶ É fato que, dentro do Beco, o incômodo que existe em relação às mulheres mais masculinizadas tem relação com um tipo de comportamento dessas mulheres que está para além da performance de gênero. Isso, no entanto, não faz com que essa “incoerência” entre sexo e gênero não seja um dos fatores relevantes para essa opinião negativa em relação a tais mulheres.

dos dois aparecia lá com outro parceiro, e, como ela conhecia os dois, ela fingia que não via nada. Então, no outro dia, o outro aparecia com outro parceiro também e pedia para Estela não comentar nada com o outro parceiro que Estela sabia que, no dia anterior, havia estado lá com outro rapaz. Quando um parceiro perguntava sobre o outro e queria saber a respeito, se o parceiro também aparecera lá com outra pessoa, Estela omitia a situação e dizia que não sabia de nada.

Entre as mulheres, embora o tema da traição surja menos em suas falas, ainda assim, ouvi relatos de garotas que já foram traídas no Beco e, também, já traíram. As brigas que presenciei no Beco, entre mulheres, inclusive as brigas que chegaram à agressão física de fato, estavam relacionadas à traição, ou a disputa entre duas mulheres por uma mesma parceira. Algumas garotas também vivenciam certa rotatividade de parceiras e, a cada final de semana, aparecem com uma parceira nova no Beco. Além disso, é muito comum mulheres com relacionamentos heterossexuais estáveis fora do Beco, irem para o Beco encontrar suas supostas amantes.

Além dessa contextualização, poderia descrever as pessoas que frequentam o Beco sobre outras perspectivas. Vez ou outra, no decorrer do ano, aparecem estrangeiros que são muito disputados pelos frequentadores mais assíduos, principalmente, pelos garotos que fazem programas, ou garotos que se aproximam para conseguir tomar uma cerveja e fumar um cigarro.

A rua é o espaço que concentra maior parte dos fatores que contribuem para a sua estigmatização. É na rua que se dá o uso de substâncias psicoativas. As pessoas vão para o fundo do Beco, para um lugar que fica já próximo das casas dos moradores, para usar maconha. Utilizam um orelhão que não funciona mais, também no fundo do Beco, para cheirar cocaína. Já presenciei, em horários de pouco movimento, pessoas fumando craque na janela dos bares. No período de campo, presenciei, inclusive, cocaína sendo apreendida por um policial civil³⁷.

Além das drogas é na rua que se desenvolve uma trama de trocas sexuais. Muitos garotos que se aproximam dos clientes com aparência mais abastada e se utilizam da sedução

³⁷ É importante esclarecer que o uso de substâncias psicoativas, nos últimos, anos não cresceu só no Beco, mas esse foi um movimento que aconteceu na cidade como um todo. No entanto, é importante pensar, também, em quais lugares esse uso acontece e como ele acontece, com que grau de liberdade ou repressão, por exemplo. Imagino que, nesse sentido, o Beco guarde particularidades em relação a outros lugares e mesmo em relação à cidade como um todo.

para conseguir tomar uma cerveja. Os pequenos furtos também acontecem na rua. Esses furtos são atribuídos aos garotos de 15, 16, 17 anos que são heterossexuais e vão para o Beco roubar, geralmente roubam celular e dinheiro. Percebi, também, a existência de michês na rua.

Para Néstor Perlongher (1987), “o michê é uma espécie sui generis de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente” (PERLONGHER, 1987, p.17). Nestor Perlongher (1987), em seu estudo sobre michês no centro de São Paulo, aponta para a venda e prostituição de um valor que é muito caro à nossa sociedade, qual seja este, a masculinidade. Perlongher (1987) diz que, se o cliente do michê fosse uma mulher, provavelmente, ela continuaria a ser chamada de puta, já que nosso referencial de prostituição não é tanto o corpo vendido, mas o corpo penetrado. Assim, o michê inverte essa lógica, na medida em que o que ele está vendendo não é o corpo penetrado, mas, a própria masculinidade, valor supostamente supremo e inalienável. “A prática da prostituição viril obriga a desfazer a costumeira associação entre a venda de favores corporais e a feminilidade” (PERLONGHER, 1987, p.20).

Para Perlongher (1987), os michês, em sua maioria, encaram sua prática como provisória e descarregam o estigma sobre o parceiro, isso porque o fato de eles não saírem da economia discursiva e gestual de normalidade, ligada à coerência pressuposta entre sexo e gênero, lhes permite tal posição. Isso configura um “curioso comércio onde os ‘normais’ aparecem prostituindo-se para os ‘desviantes’” (PERLONGHER, 1987, p. 20). Geralmente essa relação se dá sob três eixos básicos: “um eixo de gênero (mais masculino/menos masculino), um eixo de idade (mais jovem/ menos jovem) e um eixo de classe (mais abastado/menos abastado)” (PERLONGHER, 1987, p.42). Essas são algumas características da relação de troca que se dá entre os michês e seus clientes.

No período de campo, tive a oportunidade de dialogar com dois michês. Ao chegar em casa, tentei reproduzir a conversa que tive com eles. Colocarei um trecho do diário de campo referente a uma conversa que tive com um deles, pois penso ser bastante ilustrativo:

Nesse meio tempo que fiquei observando as pessoas um rapaz sentou do meu lado na mesa. Esse rapaz fazia parte do grupo de aparência mais despojada, tinha uma aparência bem masculina, o olhar sério, uma postura fechada; estava vestido com uma bermuda cujo lado direito era preto e o lado esquerdo era branco, uma blusa branca, um tênis um pouco velho e de cor

branca e um boné para trás³⁸. Quando ele se sentou, ficou bem calado e, então, resolvi puxar conversa com ele. Perguntei se ele vinha sempre aqui no Beco e ele disse que não, de vez em quando, ele respondeu. Começou a falar que estava ali esperando um amigo, que tinha marcado com ele desde 21:00h e ele ainda não tinha chegado. Já eram 23:15h. Falou que seu amigo estava querendo dar o troco, porque, outro dia, ele tinha marcado com esse amigo e não pôde aparecer. Mas ele não foi, segundo disse, porque realmente não pôde ir e não porque não queria ir ou qualquer coisa desse tipo. Perguntei se esse amigo era namorado dele e ele respondeu que não.

Ele: Não, não, pô. É só amigo mesmo, não curto isso não. A gente só vem para cá para gastar mesmo, beber uma cerveja, é só isso. E você está aqui sozinha?

Eu: Sim, estou.

Ele: Mas, eu vi você conversando com um rapaz.

Eu: Ah, é um amigo, mas já saiu. E esse amigo, você acha que ele vem ainda?

Ele: Não sei. Uma coisa que eu não gosto é isso, marcar e não aparecer, se marcou, tem que vir.

Eu: Você mora aonde?

Ele: Em Lauro de Freitas e você?

Eu: Eu moro aqui pelo Campo Grande mesmo.

Ele: E você? Curte a onda?

Eu: Como assim?

Ele: As meninas?

Eu: Não, não curto.

Ele: Sei, sei, vai me dizer que não curte.

Eu: Não.

Ele: Eu também não curto não, só se rolar uma grana.

Eu: E, geralmente, rola por aqui?

Ele: Aqui de vez em quando rola.

Eu: E você cobra quanto?

Ele: 150 reais.

Eu: Para ficar quanto tempo?

³⁸ Em outros estudos sobre lugares de sociabilidade GLS também se encontra a referência ao boné para trás como uma espécie de signo dos garotos que se prostituem e que manejam o atributo da masculinidade para fazê-lo. Ver Simões (2008).

Ele: Até gozar. Bom foi um coroa que eu peguei esses dias, foi só colocar a cabeça que ele gozou. Ah, se todos fossem assim, ia ser bom. E um deputado, José³⁹, que me paga só para fazer companhia a ele. Eu viajo com ele, como, bebo e ainda ganho para fazer companhia a ele.

Eu: Mas você não faz nada?

Ele: Nada, ele só quer minha companhia. Disse que sabe que eu não gosto de fazer essas coisas e por isso eu não preciso fazer.

Eu: Você acha que ele é apaixonado por você?

Ele: É sim, ele gosta de mim. Agora, o mal, é que ele cheira muito pó, eu não gosto. Se bem que um dia eu cheirei e fiquei doidão, o nariz escorrendo. Mas não é a minha, não. Prefiro um beck que você fica de boa e pronto.

Eu: Acho que tem um cara te olhando ali.

Ele: É! Ele está olhando já tem um tempo. Espera aí que eu vou ver qual é?

Ele se levantou, aproximou-se do cara, quando estava perto pegou no pênis, apertou, ajeitou até ficar mais volumoso e foi conversar com o cara que estava olhando para ele. Voltou e fez um sinal para mim como se não tivesse rolado nada. Depois se aproximou de mim e me chamou para sentar em outro lugar, no passeio do bar de Eduardo. Aceitei e fomos sentar lá. Ao sentarmos, percebi que tinha um rapaz que olhava muito para ele. Sentamos, mostrei esse rapaz e ele disse que já tinha percebido. Esse rapaz se aproximou, recostou num poste que ficava na nossa frente e continuou encarando.

Sem esperar, Rodrigo se levantou e foi até o Bar Camarim, chegou lá e começou a conversar com dois rapazes. Os olhos do rapaz que estava encostado no poste foram acompanhando o movimento de Rodrigo, e fez uma expressão de tristeza, ou frustração, não sei bem, quando viu que Rodrigo estava conversando com outros dois rapazes que pareciam ter uma condição financeira muito mais favorável para pagar pelo produto do que ele. Quando os rapazes não estavam olhando, Rodrigo olhava para mim e sinalizava, para explicar que não estava rolando a negociação. Depois ele se aproximou de mim novamente e disse:

Ele: Não rolou nada, eles não queriam pagar o preço.

Eu: Aquele rapaz do poste ainda está te olhando. Você acha que ali rola?

Ele: Só vendo.

³⁹ Esse é um nome fictício. Os nomes relatados nessa história foram alterados por mim, para resguardar as pessoas envolvidas no relato.

E aí Rodrigo levantou e foi até lá falar com o rapaz, mas também não rolou. Depois ele voltou e se sentou novamente na cadeira ao meu lado e disse que não tinha rolado, pois o cara não tinha grana para pagar. Continuamos conversando e, depois de muito conversarmos, ele perguntou: e você, se uma mulher te oferecesse uma grana você aceitaria? Nesse momento, fiquei sem saber o que falar. Fiquei com receio de falar não e ele se sentir julgado. Também não queria falar que sim, que aceitaria, pois, sei que de fato é algo que eu não faria. Então, respondi: não sei. Achei interessante essa pergunta, pois me pareceu uma busca por aceitação. Depois de um tempo, a conversa se encerrou, me despedi dele e parti. (Diário de campo, 03/09/2008)

Ainda tive oportunidade de conversar com outro garoto de programa. Esse rapaz, no entanto, não fazia programa só com homens mas, também, com mulheres. Ele se diz bissexual, mas disse que ainda pretende casar e constituir família. Segundo ele, mulher é bem melhor para ter um relacionamento estável. Ele falou que raramente sente tesão pelos caras e pelas mulheres com quem ele transa, mas que é uma coisa profissional mesmo. Falou que para o homem ele sempre cobra, mas, para as mulheres, às vezes, ele não cobra, pois é uma coisa mais natural, que faz parte mais da sua natureza. Falou que, para homem, quando ele está na posição de ativo, cobra 60,00 reais e para ser passivo 80,00 reais. Disse que, quando um homem procura um garoto de programa é de duas uma: ou ele é muito feio fisicamente ou velho e não consegue arranjar um rapaz de forma natural, ou ele é muito tímido e tem dificuldade em externar seu desejo homossexual para outro homem, então, paga um garoto para satisfazer momentaneamente esse desejo⁴⁰.

Além disso, alguns espaços da rua, principalmente as extremidades, tornaram-se espaços onde o sexo e, quando não o sexo em vias de fato, comportamentos muito próximos disso são publicizados. Ouvi vários relatos de pessoas que presenciaram casais transando no fundo do Beco ou fazendo sexo oral. Essa permissividade em relação a comportamentos sexuais e uso do corpo não se dão apenas entre os homossexuais mas, também, entre os poucos adolescentes heterossexuais que frequentam o Beco. Um trecho do relato de campo é bem interessante nesse sentido:

⁴⁰ Não ouvi falar de programas entre mulheres dentro do Beco, no entanto, ao conversar com uma frequentadora em campo, ela disse que no seu bairro, um bairro periférico em Salvador, por ela ser uma pessoa que paga sempre o que bebe, que não pega fiado, então, umas garotas do bairro se aproximam, sentam no colo dela, para que ela pague uma cerveja ou um cigarro. A frequentadora disse que percebe essa situação e não gosta muito, pois percebe que é uma aproximação movida pelo interesse no seu dinheiro.

Eram três garotas, provavelmente de áreas periféricas de Salvador, baixas, gordas, negras, com shorts bem curtos, barriga de fora, que não pareciam ser lésbicas, mas, pareciam estar ali só se divertindo. Estava tocando pagode e elas dançavam, reboavam até o chão com expressões bem sensuais. Além delas, estava outra garota negra, magra, cabelo escovado, com blusa e short que cobriam mais seu corpo. Essa garota colocou a mão no poste, empinou a bunda e veio um rapaz por traz dela que ficou roçando a genitália na sua bunda. Enquanto ela descia e subia a bunda, esfregando-a na genitália dele, ele passava a língua pelos lábios, dava uns tapas na bunda dela e ela fazia uma expressão de quem estava gostando muito. Além disso, havia uns rapazes que se aproximaram das três garotas. Um deles, o mais gordo, de boné e óculos, que parecia ser o que tinha os atributos físicos mais desvalorizados em relação aos padrões sociais de beleza e corpo, foi para trás de uma dessas três garotas, a pegou pela cintura, ela se inclinou, descia e subia, enquanto ele reboava roçando o pênis na bunda dela. (Diário de campo, 16/10/2009)

Tudo isso gerou o que eu chamo da ‘ética do tudo pode’. Segundo alguns frequentadores, donos de bares e moradores, o Beco é o lugar onde tudo pode acontecer, um lugar de permissividade:

“Tudo ali se pode, tudo, tudo pode acontecer naquele lugar, até você transar no fundo do Beco acontece e, muitas vezes, já aconteceu de eu ver e de quase estar lá culminando o ato sexual, sabe? Eu mesmo falando isso agora, eu mostrei que pode sim, você pode fazer tudo lá dentro, e, hoje em dia, eu não vejo mais assim, eu vejo que você pode fazer tudo, você pode fazer tudo lá dentro.” (informação verbal)

Fico me questionando se o fato do Beco dos Artistas ter se tornado um espaço GLS, ter assumido essa bandeira e pelo fato de a prática homossexual, ainda ser, nos dias de hoje uma prática marginalizada – se pode a homossexualidade, tudo pode - não levaria as pessoas a pensarem que, por isso, aquele espaço também possibilitaria a existência de outros comportamentos que, também, são marginalizados, mas, que naquele espaço poderiam ser praticados. É o caso, por exemplo, do uso de cocaína e maconha na rua, dos furtos, da presença de michês. Perlongher (1987) toca nesse ponto, em seu estudo sobre o gueto gay no centro de São Paulo, no fato de como determinados espaços homossexuais convivem com outros códigos marginais.

“[...] a massa de gays que circula pelo centro da cidade, num circuito estável e difuso, está em relações fatuais de contigüidade com as demais marginais que instalam, no espaço urbano deteriorado, suas banquinhas: prostitutas, travestis, michês, malandros e todo tipo de lúmpens” (PERLONGHER, 1987, p26).

Numa conversa que tive com uma frequentadora do Beco, também se fala dessa relação de proximidade que uma posição de marginalidade, por vezes, pode proporcionar em relação a outras posições marginais.

“Quando você já transgride uma norma, quando você já não é tão ‘normal’ assim, fica mais fácil você transgredir outras normas. Se você já está na merda, fica mais fácil se afundar nela. É diferente de uma mulher que vai casar e ter filhos, constituir família.” (informação verbal)

Essa proximidade de posições marginais faz com que, de certo modo, os indivíduos que ocupam essas posições, no tecido social, acabem ocupando também espaços físicos semelhantes, é o que Perlongher (1987) chama de “territórios marginais”. Assim, o Beco, além de ser um espaço frequentado por homossexuais, acabou por se tornar um ponto que concentra outras atividades marginais. Percebe-se que, na medida em que a prática homossexual foi-se tornando mais explícita no Beco, outras atividades como o uso e venda de substâncias psicoativas⁴¹, passaram a incidir, também, de forma mais explícita. O fato de o Beco ser um espaço de sociabilidade homossexual deixa margem, ou possibilita uma maior permissividade e uma maior abertura em direção a outras práticas que, também e ainda, ocupam uma posição marginal na nossa sociedade. Isso acaba se refletindo no próprio espaço físico e o Beco se torna representativo dessa marginalização social e simbólica.

Outro fator de descontentamento, principalmente por alguns donos de bares, é o tipo de comportamento de alguns frequentadores. A fala de Estela, dona do Green Bar e de Marcelo, responsável pelo Bar Cultural é bem interessante nesse sentido:

*“Por que elas acham que aqui é o lugar delas, aqui é o meio, cem por cento, quase gay, entendeu? Então, elas acham que podem fazer isso e eu não consigo entender por quê. Eu sempre pergunto as pessoas que eu conheço, se vocês querem respeito, querem ser respeitados pela sociedade, querem que a gente olhe para vocês como pessoas, entre aspas, normais, então, **por que vocês são tão anormais** (grifo nosso), fazem coisas tão esdrúxulas,*

⁴¹ É fato que o uso de substâncias psicoativas como o craque vem crescendo em Salvador de um modo geral, no entanto, esse crescimento e esse uso não são constatados em qualquer espaço. Percebo uma postura de alguns jovens que, muitas vezes, não são nem frequentadores e que usam essas substâncias no Beco do tipo – ah, aqui a gente pode. Essa postura mantém uma relação com a percepção que esses jovens têm sobre o lugar, e essa percepção, claro, passa pelo fato de o Beco ser um espaço de sociabilidade GLS, onde, de um modo ou de outro, alguns padrões normativos já são rompidos.

*tão loucas, que faz com que a gente olhe para vocês realmente com olhos (gaguejou), que a gente olhe para eles com olhos negativos e aí rotulá-los no caso de pessoas mal educadas, pessoas que gostam de se mostrar, que gostam de dizer eu posso. Eles acham que são, assim, mais sabidos que a gente, como, por exemplo, entrar no banheiro duas pessoas e fingir que só tem uma, entendeu? Esse tipo de coisas absurdas, sabe? Não cuidam dos banheiros. O banheiro estava impecável, eu tinha meu banheiro lindo e maravilhoso, eles destruíram tudo, fazem cocô na tampa da privada. Poxa, tem um buraco imenso para você colocar a bunda e você faz cocô na tampa? Eu não consigo compreender. Hoje eu não compro mais nada porque assim, se eu compro hoje, amanhã eu não tenho, então não tem condições de você bancar, falando assim, na parte comercial, um tipo de local desse, entendeu? Porque, eles destroem tudo, as mesas que não são minhas, são da Skin emprestadas. Se você botar de cabeça para baixo, tem uma coleção de chicletes de todas as cores do mundo, de roxo a branco, coisas que eu nunca vi na minha vida, então, eles cospem no chão, arranham, passam o cigarro no chão, jogam aquele negócio, antes de beber um pouquinho jogam a cerveja no chão para o santo, então, realmente eu não consigo entender porque eles agem assim, já que eles querem que a sociedade os aceite como pessoas, que financeiramente eles trabalham, que contribuem para a sociedade, entendeu? Mas, quando chegam aqui com tanta falta de educação, com picuinhas, tantas bobagens, entendeu? Realmente, é uma pergunta que eu vou deixar em aberto, eu gostaria que, um dia, você voltasse e me respondesse, depois da sua pesquisa. É difícil entender como as pessoas querem tanto se colocar na sociedade e agir assim com a sociedade, porque, se nós tivéssemos alguma coisa contra eles, eu e meu marido que somos heterossexuais, a gente não estaria aqui, nem atendendo, nem beijando, abraçando alguns. Porque, a gente tem essa intimidade, **se a gente tivesse algum nojo, algum medo, algum receio**, a gente não estaria aqui e eles não entendem não, eles acham que tudo pode e pronto.” (Estela, informação verbal)*

A fala de Marcelo também é ilustrativa:

“Não há necessidade de você agir assim publicamente: você entrar no banheiro e fazer sexo dentro do banheiro, você sentar e querer cheirar pó em cima da mesa, andar na rua e querer fumar, cheirar pó na rua, ou fazer até sexo na rua. Tem pessoas que não sabem se dar ao respeito, no momento certo, na hora certa para fazer o que ele quer. Naquele momento, ele não está se dando ao respeito. Tem que se dar o respeito. Até porque, no meu estabelecimento aqui, se chegar um casal de hetero e entrar no banheiro junto, eu vou

mandar sair. Se agarrar demais em um canto e eu perceber que quer fazer orgia, eu mando sair, eu mando parar. Então, não é porque é homossexual ou não. É porque você tem que se dar o respeito, independente de ser homem, mulher, homossexual, bi, hetero, não interessa. As pessoas têm que saber respeitar o espaço, o próprio espaço. Porque, quem não respeita seu próprio espaço, a sociedade não vai aceitar nunca. Como é que vou conseguir fazer com que a sociedade respeite meu espaço se eu faço orgia dentro dele? Então, não pode ser isso. Dizem: hoje as pessoas têm que abrir a mente. O homossexual é que tem que abrir a mente da sociedade, não só a sociedade abrir a mente para ele. Eu sou contra, fugindo um pouquinho do Beco, e, entrando literalmente no assunto homossexualismo, eu sou contra a parada gay. Eu não admito colocar uma bandeira na cara e sair gritando que eu sou gay. Eu sou e acabou. Conto para qualquer um e abro o jogo para qualquer um. Eu só não vou para rua ficar gritando em cima de um palco, como muitos integrantes do GGB ficam gritando: A Bahia é gay! Salvador é gay! Não sei quem é gay!” (Marcelo, informação verbal)

Percebe-se que, nas duas falas, tanto na fala de Estela quanto na fala de Marcelo, o mau comportamento dos frequentadores se confunde com a própria condição de homossexual. Parece que essas características se misturam no pensamento de ambos. Quando Estela se refere aos frequentadores como anormais, ela está se referindo ao comportamento deles ou a sua condição de homossexual que também não deixa de ser um tipo de comportamento? Será que seu incômodo, além de ser pelo comportamento em termos de educação, não acaba por se confundir e fundir com o incômodo com o próprio comportamento homossexual? Do mesmo modo, a fala de Marcelo sobre esse mau comportamento dos frequentadores, segue-se logo por uma reflexão sobre o que ele chama de homossexualismo. Até que ponto, Marcelo e Estela, de algum modo, não atribuem esse mau comportamento à condição de homossexual desses frequentadores, ou a um tipo de postura que, para eles, provém dessa posição? Mas, além desse confuso incômodo, é fato que existe algo no comportamento dos frequentadores que incomoda Marcelo e Estela e que não necessariamente está ligado à homossexualidade. Como sentar e colocar os pés na cadeira, cuspir no chão, colar chiclete debaixo das mesas e nas cadeiras e todas as coisas já citadas na fala de ambos.

Todos esses fatores fizeram com que o Beco, nos últimos anos, se tornasse um lugar extremamente estigmatizado e marginalizado. A grande maioria dos frequentadores, quando perguntei sobre o Beco, afirmaram que estavam ali por falta de opção, que o Beco já foi bom um dia, mas que hoje é um lugar muito vulgar e promíscuo. No entanto, esses mesmos

frequentadores continuam a ir e a estabelecer algum tipo de identificação com o Beco dos Artistas. Wacquant (2004), em seu estudo sobre guetos, diz:

“Essa identidade unificada acaba sendo marcada pela ambivalência, já que continua maculada pelo fato de a guetização proclamar o que Weber chama de avaliação negativa de honra do grupo confinado. Dessa maneira, ela promove em seus membros sentimentos de dúvida em relação a si mesmos, dissimulação de sua origem, desvalorização perniciososa de si mesmo.” (WACQUANT, 2004, p.160).

Guardando as devidas particularidades do objeto de pesquisa que é, com certeza, diferente do tipo de gueto que Wacquant (2004) estava se referindo, podemos, ainda assim, estabelecer algumas comparações. Entre elas, o fato de que muitos frequentadores do Beco, embora gostem de frequentá-lo e continuem frequentando, emitem uma opinião muito negativa do espaço. Muitos frequentadores negam que frequentam o Beco, pois frequentar o Beco é “queimação” no meio gay. Outros frequentadores afirmam que só vão para o Beco por falta de opção. Isso mostra o quanto a posição do frequentador do Beco dos Artistas, hoje, é uma posição ambivalente, no sentido de que, ao mesmo tempo em que existe uma identificação com o espaço e uma necessidade de vivê-lo, aproveitando a liberdade e as vantagens que esse espaço oferece, existe, também, uma interiorização da imagem negativa que é projetada no Beco. Uma conversa com dois rapazes que estavam no Beco elucidava esse ponto:

A – E o que vocês acham do Beco?

Y – Muito violento, muito sujo, gente baixo astral, só venho porque a sociedade não aceita a gente, a gente não tem outros lugares para ir, a gente tem que vir aqui para poder namorar e ficar com outras pessoas [...] não tem segurança, é um lugar perigoso aqui, vem gente fumar maconha, até assaltar, fica ali na porta do Beco, porque acha que todo gay é viadinho, é bichinha, é mulherzinha, é vulnerável, entendeu? E não é, tem muita gente que não é.

I - Apesar de tudo, eu me sinto bem aqui, eu me sinto a vontade para fazer o que eu quiser, a gente pode namorar.

Y- Acabou de ligar para mim agora um amigo meu e eu disse que estava em casa para não dizer que estava aqui, entendeu?

Essa conversa mostra a ambivalência presente na posição dos frequentadores. Essa posição ambivalente é extremamente recorrente. A maioria dos frequentadores sustenta uma opinião crítica em relação ao Beco, mas, continua frequentando-o. Muitas vezes, essa postura contribui para a reprodução do estigma que recai sobre o Beco. Ainda que essa postura se refira às condições materiais características do Beco, como o calçamento deteriorado, o lixo na porta do Beco, o uso de substâncias psicoativas, a falta de segurança, quando os entrevistados descrevem o comportamento dos frequentadores⁴² do Beco, que eles próprios fazem parte, como promíscuo e vulgar, essa opinião pode ser fruto da internalização dos padrões de normalidade que vigoram no Beco e fora, ou na sociedade mais ampla. O estigma não parte só das pessoas que estão fora do Beco, mas, dos próprios frequentadores. Goffman (1980) diz:

“O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que a sociedade maior tem; isso é um fato central. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma ‘pessoa normal’, um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima.” (GOFFMAN, 1980, p.16)

Além dos frequentadores, as pessoas do bairro Garcia que conheceram o Beco desde seu início e outras pessoas de fora que conhecem o Beco, mas não são frequentadores, também sustentam a idéia que se cristaliza na dicotomia entre o Beco dos Artistas - esse Beco que um dia foi bom, divertido e saudável - e o Beco hoje como um lugar vulgar, promíscuo e sujo. Uma expressão que surge muito na fala das pessoas, quando se referem ao Beco, dos frequentadores e dos não frequentadores, é a “energia negativa”. Muitos afirmam que o Beco tem uma energia negativa, uma energia pesada e incômoda. Mas o que é essa energia negativa mesmo? Será que essa energia negativa não está atrelada ao estigma que recai sobre o Beco nesses últimos anos? E digo estigma aqui no sentido de Goffman (1980), como “características cujo efeito de descrédito é muito grande; algumas vezes consideradas defeitos, fraquezas ou desvantagens” (GOFFMAN, 1980, p.12). E quais características são essas que favoreceram a estigmatização do Beco? Um trecho do relato de campo é bem ilustrativo sobre essa “energia negativa” que atribuem ao Beco:

⁴² Muitos frequentadores inclusive não admitem que são frequentadores. Dizem que só vão ao Beco esporadicamente, que estão ali, mas, não gostam do lugar. Enfim, criam uma série de proposições que os tiram do lugar de pertencimento àquela atmosfera que eles consideram “baixo astral”, o que permite que eles façam afirmações sobre o lugar e o público que o frequenta, sem, no entanto, se incluir nessas afirmações. Os frequentadores são sempre os outros e não aquele que enuncia.

No dia da parada gay à tarde, encontrei uma amiga e o filho dela de nove anos, ela é uma pessoa bem aberta, já tinha conversado com ele sobre o que era a parada gay. Nós nos encontramos e falei com ela que queria passar no Beco para ver como estava o movimento. Como era à tarde, o movimento ainda estava fraco, pouca gente, os bares não estavam abertos, ainda assim, resolvi entrar e ficar um pouco por ali observando. Ela e o seu filho entraram comigo. De uma hora para outra, o filho dela falou que queria ir embora. A primeira coisa que ela falou foi que o Beco tinha uma energia negativa e que seu filho tinha sentido essa energia e, por isso, ele queria ir embora. Fiquei pensando que energia negativa era essa que o filho dela tinha sentido? A que ela atribui essa energia negativa? Pensei que, simplesmente, ele pode ter se sentido entediado por não ter nada de interessante ali para ele fazer, ou por querer sair um pouco daquele espaço fechado, ir para um lugar mais fresco, enfim, uma série de outros motivos poderia tê-lo levado a querer sair dali, no entanto, o primeiro motivo declarado por ela foi que o Beco tinha uma energia negativa. Nesse sentido, me questionei se a idéia do Beco como um espaço que tem uma energia negativa não partiu mais dela do que do próprio filho. De alguém que já tinha frequentado o Beco antes, que já tinha suas concepções sobre o Beco, enfim, o fato é que ela não foi a primeira pessoa que eu ouvi se referir ao Beco como um espaço que concentra uma energia negativa. Mas, o que significa exatamente uma energia negativa, quais fatores representam essa energia negativa e por que representam? (Diário de campo, 26/04/2009)

A fala de um freqüentador também toca nesse ponto:

*T – Na época que eu ia, também, era baixo astral, mas, **quando você frequenta não é baixo astral**. Mas hoje está baixo astral, por isso, por causa do tipo de pessoas que está frequentando, a marginalização, o pessoal bêbado, drogado, os bandidos. Já tive no Beco para chegar assim uma renca de marginais, querendo assaltar o povo. Marginal tem uma forma de se vestir, não é porque você veio da periferia e, mesmo que você não seja homossexual, você não tem necessidade de botar o boné à noite, aquele boné chapadão. É tudo uma caracterização de marginal. Talvez até eles não sejam, mas, até segunda ordem, você olha assim, destoando de tudo que está ali. Você vê cores, você vê tudo. Você não vê ninguém vestido daquela forma, nenhum homossexual que se preze vai sair vestido daquela forma. Olhe, se não está lá usando drogas, se não está ali no meio dos estudantes bagunceiros, é o quê? Gay? Hetero? Nós tínhamos certeza de que eram heterossexuais, como, também, tínhamos certeza que eram pessoas de má índole, sabe? Tanto é que, quando eles passavam e o Beco estava cheio, abria os corredores, parecia polícia e eram as mãos no bolso, para segurar as coisas e impedir que fôssemos assaltados.*

A – Como eles ficam vestidos?

T – Sabe aqueles bonés que têm aquelas abas meio abertas, umas camisas florais, umas calças folgadas, umas sandálias, você vê que é sujo, não sei, é uma coisa de energia, não sei se as pessoas percebem isso, como o imã tem uma energia, passa uma energia. Como eu venho da periferia, o meu bairro tem muito disso, as pessoas passam ali na porta da minha casa. Um tipo de pessoa dessa forma, você sente mesmo, sente no olhar, na malícia, tem muito disso, tem muito disso lá.

A fala desse frequentador mostra o quanto essa energia negativa que as pessoas atribuem ao Beco não é uma áurea mística própria do lugar, mas está atrelada a questões sociais reais, como a cor da pele das pessoas que frequentam o Beco, as substâncias psicoativas, as formas como as pessoas se vestem, aos furtos, a classe social, aos comportamentos sexuais e as performances de gênero que são ali vivenciadas. O Beco concentra tipos de práticas, pessoas e comportamentos que são extremamente estigmatizados na nossa sociedade. Um público majoritariamente jovem, de cor de pele negra, de camadas sociais menos favorecidas, de homossexuais e de alguns usuários de substâncias psicoativas. O viés de classe tem um peso forte para essa estigmatização do lugar. A fala de um antigo frequentador retrata bem esse viés:

A – Me fala mais um pouco da tua relação com Beco? O que te levava ao Beco? O que te leva hoje ao Beco?

*L – Pé na jaca, quando eu quero enfiar o pé na jaca, eu vou ao Beco. Vamos abrir as portas da esperança. Tem uma amiga minha que diz assim: vamos para o zoológico! A gente vai para o BA que é um zoológico humano, eu vou lá por isso. Antigamente não, eu ia lá para ver peça, ouvir poesia. Ia porque minha namorada morava ali perto, a gente ia com esse climão mais cultural, hoje eu vou para pisar o pé na jaca. Vamos para baixaria? Mais para ver do que para participar. **Ver bichinha pobre paquerando** (grifo nosso), entendeu? Mas eu já tive momentos ruins no Beco. Gente cheirando pó no meio da rua, não pode acontecer isso. Mas há muito tempo eu não vou lá ao Beco. Quando eu quero alguma coisa mais misturada, eu vou lá ao Beco da Rosália.*

A caracterização que Júlio Assis Simões desenvolve sobre a Rua Vieira, em trabalho desenvolvido no centro histórico de São Paulo é muito semelhante à realidade, em termos de estigma, vivida pelo Beco hoje⁴³. Ele diz:

“Na própria cena homossexual paulistana, paira um certo estigma em relação à região da Vieira e sua população, que as associa a um desvalorizado juízo moral, comportamental e estilístico. A área estaria relacionada, nesse imaginário, a noções de promiscuidade, prostituição, ‘brega’, cafona e ‘popular’. Isso se expressa nas referências à Vieira como ponto de concentração das ‘bichas-pão-com-ovo’, termo depreciativo usado entre os próprios homossexuais para designar rapazes mais pobres que moram nos bairros mais distantes e dependem dos horários do transporte público; assim como das ‘bichas quá-quá’, rapazes de comportamento mais ‘afeminados’ e espalhafatoso.” (SIMÕES, 2008, p.9)

Todo esse contexto e todos esses fatores já mencionados que contribuíram para a estigmatização do Beco, cristalizaram-se em uma sigla que os próprios frequentadores cunharam para o lugar, essa sigla é BA. Os frequentadores parodiaram o termo Beco dos Artistas e transformaram em BA, que significa Baixo Astral. Isso quer dizer que o Beco agora não é mais dos artistas como foi um dia, mas é, sim, um lugar Baixo Astral, o BA. Retira-se, então, toda a positividade do termo e enfatiza-se o aspecto negativo do Beco. Essa paródia do termo não possui um significado puramente semântico, mas, caracteriza mesmo a mudança de sentido que veio ocorrendo no Beco durante todos esses anos, ao mesmo tempo em que representa toda a carga negativa e o estigma que é projetado sobre o lugar e interiorizado por alguns frequentadores. A fala de Marcelo, responsável pelo Bar Cultural, marca bem essa passagem:

“Hoje, taxado como GLS, pela frequência que foi criada com o tempo. Hoje é taxado como GLS, mas deixou de ser Beco dos Artistas para ser chamado como BA. A maioria das pessoas conhece como BA e não como Beco dos Artistas. É a sigla do Beco dos Artistas, mas é uma forma de dizer que o Beco dos Artistas já deixou de ser de artistas, já faz muito tempo. Tanto que a maioria das pessoas que vem aqui, poucas delas fazem teatro, poucas delas fazem alguma coisa. Poucas delas têm uma função ou vocação na sociedade. São pessoas de nenhum nível, outras sem nenhum estudo, outras sem nenhuma cultura. Então, essas pessoas

⁴³ Aqui não falo de semelhanças em termos de espaço e dinâmica, mas, em termos de estigma. É sabido que existem diferenças muito grandes entre a Rua Vieira no Centro Histórico de São Paulo e o Beco dos Artistas, no entanto, quando me refiro à semelhança, quero dizer que os mesmos fatores que contribuem para a estigmatização da Rua Vieira no Centro de São Paulo, de algum modo, também são fatores que contribuem para a estigmatização do Beco aqui. O Beco como a Rua Vieira, também, está associado a noções de promiscuidade, prostituição, brega, cafona e ‘popular’.

queimaram indiretamente o Beco, ou diretamente queimaram o Beco. E trouxe essa imagem feia para o Beco.”

E mais adiante:

“Então, o Beco dos Artistas foi criado assim. Pessoas de famílias respeitadas vinham para cá ouvir som, voz e violão, tomar cerveja. Era um espaço aberto a todos os tipos de público. Quando é que começou a ser taxativo, começou a ser taxado como Beco dos viados, como Beco GLS. Que começou a chamar BA, Beco GLS, beco não sei o quê? Não se chamava mais Beco dos Artistas, usava-se a sigla porque se achava mais fácil. Como chamar de BA é chamar de “Baixo Astral”. Começaram a queimar a imagem do Beco. Não porque se dizia que era um espaço gay, mas porque o público gay que começou a frequentar o espaço estava deixando uma imagem feia, mal vista para a sociedade. Como se agarrar na porta da entrada do Beco, como fazer sexo no fundo do Beco, como fumar maconha na entrada, no meio e no final do Beco, como cheirar pó dentro do estabelecimento e até na entrada do Beco.”

É notório, pela fala de Marcelo, como essa nova sigla, BA, está relacionada ao fato de o Beco ter-se tornado, ao longo desses anos, um espaço de sociabilidade GLS ou “o beco dos viados”. O título de “Baixo Astral” não se resume a isso, mas é fato que hoje a principal característica do Beco, antes de ser um lugar onde existe o uso de drogas, um público de baixo poder aquisitivo e de cor de pele negra, é o fato de ele ser um beco de sociabilidade GLS. Assim, a mudança em termos semânticos de Beco dos Artistas para “Baixo Astral” corresponde à mudança na realidade empírica, de um lugar frequentado por artistas e intelectuais para um lugar de sociabilidade especificamente GLS.

Todo esse percurso mostra como o Beco foi-se modificando ao longo dos anos, como diversos fatores contribuíram para sua estigmatização. O Beco foi, ao longo dos anos, perdendo sua imagem de um espaço positivo, reduto da arte e cultura, para assumir, no decorrer dos anos, uma imagem extremamente estigmatizada e negativa, sinônimo de um reduto gay, negro e pobre. Foi, ao longo dos anos, deixando de ser Beco dos Artistas para se transformar em BA – Baixo Astral- com todo o sentido de negatividade que o termo implica.

Essa visão negativa do Beco contrasta, no entanto, com um espaço que é frequentado de terça-feira a domingo, dias com mais gente, dias com menos gente. Um lugar que ainda exerce uma atração sobre as pessoas. Nas sextas-feiras e sábados o Beco fervilha de gente, os bares e a rua ficam cheios. O Beco traz essa ambivalência de sentido, ao mesmo tempo em

que é muito estigmatizado, é um lugar que continua a atrair as pessoas e não só das camadas mais desfavorecidas, embora estas estejam lá em maioria, atraí pessoas também de classe média, intelectuais que, ainda hoje, frequentam o lugar. Pessoas que vêm no Beco uma possibilidade de diversão, de alegria. É, nesse sentido, um lugar que cumpre um papel, que tem uma função. Ainda é um espaço de sociabilidade que permite os encontros e as trocas.

2.3 O CORPO E O COMPORTAMENTO

Continuei observando e vi um rapaz que também chamou minha atenção. Ele estava vestido com uma calça xadrez, cinza e preta, uma blusa regata. Tinha o corpo bem definido, com os músculos aparecendo, mas, ao mesmo tempo tinha algo de feminino naquele corpo, talvez a postura esguia, a bunda empinada e as pernas coladas. Isso gerava uma aparente contradição corporal, uma espécie de androgenia. Ao mesmo tempo em que os músculos definidos e à mostra expressavam uma masculinidade, esses mesmos músculos, dentro do conjunto corporal, levando em conta a postura esguia, a pequena abertura das pernas e a bunda empinada, pareciam conformar muito mais um arquétipo feminino, uma masculinidade dentro de uma totalidade feminina. Além disso, também, seu rosto parecia ser feminino e masculino ao mesmo tempo. O cabelo grande e cheio descia abaixo dos ombros, ele usava uma passadeira que fazia a parte de frente do cabelo ficar mais baixa, o que dava um contraste com a parte do fundo que sobressaía volumosamente. O fato dele estar usando uma passadeira deixava seu rosto mais exposto, um rosto também andrógino, o queixo quadrado dava um quê de masculinidade, enquanto o nariz fino e pontiagudo, junto com os olhos puxados e esverdeados lhe dotavam de um ar feminino. Fiquei observando aquele rapaz ali e achei bem interessante a ambigüidade expressada pelo seu corpo, uma ambigüidade corporal, que poderia, por vez, ser a expressão de uma ambigüidade⁴⁴ subjetiva. (Diário de campo, 04/06/2010)

O período de campo no Beco, principalmente, o vivido no espaço da rua, através da observação participante, o que me permitiu perceber o comportamento das pessoas, foi bem instigante para pensar a relação entre corpo, gênero e sexualidade. Butler (2008) é uma das autoras que, através da sua teoria, nos permite analisar, de forma crítica e minuciosa, a relação que a estilização do corpo, através dos atos performativos, mantém com as identidades de gênero.

Butler (2008) traz o corpo para sua teoria através da idéia de atos performativos. O gênero, ao invés de ser a continuidade de uma verdade fundamental ancorada no sexo, é a consequência de uma produção discursiva que se materializa e produz efeitos de realidade através do que ela chama de estilização do corpo ou estilização da carne. O corpo, para Butler,

⁴⁴ Ambigüidade aqui quer dizer não insegurança, ou, algo de caráter duvidoso, mas, aquilo que pode tomar e ter mais de um sentido. Os sentidos de masculinidade e feminilidade se misturam nesse corpo e nessa subjetividade.

não tem um status ontológico separado de seus atos performativos. Se o gênero é performativo, o corpo também o é. É através dos atos performativos que o gênero se legitima como representante de uma essência corpórea e interior. O corpo, o uso do corpo - os gestos, a fala, o caminhar – é o que cria um efeito de realidade e dota o gênero de uma aparente materialidade. A materialidade é, para Butler, nesse sentido, construída através da atuação de atos performativos, ou por meio de uma “repetição estilizada de atos” que cria a ilusão de substância. É o corpo que dá a impressão de materialidade, ou de existência natural, as posturas construídas pelo discurso.

“Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separados dos vários atos que constituem sua realidade” (BUTLER, 2008, p.194).

E mais adiante Butler afirma:

“O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um lócus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente construída no tempo, instituída num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero” (BUTLER, 2008, p.200).

Assim, para Butler (2008), o gênero é uma performance estilizada dos atos. O gênero não é, nesse sentido, um ato fundante, mas, ao contrário, é uma injunção normativa que necessita ser reafirmada através do corpo, por atos repetitivos, ao longo da existência dos indivíduos. O corpo é o meio através do qual uma norma discursiva se materializa. Sob essa perspectiva, ser homem ou ser mulher sai do âmbito de uma verdade fundante atemporal para entrar no campo de uma temporalidade socialmente constituída. Ser homem ou ser mulher não é uma verdade metafísica que emana do sexo biológico, mas são atos performáticos que precisam ser repetidos ao longo do tempo. É essa repetição que se exerce através do manejo do corpo que gera o efeito de materialidade.

Além disso, a performance repetitiva ou a reencenação estilizada do corpo é aquilo mesmo que legitima a norma e que dota a norma de um sentido de naturalidade. Um tipo específico de comportamento de gênero é o tempo todo afirmado e reafirmado através dos atos performativos dos indivíduos. Essa reencenação e essa atitude corporal coletiva legitimam uma norma social que é, ao mesmo tempo, causa e consequência dessas performances coletivas. Eu vejo minhas posturas sendo reafirmadas nas posturas dos outros. Assim, essa ação é antes de tudo uma ação pública, informada por uma norma social e por uma atitude corporal coletiva. “Essa repetição é a um só tempo reencenação e novas experiências de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2008, p.200).

Essas normas sociais são tão interiorizadas, incrustam-se nos corpos que nem mesmo os atores mundanos tomam consciência de seu caráter contingente. Para os atores, eles são aquilo mesmo que encenam; o efeito de materialidade que o discurso produz através do corpo, seu caráter contingente, é desconhecido até mesmo para os atores que mundanizam essas normas sociais.

“Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isto, uma identidade construída, uma realização performativa em que a platéia social mundana, incluindo os próprios atores passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença” (BUTLER, 2008, p.200).

O pensamento de Butler me lembra aqui a idéia de Bourdieu (1997), do hábitus como uma auto-orquestração inconsciente, em que os próprios atores crêem naquilo mesmo que eles legitimam e constituem. Os atores habituem-se a agir de uma determinada maneira, ao ponto de essa atitude habituada não passar mais pela reflexão ou pela consciência, pois está já incrustada no corpo; o ator vê-se enredado numa trama que ele próprio alimenta, mas, da qual ele mesmo não tem consciência. Além disso, como Bourdieu (1997), Butler acredita que a realidade social se constitui por um processo de retroalimentação, em que as normas sociais se perpetuam através das atitudes incorporadas dos atores, dependem da carne dos sujeitos, ao mesmo tempo em que os atores são constituídos pelas normas sociais. A estrutura binária de gênero é, nessa perspectiva, fundadora e consolidadora do sujeito, ao mesmo tempo em que é constituída pelo sujeito.

“Essas ações têm dimensões corporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um

objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito” (BUTLER, 2008, p.200).

Para Butler (2008), a paródia dessas posições de gênero é uma das formas de transformação política. Essa transformação só se daria através do uso do corpo, nas ações performativas de sujeitos que não correspondem a essas normas de gênero. Tais performances provocariam o que Butler (2008) chama de deslocamentos. Um indivíduo que apresenta performances em termos de gênero “incoerentes” com seu sexo anatômico – um indivíduo do sexo masculino que tem uma performance feminina, ou o contrário - mostra não só a possibilidade de existência de arranjos entre sexo e gênero que não os pressupostos pela norma mas, também, que a própria idéia de origem, de uma identidade prévia fixada no sexo de onde o gênero emana e da qual é sua expressão natural, é uma idéia falaciosa. Como a ficção de naturalidade do sexo/gênero é construída pela estilização do corpo através de atos repetitivos, então, essa repetição estará sempre sujeita a falhas na construção e afirmação do ideal normativo de gênero. Isso significa que os atos estilizados pelos sujeitos nem sempre alcançam o objetivo de confirmar a ficção de naturalidade criada entre sexo/gênero. É quando essa manobra falha que, através das performances corporais dos sujeitos, o dispositivo de controle dos corpos e da sexualidade se torna explícito e a ficção de coerência entre sexo e gênero é desvelada.

“É precisamente nas relações arbitrárias entre esses atos que se encontram as possibilidades de transformação do gênero, na possibilidade da incapacidade de repetir, numa deformidade, ou numa repetição parodística que denuncie o efeito fantástico da identidade permanente como uma construção politicamente tênue.” (BUTLER, 2008, p. 201)

Além de Butler (2008), Preciado (2008) também fala da importância do corpo para o entendimento das performances de gênero. Em seu livro “Testo Youngqui”, Preciado (2008) narra uma experiência autobiográfica de ingestão de testosterona no corpo. Ela mostra como o uso da testosterona foi modificando seu corpo – o odor do seu suor e a quantidade de suor, a quantidade de pelos, o aumento da libido sexual, o aumento de energia, a sensação de força. E mostra, também, como a modificação do corpo teve um efeito sobre sua subjetividade, ou seja, como o uso e manejo do corpo produzem uma subjetividade específica.

Nesse sentido, ela afirma que a transformação dos parâmetros de gênero não tem que vir do discurso, mas da transformação do próprio corpo. Ela faz do corpo um espaço político

por excelência e advoga um princípio que ela denomina de princípio auto-cobaia. A melhor forma de transformação das normas sociais, nessa perspectiva, seria a atuação sobre o próprio corpo, através da auto-experimentação corporal. Modificar o corpo é, nesse sentido, modificar as normas sociais e de gênero.

“Este princípio auto-cobaia como modo de produção de saber e transformação política, expulsados das narrativas dominantes da filosofia contemporânea, resultará decisivo na construção das práticas e dos discursos do feminismo, dos movimentos de liberação de minorias sexuais, raciais e políticas (tradução nossa).” (PRECIADO, 2008, p.248)

Para Preciado (2008), mais importante do que agir sobre as representações e sobre os discursos é agir sobre o corpo. É agindo sobre o corpo que se formam novas subjetividades e, com isso, novas alternativas políticas. É interessante como Preciado (2008) mostra como o uso do corpo está ligado à subjetividade masculina e à subjetividade feminina, como o manejar do corpo gera um tipo de temperamento, gera um sentido associado ao que é ser mulher e ao que é ser homem.

Ser homem e ser mulher implica em um sentido de si que é construído e consolidado através do uso do corpo. Preciado (2008) fala de oficinas de Drag Kings, onde mulheres aprendem a se comportar como homens. Essas oficinas utilizam um método teatral que decompõe a ação aprendida, nas performances masculinas e femininas, em unidades básicas que são examinadas como signos culturais e de construção de gênero. Atenta para o andar, para o falar, para o sentar-se e levantar-se, o olhar, o fumar, o comer, o sorrir, para a distância entre as pernas, a abertura dos joelhos, a velocidade dos braços, a amplitude do sorriso. Tudo isso são formas, através do corpo, de construir uma subjetividade especificamente masculina.

“Uma das experiências mais intensas e transformadoras da oficina teve lugar durante a primeira exploração da cidade como drag king. Caminhar, tomar um café, pegar o metrô, parar um táxi, sentar-se em um banco, fumar um cigarro apoiado contra o muro de um colégio [...], desenha-se assim, uma nova cartografia da cidade, até agora inexistente para um corpo codificado como feminino (tradução nossa).” (PRECIADO, 2008, p.262)

Preciado (2008) mostra como o uso do corpo codificado como feminino tem outro olhar sobre o mundo. Como o corpo condiciona modos de ser que, por sua vez, gera um tipo específico de olhar sobre o mundo, um tipo específico de subjetividade. Será que essas atitudes que Beatriz Preciado se refere, esse olhar sobre o mundo, esse modo específico de

atentar para o mundo com o corpo não poderia se encaixar no que Csordas (2008) chama de modos somáticos de atenção?

Csordas (2008) desenvolve o conceito de “modos somáticos de atenção”. Os modos somáticos de atenção são modos de atenção ao corpo e com o corpo. Atentar para o corpo não é atentar para um objeto que se encerra em si; atentar para o corpo é atentar mesmo para o mundo, para a situação desse corpo no mundo. A atenção é um “voltar-se para” e esse “voltar-se para” já é condicionado pela cultura. Cada cultura engendra modos de atenção específicos.

O manejo do corpo, a forma como o corpo se posiciona no mundo constitui e é constituído pela cultura. Csordas afirma: “As maneiras pelas quais damos atenção aos e com os nossos corpos e, mesmo a possibilidade de dar atenção, não são nem arbitrárias, nem biologicamente determinadas, mas são culturalmente constituídas” (CSORDAS, 2008, p. 374). Aquilo que parece ser natural ou uma mera consequência da nossa existência biológica – a forma de usar o corpo, o jeito de andar, a forma de sorrir, o gesticular das mãos, a forma de falar – é, antes, o resultado de um ethos cultural específico e, ao mesmo tempo, a afirmação desse ethos.

O manejar do corpo acaba, nesse sentido, por constituir subjetividades. Um modo específico de atentar para o mundo com o corpo alimenta certo tipo de moral e condiciona um olhar específico sobre o mundo. O uso do corpo está ligado a “maneiras de ser” e “modos de fazer” específicos. O conceito de “modos somáticos de atenção” mostra que agir externamente, agir sobre o corpo é, também, produzir um tipo específico de interioridade. O engajamento sensorial é, também, uma forma de perceber o mundo, o que gera, por sua vez, um sentido específico de si. Assim, agir sobre o corpo é também agir sobre a subjetividade, sobre esse sentido de si.

Desse modo, quando Preciado (2008) afirma que um tipo de uso masculino do corpo “desenha uma nova cartografia da cidade, ou do mundo, ou seja, desenha um novo olhar” (PRECIADO, 2008), ela não estaria falando em modos somáticos de atenção? Em outras palavras, já que o uso do corpo gera um modo específico de atentar para o mundo, será que não podemos falar aqui em modos somáticos de atenção masculinos e femininos?

O que Beatriz Preciado (2008) mostra é que a masculinidade, a feminilidade, o gênero e o sexo, não podem ser compreendidos sem atentar para o corpo. Sem atentar para como esses ideais normativos conformam modos corporais e maneiras de ser e, ao mesmo tempo, como esses modos corporais permitem a internalização, a incorporação de normas sociais que, aparentemente, se expressam apenas na linguagem e no discurso. Ser homem e ser mulher é, antes de tudo, um modo de ser corporal.

O Beco dos Artistas se mostrou, no decorrer do trabalho de campo, como um espaço muito rico para pensar a relação entre corpo, gênero e sexualidade. Em campo, percebi que algumas mulheres quando se comunicavam com outras de forma descontraída, muitas vezes, pegavam no meio das pernas, na região da vagina, apertavam o pano da calça como se estivessem pegando em um pênis e diziam: minha pica! Essa cena se repetiu diversas vezes em campo. Era comum, também, garotos se referirem ao seu órgão sexual como boceta. Um entrevistado comenta sobre esse ato performativo realizado por algumas mulheres:

Y – Elas querem ser homem e não é homem. Qualquer motivo quer brigar, aí coça o negócio e não tem negócio para coçar e coça, quer tirar onda de homem, entendeu? E não é homem, é mulher, como a gente não é mulher, a gente é homem (grifo nosso). Qualquer coisinha quer encrencar, quer brigar, e brigam muito entre elas. Gay não, mas, elas brigam muito entre si.

I – Qualquer coisinha, se a namorada delas olhar para outra, elas ficam brigando, discutindo, não é igual aos gays.

Percebe-se que, para o entrevistado, o sexo biológico é aquilo mesmo que define a identidade de gênero de um indivíduo. O seu incômodo é notar que a performance de gênero dessas mulheres não é compatível com seu sexo biológico. É o contraste entre o corpo feminino e a masculinidade - que gera uma justaposição dissonante e tenciona a matriz de sexo e gênero pressuposta pelos sujeitos - o motivo do seu incômodo. O que ele é, assim como o que aquelas mulheres são, é, para ele, fruto do seu sexo biológico. O entrevistado presume a existência de um sexo original de onde emanaria a performance de gênero. Para o entrevistado, o ato de “coçar o saco” é um ato masculino, que provém do fato dos homens possuírem pênis; é um ato que, supostamente, emanaria da anatomia dos corpos e que não poderia ser repetido por quem não tivesse um pênis para coçar. Ele diz: “não tem negócio para coçar e coça”. Esse ato soa como falso, já que não existe ali o substrato biológico que autorize a sua realização. O que Butler (2008) nos mostra é que a paródia do gênero – o ato de uma mulher coçar o saco que ela não tem - não está na relação de uma cópia para um ato original, mas, de uma cópia para outra cópia⁴⁵. O fato de uma mulher poder coçar um pênis que ela não

⁴⁵ Butler (2008) diz: “A repetição de constructos heterossexuais nas culturas sexuais gay e hetero bem pode representar o lugar inevitável da desnaturalização e mobilização das categorias de gênero. A replicação de constructos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o status cabalmente construído do assim

tem, evidencia que esse ato no homem não emana necessariamente de sua anatomia, mas é tão performativo quanto o próprio gesto da mulher.

No decorrer do trabalho de campo, pude observar outros comportamentos que, também, são frutíferos para pensar as relações de gênero. As únicas brigas que presenciei, em campo, cujo fim foi agressão física, foram entre mulheres que possuíam traços mais masculinos. Descrevi uma dessas brigas no relato de campo:

Nesse mesmo momento, começou uma confusão na frente do Green Bar. Um amontoado de pessoas, as pessoas caindo no chão e muito barulho. Era uma briga entre duas mulheres, mas em que, as amigas acabaram se envolvendo. A confusão durou cerca de cinco minutos, depois saíram duas meninas sendo arrastadas e seguradas para que uma não avançasse sobre a outra. Despenteadas, rostos vermelhos, uma queria avançar sobre a outra, mas os amigos as seguravam, até que, depois de muita agitação, elas se acalmaram. Nesse momento, eu já tinha pedido licença às pessoas com quem eu estava conversando e tinha me aproximado para ver o que estava acontecendo. Uma das meninas que saiu arrastada, agora estava sentada mais calma e a outra menina parecia ser sua amiga, chegou perto dela, levantou o braço em direção ao seu rosto, apertou o seu punho e falou com raiva: “eu quebrei a cara dela, quebrei a cara dela”. Depois disso, se levantou e foi até o local da briga, ficou procurando algo, até que se agachou e pegou uns óculos todo empenado, com a lente quebrada, por fim, voltou para junto da amiga. (Diário de campo, 16/10/2009)

E na entrevista com a garota que participou da briga:

E: Você já presenciou alguma briga aqui?

A.C: Várias, inclusive eu já fiz parte de uma. (risos)

E: Conta essa história.

A.C: A menina estava de onda comigo, não comigo, com minha irmã, aí ela foi brigar com minha irmã, a namorada dela se meteu e eu me meti também. O pau começou a comer, foi aquilo tudo, todo mundo batendo em todo mundo, sorte que eu não saí machucada, graças a Deus, eu não me machuquei. Teve outra briga, também, que o menino chegou aqui embriagado, encontrou a namorada aqui dando corno nele com outra mulher, chegou e deu uma garrafada na cara dela.

chamado heterossexual original. Assim, o gay é para o hetero não o que uma cópia é para um original, mas, em vez disso o que uma cópia é para uma cópia. A repetição imitativa do ‘original’, revela que o original nada mais é do que uma paródia da idéia do natural e do original.” (BUTLER, 2008, p.57)

E: Na cara?

A.C: Na cara da mulher, exatamente. Aí foi a partir daí que o pessoal começou a botar segurança para poder evitar as brigas aqui.

E: E por que essa menina cismou com sua irmã?

A.C: Ela era ex-namorada da menina que eu estava ficando, que eu estava namorando. Aí ela procurou briga comigo, eu fui para cima dela, só que eu não estava muito bem, já estava grogue de cachaça, minha irmã tomou a frente, tomou a briga, ela disse que não ia ficar por isso. Aí, na sexta-feira seguinte, ela veio e procurou briga com minha irmã, eu estava devendo uma porrada a ela, voltei para a briga, entendeu?

E: Mas você bateu, apanhou?

A.C: Rapaz, ela tomou pau para porra, viu? Tanto ela quanto a namorada, tomou um pau lerdo, viu? Literalmente.

Algumas pessoas, quando se referem a esse comportamento mais agressivo de algumas mulheres no Beco, chegam a falar de uma inversão psicológica desses indivíduos. Estela, responsável pelo Green Bar, diz que as pessoas que frequentam seu bar são mais casais, principalmente, lésbicas. Diz que já viu várias cenas de ciúmes e que as mulheres são mais agressivas que os homens. “É como se os papéis tivessem invertido, enquanto os homens são mais delicados, as mulheres são mais agressivas”, diz Estela. Conta já ter visto uma briga entre duas mulheres de tirar sangue e, dentro do seu próprio bar, duas mulheres grudadas uma no cabelo da outra. Contou que, outro dia, tinha um casal de lésbicas e um rapaz passou e olhou, uma das mulheres levantou e foi em direção ao rapaz, querendo bater no rapaz, só não o agrediu, porque o marido de Estela entrou na frente. Disse que, embora entre os homens exista muito ciúme, ela nunca presenciou uma briga que levasse a agressão física. Estela contou que, um dia, estava um casal na mesa e eles pediram um escondidinho. Ela caprichou no escondidinho e pediu para o garçom ir servir, o garçom foi e, depois de dez minutos, o garçom voltou com o escondidinho intacto. Ela, então, pergunta ao garçom: mas o que aconteceu, eles não gostaram do escondidinho? E o garçom respondeu: não, é que eles brigaram. Por ciúmes um levantou e o outro foi atrás.

Marcelo, responsável pelo Bar Cultural, também fala do comportamento dos homens e mulheres ali, como se existisse uma inversão de papéis.

E: Você acha que ocorrem mais brigas entre homens ou entre mulheres?

*M: Mulheres. Raramente gays brigam, gays batem boca e discutem. Um quer ser melhor do que o outro na cultura. Quer botar o outro no chão com palavras. Mulher não; mulher joga a garrafa, querem quebrar garrafa, algumas delas, outras não. Isso mais as machudas. E as bichas mais femininas querem bater boca, e aí vai. Querem esculhambar, uma diz que o cabelo da outra está feio, a outra diz que não sei o quê. **Porque, da mesma forma que há uma troca no sexo em relação a isso, ao prazer, eu não sei se psicologicamente eles acabam trocando o papel** (grifo nosso). Porque, quem bate muita boca e quem discute muito é a mulher. A heterossexual discute muito. O heterossexual é logo na porrada. Homem que é homem vai logo para porrada. Então há uma troca. Pelo que eu vi de uma mulher muito machuda, ela não sai batendo boca, ela não vai se esquentar à toa. E a bichinha feminina, ele não é de brigar, é de ficar discutindo, esculhambando o outro, dizendo que o outro é isso e aquilo. Então, as briga que eu já vi aqui são mais de mulheres. Já teve briga entre homens, mas, é como eu disse para você, teve uma briga semana passada, mas não eram gays. Então de gays mesmo, é mais briga com mulher.*

Em todos esses comportamentos está presente uma performance de gênero, uma estilização do corpo, ou , o que Csordas (2008) chama de modos somáticos de atenção, um modo específico de atentar com o corpo para o mundo e, ao mesmo tempo, um modo específico de atentar para o corpo. Esse uso do corpo presente no comportamento dessas mulheres mais masculinas e dos homens afeminados, também conforma subjetividades, ao ponto desses garotos e dessas garotas não se sentirem representados(as) pelos ideais do que é ser homem ou do que é ser mulher. Essa subjetividade deslocada permite a esses garotos e garotas um novo olhar sobre o mundo, e a estilização dos seus corpos - atos performativos repetidos e retificados -, na medida em que tencionam a matriz normativa do gênero, carregam o que Butler (2008) chama de um potencial subversivo. Beatriz Preciado (2008), também, coloca como uma performance masculina, aprendida nas oficinas de Drag Kings, através do uso do corpo, é capaz de gerar um tipo de temperamento, um sentido de si associado à idéia do que é ser homem ou do que é ser mulher. Um trecho do diário de campo toca nessa questão da subjetividade e da performance corporal.

Fiquei observando aquelas meninas de 15, 16 e 17 anos que estavam dançando na pista de dança. Havia algumas meninas com posturas bem

masculinas, boné para traz, calça jeans ou bermuda e blusa folgada, e outras meninas com atributos mais femininos, uma de vestido azul e curto, cabelo liso e preto nos ombros, outra com uma blusa decotada, uma calça colada, cabelo longo, liso e preto, e outras mais despojadas, nem tão masculinas nem tão femininas. As duas garotas, com performances mais masculinas, pareciam ser os machos alfas da pista de dança. Elas tinham todo um gestual de homem cafajeste, passavam a língua por entre os lábios, peito estufado, cabeça erguida, boné para trás, tiravam e colocavam o boné, e parecia que todas as outras meninas, que manejavam os atributos mais femininos, os(as) disputavam. Elas vinham e pegavam, uma pela cintura, depois pegava outra, dançavam com a mão na bunda das garotas. Naquele momento, uma delas parecia dançar mais consigo mesma do que com as garotas com quem ela interagia, numa atitude narcísica de afirmação da sua masculinidade. Quando ela beijava uma garota era como se ela estivesse beijando a si mesma; seu gozo, prazer, e sua satisfação, naquele momento, estavam mais na afirmação de sua masculinidade e aquelas garotas em volta serviam mais como suporte para essa afirmação do que como real objeto de desejo. A cena me remeteu muito mais a um gozo em termos de performance de gênero do que, propriamente, sexual, se é que essas coisas podem ser separadas. A sua atenção estava voltada para o seu “modo de ser” corporal. (Diário de campo, 02/10/2009).

Os atos corporais dessa garota, assim como de outras garotas que manejam corporalmente os atributos da masculinidade, atuam na formação de uma masculinidade performativa e de uma subjetividade que, ao mesmo tempo em que se manifesta pelos atos corporais, também é reafirmada através destes. Esses atos performativos de garotos e garotas que frequentam o Beco são muito menos consequência da inversão de uma atitude original e referenciada no sexo do que consequência da multiplicidade de formas e arranjos entre gênero e sexo que podem existir na vida cotidiana. Esses indivíduos, frequentadores do Beco, de algum modo, frustram a perspectiva de infalibilidade das normas de gênero e sexo. Eles trazem em seus corpos e em suas performances um imenso potencial subversivo, capaz de desvelar o caráter de controle do dispositivo da sexualidade, já que elucidam que o comportamento dos indivíduos não é a expressão direta de uma natureza biológica, mas, são performances condicionadas e controladas pela matriz normativa do sexo/gênero/desejo/prática sexual que sustenta a heterossexualidade compulsória.

2.4 O FECHAMENTO DO CAMARIM

Durante o período do trabalho de campo, o Camarim fechou. O Camarim fechou em 18 de março de 2009. O fato de o Camarim ter fechado provocou uma queda de movimento muito grande no Beco, ao ponto de muitas pessoas acreditarem que o Beco “morreria”. Saiu no Jornal Correio da Bahia uma notícia sobre a morte do Beco, o GGB também se manifestou

em relação à sua suposta morte. Antes de o Camarim fechar, surgiu uma série de boatos sobre o seu fechamento e o porquê desse fechamento. O primeiro boato foi que o Camarim seria vendido para o Banco do Brasil, para que fosse feito um estacionamento naquele espaço. Depois, ao entrevistar Augusto - o locatário do espaço onde era o Bar Camarim -, ele afirmou que não existia nenhuma intenção de negociação entre o Banco do Brasil e o dono. Segundo ele, o dono apenas quis rescindir o contrato. Mas, o fato é que o fechamento do Bar Camarim gerou uma série de polêmicas e discussões sobre a possível perda de um espaço de sociabilidade GLS em Salvador. O GGB envia, em 18/02/2009, uma carta para a prefeitura de Salvador. A carta diz:

“ Dr.João Henrique

DD.Prefeito Municipal de Salvador

Saudações democráticas!

O Grupo Gay da Bahia (GGB), entidade defensora dos direitos humanos dos homossexuais, de utilidade pública municipal e estadual, vem através desta manifestar a V.Exca. a preocupação da comunidade homossexual de Salvador, constituída por gays, lésbicas, travestis e transexuais (GLBT), face à notícia de que o BECO DOS ARTISTAS, situado na rua Leovigildo Filgueiras, Garcia (próximo à lateral do Teatro Castro Alves), o principal espaço de socialização GLBT de nossa cidade, será transformado em estacionamento do Banco do Brasil a partir de março próximo.

Considerando que, desde 1979 – há 30 anos, portanto - este espaço é freqüentado predominantemente por homossexuais e simpatizantes, representando o principal lócus urbano de concentração e socialização desta comunidade em Salvador, não existindo em nossa capital outro local semelhante que cumpra esta função social, viemos, através desta, solicitar vossa pronta intervenção no sentido de garantir a manutenção deste espaço de lazer ou, alternativamente, ofereça à comunidade GLBT outro local público de socialização.

Lembramos que, desde 1990 a Lei Orgânica Municipal de Salvador proíbe qualquer tipo de discriminação baseada na “orientação sexual”, e que data de 1997 a Lei Municipal nº 5275/97 que garante o direito da cidadania plena à população GLBT. E, no nosso entender, a perda deste espaço gay representa grave desrespeito ao direito de lazer e sociabilidade de nossa comunidade, sendo que, em 2007 e 2008, a Bahia liderou as estatísticas de assassinatos de homossexuais, demonstrando a vulnerabilidade deste segmento populacional – mais de 250 mil indivíduos só na Capital, cujo principal espaço de socialização é ameaçado de ser extinto.”

No aguardo de vossa pronta manifestação, atentiosamente,

Prof.Dr. Luiz Mott (Decano do Movimento Homossexual da Bahia e do Brasil)

Marcelo Cerqueira (Presidente do GGB)⁴⁶ (apud MENDES; FIGUEIREDO)

Essa carta e a repercussão que o fechamento do Camarim teve mostram o quanto o Beco ainda é um espaço de uma dada importância para a comunidade LGBT. De um modo geral, as pessoas discutiam sobre as consequências da “morte” de um lugar como o Beco e o porquê do fechamento do Camarim. Criou-se uma espécie de burburinho. Mesmo as pessoas que criticavam o espaço e que eram gays, se sentiram comovidas com o fechamento do Camarim.

Depois que o Camarim fechou, o movimento que existia no Beco caiu abruptamente. Lembro-me da primeira vez em que estive no Beco depois que o Camarim fechou. O Beco estava vazio, só o Bar de Eduardo estava aberto nesse dia, era uma quarta-feira. Eduardo estava com uma cara de tristeza e desânimo. Além de seu bar ser o único a estar aberto, não havia clientes, só estava ele, um amigo, e o novo segurança do Beco sentado em uma mesa. Sentei com eles e ficamos observando o Camarim que já estava fechado há quase dois meses. As muitas baratas que saíam de dentro do Camarim me davam a sensação de que o Beco estava, realmente, entregue às baratas. Lembro que foi um choque, para mim, ver o Beco daquele jeito. Tive a real sensação de que o Beco não duraria mais por muito tempo. Fiquei preocupada, também, com o desenrolar da pesquisa, pois, como daria continuidade à pesquisa em um lugar que não tinha mais público. Essa postura foi um tanto quanto ingênua, pois, já tendo conhecimento da história do Beco, de algum modo poderia prever o quanto o Beco era um lugar cíclico, marcado por fases de “morte” e “renascimento”. Não foi a primeira vez que se falou na morte do Beco, momentos de declínio e sobrevida sempre existiram desde suas origens. A fala de Augusto sobre o fechamento do Camarim é bem interessante:

E – O que você acha que vai ser do Beco depois do fechamento do Camarim?

A - Pós-fechamento fica uma coisa meio “Beco dos Ossos”, as pessoas vão para dizer: “Oh, aqui jaz o Camarim, metade da rua fechada!”, clientes que eram assíduos do bar e que chegam lá e vêem meu bar fechado vão embora, não ficam lá, não querem ir para outros bares, não se identificam com outros bares. Então, com o fechamento do meu bar, metade das

⁴⁶ Esse documento foi retirado do trabalho de conclusão de curso (um livro reportagem) de Fernanda Mendes e Luise Figueiredo, desenvolvido em 2009 pela Faculdade Dois de Julho em Salvador.

peessoas que iam ao Beco parou de ir lá, a outra metade ainda faz movimento, mas, pelo que eu tenho sabido, do que as pessoas têm me dito, esse movimento está diminuindo. Nos finais de semana, sexta e sábado, quando dá meia noite, vai quase todo mundo embora, não fica mais ninguém lá. Então, eu tenho a impressão de que o movimento lá está muito tendendo a acabar, porque eu acho que os bares que ficaram não têm proposta. A proposta deles era pegar o que sobrava. Aí agora, quando o principal saiu, quem ia lá não vai mais lá. Acho que a tendência é que todos os bares lá fechem, eu acho, não por gosto pessoal meu, porque eu gostaria que isso acontecesse. Pelo contrário, eu penso em sair da cidade, o meu nome eu já fiz aqui, e o Camarim já é uma marca que eu deixei, então se o Beco terminar, não terminar, não vai merecer, nem desmerecer, a marca que a gente deixou. Eu acho que, como eu disse, os bares de lá não têm uma proposta clara. As pessoas que deixaram de frequentar, porque, meu bar fechou, vão fazer falta para compor um ambiente mais legal e eu acho que a tendência é diminuir cada vez mais o Beco.

Estela também se pronuncia:

A- Você ficou triste com o fechamento do Camarim?

E- Tristeza não, mas, certo vazio, porque quando eu fico olhando aqui defronte de mim, fica parecendo uma coisa abandonada, uma coisa que já teve tanta vida. Então, realmente, ainda não acostumei assim, em não ver as luzes, tudo se abrindo. O cotidiano que a gente tinha toda quarta, sexta e sábado. Ah, de certa forma, é meio triste, quando uma coisa se acaba.

A - O que você acha que vai acontecer com o Beco de agora para frente?

E- Olha, eu espero que depois que se resolver no que o Camarim vai se transformar, e que vazou também que o Beco ia fechar, não todo, que ia se transformar em um grande estacionamento, depois, eu acho que vai assentando a poeira. Eu espero que o Beco renasça das cinzas, seja uma Fênix, é tudo que eu desejo, não é? Agora, só depende de nós, dos comerciantes.

Com o decorrer do tempo, o Beco começa a se reconfigurar. A antiga dona do Bar Cultural, Gisela, arrenda o Bar para Marcelo. O Bar Cultural passa a ocupar a posição que o Camarim ocupava anteriormente e se torna o bar que oferece maior conforto e comodidade aos clientes. O espírito jovem de Marcelo e sua vontade de ver o Beco crescer novamente,

também, contribuíram muito para isso. O Beco passa a funcionar somente quarta-feira, sexta-feira e sábado, todos os bares funcionavam nesses dias. Depois, o Green Bar deixa de abrir na quarta-feira e começa a abrir somente na sexta-feira e no sábado. O Bar de Eduardo continua funcionando na quarta-feira, mas, praticamente vazio, já que o Bar Cultural passou a atrair a maior parte do público.

A postura de cada dono de bar foi diferente. Marcelo agiu no sentido de melhorar o atendimento, de manter uma relação mais próxima com o público, pintou o bar, mudou o cardápio. Estela teve uma atitude bem apática em relação ao Beco, uma postura de “deixa o barco me levar”, o que mostrou certa falta de comprometimento com o lugar. Ela mesma afirma que o Beco estava precisando de alguém que se mobilizasse para que o espaço voltasse a funcionar como antes, mas, se dependesse dela, isso não aconteceria, pois ela não tem mais estímulo e pique para isso. Eduardo tentou promover uma festa com Drag Queens que, segundo ele, iria marcar o ressurgimento do Beco. Ele fez propaganda da festa, distribuiu panfletos e divulgou na televisão. Isso tudo sem consenso com os outros donos dos bares e sem a concordância dos moradores do fundo do Beco. No fim das contas, por causa da propaganda e divulgação, várias pessoas foram com o intuito de assistir o show das Drags e não teve show. Eduardo não conseguiu realizar o show sem o apoio dos outros responsáveis pelos bares. Não conseguiu som, não conseguiu contratar as Drags e o show não aconteceu.

Depois de um tempo, as pessoas voltam a frequentar o Beco mas, não, com a mesma intensidade que antes. Marcelo fica um tempo com o Bar Cultural e depois ele passa o Bar novamente para Gisela, para o seu marido tomar conta. Esse rapaz também tenta promover alguns eventos, coloca DJ no bar, voz e violão, pinta novamente o bar. Eles tentam mudar o tipo de música que se tocava no Beco, mas, como o público estava habituado a ouvir pagode, eles voltam a tocar pagode no bar. Aos poucos, o Beco vai retomando o movimento. Os donos de bares começam a falar em revitalização do Beco, como se fosse preciso retirar o Beco do seu lugar decaído; falam da necessidade de aproveitar esse momento não só para retomar o movimento, mas, para mudar o perfil do Beco, mudar o tipo de público e, inclusive, mudar todas as características que tornam o lugar estigmatizado.

Mais tarde, Eduardo pega o Bar Cultural. Ele quebra a parede que separava o seu antigo bar do Bar Cultural e faz do seu antigo bar um espaço de dança, uma espécie de boate. Isso não dá muito certo e, então, ele fecha novamente a parede que ligava os dois bares e passa o seu antigo bar para outro rapaz chamado Vinicius. O nome do bar passou a ser Maria Dinorato. Nesse momento, Eduardo tenta promover uma série de mudanças no Beco. Tenta fazer um trabalho de conscientização junto aos moradores para que só fosse colocado lixo na

rua na hora da coleta. Ele, junto com mais quatro jovens que vinham se interessando pelo Beco dos Artistas promoveram uma série de mudanças no Beco. O nome desses jovens é Cairo, Fernanda, Matheus, mais conhecido como Xunga e Cícero. Três desses jovens – Fernanda, Cícero e Matheus - estudaram na Faculdade Dois de Julho, uma faculdade localizada no bairro Garcia, próximo ao Beco. Cairo é amigo de Matheus e conheceu o Beco através deste.

Fernanda fez seu trabalho de conclusão de curso sobre o Beco, um livro reportagem. Cícero foi a primeira vez no Beco com um amigo, mas começou a se interessar pelo espaço e investir seu tempo no Beco muito pela repercussão que o trabalho de Fernanda teve. Xunga conhecia Eduardo antes de frequentar o Beco e depois resolveu ir conhecer. O Beco virou uma espécie de segunda casa para ele. Cairo começou a frequentar através de Xunga. Fernanda, Xunga e Cícero foram colegas de faculdade, cursavam jornalismo na Faculdade Dois de Julho. Cairo é estudante e trabalha com design gráfico. Eles se juntaram e pintaram as paredes do Beco; Cairo fez uma logomarca para o Beco; Eduardo melhorou a iluminação de todo o Beco. Às últimas segundas-feiras e terças-feiras do mês, Cícero organiza o cinema no Beco. Cairo está organizando um festival de rock no Beco, algumas bandas já se apresentaram, como “Fucking Shit Man”, “Você me excita” e “Rade Rock”. Todas as quartas-feiras tem a apresentação de Gina D’Mascar, todas as quintas-feiras tem apresentação de uma cantora chamada Lorena, nas sextas-feiras tem uma banda diferente a cada mês. Já tocaram “Os Pardais” e “Frida” (uma banda só de mulheres). Como, na época da Parada Gay em Salvador, o Beco fica muito cheio, ao ponto das pessoas não conseguirem transitar, além dos roubos e das brigas que acontecem, Eduardo, junto com os moradores e com os quatro jovens já mencionados, resolveram colocar um portão na entrada e cobrar um valor de 10,00 reais para quem quisesse entrar. Assim, é perceptível a mudança que o Beco dos Artistas vem sofrendo. No entanto, de um modo geral, o tipo de público que frequenta o Beco ainda tem o mesmo perfil, embora eu tenha percebido uma diminuição da frequência de estudantes e do uso de drogas.

Toda a movimentação desses jovens – Cairo, Fernanda, Xunga e Cícero –, junto com Eduardo, é motivada por um desejo de fazer o Beco voltar a ser um lugar que acolhe a arte e a cultura. Eles têm o intuito de tornar o Beco um pólo artístico e cultural de Salvador. A aproximação deles com o Beco e a forma como eles imaginam o Beco futuramente tem uma relação com a história do Beco e com o próprio nome do lugar. Subsumido à idéia de revitalizar o Beco está à idéia de transformar esse lugar hoje “decaído” e estigmatizado em

um lugar, novamente, acolhedor da experiência artística, como foi há anos atrás nas suas origens.

E – E o que você acha do Beco? O que te atrai no Beco?

M – Eu não sei muito bem a história do Beco dos Artistas, mas, só o nome me interessou assim desde sempre, ainda mais por agora. O estilo de vida que eu estava levando⁴⁷, aí eu comecei a vir para cá, imaginar que outras pessoas, outros artistas, há muito tempo atrás, já vinham aqui, desenvolviam aqui e aí está voltando, se remetendo a essa época.

A fala de Fernanda, também, é ilustrativa da ligação entre essa motivação em transformar o Beco e a sua história:

E – Como você pensa o Beco?

F – Eu acho que o Beco é um espaço plural, entra qualquer tipo de pessoa, sem perguntar de onde você vem, nem nada. É um espaço bem diversificado, que todo mundo fica à vontade e, pelo fato de já ter uma tradição das pessoas irem ao Beco, isso reforça ainda mais, mesmo que o Beco tenha essa imagem de drogas e prostituição, essa imagem péssima, eu acho que por esse peso histórico que o Beco tem, tem mais de quarenta anos, parece que o Beco ainda tem um respaldo, sabe? As entrevistas que eu fiz, tem uma menina que eu acho que ela tem quase trinta anos, ela já frequentava o Beco há mais de dez anos, aí ela disse que, mesmo que o Beco não seja mais da mesma forma que ela conheceu, quando ela começou a ir, ela - e ela acredita que outras pessoas - continua vindo aqui, porque, existe uma magia no Beco. O fato de estar no Beco tem um quê de diferente, sabe? Alguma coisa assim, sabe? Aquela coisa dos artistas frequentarem aqui, aquela coisa da presença cultural, ainda faz com que as pessoas venham e, de alguma forma, em busca disso.

É perceptível como a história do Beco, e o próprio nome Beco dos Artistas ainda possuem uma importância no significado do lugar e na forma como as pessoas se relacionam com ele. A experiência vivida daqueles artistas reverbera até os dias de hoje. Não é à toa que, até o momento atual, o nome do beco ainda é Beco dos Artistas, embora tenha havido uma mudança de sentido, consequência da mudança do tipo de experiência que impregna o lugar,

⁴⁷ Matheus, mais conhecido como Xunga, é músico e acabou de largar a faculdade de jornalismo para se dedicar mais a música.

que se materializa na paródia do nome Beco dos Artistas em Baixo Astral. O intuito desses jovens é tirar o Beco desse lugar de marginalidade, tirá-lo dessa posição de BA e valorar novamente o Beco através de um retorno à arte. A arte seria aqui, então, o que legitimaria novamente a existência daquele lugar. Quando pergunto a Cairo o porquê desse investimento de tempo e trabalho no Beco, ele diz:

C- Pela arte, pelo Beco dos Artistas. Eu me senti interessado desde o começo pelo nome e eu queria vê-lo sendo dos artistas. Eu, como faço artes, como tenho encaminhado minha vida mais para esse lado da arte, eu vejo como um lugar para desenvolver idéias. Eu consigo me ver aqui, porque, é o Beco dos Artistas.

Ser o Beco dos Artistas significa, também, na fala de Cairo, sair do rótulo GLS, ou seja, ser um espaço livre em termos de sexualidade, mas, não, um lugar com identidade marcadamente GLS. Cairo diz que o Beco é dos Artistas e artista não tem sexo. Então, percebe-se que esse movimento em direção a uma mudança, além de pretender mexer nas questões estruturais do Beco que contribuem para sua estigmatização, como o lixo, o calçamento, a iluminação, também pretende mexer na questão do uso de substâncias psicoativas e da própria homossexualidade. Eduardo diz, em uma conversa entre eles, que o Beco precisa ser frequentado por heterossexuais⁴⁸. Quando Eduardo diz isso, Cícero reage e diz que o Beco não tem que ser nem um lugar para homossexuais, nem para heterossexuais, mas um lugar para todos. Xunga diz: um lugar sem rótulos. Eduardo se apega a essa frase e diz que Cairo precisa fazer uns cartazes com a seguinte frase - Beco dos Artistas: um lugar sem rótulos.

Presenciei essa conversa e tal conversa me intrigou de alguma forma. Uma necessidade de retorno ao Beco dos Artistas. Mas, “Beco dos Artistas” já não é um rótulo? Que tipo de rótulo estava em jogo aí nessa conversa? Parece que Eduardo se refere aí ao fato de o Beco dos Artistas ter se tornando, ao longo dos anos, um lugar de sociabilidade GLS, um lugar para gays e lésbicas, o rótulo a que Eduardo alude é o rótulo ligado à homossexualidade. Isso me fez refletir, então, sobre essa idéia de rótulo ligado a homossexualidade. Deste modo, me fiz a seguinte pergunta: por que o rótulo existe só em relação à homossexualidade? Por que não existe um lugar rotulado de heterossexual, espaços de sociabilidade heterossexual, ou,

⁴⁸ Quando Eduardo diz isso, não significa que ele está tendo uma postura homofóbica ou algo do tipo, mas que, de algum modo, ele entende que o estigma que está associado ao Beco dos Artistas possui uma relação com o fato de aquele espaço ser para o convívio e práticas homossexuais.

espaços de sociabilidade e vivências de práticas sexuais voltadas para a constituição da família e do casamento?

O rótulo do espaço é contíguo ao rótulo que marca as pessoas. O indivíduo que se identifica como homossexual é carimbado com uma etiqueta para poder existir; para sua existência fazer sentido, ele precisa ser carimbado por uma marca, ele precisa ser marcado e precisa, ao mesmo tempo, se revelar (SEDGWICK, 1998). Isso é uma consequência do indivíduo que se identifica como homossexual ter se tornado uma espécie a parte, um indivíduo com uma subjetividade peculiar (FOUCAULT, 2007). Mas, esse rótulo embora seja necessário para ele (o homossexual) afirmar sua existência, esse rótulo que o liberta, pois lhe permite assumir uma condição e viver segundo essa condição, ao mesmo tempo lhe aprisiona. O rótulo é uma necessidade criada pela forma como a sexualidade é entendida e manejada dentro da nossa sociedade. O rótulo, além de aprisionar, de diferenciar, de separar, ainda carrega consigo o peso do estigma. Assim, o homossexual, para se libertar, precisa se prender a uma categoria que o diminui enquanto ser social.

O espaço, no caso, o Beco, se tornou um lugar de rótulo, porque, seu sentido e representação é uma contiguidade de uma ferida social que marca alguns indivíduos enquanto não marcam outros. O Beco encerra, nesse sentido, um paradoxo social. Ao mesmo tempo em que é um lugar de libertação, também é um lugar estigmatizado, é um lugar que está aprisionado a um rótulo e que traz o peso desse rótulo. Daí o desejo de Eduardo ao dizer que o Beco deveria ser frequentado por heterossexuais. Afinal, dizer que um lugar é frequentado por heterossexuais não contraria a idéia de ele ser um lugar sem rótulos, já que a heterossexualidade não é marcada, não é rotulada. Na realidade, Eduardo quer tornar o Beco um espaço mais leve e, me parece que, no seu entender, torná-lo mais leve é abrir mão do rótulo, fazer com que o Beco deixe de ser, apenas, o “beco dos viados”.

Eduardo, que é homossexual, diz: “o Beco devia ser freqüentado por heterossexuais”. O Beco encerra um paradoxo social, mas, que cada homossexual vive, individualmente, na sua história de vida e na sua subjetividade. Todo homossexual o vive individualmente, justamente porque é uma questão social, comum, de uma estrutura simbólica comum. Todos os indivíduos, homossexuais ou não, estão sujeitos a um mesmo sistema de normas, a um mesmo sistema de significados que dão sentido às suas experiências. Só por isso, só porque as pessoas que, de algum modo, vivem esse desejo homossexual estão imersas nesse mesmo sistema de significados, é que cada uma pode viver individualmente esse paradoxo que é social. Paradoxo este que o Beco encerra na sua própria existência. Aí é o lugar refletindo o social.

A maioria dos homossexuais sente a necessidade de revelar-se, mas só se sente a necessidade de revelar algo quando esse algo é um segredo; quando sua existência é colocada nessa posição, quando ela precisa ser escondida e não pode ser vivida abertamente. Isso provavelmente gera um tipo de aflição e conflito. Mas algo só se torna um segredo em função de um sistema de significados que não comporta esse outro significado que uma determinada prática possa vir fazer emergir. A ignorância é também fruto desse sistema simbólico. Assim, o segredo é proporcional à ignorância (esse não saber), e a ignorância é proporcional ao espanto causado pela revelação, um espanto que pode levar, inclusive, à não aceitação. Por que o espanto de muitas pessoas que entram no Beco e vêem, pela primeira vez, duas pessoas do mesmo sexo se beijando? “Nossa! Isso existe mesmo? Isso não é algo normal!” Tais questionamentos são a expressão da força de um sistema simbólico e normativo. Afirmar que isso não é algo normal é o mesmo que afirmar que isso não faz parte do universo daquele indivíduo, que é algo que ele desconhecia, um desconhecimento proveniente da ignorância. É por isso que é preciso “assumir”. A palavra assumir, em si, já traz um peso, como se fosse preciso assumir um erro, ou assumir uma condição que vai ter consequências para a trajetória daquele indivíduo. Ao mesmo tempo, esse assumir-se soa como uma revelação. Revelar é fazer aparecer algo que, até então, não se fazia presente. A heterossexualidade é a presença, é aquilo que já se supõe como dado, por isso, ela não precisa revelar-se. Ao contrário da homossexualidade que é ausência. Ela não é suposta e, por isso, ela precisa revelar-se. Mas revelar-se como algo diferente do que é suposto e, como consequência, revelar-se se torna assumir um rótulo. Aquilo que liberta é o mesmo que aprisiona. O rótulo, por sua vez, é a expressão da ausência, do que não era suposto no simbólico, daquilo que não deveria existir, do que não era para ser, o rótulo é a expressão de uma falha. Nesse sentido, além de ficar preso a um rótulo, fica-se preso também a um estigma. É esse paradoxo que o Beco encerra: o aprisionamento (a um rótulo) é a libertação, a prisão parece ser a condição mesma para a libertação, por isso, é necessário se fechar no Beco para se libertar ou se aprisionar em um rótulo para aparecer.

Toda essa movimentação, fruto do fechamento do Camarim, as novas perspectivas de alguns frequentadores e donos de bares em relação ao Beco, as representações que os sujeitos acionaram para pensar o lugar, tudo isso mostra que a sexualidade, dentre tantos outros, é um tema importante para entender o Beco. O fechamento do Camarim mostra, também, a flexibilidade do lugar, a capacidade do Beco de se reorganizar, de se reestruturar. Um lugar que parecia estar morrendo foi, aos poucos, atraindo novamente um público, uma clientela; foi sendo novamente povoado. Isso mostra o quanto o espaço é cíclico e acolhe mudanças, e,

ao mesmo tempo, mostra, também, o quanto as experiências vividas, as perspectivas, estão imbricadas à existência do lugar; como os diferentes sentidos adquiridos pelo lugar são, de alguma forma, consequência dessa relação entre pessoas, subjetividades e espaço. Nisso tudo, nessa movimentação, nessas significações em relação ao Beco, que o fechamento do Camarim fez emergir, a sexualidade aparece como uma questão para seus atores. As reações das pessoas envolvidas com o lugar mostram o quanto a sexualidade é, e sempre foi, necessária para a compreensão das representações e dos significados que giram em torno do Beco dos Artistas.

3. BECO DOS ARTISTAS: UM ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO E/OU UMA LIBERDADE GUETIFICADA?

Este capítulo busca concatenar duas perspectivas de análise distintas sobre o Beco. A primeira perspectiva contempla o sentido que o Beco dos Artistas possui para muitos frequentadores, que eu chamo de uma perspectiva de dentro, uma perspectiva construída sob o prisma de quem vive o Beco, de quem fala como um de dentro. A segunda perspectiva é, também, uma perspectiva construída sob a fala dos entrevistados, mas, é uma perspectiva que busca analisar o espaço Beco criticamente, ponderando as hierarquias de poder referentes à sexualidade que, de algum modo, contribuem para a existência do lugar. É uma perspectiva de análise que contempla o Beco de fora para dentro, buscando compreendê-lo como um objeto que se localiza dentro de uma lógica sócio-sexual mais ampla. Esses dois prismas, embora tratem de perspectivas distintas, não são auto-excludentes, mas, ao contrário, são como duas faces da mesma moeda, ou melhor, evidenciam dois sentidos distintos e complementares que dizem respeito à existência de um mesmo lugar.

3.1 ATUAIS FREQUENTADORES: O BECO COMO UM ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO

Neste tópico, intento chegar às histórias de vida dos frequentadores e às suas experiências com suas sexualidades. Para isso, direciono um olhar mais sensível e atento às angústias, aos preconceitos e aos medos vividos pelos frequentadores em decorrência do seu desejo homossexual e, ao mesmo tempo, tento perceber o papel que o Beco cumpre em relação a esses sentimentos. No entanto, para compreender os sentimentos que levam alguns indivíduos a frequentar o Beco e para entender o que essas pessoas sentem ao frequentá-lo, é preciso, antes, refletir sobre a sexualidade como um mecanismo de saber/poder, presente em todas as instâncias sociais.

Para Foucault (2007), a sexualidade é um dispositivo de poder e saber que age sobre os indivíduos, no sentido de não só reprimir, como, também, de produzir e incitar prazeres e sexualidades. O sexo, nesse sentido, não é algo que está para além do discurso, não é uma realidade selvagem, esperando ser desvelada; o sexo é uma instância que é acionada através da própria rede de saber e poder mobilizada pelo discurso. O sexo, também, ou a categoria do sexo, engloba e unifica uma série de prazeres, desejos, posições subjetivas e superfícies corporais que são, inicialmente, difusas. Esse efeito que a categoria do sexo produz, de unificar um corpo que poderia ser visto de outra forma, acaba por facilitar o processo de

naturalização do próprio sexo. O sexo torna-se, então, aquilo que mais diz sobre o sujeito, a sua verdade última.

Essa naturalização tem conseqüências na medida em que supõe uma coerência entre sexo/gênero/desejo e prática sexual (BUTLER, 2008), coerência que tem como fundamento esse sexo naturalizado. Para Foucault (2007), assim como para Butler (2008), esse sexo naturalizado é uma produção do próprio discurso, uma estratégia discursiva para consolidar posições de poder. Foucault diz:

“[...] trata-se, antes, da própria produção da sexualidade. Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.” (FOUCAULT, 2007, p.116)

Foucault (2007) mostra, através dessa fala, como a sexualidade é um mecanismo insidioso que penetra e que está presente em todos os contextos sociais. É um dispositivo de poder histórico que age desde a formação dos conhecimentos até o cerceamento e controle das alianças e dos arranjos afetivos. É um poder que age sobre o corpo e o sexo e, agindo sobre o corpo e o sexo age, também, desde a mais simples até a mais complexa das configurações sociais. A sexualidade não é um dispositivo de poder próprio do âmbito privado, ao contrário, é um dispositivo que está presente tanto nos espaços, como nos discursos públicos; extrapola o âmbito do privado e corta todas as cenas sociais. Está presente na política, na economia, na arte e na configuração do espaço.

Embora Foucault (2007) esteja falando de um dispositivo da sexualidade, próprio de um tempo histórico e de uma sociedade específica, ou seja, do Ocidente, já no século XIX, um dispositivo que é marcado por uma produção discursiva excessiva em torno do sexo, em que produção e repressão se confundem, ainda assim, pode-se inferir que toda e qualquer sociedade é provida de certo controle sobre o sexo, ainda que esse controle seja exercido de outra forma e por outras regras. Loyola diz que:

“[...] os antropólogos chamaram a atenção para o fato de que a sexualidade constitui o pilar sobre o qual se assenta a própria sociedade e que, portanto, está sujeita a normas; normas que podem variar de uma sociedade para outra,

mas que constituem um fato universalmente observável, sendo o tabu do incesto a mais básica e fundamental entre todas.” (LOYOLA, 1998, p.18)

Esse dispositivo da sexualidade cria, no século XIX, uma nova espécie de indivíduo. Se, no antigo direito civil ou canônico, a sodomia era considerada um ato interdito, como o adultério, por exemplo, e o autor não passava de seu sujeito jurídico (FOUCAULT, 2007), quando a justiça cede para a medicina, o sodomita passa a ser uma nova espécie de indivíduo, o homossexual⁴⁹.

“O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas escapa a sua sexualidade. (FOUCAULT, 2007, p. 50)

A homossexualidade passa a ser considerada quase como uma essência do próprio sujeito. Essa essencialização se dá através da biologização de um ato que antes era considerado interdito. Incrusta-se no corpo do indivíduo a causa de um desejo e incrusta-se através de um mecanismo de patologização. Assim, além do homossexual se tornar uma nova espécie, ele também se torna uma espécie defeituosa, fruto de uma aberração genética.

Definir a homossexualidade como uma essência e fechá-la em um campo semântico específico é também uma forma de definir a própria heterossexualidade. Desse modo, colocam-se na homossexualidade todas as possibilidades de incoerências e falhas, cria-se um campo do abjeto, do irreconhecível e do ilegítimo, enquanto se configura outro campo do normal, do reconhecível e do legítimo. Cria-se uma dicotomia em que um dos pólos concentra todos os aspectos negativos para que o outro pólo possa gozar do status de pureza e normalidade. Além do que, se pressupõe uma autonomia entre ambos os pólos, como se heterossexualidade e homossexualidade fossem duas coisas mutuamente excludentes. No entanto, Halperin (2004) contesta essa visão. Ele diz:

“[...] ‘homossexual’ não é um termo estável ou autônomo, mas sim um suplemento da definição ‘heterossexual’ – um meio para estabilizar a identidade heterossexual. Homossexual é um outro imaginário, cuja diferença extravagante desvia a atenção das contradições inerentes a construção da heterossexualidade. A heterossexualidade prospera justamente preservando e consolidando suas contradições internas e, por sua vez, sua ignorância delas; isto é conseguido através da construção da figura do homossexual (tradução nossa)” (HALPERIN, 2004, p. 64).

⁴⁹ O termo homossexual é cunhado por Westphal em 1870.

Sendo assim, a heterossexualidade seria tão dotada de contradições quanto a própria homossexualidade. Essa estabilidade do termo heterossexual e a ignorância quanto às suas contradições só são possíveis através da construção de outro termo, o homossexual, ou melhor, da emergência de uma figura que parece concentrar em si todas as contradições. Assim, na proporção que o homossexual é definido, quase como sinônimo de instabilidade, desvio e contradição, o heterossexual vai se definindo como norma, estabilidade e coerência.

Além disso, essa classificação presume que essas categorias são mutuamente excludentes, ou seja, que o homossexual e o desejo homossexual, que só existe nessa espécie particular, são uma particularidade de um tipo específico de indivíduo e, por isso, incapaz de se expressar (o desejo) nesse outro tipo (o heterossexual). Assim, essa díade homossexual-heterossexual cria a aparência de duas categorias que são mutuamente excludentes e o homossexual se torna incapaz de compartilhar qualquer característica do seu “ser” sem que a sexualidade seja um ponto de corte de alguma possível semelhança e continuidade entre esses dois “seres”. Esse mesmo dispositivo da sexualidade diferencia esses dois tipos de indivíduos por uma suposta essência, tornando impossível uma maior comunicação entre eles. A crítica que Butler (2008) faz a Wittig, em seu livro “Problemas de Gênero”, é interessante para problematizarmos essa dicotomia rígida entre heterossexualidade e homossexualidade. Ela diz:

“Minha própria convicção é que a disjunção radical proposta por Wittig entre homossexualidade e heterossexualidade é simplesmente falsa, que há estruturas de homossexualidade psíquica no âmbito das relações heterossexuais, e estruturas de heterossexualidade psíquica no âmbito da sexualidade e dos relacionamentos lésbicos e gays” (BUTLER, 2008, p. 176).

Assim, para Butler (2008), essa dicotomia rígida entre homossexualidade e heterossexualidade é uma falsa dicotomia. Como Butler (2008), outros autores também falam dessa continuidade entre homossexualidade e heterossexualidade. Freud (1969) chega a afirmar que todo ser humano é inicialmente bissexual e diz que “não há absolutamente qualquer justificativa para distinguir um instinto homossexual especial. O que constitui um homossexual é uma peculiaridade não na sua vida instintual, mas, na sua escolha de um objeto” (FREUD, 1969, p.101). Isso mostra que essa divisão rígida entre homossexualidade e heterossexualidade é fruto de um mecanismo de poder que busca legitimar a heterossexualidade e deslegitimar a homossexualidade.

Algumas autoras como Wittig (2006), Rubin (1993) e Butler (2003; 2008) falam de como esse dispositivo de sexualidade e esse mecanismo de poder constituíram uma heterossexualidade compulsória. A cultura é organizada de tal modo em torno da sexualidade e, ao mesmo tempo, organiza essa sexualidade de tal modo, ao ponto de todo indivíduo que está imerso nessa cultura se vê obrigado a assumir um posicionamento heterossexual. Esse mecanismo é responsável pela “supressão do componente homossexual da sexualidade humana e, como corolário, pela opressão dos homossexuais” (RUBIN, 1993, p. 11). Essa heterossexualidade compulsória é tida, para alguns autores, como fundante da própria cultura, na medida em que fazem coincidir cultura e heterossexualidade.

Ao analisar a obra de Levi-Strauss e de Freud, Rubin (1993) diz que, além da troca de mulheres, ou proibição da endogamia - necessária para fazer a ligação entre os diferentes clãs e para marcar suas identidades – e do tabu do incesto – que impede o filho(a) de realizar seu desejo pela mãe – existe, previamente, um tabu contra a homossexualidade. “O tabu do incesto pressupõe um tabu prévio e menos explícito contra a homossexualidade. A proibição de algumas uniões heterossexuais implica num tabu contra uniões não-heterossexuais” (RUBIN, 1993, p. 11). Essa heterossexualidade presumida, para Rubin (1993), só é possível através da repressão do desejo e das relações homossexuais.

Para Butler (2003), esses desejos e essas relações não são presumidos, não só na forma como se dão as relações de parentesco na cultura, mas, nas narrativas construídas por esses autores – Freud e Levi-Strauss – sobre essas mesmas relações de parentesco. O desejo homossexual não é nominado e “o parentesco é sempre tido como heterossexual” (BUTLER, 2003). As narrativas e os discursos que se constroem em torno da sexualidade dotam a heterossexualidade de um status natural e presumido. Ainda assim, Butler (2008) afirma que existe uma heteronorma que não se restringe ao âmbito dos discursos, mas, influencia a própria realidade dos indivíduos. No entanto, essa heteronorma se constitui politicamente e é fruto de determinados contextos culturais e não uma consequência direta de um mito fundador, válido universalmente para todas as culturas, como acreditavam Freud e Levi-Strauss. Para Butler (2008), a heteronormatividade não é o destino inegociável da humanidade, mas uma realidade construída politicamente através de mecanismos de poder que também podem ser alterados pela prática política. Em relação à heterossexualidade hipostasiada, Butler (2003) diz:

“A heterossexualidade hipostasiada, interpretada por alguns como sendo simbólica mais do que social e, assim, operando como uma estrutura que

encontra o campo do próprio parentesco – e que informa os arranjos sociais não importam suas aparências, não importa o que façam – tem sido a base da alegação de que o parentesco tem sido sempre heterossexual. De acordo com esse preceito, aqueles que entram nos termos do parentesco como não-heterossexuais só farão sentido se assumirem o papel de Pai e Mãe. A variabilidade social do parentesco tem pouca ou nenhuma eficácia em reescrever a lei simbólica fundadora e disseminada. O postulado de uma heterossexualidade fundadora deve também ser lido como parte de uma operação de poder – e, também, de uma fantasia – de forma que podemos começar a indagar como a invocação de tais alicerces funciona na construção de uma certa fantasia de estado e nação.” (BUTLER, 2003, p. 251)

Fica claro pela fala de Butler (2003), como essa heterossexualidade hipostasiada é fruto de um mecanismo de poder e como, ao mesmo tempo, o controle da sexualidade está ligado a projetos de nação e estado. Uma determinada fantasia de estado e nação é, nessa perspectiva, assegurada pela criança através da procriação heterossexual. É a criança que vai ser responsável pela transmissão fiel e segura de uma determinada fantasia de estado e nação. A criança torna-se aí um lugar erotizado na reprodução da cultura (BUTLER, 2003) e a heterossexualidade passa a ser uma prerrogativa da própria cultura. “É importante reconhecer como a figura de pais não-heterossexuais torna-se especificamente um lugar de investimento para as ansiedades sobre pureza cultural e transmissão cultural” (BUTLER, 2003, p. 235). Isso mostra, primeiro, o quanto a sexualidade não é um dispositivo que se restringe ao âmbito do privado e, segundo, o quanto a heterossexualidade ganha um status privilegiado dentro da cultura ocidental.

O caráter de obrigatoriedade que a heterossexualidade ganha em determinadas culturas e todos os cerceamentos que giram em torno dessa forma específica de sexualidade, para colocá-la em uma posição privilegiada socialmente, caracteriza o que algumas autoras chamam de heterossexualidade compulsória. No entanto, Butler (2008) vai mais longe e chega a falar mesmo em heteronormatividade. Miskolci (2009), diferencia bem esses dois conceitos. Para Miskolci (2009) a heterossexualidade compulsória é o caráter obrigatório que a heterossexualidade ganha em algumas sociedades, uma força contida na própria matriz simbólica que impele todo indivíduo a formar arranjos afetivos heterossexuais voltados para a procriação da espécie. Já a heteronormatividade é um conceito mais amplo, que não se restringe só à obrigatoriedade das relações heterossexuais, mas implica em uma “série de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle e que age tanto em relação a pessoas que se relacionam com sexo oposto, quanto em relação a pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo” (MISKOLCI, 2009, p. 156). Assim, mesmo pessoas

que se identificam como homossexuais são informadas por um tipo de norma que privilegia a heterossexualidade e a coloca em um patamar superior em relação às outras sexualidades.

Essa heteronormatividade age em todas as instâncias da sociedade, desde a escola, família, economia, política e religião. Todas as instituições são, de algum modo, influenciadas por essa lógica. A heteronormatividade, além de agir sobre e, por vezes, constituir o próprio pensamento de algumas instituições, também age na conformação de identidades referentes aos próprios indivíduos. Um dos principais mecanismos de poder e atuação desse dispositivo de sexualidade é presumir uma coerência entre sexo/gênero/desejo e prática sexual (BUTLER, 2008) e, desse modo, impor aos indivíduos uma identidade masculina ou feminina fixa e duradoura (LOURO, 2007). Essa coerência e continuidade requeridas não é uma consequência lógica da condição de pessoa, mas, consequência de normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas.

“Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relação de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente produzidos e proibidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual.” (BUTLER, 2008, p. 38)

A heteronormatividade também estabelece hierarquias, desigualdades e ordenamentos. Pressupõe-se que todo indivíduo tem uma inclinação inata a possuir como objeto de desejo alguém do sexo oposto. Quando isso não acontece, esses indivíduos que burlam essas normas de coerência são relegados ao silêncio, à dissimulação, ou à segregação. “É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento” (LOURO, 2007, p.17). Louro (2004) diz:

“As descontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico. Para garantir a coerência, a solidez e a permanência da norma, são realizados investimentos – continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos repetidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais: postos em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pela mídia ou pelos médicos, com o propósito de afirmar e reafirmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades. As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicarlhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí

porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos.” (LOURO, 2004, p.82)

Para Rubin (1989) ainda, o dispositivo da sexualidade marca os indivíduos através de uma série de hierarquias de valor sexual – religiosas, psiquiátricas e do senso comum – que funcionam de forma muito similar aos sistemas ideológicos do racismo e do etnocentrismo. Muitas vezes, por exemplo, o senso comum está repleto de idéias como inferioridade biopsicológica, pecado sexual; “idéias, tais como a de que a variedade erótica é perigosa, insana, depravada e uma ameaça tanto para as crianças (futuro da nação) quanto para a própria identidade nacional” (RUBIN, 1989, p.138). Essas idéias, presentes no senso comum, estão, em muitos casos, em consonância com as idéias presentes na psiquiatria, nas religiões e, muitas vezes, são reafirmadas, ainda que veladamente, pelos meios de comunicação. Todas essas vertentes, em conjunto, criam o que Rubin (1989) chama de sistema hierárquico de valor sexual. Ela diz:

“As sociedades ocidentais modernas classificam os atos sexuais segundo um sistema hierárquico de valor sexual. No alto da pirâmide erótica estão, somente, os heterossexuais reprodutores casados. Logo embaixo estão os heterossexuais monogâmicos não casados e agrupados em pares, seguido da maior parte dos heterossexuais. Os pares estáveis de lésbicas e gays estão nos limites da respeitabilidade, mas, os homossexuais e as lésbicas promíscuas estão realmente no fundo da pirâmide. As castas sexuais mais depreciadas incluem normalmente os transexuais, travesti, fetichistas e trabalhadores do sexo (tradução nossa).” (RUBIN, 1989, p.136)

O pensamento de Rubin (1989) elucidava uma hierarquia que age sobre os sujeitos, tendo como referência tanto suas performances de gênero, quanto suas sexualidades. Como, então, esses sujeitos que fogem das regras de gênero e compõem as castas sexuais mais depreciadas se situam no espaço? Qual é o lugar desses sujeitos? Por onde eles circulam e sob que regras e condições circulam? Tais questões me fazem refletir sobre o papel que um lugar, como o Beco dos Artistas, possui, em Salvador, para esses sujeitos e corpos que fogem das regras de gênero e sexualidade. Como eles se sentem ao frequentar o Beco e por que o frequentam? Qual o papel que esse espaço exerce na aceitação da sexualidade desses indivíduos? Como suas sexualidades são recebidas fora daquele espaço, e quais as consequências disto para o significado que o Beco adquire para esses frequentadores?

3.1.1 Medo e Aceitação

Muitos frequentadores do Beco e mesmo não frequentadores, pessoas que por ventura passaram pelo Beco, afirmam que a primeira sensação que tiveram, quando entraram no Beco, foi a de medo. Isso não é necessariamente uma consequência dessas pessoas estarem indo, pela primeira vez, ao Beco, mas, de essas pessoas estarem indo pela primeira vez a um espaço assumidamente de sociabilidade GLS. Nos relatos desses frequentadores, que afirmaram sentir medo quando foram pela primeira vez ao Beco, as suas primeiras idas ao Beco foram também as primeiras vezes que eles (as) estavam indo a um espaço GLS. O que significa essa sensação de medo? E porque existe esse medo? A fala de alguns frequentadores sobre a primeira vez que foram ao Beco é rica para refletirmos sobre esse medo:

E: Você se lembra da primeira vez que você veio ao Beco?

M: Eu tinha 19 anos, 18 para 19. Há uns treze, quatorze anos atrás. A primeira vez que eu vim no Beco dos Artistas, eu tinha medo de entrar. E foi (...) para mim, foi um choque. Por mais, você sendo gay ou não, eu estava me descobrindo, ou melhor, me revelando para mim mesmo. Isso leva algum tempo. E aí, eu cheguei ao Beco, tomei uma cerveja, aí fui embora. Depois, fiquei curioso de novo, aí comecei a perder o medo, comecei a frequentar e andar com o público, conhecer pessoas do meio, fazer amizades, mantendo contato direto com essas pessoas, e aí comecei a frequentar. Então, a primeira vez, foi um pouco, vamos dizer (...) sinistra, que é um pouco de medo com adrenalina, com curiosidade, com respeito, com admiração e, ao mesmo tempo, com nojo, com repugnância. Mas, foi uma experiência boa.

E: Por que você acha que você sentiu esse medo?

M: Porque todos sentem. Uma coisa é aquele que já nasce homossexual, desde pequenininho já se assume. O que acontece muito hoje com os jovens. Hoje tem menino de 15, 14 anos que já assume praticamente ações femininas, assume para a família, tudo isso. Até porque a sociedade já abriu essa mente, pelo menos em relação a isso, um pouco. E, no meu tempo, há dez, quatorze anos atrás, era mais recalcado, era mais fechado para isso. Não era assim, você não conversava sobre isso com qualquer pessoa. Você não abria para todo mundo. Então, as pessoas tinham muito medo disso. Então, era o que acontecia. Eu senti isso tudo, porque era um pouco desse medo de se assumir. E, naquela época, era assim com todos. E hoje não, hoje se assume, se agarra no shopping, se pega na mão, que eu acho que é além do

que deveria ser. Mas é o que acontece muito e, naquela época, era mais fechado realmente. Então, acho que o medo do Beco está aí.

Outros frequentadores também contam sua primeira experiência de ida ao Beco. Esses tiveram sua primeira ida já mais recentemente e, ainda assim, esse “medo” apareceu nos seus relatos. Isso prova que, ao contrário do que pensa Marcelo, esse medo não é específico de uma época em que a homossexualidade era, supostamente, mais reprimida, mas que, embora tenham ocorrido mudanças significativas em termos de parentesco e laços afetivos na nossa sociedade, o medo ainda é um sentimento que marca a experiência homossexual. De certo modo, perdurou ao longo dos anos.

M: [...] aí foi a época que eu fui ao Beco a primeira vez, eu fiquei escondido, gente para caralho, eu ficava com medo, que bate, você sente logo o clima ali pesado. Quando você chega ali, você já fica, aí eu fiquei com medo, ficava escondido ali atrás, ficava não, não vou aparecer não. Aí, uma vez, eu fui, fomos eu e Artur, aquele dia eu fui, mas, eu fiquei escondido, fiquei tipo uma hora só lá, fiquei escondido, bebi uma cerveja e fui embora. Uma hora não vale, né? Aí, uma certa feita que eu fui com Artur, a gente ficou até de manhã, aí que eu comecei andar nesses lugares, foi a partir dali.

E: Eu queria que você falasse um pouco mais sobre tua primeira ida ao Beco, os sentimentos, as sensações?

M: Eu fui e fiquei com medo, porque, ali é um Beco com um monte de homossexuais dentro e, para mim, aquele fato era novo, estar indo para aquele lugar, porque, eu nunca tinha ido a nenhum lugar GLS, aquele foi o primeiro e eu fiquei meio apreensivo, a primeira vez eu fui, mas não entrei, eu fiquei ali na frente, no Garcia, ali sentado. Eu falei: eu não vou entrar, eu não vou entrar. Aí eu tinha visto alguém da Boca do Rio conhecido, aí eu pensei: ah, eu não quero me expor assim, e eu não entrei. Na segunda vez, eu fui, tomei coragem e entrei e eu ficava ali encostado, vendo as pessoas ali, vendo vários tipos de pessoas, todo mundo ali gay e eu ficava pensando: porra, várias bichinhas. Eu fiquei (...), não sei, eu fiquei com medo no começo. Entrei, fiquei escondido lá dentro do Camarim, aí depois eu saí e foi Almir que me levou para aquela porra, só que Almir conhecia tanta gente lá, foi-me apresentando, apresentando, apresentando as pessoas que frequentavam o Beco e eu acabei conhecendo o pessoal e fiquei por lá. Eu fiquei com medo no começo, só que depois acostumei. Eu gostava de lá para caralho.

Outro frequentador também dá um depoimento muito parecido e toca novamente na questão do medo:

T: ...a primeira vez que eu fui, eu tinha 17 anos, 17 anos e alguma coisa, foi a primeira vez. Eu fiquei tão recalcado, tão no canto, assim, que eu cheguei lá nove e saí de lá dez e meia e fiquei um tempo sem entrar.

E: Por que você ficou recalcado?

T: Porque você está descobrindo um mundo novo, você não sabe onde está pondo os pés, medo porque eu me sentia meio rejeitado, eu me sentia fora, fora daquele lugar, fora daquele padrão, tinha medo mais de não ser aceito mesmo.

E: Você já tinha ido num lugar onde duas pessoas do mesmo sexo se beijavam tão abertamente?

T: Não, nunca.

E: Você acha que isso influenciou?

T: Sim, muito. Uma vez, recentemente, eu fui a uma sauna. Quando eu cheguei à sauna, tem um tal de Darkroom que eu estava ouvindo uns gemidos, eu quase tive um treco, porque era tudo muito aberto, todo mundo podia entrar e tocar, fazer e acontecer. Eu acho que eu ainda me sinto assustado, se tiver algum outro lugar que seja mais diferente do que a sauna, acho que eu ainda sentiria esse pavor, esse susto de novo, porque, a novidade traz medo, não é? Acho que é isso que faz com que as pessoas tenham medo de ir a um lugar GLS pela primeira vez. Eu tenho um amigo que até hoje tem medo de ir a um lugar GLS e ele está se descobrindo agora.

Além dessas falas expostas acima, relatos semelhantes a esses se repetiram em vários depoimentos, todos se fazendo acompanhar pela palavra medo. Alguns estudantes vindos do interior, que moram em um pensionato no fundo do Beco, quando relatam o momento de chegada ali naquele espaço, também afirmam que se chocaram e/ou sentiram medo. Isso mostra que o sentimento de medo não é privativo de quem vive a experiência da homossexualidade, mas de quem também não a vive. Daí pode-se inferir que o medo da experiência homossexual é fruto da própria estrutura heteronormativa e que esta abarca a

sociedade como um todo, tanto heterossexuais, como não-heterossexuais. São normas que fazem parte e informam a formação de todo e qualquer indivíduo. Mais do que isso, esses depoimentos mostram, também, o quanto a heteronormatividade é construída através do medo e da rejeição da homossexualidade.

Se Miskolci (2010) afirma que a vergonha é a experiência comum de gays, lésbicas, travestis, transexuais e outr@s, eu ousaria acrescentar que o medo também o é. Isso porque o medo é a consequência de mecanismos de poder de uma estrutura social heteronormativa. Se todo indivíduo só existe a partir de uma posição de gênero e isso fica claro pela pergunta mais recorrente, quando um novo ser vem ao mundo – é menino ou menina? - e se esse fato tem uma relação com um dos principais pilares de organização social do parentesco – a família - e se esta está comprometida com a procriação, com a reprodução da espécie, logo, com a própria heterossexualidade, então, o desejo homossexual se torna uma ameaça a toda essa estrutura de parentesco e sexualidade que constitui a própria sociedade.

Essa forma de organização do parentesco e da sexualidade, que liga posições de gênero, relações heterossexuais, casamento, família e procriação, não é, no entanto, uma consequência do fluxo natural dos desejos, mas, ao contrário, o resultado de uma série de regras e cerceamentos traduzidos em uma norma hegemônica – a heteronormatividade. Essa norma, essa matriz simbólica que classifica e hierarquiza os indivíduos, tem como ponto fundante a negação daquilo que é sua maior ameaça, que é o desejo homossexual. Tal desejo é coberto por um véu de pavor e pânico que até mesmo falar sobre ele se torna constrangedor. Assim, a invisibilidade deste desejo e das práticas que externalizam esse desejo se tornam quase uma consequência direta desse véu de medo e pavor que recobrem a homossexualidade. Por isso, alguns entrevistados falam não só sobre o medo, mas sobre o choque que foi estar presente em um lugar onde esses desejos são expressos tão abertamente. O choque é consequência aí da invisibilidade, do que não é suposto, nem previsto, do que não é comum e, por isso, quando se apresenta, se torna chocante e assusta. Não é a toa que Sedgwick (2007) diz que “o armário (a invisibilidade) é a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p.26).

Esse medo também aparece na fala dos frequentadores em outros momentos, quando eles falam sobre a possibilidade de revelação para os pais, por exemplo. Esse medo marca a história de vida desses indivíduos. Sentir medo de entrar no Beco é apenas uma consequência de um medo maior que se manifesta nas várias esferas de vida dos que vivenciam a condição homossexual. Um morador do fundo do Beco, do pensionato de estudantes, vindo do interior que se identifica enquanto homossexual, dá um depoimento bem interessante nesse sentido:

E: Fale-me um pouco da sua trajetória em relação à homossexualidade?

Z: Na verdade, para quem mora no interior, é um pouco complicado, não é? Na verdade, eu passei boa parte da minha vida, até os vinte anos mais ou menos... eu tinha certeza, em algum momento, eu tinha certeza que eu iria assumir, só que era muito difícil. Aí eu achava que podia mudar minha situação, não assumir minha homossexualidade, eu achava que era uma opção. Durante muito tempo, eu escondi para meus pais, para mim mesmo. Eu tinha namorada no interior, eu quase casei com ela, não casamos porque eu vim para cá. Assim, eu sempre fugi muito disso, porque eu era da igreja, igreja católica, aí tinha esse problema, eu achava que era pecado, que era uma coisa que eu não podia falar para os outros, para minha família.

E: Como foi contar para sua mãe?

Z: Depois que eu vim para Salvador, eu tive conhecimento de pessoas que eram do meio. Aí eu fui vendo que era natural, que não era só uma opção, que era um desejo. Aí eu comecei a namorar com um menino, em 2008. Aí, a gente estava junto, e a gente estava se gostando muito. Aí eu vi que não estava segurando mais. Aí passou um ano, entrou 2009, aí passou abril, maio e junho. Em junho, nós terminamos. Mesmo assim, foi muito difícil, para mim, passar por essa situação, porque eu imaginava como ela ia ficar. Aí eu pedi auxílio à psicóloga da UFBA, aí eu fiquei três meses na lista de excedente. Mas o que eu ia fazer? Se eu queria mesmo falar. Imaginei o que eu ia falar, imaginei tudo. Aí, quando eu cheguei, foi em junho. Aí, eu não estava saindo de casa. Fiquei dois dias sem sair de casa. Era época de São João. Ela estava achando que eu estava muito estranho. Aí, dia 21, ela chegou do trabalho. Aí eu chamei ela para conversar e falei que eu não era do jeito que ela pensava, que ela queria que fosse, que eu não poderia casar e ter filho. Aí ela não estava entendendo, mas, na verdade, ela não queria entender. Aí ela começou a chorar, aí eu comecei a chorar também. Aí eu falei logo para ela. Ela me perguntou se tinha algum tratamento. Aí eu falei que não, que eu já estava fazendo acompanhamento psicológico. Aí, tipo assim, ela acreditou em mim, que não era uma doença, mas, querendo achar alguma saída para isso. Aí eu falei para ela que eu não queria, que se fosse uma escolha eu escolheria não ser, que eu passei muito tempo da minha vida sem fazer o que eu queria por medo, que eu achava que ela era minha amiga e que ela iria me compreender. Aí ela começou a chorar e agora é mais tranquilo.

E: E você imaginava que qual seria a reação dela? O que passou pela tua cabeça?

Z: Que ela não ia atender minhas ligações quando eu voltasse para Salvador, que ela não ia querer mais conversa, que ela ia passar mal, mas um dos meus maiores medos era que ela parasse de falar comigo. Tanto que eu tinha vontade de contar para ela, achava que ia ser mais fácil do que contar para meus pais e irmãos, mas, mesmo assim, eu senti medo.

Esse entrevistado toca em um ponto importante, qual seja este, o medo de decepcionar a mãe por não poder casar e ter filhos, ou seja, reproduzir a espécie, o medo de frustrar as expectativas de uma vida heterossexual voltada para a procriação. Esse medo mostra o quanto a heterossexualidade não é uma forma de relação natural, uma consequência direta da natureza dos indivíduos, ao mesmo tempo em que expõe uma expectativa que se apresenta, para esse entrevistado, quase como uma injunção, uma obrigação a ser cumprida enquanto ser humano.

O medo que alguns frequentadores sentem ao se deparar com o Beco pela primeira vez, também, pode ser fruto de um medo diante da possibilidade que se coloca de assumir-se, pois, assumir-se aí significa assumir uma posição socialmente ilegítima que, provavelmente, deixará o sujeito à mercê do preconceito e da humilhação. A fala de outro entrevistado contribui para entender esse medo:

*“...e eu não tinha com quem conversar e eu acabei me tornando muito fechado, muito fechado mesmo. Foi muito, muito difícil a aceitação, a aceitação não, o entendimento, pois era fato, eu era gay, eu sou gay, mas entender isso, sabe? **Como eu vou viver daqui para a frente sendo homossexual?**(grifo nosso)”(informação verbal)*

Mas, além desse medo que surge na fala de alguns frequentadores, surge também a expressão “acostumar-se”. Com o tempo, as práticas e os comportamentos, Beco à dentro, se tornam “naturais”; vão-se “naturalizando”. Assim, se por um lado, o Beco provoca um medo inicial, por outro, o Beco proporciona a “naturalização”, o familiarizar-se com desejos e práticas que são estigmatizados Beco afora. Ao ter contato com a externalização desse desejo dentro do Beco, os frequentadores passam a ter uma relação menos tensa, não só com a homossexualidade de um modo geral, mas, inclusive, com suas próprias sexualidades. Muitos frequentadores assumem sua sexualidade a partir do momento em que começam a frequentar o Beco ou, assim que assumem, passam a frequentá-lo.

E: Você se descobriu com quantos anos?

A: Os meus 14 anos, quer dizer eu sempre tive aquele balancê, né? Aquela coisa, porém, nos meus 14 anos foi quando eu conheci um amigo pela internet, que me trouxe aqui no Beco dos Artistas e que aí eu passei a frequentar, que eu vi que não era só eu homossexual, que eu achava que só eu era homossexual, aquela coisa de que eu não me aceitava homossexual. E aí, depois que esse amigo me trouxe, eu vim conhecer outras pessoas, um mundo, assim, nos meus 14 anos.

E: Foi o mesmo período que você passou a frequentar o Beco que você passou a aceitar melhor sua sexualidade?

A: Foi, sim. Depois que eu passei a frequentar o Beco dos Artistas, que eu fiz amizades, que percebi que não era o que eu pensava, que não era aquele bicho de sete cabeças, apesar de que é um preconceito, sim...eu mesmo se eu pudesse escolher, eu não seria um homossexual, porque é muito preconceito, é difícil a vida de um homossexual, principalmente, para mim, né? Eu tenho homofobia dentro de minha casa, meus pais, né?[...] Douglas que me trouxe aqui. Ele me convidou para vir e tal. Conteí toda minha história, que eu não me aceitava, achava que só eu era homossexual, disse que não queria isso para mim. Aí ele: não, não é só você não, vou-lhe levar num lugar que você vai conhecer muitos homossexuais. Foi aí que eu comecei a me entrosar com o povo e fiquei conhecido. Quem não me conhece aqui?

Outro frequentador também comenta essa relação entre o Beco e uma suposta saída do armário:

M: Acho que teve uma época... Será que eu sabia que isso não era problema? Eu acho que o momento que eu saí do armário, não, não é sair do armário, porque nunca você sai do armário, não é? O momento que eu conheci outras pessoas gays, literalmente, pessoas mesmo que se consideram gays, foi em 2008 ou 2007, foi quando eu comecei a andar no Beco.

E: E você acha que frequentar o Beco lhe ajudou nesse processo?

M: Ajudou muito, porque, como eu disse, eu não conhecia muita gente, eu não conhecia ninguém, foi a partir dali que eu comecei a conhecer pessoas que gostam da mesma coisa,

porque tem gente que, se você não fosse homossexual, você não teria vínculo jamais com essas pessoas, entendeu? O único vínculo que você tem é o homossexualismo, são estilos diferentes, pessoas diferentes, só que o fato de ser homossexual é que vincula essas pessoas a outras, eu fico falando isso direto. Aí, pronto, e foi a partir dali, do Beco, que eu conheci, que eu frequento até hoje. Eu comecei a conhecer gente e conversar e saber que aquilo ali é normal, pronto, fiquei tranqüilo, foi se firmando, na verdade, minha sexualidade. Só foi firmando mesmo, eu sabia que eu era, mas ficava aquele negócio – “poxa, e agora? Sou viado e vou ficar oprimido?” –, aquele negócio que eu te falei, da galera saber que é, mas oprime, pega uma mulher e casa. Aí, pronto, aí foi a partir do Beco que eu comecei a conhecer gente e ver que isso é uma coisa normal. Tem muita gente que é assim e é feliz.

Essa socialização que um espaço como o Beco proporciona, permite que os frequentadores possam não só externalizar seus desejos, mas, também, possibilita uma convivência entre pares que é fundamental para que esses desejos possam ser mais aceitos. A possibilidade de falar sobre esses desejos, de trocar experiências, de falar sobre os preconceitos que sofrem, de dividir as dores, de ter acesso a acontecimentos e experiências de outros indivíduos, essa rede de solidariedade que se forma é fundamental para que esses indivíduos possam apaziguar suas dores e libertar os conflitos subjetivos para o mundo externo, podendo assim significá-los e compreendê-los. O Beco cumpre, então, um papel de fundamental importância na aceitação do desejo homossexual por parte dos frequentadores. O Beco é um espaço que possibilita a aceitação. Ao perguntar a Marcelo sobre essa relação entre o Beco e a aceitação, ele diz:

“Porque, se não existisse espaço GLS em Salvador, ou em qualquer lugar do Brasil, ou do mundo, ficaria mais difícil. Isso, quando não existia, há décadas atrás, onde não existia espaço gay, então, o que acontecia é que a pessoa ficava fechada para ela. Ele vivia com aquilo e morria com aquilo. Para se assumir é difícil... O que acontece é isso. Então, lógico que ajuda. Ajuda as pessoas a se aceitarem. Porque o maior tabu não é você ser aceito pela sociedade, pela sua família, o maior tabu é você se aceitar. Quando você se aceita, tudo fica mais fácil. Quando você não se aceita, você vive um dilema muito grande. Você sofre com isso. Você simplesmente acha que tudo é ruim, tudo é péssimo. Que você está fazendo uma abominação na vida, que você é o maior pecador que existe. E aí, no momento em que você se aceita, você manda a sociedade para a casa da puta que pariu. A família, você ainda fica resguardado por causa da mãe e do pai, não é nem por causa de irmão, é mais por mãe.

Como do que vai pensar; o carinho que você vai deixar de ter. Mas, quando a família já sabe e, com relação à sociedade, é aquilo que falei.” (Informação verbal)

Por conseguinte, o Beco se torna um lugar onde essas pessoas podem se sentir à vontade, como afirma um frequentador: “aqui eu posso ser eu mesmo”. Ao conversar com Estela, a dona do Green Bar, quando ela estava tecendo algumas críticas ao Beco, eu perguntei:

A: O que você acha que traz as pessoas aqui para o Beco?

E: Ah, porque aqui eles podem namorar à vontade, podem se beijar, se acariciar, podem paquerar e se sentem à vontade de soltar a franga, em casa são todos durinhos, quando chega aqui, ai ui, ui ai, não é? Aqui eles se soltam mesmo, o eu verdadeiro deles, aqui eles fazem coisas que lá fora eles têm que esconder, sabe? É diferente. Olha, como eu te falei, eu tenho um advogado que ele é gay, ele é a pessoa mais séria e tal, mas, aqui, ele cruza as pernas, ele vem muito cheiroso, vem cheio de creme, cabelo cheio de creme, bem cheiroso. Outro dia, eu tive um problema e a gente foi no ministério do trabalho, cheguei lá ele estava de óculos, paletó e gravata, quer dizer, eu quase não reconheço, então, aqui ele é ele verdadeiramente e lá ele estava representando um papel. A diferença é essa, entendeu? Aqui eles são eles mesmos.

Poderia problematizar a fala de Estela, mas não só a fala dela, como a de alguns frequentadores, quando eles dizem que ali eles podem ser eles mesmos, ou, quando Estela fala de um eu verdadeiro que se manifesta ali dentro do Beco. O que é mesmo esse eu verdadeiro? E o que é mesmo esse “ser eu mesmo”? A suposição de que existe um núcleo fixo que diz sobre o sujeito, e que esse núcleo está localizado na sexualidade desses indivíduos, ou seja, a sexualidade se torna reveladora do sujeito, reveladora de sua verdade. Mas, por que os próprios frequentadores afirmam que ali eles se sentem eles mesmos? Talvez o que mais marque suas subjetividades seja aquilo mesmo que é mais reprimido – o que mais diz sobre mim é aquilo que não pode ser dito. A repressão produz uma subjetividade e faz os sujeitos acreditarem que aquilo que eles não podem ser é o que eles verdadeiramente são. Mas, problematizações a parte, o que a fala de Estela mostra é que, dentro do Beco, os frequentadores podem se sentir à vontade para manifestar comportamentos e jeitos de ser que fora daquele espaço, provavelmente, eles não se sentiriam.

Weeks (2007) diz que “o crescimento dos espaços urbanos, tornando possível tanto a interação social quanto o anonimato, foi um fator crucial no desenvolvimento de uma subcultura gay” (WEEKS, 2007, p.69) e que esses espaços dão “oportunidade para as pessoas explorarem suas necessidades e desejos, sob formas que eram, algumas vezes, inimagináveis até bem pouco tempo” (WEEKS, 2007, p. 70). Guardadas as devidas diferenças, já que Weeks (2007) estava se referindo a comunidades gays em cidades norte-americanas, podemos dizer que o Beco, em alguma medida, cumpre esse papel de possibilitar às pessoas explorarem seus desejos e criarem novas formas de relação e sociabilidade até pouco tempo atrás inimagináveis.

Weeks (2007) também diz que “uma identidade pessoal estigmatizada” possui quatro estágios característicos na sua construção. “Primeiro, o que ele chama de “sensibilização, que é quando o indivíduo se torna consciente, através de uma série de encontros, da diferença dele ou dela em relação à norma. Por exemplo, pelo fato de ser rotulado por seus pares como ‘maricas’ (o menino) ou ‘joãozinho’ (a menina)” (Weeks, 2007, p. 72). Segundo, o que ele chama de significação, que é quando o indivíduo começa a tentar significar essas diferenças. Terceiro é a “subculturalização, que é o estágio de reconhecimento de si mesmo, através do envolvimento com os outros, por exemplo, através dos primeiros contatos sexuais” (Weeks, 2007, p.72). Quarto é a estabilização que é marcada por uma maior aceitação, geralmente acompanhada de um envolvimento, inclusive político, junto a pessoas que compartilham dessa mesma posição.

Se fôssemos pensar o Beco em relação a esses estágios apontados por Weeks (2007), mesmo tendo consciência de que esses estágios não são universais, mas sim, como o próprio Weeks (2007) afirma, característicos de uma cultura específica, então, o Beco atuaria no terceiro estágio, ou subculturalização, ao permitir o reconhecimento de si através da convivência com outros e, por conseguinte, uma maior aceitação. Não é à toa que muitos dos frequentadores do Beco são jovens, que ainda estão descobrindo sua sexualidade e que, através desse estar entre iguais, dessa convivência com outros, se sentem fortalecidos para aceitar seus desejos.

3.1.2 A heteronormatividade e o Beco

Para entender por que o Beco dos Artistas é um espaço onde os frequentadores se sentem à vontade, se sentem livres para expressar seus desejos, é importante também entender como é a realidade desses frequentadores fora do Beco, no ambiente de trabalho, no bairro

onde moram, na escola e na família. Como é que essas pessoas lidam com sua sexualidade Beco afora? Entender o Beco dos Artistas e o sentido que ele tem hoje, para alguns frequentadores, é também entender a sociedade mais ampla; é também compreender como a sexualidade é manejada e compreendida em outras esferas da sociedade que não o Beco. Alguns frequentadores deram depoimentos ricos para pensar essa relação entre o Beco e a sociedade mais ampla através de como suas sexualidades são vividas. Um dos frequentadores fala do preconceito que ele vive dentro de casa:

A: Estou falando de um preconceito dentro de casa que eu sofri, não é? Minha própria mãe chegou para mim e me disse que, se eu fosse um homossexual, que ela seria a primeira a me rumar uma bomba, que ela morre de vergonha. E aí eu acho assim... O motivo foi que eu botei uma patinha na unha. Aí ela achou... Tudo dela é isso, não é? Tudo dela é isso. Um absurdo, um arêê que ela fez, aí ela disse: “se você for, eu sou a primeira a te rumar uma bomba”. Minha mãe é assim preconceituosa. Se eu levar algum amigo lá em casa, ela trata mal, acha que é macho, é tudo isso. Eu saio às vezes, não é nem para eu sair com homens, nem nada, é para me divertir, quando eu chego em casa, ela acha que eu estou fazendo alguma coisa errada, que eu estou com alguém, que eu estou me envolvendo com homens, é o que ela acha, porque, eu nunca cheguei para ela para dizer que eu me envolvo com homens, que eu era ou que eu não era, mas, ela já tem esse preconceito, imagine se eu disser. Ela já diz: homossexual longe de minha casa, longe de mim e de seu pai, porque, isto é uma vergonha.

A.C, uma garota que encontrei muitas vezes no Beco, conta que tem uma relação muito difícil com sua família, que a mãe, o pai e o irmão não aceitam sua sexualidade. Conta que, quando sua mãe descobriu, ela fugiu de casa para não enfrentá-la. Depois, quando retornou para casa, arrumou um namorado para agradar sua família, mas não conseguiu sustentar a relação por muito tempo. Além disso, contou que já sofreu discriminação no próprio colégio onde estudava. Ela conta:

E: Você já sofreu preconceito?

A.C: Vários.

E: Pode falar um pouco disso?

A.C: Inclusive no colégio. O pessoal começou a dizer para a diretora que eu estava pegando uma garota, me chupando com ela. Aí a diretora me expulsou para fora da escola por essa causa, sendo que eu não tinha nada com a menina, mantinha aquele contato, mantinha, mas, fora do colégio, eu respeitava o local, mas, a diretora não quis acreditar em mim e me pôs para fora do colégio. Mas, fora o preconceito que eu já sofri, sem contar os que eu sofro dentro de casa mesmo, não é? Detalhe: não pode parar nenhuma mulher lá em casa que minha mãe está espantando, achando que é alguma coisa minha, ela já está botando para correr. Teve uma que ela botou que quase ela bota debaixo de pau para fora, teve uma que ela foi atrás dessa mulher com a faca na mão para poder matar essa mulher, porque, estava dando em cima de minha irmã. Na minha família, o bicho pega.

E: Mas você falou que já conversou com seu pai e sua mãe.

A.C: Já, mas eles não aceitam e o problema é esse. Então, se eles puderem evitar o máximo de contato com essa gente possível, eles vão fazer para eu evitar e isso não está me ajudando muito, ao invés deles ajudarem, só estão me atrapalhando.

Alguns garotos também afirmam que a escola é um dos lugares onde eles se sentem mais discriminados. Segundo esses frequentadores, eles são vítimas de piadas e chacotas por parte dos colegas, muitas vezes sofrendo uma intensa exclusão. Louro (2007) diz que, nas escolas, é exercida a pedagogia da sexualidade, através da qual se legitimam determinados comportamentos sexuais e de gênero e se discriminam outros. Por isso, para Louro (2007), “a escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém assuma sua condição de homossexual ou bissexual. Ao invés de ser um local de conhecimento, no tocante à sexualidade, é um lugar de ocultamento” (LOURO, 2007, p. 27).

Outra garota também dá um depoimento elucidativo para pensar como a instituição policial pode, também, estar suscetível a uma lógica heteronormativa:

E: Você acha que é importante um lugar como o Beco dos Artistas aqui em Salvador?

A.Cl: Com certeza. Eu acho hiper importante porque é um lugar onde você pode expor-se como gay, como lésbica, que você pode paquerar uma pessoa sem sofrer alguma lesão ou alguma discriminação, um lugar que você se sente bem, se sente à vontade, que seja um lugar que só tenha gays, lésbicas e simpatizantes. Eu mesma já fui vítima de discriminação.

E: Onde?

A.Cl: Eu fui até presa. Em Tancredo Neves.

E: Conte como é que foi isso?

A.Cl: Eu estava com uma menina, aí os policiais chegaram alegando que era por uma câmera digital que estávamos na mão tirando foto. Aí falou: “é que aqui tem uma delegacia logo próxima e não pode usar câmera digital”. Aí eu falei: “beleza, mas a câmera é particular, é minha e dela aqui, a gente está tirando foto só nossa, a gente não tem interesse de tirar foto de nada”. Aí eles conduziram a gente para a delegacia, olharam lá, conferiu: é foto delas. Aí, depois, começaram a fazer um bocado de perguntas para a menina: sua mãe e seu pai sabem? A menina: sabe. “Ah, sabia que sua mãe e seu pai podem ser presos por isso, por apoiar uma coisa dessas?” Só homem, só tinha homem na sala, e eu calada, não disse nada. Aí passou um momento e me levaram para outra sala e me interrogaram. Aí eu falei: “eu não vejo mal nenhum, porque, se fosse um casal de homem e mulher, vocês iriam abordar? Por quê? Qual motivo? “Vocês iam ter que dar um flagrante no cara ou na mulher para poder abordarem eles, porque não existe isso.” Aí eles disseram: pelo mesmo motivo. Aí eu disse: “jamais, porque tanta gente se beija em lugar público e vocês não prendem, imagine se prendesse todo mundo que beijasse em lugar público”. Aí chegou uma delegada muito gente boa da 11ª e falou: vocês estão fazendo uma coisa que é demonstração de amor. Aqui tem que prender ladrão, traficante, assassino, não existe prender vocês. Aí liberou a gente. Beleza, não deu nada, e eu que já estava sendo acusada, ia ter que responder e tudo, aí eu falei: “por que eu tenho que responder desde quando ela já tem uma idade, já é conhecida, e os pais dela reconhecem, meus pais reconhecem e eu sou independente, eu não devo nada a ninguém?” Aí ela chegou e conversou comigo e liberou a gente de boa. Ela até indicou: se você quiser dar uma queixa, você está nos seus direitos, porque eles fizeram uma coisa que não tem nada a ver. Mas eu não quis. Até para evitar problema. Eu falei: “Não, deixa para lá, é a opinião de cada um. Se isso fosse mudar o mundo, eu até daria essa queixa, mas, como não ia mudar o mundo. Eles podem aprender, alguns deles, não todos, porque tinha na faixa de cinco a seis. O que me garantia que os seis queriam aprender? Eu falei: deixa quieto, deixa para lá. Passou e eu estou vivendo a minha vida, eles estão vivendo a deles lá. Mas, sabe, a discriminação rola e muito, até para entrar em um ônibus com meu corte de cabelo, todo mundo fica olhando para meu corte de cabelo, fica me olhando de cima para baixo, ou com minha mãe em qualquer lugar, todo mundo olha para mim e minha mãe até fala que todo mundo fica olhando e tudo. Aí minha mãe, com o tempo, até me discriminou, falou: ah, você cortou o cabelo, está querendo virar homem. Eu falei: não, eu

cortei porque eu gosto, eu me sinto bem, se eu quiser virar homem ou não, é uma coisa que meu instinto vai dizer. Mas, depois de um tempo, ela foi acostumando. Ela falou: não, é uma coisa que eu vou ter que entender. E ela hoje entende perfeitamente, como hoje até ela brinca: vai cortar o cabelo, não? Vai deixar crescer, é? Vai virar mata? Começa a brincar comigo. Meu pai até brinca comigo também, mas é normal, pelo menos na visão de meu pai e minha mãe, olhando para mim se tornou normal. Como eu falo para qualquer pessoa: eu não cresci e escolhi: “Ah não, eu vou pegar mulher”. Como muita gente que diz que vai pegar mulher, porque homem lhe fez sofrer. Eu nunca tive relacionamento com homem - já peguei sim, meninos, quando eu era pequena, era criança, pré-adolescente. Até os meus 12,13 anos, eu brinquei de bitocar meninos em bequinho, mas, hoje em dia, eu digo a você que nunca foi o que eu gostei, e eu digo a qualquer pessoa e não tenho vergonha de assumir, que eu vou fazer 23 anos e sou virgem. Não tenho curiosidade nenhuma, porque o que eu gosto mesmo é mulher e acabou. Tem gente que não entende e diz: ah, mas você nunca provou. E eu digo que não precisa provar de fruta para saber se ela é amarga ou doce, então, eu não preciso fazer isso para saber e mudar minha opinião não. Que não é uma opinião não, é minha vida, é o que eu sou, e eu sou homossexual e acabou. Mas tem gente que não entende e, até hoje, tem gente que acha que isso é um absurdo, coisa do outro mundo. Tem gente que fala, tem gente que me discrimina. Minha mãe me ensinou a respeitar as pessoas, e se aceite, senão, vai ser difícil outras pessoas lhe aceitarem. Mas todo mundo tem direito de questionar e nem para todo mundo você tem que explicar. É o que eu faço quando alguém olha para mim diferente, eu simplesmente olho para ela, diferente ou não, eu estou olhando, só para mostrar a ela que eu estou retribuindo o meu olhar e acabou. Não recrimino ninguém, e eu queria que, um dia, as pessoas não recriminassem a gente, porque independente de qualquer coisa, a gente sabe ser pessoas honestas. Tem gente que, todo lugar tem gente que não é honesta, não é? Como tem marido e mulher que rouba, trafica, faz tudo e eu não tenho nada a ver com isso, mas eu só uso meu cigarro e minha cerveja aqui e estou feliz, como eu falo a qualquer pessoa, viro minha noite, tenho meus casos e assumo minhas mulheres, mas aí já não cabe a ninguém gostar, cabe a mim. Como eu falo: se não der certo, caberá só a eu saber, o resto que viva sua vida e é só minha opinião, e eu acho que isso aí, para mim, já vale tudo, se eu um dia for respeitada, vai ser uma glória.

E: Você acha que, hoje em dia, você ainda não é respeitada?

A.Cl: Nem eu, nem nenhum da comunidade gay, nenhum é respeitado. Tem gente que fala assim: você pode ser aceito na sua casa, na sua família, pode ter um ou dois que falem que é

normal, que vai passar. Como eu tenho uma tia que falou que vai passar, e que é fase, mas, para mim, isso é fase desde os 12 anos de idade. Eu assumi querer mulher desde os 12 anos de idade e isso para mim nunca passou e eu vou fazer 23 anos, eu já cresci com isso. Eu era guria, criança e já via as minhas primas sentindo um negócio diferente, só que a gente no começo acha que é bicho do mato, a gente não entende que, com o tempo, a gente vai se acostumar, porque a sociedade faz a gente entender que é bicho do mato, que a gente é algo anormal. As pessoas tratam a gente como se a gente fosse um bicho e eu acho até que eles olham para um bicho melhor do que eles olham para a gente (grifo nosso). Uma vez, a gente foi para uma festa na Barra, todo mundo bem vestido, a gente também bem vestidos, só que um monte de bofe, bofe é aquela mulher que parece mais um homem, mas todo mundo bem vestido, com dinheiro no bolso, pagando igual a todo mundo, até mais que muita gente, bebendo, curtindo, cheia de mulher bonita do lado e as pessoas começaram a recriminar, até ao ponto de chamarem a atenção da gente. Eu falei: poxa, a gente não está fazendo nada demais, a gente sabia que estava em um lugar que não é homossexual, ou seja, ninguém...

E: Qual era o lugar?

A. Cl: Poxa minha linda, foi antes do carnaval, mais ou menos uma semana antes, ou besteira assim. Era entrando ali onde tem o Otton, em uma rua e eu não sei o nome da rua, mas, tem uma rua ali perto que eles fizeram uma festa carnavalesca, fizeram um desfile de baile pela rua, fecharam o espaço para as pessoas aparecerem e a gente ficou. As pessoas ficavam assim, olhando, e a gente curtindo, não desfez de ninguém. O que fizeram com a gente? A gente não fez nada com eles, mas, quando deu certo tempo, eu falei: vamos procurar um ambiente mais aconchegante para gente. A gente saiu e foi até o Beco que ela citou aqui, o Beco da Off, chegou lá a gente foi bem recebida.

Essa fala de A.Cl elucidada como, de algum modo, ainda existe uma rejeição por parte das pessoas e das instituições - já que estas, também, são compostas por pessoas - às relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Essa rejeição é acompanhada por um cerceamento que age no sentido de intimidar, de excluir e de inferiorizar os indivíduos que, por ventura, transponham as barreiras de gênero e sexualidade. Todas essas estratégias são mecanismos de controle ativados socialmente, que recaem sobre a sexualidade dos indivíduos. Como bem mostra a fala de A.Cl, esses mecanismos não estão concentrados no estado, mas se espalham como uma rede de poder desde o policial, quando este intimida as duas garotas por estarem se beijando, no percurso de ônibus quando as pessoas olham diferente para um corte

de cabelo que, supostamente, não seria propício para uma mulher, até na vendedora de uma loja que olha intrigada quando a mãe de A.Cl vai comprar uma bermuda masculina e diz que é para sua filha. Em todos esses espaços, o que ocorre é um cerceamento da sexualidade e um controle sobre as performances de gênero.

Isto é consequência de um tipo de poder que se espalha pelos indivíduos e é exercido através destes na medida em que, embora a heteronorma seja um fator social, ela está também incrustada no cotidiano e no modo de pensar de cada indivíduo. Cada indivíduo que internalizou os parâmetros de normalidade e anormalidade em termos sexuais e de gênero se torna, então, um soldado capaz de lutar aguerridamente para defender e consolidar aquela norma que lhe constitui. Como afirma Foucault (1985), “o poder na realidade é um feixe aberto, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações” (FOUCAULT, 1985, p.248), que se espalha por entre os indivíduos e instituições através de múltiplos mecanismos.

Além da escola, da família, da instituição policial, os frequentadores do Beco, em sua maioria, não expõem sua sexualidade, não falam, não comentam sobre ela no ambiente de trabalho. A maioria afirma que é uma forma de se resguardar do preconceito e da discriminação. Muitos dos frequentadores, também, são vítimas de preconceito no bairro onde moram. Um dos frequentadores que entrevistei já foi, inclusive, vítima de coerção física, porque seu jeito de caminhar, movimentando os quadris para um lado e para o outro, de forma acentuada, incomodou outro rapaz do seu bairro.

E: Você pode contar alguma coisa, algum fato que te marcou?

R: Rapaz, são tantos, me deixa ver algo que dá para contar. É que todos marcam, não é? Mas um, que eu estava na rua, o menino pegou, olhou para minha cara assim, tentou me agredir, porque ele não me agrediu, e fez: “pocpocpoc”. Porque eu estava rebolando demais. Eu disse a ele que meu jeito de rebolar é esse e eu não vou mudar meu jeito porque ele quer.

E: Ele chegou do nada? Você o conhecia?

R: É porque onde eu moro, ele é tipo um conhecido. Aí ele pegou, falou - porque eu passo lá onde eu moro de cabeça erguida e olhando para frente, porque olhar para o lado é complicado – “vai o viadinho lá”. Aí eu olhei assim e não disse nada, aí ele achou que eu tivesse dito que eu não era viadinho. Achou que eu ia fazer um barraco. Eu peguei e nem liguei, aí ele veio me agredir.

Esse depoimento me faz questionar por que alguém é agredido pelo jeito que anda. Por que este jeito de caminhar é tão perturbador para o garoto do bairro ao ponto dele sentir vontade de agredir o outro garoto? Seu desejo era inibir um tipo de andar? Se sim, por quê? O que essa situação elucida é um profundo pânico ou medo, elucida uma ansiedade que está presa às normas de gênero, à conformação da masculinidade e feminilidade através do corpo dos indivíduos. Esse episódio mostra, também, a fragilidade da construção da masculinidade, ao ponto de uma performance de gênero que não reafirme essa coerência entre sexo e gênero se tornar ameaçadora e passível de agressão. Então, deve-se começar a questionar se o gênero é mesmo uma consequência direta de um tipo de corpo e sexo, e como e quais mecanismos de poder são utilizados para produzir uma “sexualidade normal” e quais são os custos dessa produção. O que se elucida, nessa situação, é a relação entre a adequação às normas de gênero e a coerção.

Todos esses depoimentos mostram como a sexualidade dos frequentadores do Beco é vivida e manejada. O Beco afora - na escola, na família, no bairro residencial, no trabalho e na rua. Entender esse contexto é também entender a existência do próprio Beco. Por que existe um espaço como o Beco em Salvador e o que isso significa? Todos esses relatos de preconceito e discriminação, de exclusão e não aceitação produzida por uma lógica heteronormativa e pelo controle da sexualidade dos indivíduos aponta para os motivos pelos quais, para muitos frequentadores, o Beco dos Artistas é, antes de tudo, um espaço de libertação. Quando pergunto a um entrevistado sobre a importância do Beco, ele diz:

“O Beco faz com que você se sinta mais à vontade para expressar o que você está sentindo, sabe? Para se mostrar mesmo, e isso ajuda, isso ajuda a ter um pouco mais de alegria no momento que você está mais turbulento, mais confuso, é muito importante mesmo, porque, quando você começa a frequentar, você acaba vendo que pessoas que estão ali, talvez, tenham passado pela mesma história que você. Se não passaram, passaram por alguma história muito semelhante, e você acaba levando aquela aprendizagem para sua vida social e ajuda, ajuda para caramba, ajuda mesmo, porque você passa não só a ouvir a história das outras pessoas, mas você passa a criar sua própria história dentro do lugar, sabe? Dentro dali, você acaba tendo um reconhecimento, uma impressão digital naquele lugar. Você não é conhecido por qualquer coisa, você vai ser conhecido como a bichinha fechativa ou pela bichinha mal humorada ou pela bichinha egocêntrica, pela bichinha seja lá o que for. Em geral, você deixa uma marca e essa marca começa a ser firmada, quando você começa a se

sentir livre, dar seus gritos, fazer suas feições, rodar o cabelo, acho que isso ajuda, é uma sensação de liberdade.” (Informação verbal)

3.2 O BECO E O GUETO

Mas, para além de um dos significados que alguns frequentadores atribuem ao Beco, ou seja, o Beco como espaço de libertação, quais outras categorias e significados surgem na fala dos entrevistados? Para além de um espaço de libertação, como podemos, também, compreender o Beco e pensá-lo, criticamente, através de outras categorias surgidas durante as entrevistas?

Ao conversar com alguns dos antigos frequentadores sobre o Beco nos dias de hoje, uma das categorias que surgiu em seus discursos foi a palavra gueto, no sentido de identificar o Beco com um gueto. Essa identificação do Beco com o gueto veio, também, associada a uma rejeição por um lugar especificamente gay, por um lugar que, ao longo dos anos, se constituiu como um espaço GLS. Embora, na fala dos frequentadores atuais, não tenha surgido a expressão gueto, no entanto, surgiu, também nas suas falas, um incômodo em frequentar um espaço considerado GLS. Muitos frequentadores falam: “eu não gosto de lugares para gays, eu venho por falta de opção”. Essa frase se repetiu algumas vezes nos discursos dos frequentadores atuais.

Percebe-se aí que existe uma relação entre espaço e identidade. O gueto como esse espaço preso a uma identidade e, ao mesmo tempo que reitera essa identidade, daí o incômodo de alguns frequentadores com o gueto/Beco, com esse lugar que seria específico para o público GLS. Como essa categoria surge no discurso dos antigos frequentadores, fiquei me questionando se, de fato, o Beco pode ser considerado um gueto, ou quais as similaridades que o Beco, por ventura, traz com o conceito de gueto. Será que o Beco pode ser caracterizado como um gueto? Para responder a essa pergunta, precisarei refletir sobre a categoria de gueto, mas, antes de pensar especificamente a categoria de gueto, discutirei, primeiro, a própria noção de espaço e como o espaço físico tem uma relação com o espaço social.

Para Bourdieu (1997), em seu texto “Efeitos de lugar”, todo ser humano, considerado como corpo, ocupa um lugar no espaço, ou seja, está situado. Estar situado quer dizer, também, o ponto através do qual esse ser humano existe. Ele(a) tem um lugar, logo, ele(a) existe. O lugar ocupado pelos agentes sociais pode significar, não apenas uma posição no espaço físico, mas também, uma posição no espaço social. Esse lugar no espaço social pode

se caracterizar por sua posição relativa em relação a outros lugares e pela distância que o separa deles. “Como o espaço físico é definido pela exterioridade mútua das partes, o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais” (BOURDIEU, 1997, p.160). Bourdieu (1997) diz:

“A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na idéia de ‘fronteira natural’). É o caso, por exemplo, de todas as projeções espaciais da diferença social entre os sexos (nas escolas, nas igrejas, nos lugares públicos e até em casa)” (BOURDIEU, 1997, p.160).

Pela fala de Bourdieu (1997), fica claro como o espaço físico reflete as estruturas e hierarquias sociais. Se pensarmos o Beco sob essa perspectiva, podemos inferir daí que o Beco, também, elucida uma hierarquia social; um conflito social que só poderia ser resolvido através da existência de um lugar como o Beco. Por que é necessário um lugar específico para a manifestação do desejo sexual por pessoas do mesmo sexo? Além disso, a própria configuração espacial - a invisibilidade que o Beco proporciona e o fato de o Beco ser uma ruela onde as pessoas que passam pela avenida principal, a Av. Leovigildo Filgueiras, não necessariamente têm acesso, diz muito sobre o espaço – Beco - e sobre essa relação entre espaço físico e espaço social.

Muitas pessoas que passam por ali todos os dias não se dão conta da existência do Beco dos Artistas. A forma como o Beco está situado espacialmente permite certo distanciamento dos moradores da Leovigildo, certa invisibilidade do espaço e das práticas que se dão ali dentro. A invisibilidade torna-se, assim, um ponto crucial para a existência do Beco dos Artistas, enquanto espaço de sociabilidade homossexual. Sem essa invisibilidade, proporcionada pela configuração espacial do lugar, o Beco dos Artistas jamais teria se tornado um lugar GLS com as características que ele possui hoje. De algum modo, a tensão que existe, no espaço social, entre uma sociedade heteronormativa e os desejos e práticas homossexuais se manifesta no espaço físico. O Beco é a manifestação dessa tensão social. Bourdieu (1997) diz:

“Como o espaço social encontra-se inscrito ao mesmo tempo nas estruturas espaciais e nas estruturas mentais que são, por um lado, o produto da incorporação dessas estruturas, o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência desapercibida” (BOURDIEU, 1997, p.163).

Será que a existência de um lugar como o Beco também não elucidada uma forma de segregação? Será que a existência do Beco dos Artistas, com as características que ele possui hoje, não é a materialização, no espaço físico, de uma divisão que é, antes de tudo, social? Pensar o Beco como gueto é, também, uma forma de problematizar essa relação entre espaço físico e espaço social.

Loic Wacquant (2004), em seu artigo “Que é gueto”, tenta construir um conceito sociológico de gueto. Para isso, desenvolve seu argumento centrado nos guetos que se formaram por diferenças étnico-raciais. O argumento de Wacquant (2004) é desenvolvido através de momentos históricos muito específicos, ligados, principalmente, a momentos de conflito e tensão étnico-raciais e que, por isso, adquiriram características muito particulares. Ao fazer uma genealogia do termo gueto e como crítica aos diversos usos que o termo vem tendo, Wacquant (2004) mostra como esse termo, em um processo de neutralização, foi se afastando do seu sentido ligado à raça e às relações de poder. É nesse sentido que Wacquant (2004) vai afirmar:

“O significado do termo gueto foi ainda mais dissolvido ao ser aplicado aos estudos dos padrões socioculturais específico dos homossexuais em cidades de sociedades avançadas em resposta ao estigma e libertação gay, depois das revoltas de Stonewall” (WACQUANT, 2004, p.155).

No entanto, mesmo tecendo essa crítica, Wacquant (2004) não descarta a possibilidade da construção de um conceito relacional de gueto. Wacquant (2004) afirma que “se pode extrair dessas diferentes literaturas algumas semelhanças e propriedades recorrentes na construção de um conceito relacional de gueto” (WACQUANT, 2004, p. 156). Assim, embora Wacquant (2004) não trate especificamente do gueto gay, ao tentar construir um conceito sociológico de gueto, ele toca em vários pontos que são ilustrativos para pensar o “gueto gay” e, trazendo para o meu objeto de estudo, o próprio Beco dos Artistas. Quais as similaridades que o Beco traz com o conceito que Wacquant (2004) desenvolve de gueto?

Ao tentar definir o termo, priorizando as características mais evidentes, ligadas aos contextos de tensão e conflitos étnico-raciais e, tentando diferenciar esse tipo de gueto do que

ele chama de gueto voluntário, é que a característica de confinamento espacial forçado vai surgir como uma característica central. Essa característica vai emergir como um ponto diferenciador entre o gueto que surgiu nos contextos de tensão étnico-racial e o gueto de caráter voluntário. Os negros que habitavam o gueto norte-americano não podiam sair daquele espaço sem correr risco de repressão e, inclusive, risco de vida. Esta é uma situação bem distinta dos condomínios fechados, por exemplo, onde pessoas de classe média e alta se isolam, voluntariamente, para se afastar dos males da cidade ou para viver entre iguais.

Mas, além dessa característica, que é fundamental no argumento de Wacquant (2004), para diferenciar esses dois tipos de gueto, ele ainda aborda uma série de outras características para definir esse conceito. Antes de falar sobre essas características, gostaria de pensar o Beco, primeiramente, sob o viés dessa característica que Wacquant (2004) usa para diferenciar o gueto voluntário do gueto não voluntário. Como o intuito de Wacquant não foi, nesse artigo, pensar, especificamente, a relação do gueto com a homossexualidade – “o gueto gay” – e como ele próprio afirma a possibilidade de formar um conceito relacional de gueto levando em conta distintas literaturas, tentarei pensar, através dos pontos por ele levantados, as similaridades que esse conceito guarda com o Beco dos Artistas.

O Beco dos Artistas, segundo a característica de confinamento espacial fechado, não pode ser encaixado nem no conceito de gueto voluntário nem no conceito de gueto que Wacquant (2004) constrói relacionado, por exemplo, ao gueto judeu de Varsóvia e ao gueto norte-americano. Isso porque essas formas de segregação espacial são fruto de momentos históricos muito específicos e de tensões sociais bem demarcadas. Além do que, o indivíduo que se identifica como homossexual ocupa uma posição muito particular em termos de estigma e segregação. Diferente do negro e do judeu que não podiam sair do gueto, ou seja, estavam submetidos a um sistema de confinamento espacial forçado, o homossexual, por outro lado, pode sair e entrar no gueto com certa margem de liberdade. Só que o homossexual pode fazer isso enquanto indivíduo mas, não, enquanto homossexual.

O fator visível sobre o qual recai a discriminação e a marginalização do homossexual está muito mais ligado a sua prática do que a uma característica fenotípica e evidente aos olhos. Claro que essa prática é fruto de um desejo que acompanha o indivíduo subjetivamente, mas esse desejo é subjetivo, é invisível aos olhos, enquanto a prática e o comportamento é o que dá visibilidade ao desejo. Assim, apesar de a coerção ser referente também ao desejo, ela se manifesta, mais explicitamente, sob o exercício desse desejo, ou seja, sob sua prática. Então, embora “o homossexual” possa circular livremente enquanto indivíduo, ele não pode, enquanto homossexual, no exercício do seu desejo. Nesse sentido, o indivíduo que se

identifica como homossexual é passivo de um confinamento espacial forçado quanto às suas práticas - já que essas práticas não podem ser publicizadas – mas, não como indivíduos⁵⁰.

O homossexual não escolhe ter um espaço específico para expressar sua sexualidade, ele é forçado a isso por uma sociedade que não concebe, na sua organização social e simbólica, formas de expressões da sexualidade que não sejam heterossexuais. O homossexual é forçado a um confinamento espacial para poder expressar e viver seus desejos e comportamentos não condizentes com as expectativas de uma sociedade heteronormativa, fundada na instituição do casamento e da família. Por isso, o gueto homossexual não pode ser considerado um gueto voluntário, no sentido de que foi fruto de uma escolha livre e incondicionada, como por exemplo, uma família de classe alta que decide ir morar em um condomínio fechado. Percebe-se aí que a posição do homossexual não é qualquer posição, é uma posição marcada pelo estigma e pela discriminação.

Por outro lado, a posição do homossexual é, também, diferente da posição do negro nos guetos norte-americanos e do gueto judeu em Varsóvia. O tipo de repressão que o negro e o judeu sofreram foi uma repressão muito mais forte e marcada. Diferente do negro e do judeu que não podiam sair de seus guetos, o homossexual pode sair, circular, mas só pode expressar seus desejos fora de um espaço especializado ou consensualmente apropriado para isso, de forma restrita. Claro que, nos dias de hoje, esses limites já estão bem mais flexíveis, no entanto, o fato de um indivíduo que se identifica enquanto homossexual, muitas vezes, preferir ir para um lugar específico para homossexuais não é fruto de uma vontade ou escolha livre. Assim, o “gueto gay” está em uma posição intermediária entre o gueto tradicional, que possui como principal característica o confinamento espacial forçado, e o gueto voluntário. É fruto de uma escolha, mas de uma escolha condicionada, é dotado de uma liberdade de circulação, mas de uma liberdade limitada.

Além dessa característica (confinamento espacial forçado), Wacquant (2004) fala de uma série de outras características que definem um gueto. Na medida em que eu for expondo essas características, eu farei uma relação entre essas características e o Beco dos Artistas, procurando ver as possíveis similaridades.

Wacquant (2004) vê o gueto como um dispositivo sócio-organizacional que usa o espaço com o fim de conciliar campos de tensões sociais. O Beco dos Artistas cumpre esse

⁵⁰ Um jovem que frequenta o Beco pode entrar e sair do Beco sem maiores constrangimentos, desde que seu desejo homossexual não esteja evidente. A partir do momento em que esse desejo se torna evidente, provavelmente, ele passará por algum tipo de constrangimento ou violência na vida pública. Assim, o jovem que se identifica como homossexual pode entrar e sair do Beco, sem maiores constrangimentos, como indivíduo, desde que não expresse ou externalize seu desejo homossexual; caso contrário, ele(a) será submetido(a) a algum tipo de coerção.

papel, na medida em que se tornou um espaço onde comportamentos que não são aceitos portas a fora daquele lugar podem ser vividos portas a dentro. Práticas e comportamentos que seriam motivos de tensão e conflito, se fossem vividos e expressados fora do Beco dos Artistas, são possíveis de serem vividos ali naquele espaço. Há, então, uma adequação de um campo de tensão social através da configuração do espaço. Aquilo que não poderia ser suportado de uma forma expansiva no tecido social mais amplo é acomodado em um espaço específico. O Beco dos Artistas pode ser visto, então, como um dispositivo sócio-organizacional com o fim de conciliar campos de tensões sociais.

O gueto, para Wacquant (2004), não é uma área natural, é um meio sócio-organizacional, uma forma muito peculiar de urbanização modificada por relações assimétricas de poder. O gueto é um produto e instrumento de poder de um grupo. Ele cumpre, assim, o papel de incubador social de uma identidade que é socialmente maculada (WACQUANT, 2004). O Beco dos Artistas é fruto de uma relação assimétrica de poder e legitimidade entre práticas heterossexuais e não-heterossexuais. Se não vivêssemos em uma sociedade heteronormativa, que só consegue conceber como possível os comportamentos e práticas heterossexuais, o Beco não existiria com as mesmas características e sob as mesmas condições que existe hoje.

O Beco dos Artistas, também, congrega três fatores que guardam similaridades com o conceito de gueto de Wacquant (2004). Essas características são: isolamento espacial e simbólico, estigmatização e um padrão peculiar de relações sociais que se dão dentro do gueto e que o diferencia da cidade, ou do exterior que o circunda (WACQUANT, 2004). O Beco é, hoje, um espaço extremamente estigmatizado, inclusive, pelos próprios frequentadores; é um espaço que conjuga tanto o isolamento espacial, quanto o isolamento simbólico e tem, ao mesmo tempo, seus limites muito bem demarcados – quando um frequentador sai do Beco para a Av. Leovigildo Filgueiras ele já não pode ter o mesmo tipo de comportamento que é possível ter dentro do Beco. Isso não significa que esse espaço não tenha uma relação com a cidade e com seu entorno, o próprio fato desse espaço ter-se configurado de tal maneira já é uma relação com o espaço como um todo. O próprio isolamento, as fronteiras físicas e simbólicas já são fatores ilustrativos de como a cidade se relaciona com o lugar e de como este se relaciona com a cidade. No entanto, apesar do isolamento espacial e simbólico, Loic Wacquant (2004) também afirma:

“Assim também formas culturais que são fabricadas no gueto atravessam as fronteiras e circulam pela sociedade que o circunda, onde freqüentemente se

transformam em sinais manifesto de rebelião cultural e excentricidade social” (WACQUANT, 2004, p.160).

Nesse sentido, por mais que a existência do gueto seja fruto de um tipo de segregação, existe uma margem de permeabilidade entre o gueto e seu entorno. As condutas, os comportamentos, os sinais, as gírias, as modas criadas no Beco dos Artistas não ficam confinadas naquele espaço, saem dali junto com seus atores sociais quando estes partem para outras esferas de sociabilidade na sua vida cotidiana. Assim como, o que esses atores vivem fora do Beco dos Artistas, também é levado para dentro do Beco. O exterior e o interior não são divididos por muros intransponíveis; pelo contrário, eles se comunicam, com a possibilidade de renovação constante de hábitos e posturas tanto dos de dentro, como dos de fora do espaço, através do contato direto entre ambos.

Muitos outros autores também recorrem ao conceito de “gueto gay”. Simões e França (2005) definem o “‘gueto homossexual’ como espaços urbanos públicos ou comerciais – parques, praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas – onde as pessoas que compartilham uma vivência sexual possam se encontrar”. Perlongher (1987) utiliza a categoria “gueto gay” para descrever as zonas de sociabilidade homossexual em São Paulo e afirma a validade da noção de “gueto gay” como uma construção sociológica.

Para Perlongher (1987), a preferência dos homossexuais por perambularem em alguns espaços que marcam o “gueto gay” “teria sido, historicamente, a resposta à marginalização a que a sociedade global os condena; eles teriam encontrado aí um ‘ponto de fuga’ para os seus desejos reprimidos pela moral social” (PERLONGHER, 1987, p.58). Além disso, Perlongher (1987) afirma que uma das principais características do “gueto gay” é o isolamento social - “obrigados por preconceitos e discriminação amplamente difundidas no corpo social, os gays tendem a se isolar e a se agrupar entre si” (PERLONGHER, 1987, p.53). É nesse sentido que Perlongher (1987) afirma que “o ‘dispositivo da sexualidade’ não se detém em conferir à homossexualidade uma demografia – uma base populacional. Instaura também uma territorialidade geográfica” (PERLONGHER, 1987, p.48).

3.2.1 A relação entre espaço e identidade: Beco/Gueto e a identidade homossexual.

Todo esse raciocínio desenvolvido acima serve para pensarmos sobre as questões levantadas pelos frequentadores atuais, antigos frequentadores e donos de bares. Em algumas perguntas direcionadas aos entrevistados a relação entre Beco e gueto emerge muito

espontaneamente. Além disso, nessas falas se configura uma relação, também, entre espaço, identidade e sexualidade. Uma relação se estabelece entre a fala dos antigos frequentadores sobre como a sexualidade era, inicialmente, vivida naquele espaço, quando o Beco ainda era dos artistas, e a forma como a sexualidade é vivida hoje naquele espaço, e quais conexões podem ser feitas entre essas mudanças e a afirmação de uma identidade homossexual. Quando pergunto a Augusto, antigo dono do Bar Camarim, se ele considera o Beco um lugar transgressor, ele responde:

A - Considero um gueto e, como todo gueto, as pessoas que estão lá, estão lá se protegendo umas às outras e criando como se fosse um oásis, onde podem se comportar de uma forma que não se comportariam em outro lugar. Não acho exatamente transgressor, não é uma palavra que eu usaria, porque eu acho que transgredir é você se comportar daquela forma num lugar onde as pessoas não esperam isso; você se comportar como gay num lugar que todo mundo é gay, você não está transgredindo nada, está se adaptando ao local. Ir para o gueto é acomodação, sair do gueto é a transgressão.

E- Mas o gueto não favorece, de certa forma, a liberdade de expressão sexual?

A - O contrário, o gueto é o esconderijo e o que é esconderijo não tem nada que ser considerado livre. As pessoas estão presas no gueto, né? Se você lembrar o gueto na Alemanha Nazista, o que eles faziam com os judeus. A palavra gueto significa isolar no lugar aquele que você não quer. Então, quando você tem a pessoa espontaneamente se enfiando no gueto, não porque está sendo teoricamente obrigada pela sociedade ou pela lei, você está incentivando que a pessoa se esconda da sociedade. Eu acho que temos que chegar a um ponto em que as pessoas não precisem mais se esconder.

Quando pergunto a um frequentador atual se ele considera o Beco um lugar transgressor, ele diz:

D: Eu acho que é pela proposta de ter vários bares GLS. Mas eu acho que não deixa de ser um gueto, ainda não deixa de ser um gueto. Porque, eu acho que muita gente se priva. Muita gente se priva de ir ao cinema com o namorado, porque prefere ficar em casa e assistir ao filme em casa. Muita gente se priva de ir a uma lanchonete ou a um restaurante comer, porque não vai poder colocar um pedaço de bolo na boca de seu companheiro. Então, acho que, no Beco, você tem isso. Pode ser transgressor por isso. Mas eu acho que as pessoas não

deviam olhar assim, porque lá é um lugar específico para a gente fazer isso, então, vamos fazer só lá, pois se não, não vai acabar sendo uma transgressão para a sociedade, vai ser uma transgressão do interior somente da pessoa. Então, acho que deve ser uma coisa mais expansiva. Acho que você deve ver um ambiente como um lugar que você pode se soltar mais, que você pode ir para se relacionar com as pessoas do meio. Eu acho que seria a melhor visão que um gay hoje deveria ter do Beco dos Artistas.

Essas falas mostram como o Beco, de algum modo, encerra um paradoxo. Ao mesmo tempo em que o Beco é esse espaço que permite uma auto-aceitação, que permite uma liberdade é, também, segundo a fala dos entrevistados, um espaço que limita e, por vezes, aprisiona. Tais falas ecoam o paradoxo que se expressa nas perspectivas distintas apresentadas por Edward MacRae (2005) em seu texto “Em defesa do gueto” e João Silvério Trevisan (2004) em seu livro “Devassos no Paraíso”. Edward MacRae (2005) afirma:

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem os homossexuais são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a ocultar-se, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser reconhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso, é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade (MACRAE, 2005, p.299).

Como se vê, para MacRae (2005), o gueto é um espaço de fundamental importância para a vivência do desejo homossexual, para que esse desejo possa ser expresso sem as agruras colocadas pelo mundo social. Essa possibilidade de expressão contribuiria para a aceitação do desejo e, por conseguinte, para sua expansão em outras esferas sociais que não o gueto. No entanto, Trevisan (2004) afirma:

“O gueto homossexual geograficamente ampliado representa, a meu ver, um ganho de direitos bastante discutível. Ainda que seja um espaço conquistado para a livre manifestação de comportamentos socialmente desviantes do padrão, o gueto na verdade não deixa de ser o ‘lugar de bicha e lésbica’, com tudo que implica de compartimentalização e isolamento. A ‘guetoização’ concentrou um grupo determinado de pessoas num espaço específico para esse ‘tipo de gente’ – espécie de campo de concentração” (TREVISAN, 2004, p.471).

Fica claro como a perspectiva de ambos os autores são distintas. Se, por um lado, MacRae (2005) pondera a importância do gueto, por outro lado, Trevisan (2004) levanta a crítica de como esse mesmo gueto que, aparentemente, liberta, também, compartimentaliza, divide e continua a reafirmar essa dicotomia entre heterossexual x homossexual pela naturalização, através do espaço, de um lugar específico para “bicha e lésbica”. Embora essas duas perspectivas pareçam irreconciliáveis, é possível inferir da fala dos entrevistados que sim, de fato o Beco cumpre esse papel de um lugar onde é possível se libertar, momentaneamente, das pressões sociais, ao passo em que, também, pela fala dos entrevistados, é possível inferir que o Beco limita, compartimentaliza e isola.

Mais importante do que tomar partido por uma das duas posições, é compreender que o Gueto/Beco pode agregar e, agrega, essas duas condições. O Beco liberta mas, também, aprisiona. Esse paradoxo é imposto pela própria maneira como a sociedade lida com a sexualidade. Na impossibilidade de expressar esse desejo no tecido social mais amplo – escola, rua, família, trabalho – eu procuro um espaço apropriado para isso. O Beco/gueto encerra, então, um paradoxo que é, antes de tudo, social. Halperin diz:

“A liberação sexual talvez tenha liberado nossa sexualidade, porém não nos tem liberado de nossa sexualidade; pelo contrário, nos tem escravizado a ela mais profundamente... escraviza-nos a um modo específico de liberdade e converte em algo indispensável o exercício de outras liberdades... se poderia dizer que o regime moderno da sexualidade nos tira nossa liberdade em nome da liberdade (tradução nossa)” (HALPERIN, 2004, p. 38)

Uma das críticas levantadas pelos antigos frequentadores em relação ao sentido que o Beco ganhou nos dias de hoje é, justamente, quanto ao fato de o Beco ter-se tornado um lugar para gays, logo um lugar que reitera o binômio heterossexual x homossexual. Quando questiono os antigos frequentadores sobre como a sexualidade era vivida, inicialmente, no Beco, eles afirmam que existia uma liberdade sexual, mas, que não existia uma definição, em relação à sexualidade, que caracterizava o lugar. A fala de Euro Pires é bem ilustrativa:

E: E a gente nunca via muito essa relação, saber quem era ou quem não era. Era muito difícil definir isso no Beco, entendeu? Eu sabia que era um lugar que tinha de tudo e aqui todo mundo aceitava tudo, mas você não via claramente quem é e quem não é. Tanto que todo mundo que era hetero se sentia à vontade de ir para lá, porque não era qualificado, se você está lá você é gay, você é homossexual. Não era, não rolava isso, porque lá era um lugar permissivo, como o Zanzibar também foi, entendeu? Tinha todas as classes. Aí, assim, hoje

não, hoje o Beco tem essa conotação, é um lugar de homossexuais, então, muita gente não vai. Se você chama alguém para ir: ah, rapaz, eu não vou não. Porque o cara homossexual ou o cara heterossexual não quer ser retratado como homossexual, então, ele evita ir ao Beco. Você não pode ir com uma galera mista hoje, porque têm alguns caras que realmente rejeitam: eu não vou, não estou a fim de ir lá, eu não quero ir lá.

Quando pergunto a Geraldo Cohen sobre como a sexualidade era vivida, inicialmente, no Beco, ele responde:

A: Não tinha essa coisa de um bar gay, um...

G: Não tinha o G, L, S... Não tinham esses rótulos não. Mas nós éramos todos. Tinham, é claro, os homossexuais e bissexuais e andavam nos mesmos locais. Tinham girafas, elefantes, tinha de tudo. (risos) Era a própria diversidade, na verdade.

Essas falas mostram que, embora já existisse uma liberdade sexual no Beco desde seu início, o espaço ainda não era marcado por uma identidade GLS. Existia a liberdade, mas, não existia uma definição sexual clara. As pessoas estavam ali e, de algum modo, a sexualidade não era, naquele espaço, a questão maior para aquelas pessoas e não era o motivo último que as fazia frequentar o Beco. Por mais que existisse uma liberdade sexual, o espaço ainda não era a ratificação de uma dicotomia que existe no campo social entre heterossexuais e homossexuais. Hamilton Lima também dá um depoimento interessante:

H: O que eu acho é que, de um modo geral, qualquer espaço virou gueto, acabou, e o gueto acaba. Ele tem que ser diverso. Quando você começa a ter essa segurança, você tira a diversidade e fica só um núcleo e aí vem o gueto, que as pessoas ficam sem coragem de ir para outros espaços, então, ficamos aqui mesmo e transformamos aqui no nosso mundinho onde a gente faz o que quer e aí vira essa coisa decadente, e decadente quando falo – eu adoro La Decadence – vira essa coisa pobre no mal sentido, um gueto. Eu lembro que foi a primeira coisa que eu disse uma vez a um menino, que eu odiava o espaço GLS, porque vira gueto.

Zoíla diz:

Z: Eu acho que o grande erro de alguns gays é acharem que só ficam bem no gueto. Não, gay é um ser humano igual ao hétero. Não tem por que estar se escondendo em gueto. Tem de estar no lugar onde todas as pessoas da sociedade estão. Enquanto gay achar que é diferente, que é isso, que tem que se esconder, não adianta passeata, não adianta fazer “não sei o que de orgulho gay”...

Todas essas falas mostram como a crítica ao lugar, também, está relacionada a uma postura crítica em relação ao rótulo GLS e a uma identidade homossexual. Se existe um lugar específico para homossexual, então, é porque também existe “o homossexual” como uma espécie à parte e com uma essência própria. A crítica ao lugar é, também, uma crítica a uma identidade supostamente fixa, imutável e verdadeira. Muitos autores falam dessa relação entre espaço e identidade. Doreen Massey (2008) diz:

“A política de inter-relações reflete, portanto, a primeira proposição de que o espaço, também, é um produto de inter-relações. O espaço não existe antes de identidades/entidades e de suas relações. De um modo mais geral, eu argumentaria que identidades/entidades, as relações entre elas e a espacialidade de que delas faz parte são todas constitutivas... a espacialidade pode ser, também, desde o princípio, integrante da constituição dessas próprias identidades, incluindo as subjetividades políticas” (MASSEY, 2008, p.30).

É importante salientar que, quando Massey (2008) coloca essa relação entre espaço e identidade, ela não está pensando a identidade como algo fixo, que carrega uma suposta solidez, muitas vezes, atribuída ao espaço. Ao contrário, Massey (2008) encara o espaço como a esfera mesmo da multiplicidade e da mutabilidade. O espaço está, a todo tempo, se transformando e as configurações adquiridas por ele não são consequências de uma casualidade, mas, fruto de relações e negociações políticas. Para Massey (2008), é preciso tirar do espaço a projeção que muitos autores fazem de um campo estático e encará-lo, mesmo, como a esfera da transformação, da heterogeneidade e da multiplicidade.

“Neste caso, o argumento é de que a simples possibilidade de qualquer reconhecimento sério da multiplicidade e heterogeneidade em si mesmas depende de um reconhecimento da espacialidade. O corolário político é de que uma genuína e completa espacialização da teoria social e do pensamento político pode forçar, na imaginação, um reconhecimento mais completo da coexistência simultânea de outros, com suas próprias trajetórias e com sua própria estória para contar” (MASSEY, 2008, p.31).

E mais adiante Massey (2008) diz:

“Se nenhum lugar/espço é uma autenticidade coerente e contínua, então uma questão que é levantada é a de sua negociação interna. Se as identidades, tanto as especificamente espaciais quanto as outras, são, de fato, construídas relacionalmente, então isto coloca a questão da geografia dessas relações de construção” (MASSEY, 2008, p.31).

Assim, o que Doreen Massey (2008) coloca é a necessidade de pensar a geografia dessas relações de construção, de problematizar essa geografia e de perceber a relação que tal geografia tem, até mesmo, com a formação de um sentido de comunidade e identidade, ainda que essa identidade seja construída e mutável.

Se pensarmos como os espaços de encontro dão lugar às expressões de um estilo de vida homossexual e encorajam uma identidade que é pública, coletiva e, por isso, propícia para o suporte de uma consciência coletiva, veremos como o uso do espaço tem uma relação íntima com a formação de um sentido de identidade. José Fabio Barbosa da Silva (2005) diz que foi “a cunhagem do termo homossexual que tornou possível falar de uma ‘comunidade’ quando se refere ao grupo social gay” (SILVA, 2005, p.232) e, ao mesmo tempo, diz que “o gueto foi positivo para que as relações significativas se reforçassem nessas comunidades de sentimentos mútuos” (SILVA, 2005, p.232). Isso mostra a relação íntima que existe entre os espaços de encontros e trocas e a própria consolidação da idéia de uma identidade homossexual.

“A inclinação à ‘guetificação’ – no sentido de concentração cultural e residencial – implicaria, assim, certa tendência a homogeneização, orientada à ‘afirmação de uma identidade homossexual’, que regimenta, modela e disciplina os gestos, os corpos e os discursos” (PERLONGHER, 1987, p.61)

Muitos garotos e garotas, no Beco, construíram uma idéia de que eles eram, sim, homossexuais e afirmavam isso com orgulho, mas, ao mesmo tempo, essa idéia vinha acompanhada de um forte essencialismo, como se essa fosse uma característica inata, incrustada no mais profundo do seu ser, uma característica imutável que os tornava diferentes de qualquer outro ser que não compartilhasse dessa condição. Essa idéia de diferença absoluta entre indivíduos e subjetividades que se polarizam no binômio heterossexual/homossexual é consoante a um lugar que, então, possa abrigar tal diferença. Vê-se como o lugar reitera essa percepção.

Isadora Lins França (2007) mostra, em seu texto “Sobre ‘guetos’ e ‘rótulos’: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo”, como a existência de diferentes espaços de sociabilidade homossexual está atrelado a diferentes perspectivas em relação à identidade. Inicialmente, o sentido do termo GLS, quando traz a letra S, era o de “expandir as fronteiras do ‘gueto’ e abarcar, também, indivíduos que não se identificavam como homossexuais, mas que de alguma forma participavam desse universo” (FRANÇA, 2007, p.235). No entanto, com o passar do tempo e no seu uso corriqueiro, a sigla perdeu esse sentido de abertura e passou a indicar qualquer espaço dirigido aos homossexuais.

“Com a popularização da sigla GLS, a distinção entre um estabelecimento gay e GLS, se é que um dia foi tão efetiva quanto gostariam os autores da sigla, perdeu-se bastante, e hoje é muito comum a utilização das duas denominações como sinônimo. Mesmo espaços nitidamente segmentados, como saunas gays, podem ser definidas como GLS, indicando que o termo passou a ter significados não previstos originalmente e mesmo em oposição aos quais havia surgido” (FRANÇA, 2007, p.238)

E mais adiante ela diz:

“Os espaços hoje tidos como GLS são freqüentados majoritariamente por pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, causando inclusive polêmica algo considerado como uma ‘invasão’ de heterossexuais – que também ganham outra denominação além do ‘S’, mais especificamente como ‘HT’ – nesses espaços” (FRANÇA, 2007, p.238).

Depois, França (2007) fala de alguns espaços que surgiram, posteriormente, com outra proposta, que buscam se afastar da idéia de gueto e de rótulos, como GLS. Esses lugares, geralmente, prezam pela mistura e indefinição do público com o intuito de passar ao largo da idéia de ‘gueto’, este, como marcador de rótulos e difusor de estereótipos. Para França (2007), “a presença de estabelecimentos que se classificam a partir do princípio da diversidade sexual demonstra uma clara demanda por espaços que não se diferenciam pela orientação sexual de seus frequentadores” (FRANÇA, 2007, p.241) e que não fazem dessa orientação o aspecto sob o qual é possível estabelecer uma classificação dos indivíduos.

O questionamento que se faz aqui não é só do lugar, mas o questionamento da relação que o lugar traz com a própria identidade. Um trecho de um texto publicado em um número da Grindzine é citado por França (2007) para ilustrar essa tendência de se afastar dos rótulos. O trecho diz: “sem as classificações, sem as definições de um gueto, ninguém se tornaria nada por causa de um beijo ou de um sentimento”. O gueto, de algum modo, reforça a idéia da

existência desse ser diferente – “o homossexual”. Quando os antigos frequentadores falam que não gostam de um lugar GLS, ou “que o problema de alguns gays é acharem que só ficam bem no gueto”, o que eles estão questionando é, de fato, a existência dessa espécie homossexual. A fala de Yulo Cezzar é bem ilustrativa nesse sentido:

“... porque, quando começou a virar um gueto gay, eu caí fora, porque eu não gosto de gueto gay, eu não acredito em gay de carterinha, eu não acredito nem em gay, me refiro muito a viado, gosto muito da palavra viado que é brasileira e eu odeio essa nomenclatura gay, eu odeio mesmo. Viado é uma coisa maravilhosa, a idéia de viado é uma coisa maravilhosa, viado aquele bicho cheio de fêmea em volta, disputado pelos caçadores e que tem uma carne maravilhosa, quer dizer, uma idéia muito melhor do que gay, que parece uma coisa débil, gay uma coisa alegre, uma coisa vazia, completamente esvaziada de um significado maior. Viado também é símbolo de fertilidade, era um deus celta, os Cernunnos que depois deram origem a Cornélius da Igreja Católica, que era um Deus ligado à fertilidade, ao solstício de verão, à primavera, quer dizer, tem uma simbologia muito maior e as pessoas esquecem essa palavra que é linda para usar a palavra gay. Aí, quando virou essa coisa gay, que eu não acredito...”

A: Por que você não acredita?

Y: Porque eu acho que a afetividade e a sexualidade humana é uma coisa muito maior que essas esferas que a gente fica tentando definir. Fico preocupado, porque é uma coisa que o sistema e a democracia americana fazem muito bem, e eles aceitam tudo, claro. Você aceita tudo, você enquadra tudo, você bota tudo em departamento e aí o sistema controla tudo. É só uma coisa de controle; é preciso que você esteja dentro desse perfil para eu entender esse perfil e controlar esse perfil, não é? E aqui no Brasil, a gente tem uma coisa completamente diferente e as pessoas tentam copiar esse movimento, que é péssimo, é no movimento negro, é no movimento gay, a gente tem uma coisa que é flutuante e essa coisa flutuante, essa energia flutuante, é muito mais rica. Ela é muito mais rica, porque, o ser humano é flutuante, entendeu? Ele não é nada. Você está aí, você namora com uma menina, você é namorada dela; um dia, quem sabe você se apaixona por um carinha, deixou de ser gay? Você deixou de ser viada? É uma viada de férias? Como é isso? Entendeu? Como é isso? Como é esse lugar? Eu não acredito, eu não acredito na definição sexual. Já namorei com homens muitos, com mulheres muitas, já me apaixonei pelos dois e não acredito, e sempre corri dos guetos onde isso estava claro, era defendido. Cultura gay, ambiente gay é igual a fashion, que é igual a moda, que é igual a um tipo de comportamento, a um tipo de roupa, a um tipo de cabelo, a

um padrão de pensamento. Estou fora, estou fora, estou fora, estou fora, estou fora. Todas aquelas pessoas vieram de um gueto gay e é incrível, não é? Porque, tem milhões de pessoas que não são nada e que estão por aí, muito mais à frente dos que os gays que estão preocupados em ser gays e frequentar guetos gays. É retrocesso. Os muros - sejam eles de que origem for - são sempre retrocessos, é atrofiamento da humanidade.

O que se tira da fala de Yulo Cezzar é que o desejo não pode ser fixado em uma identidade. E que a sexualidade humana não pode ser definida através de dois pólos classificatórios que se auto-excluem. A idéia de um homossexual com uma subjetividade coerente, que provém de uma essência sólida e imutável, é uma idéia falaciosa. Esse “homossexual” nada mais é do que uma construção social que é produzida através de mecanismos de exclusão e inclusão.

“‘Homossexual’ não é um nome que se refira a uma ‘espécie natural’: é uma construção, homofóbica e discursiva... Isto não quer dizer que a homossexualidade seja irreal. Pelo contrário, as construções são muito reais. As pessoas vivem por elas, depois de tudo, e hoje em dia, cada vez mais, morrem por elas. Não se pode pedir nada mais real do que isso. Mas, se a homossexualidade é uma realidade, esta é construída, uma realidade social e não natural. O mundo social contém muitas realidades que não existem por natureza. O homossexual, então, não é o nome de uma classe natural, mas sim, uma projeção... (tradução nossa)” (HALPERIN, 2004, p.66).

A identidade, de um modo geral, assim como a identidade homossexual, não traz um sentido em si, ela é significada através da diferença, através da existência de um outro que lhe provê de sentido. O sentido da identidade homossexual não provém, então, de uma essência, mas é, mesmo, relacional (HALL, 2007). A identidade é, nesse sentido, muito mais uma tentativa de fixação do eu do que, de fato, uma entidade sólida e indivisível. A identidade nunca é dada por completo, nunca alcança um estado de finitude; ao contrário, a identidade apresenta-se como um constante fazer-se e refazer-se (SILVA, 2007).

Se pensarmos, então, em termos de desejo, se torna muito difícil sustentar a idéia de uma identidade homossexual, de um ser homossexual. Já que o desejo é movimento e o desejo existe nas pessoas, de um modo geral, não é uma particularidade de um tipo de indivíduo; o desejo está aí, na sociedade, nas relações cotidianas, e esse movimento da subjetividade de um indivíduo em relação a outros indivíduos, seja na relação familiar, nas relações de trabalho, nas relações de amizade, não pode ser compartimentalizado em duas

categorias mutuamente excludentes, no binômio heterossexual x homossexual. Esses limites não podem ser afirmados com clareza.

As sensações experimentadas pela subjetividade humana através das experiências vividas na relação com o mundo e com os outros, no decorrer de uma vida, extrapolam esses marcos classificatórios. Mesmo que essas classificações façam sentido para algumas pessoas, que de fato se sentem representadas por elas, ainda assim, não é possível afirmar que essas classificações elucidem, de fato, o movimento dos desejos. Pensar sob a ótica do desejo, desse desejo que está em toda parte e em todos, é, de certo modo, desestabilizar as categorias identitárias referentes à sexualidade. Yulo Cezzar, mais uma vez, apresenta um depoimento interessante:

“É porque é isso, entendeu? O desejo é mágico. O desejo você não pode fixar, ele é fluído, não é pela xereca ou pelo pau de alguém que você vai-se interessar. A gente não é esse corpo. Aqui é uma passagem. Aí você está olhando para uma pessoa, às vezes, tem uma pessoa lá, e, de repente, alguém que você nem esperava, te chama à atenção, um olhar se instala. Em um instante, é um zero de instante e aquilo vai, se você quiser aquilo vai. Às vezes, eu estou olhando o mar, assim, de dentro da água, eu estou olhando, assim, a transparência da água e o desejo para mim é isso, a mesma emoção que aquilo me causa, aquela transparência daquele elemento me causa, é a transparência, permite que meu corpo reaja, procure, a sensação da sua pele em contato com a pele da outra pessoa. As pessoas flertam com o desejo. Eu acho que as pessoas omitem muito isso, escondem dos outros, mas o desejo é bom. Elas pegam aquilo que é uma coisa linda, o esperma saindo é lindo, o gozo, a mulher gozando é lindo, saliva é lindo, aí elas pegam tudo isso e transformam numa coisa neurótica, uma coisa cheia de departamentos, de barreiras. É a coisa mais vital que a gente tem, a energia mais vital que a gente tem. É a energia que impulsiona esse espaço-tempo. Para estar nesse espaço-tempo, de aqui e agora, é necessário esse choque elétrico. É o momento que faz com que a gente venha para cá... Eu não faço sexo, porque eu preciso ter filho, porque precisa ter pau e o pau tem que se encaixar na buceta para você ter um filho, uma coisa ali que teve que botar, porque precisa gerar a espécie, a máquina, mais nada. E outra, a mesma chatice que tem em um, tem em outro, homens e mulheres. Não tem tanta diferença assim. Uns tem igual, outros não têm, uns têm e outros não têm, independente de serem ou não homens. Eu namorei com mulheres completamente bagunceiras, completamente nem aí, completamente sujas, completamente desorganizadas, completamente tudo que o

feminino arquétipo não abarca e namorei caras completamente ordeiros, que o feminino abarca e vice-versa. São pessoas, entende?”(informação verbal)

A fala de Yulo mostra como esses limites, tanto em termos sexuais, quanto em termos de gênero, não são claros. Se pensarmos em termos de experiência vivida, junto ao fluxo da vida, ao movimento da vida, veremos que esses limites entre o feminino e o masculino, entre o homossexual e o heterossexual, não se apresentam de forma definida. Como pensar, então, o Beco/Gueto, nesse sentido? Será que o Beco/Gueto, da forma como existe hoje, existiria sem essas classificações que caem por terra, quando pensamos sob a ótica do desejo? Será que o Beco dos Artistas, com as características que existem hoje, se sustentaria sem a idéia da existência de um ser homossexual, diferente e com uma essência própria? Será que já não está na hora de pensarmos em um tempo em que os guetos não sejam mais necessários para a expressão dos desejos? Será que já não está na hora de pensar em outro tipo de liberdade que não seja a liberdade guetificada?

Quando faço tais questionamentos, não estou colocando em dúvida a importância do Beco dos Artistas para tantos garotos e garotas, que ainda precisam daquele espaço para aceitar melhor seus desejos e conviver, de uma forma mais leve, com sua sexualidade. Garotos e garotas que ainda vêm no Beco dos Artistas um espaço de libertação. No entanto, não posso deixar de questionar qual mesmo é o custo dessa liberdade guetificada e, ao mesmo tempo, atentar para como essa forma de liberdade é, também, consequência de uma coerção social. Assim, será que não é o momento de pensarmos em outro tipo de liberdade? Em uma liberdade que possa ser vivida fora do gueto? E consoante a essa interrogação: será que já não é o momento de nos desprendermos dessas categorias classificatórias, que hierarquizam e excluem, e compreendermos que o desejo – homossexual ou heterossexual – não é uma especificidade de um tipo de indivíduo? E que tais desejos não são suficientes para dividir a humanidade em dois tipos distintos de indivíduos? Lucas Jerzy, um dos entrevistados, dá um depoimento bem interessante sobre a questão da liberdade.

A: Você já foi constrangido?

L: Já, mas eu me coloco, se me constrangem, eu constranjo também. Não fico naquela posição masoquista: ah, sou viado, tenho que sofrer. Mas isso não é fácil, é um exercício cotidiano, isso é uma prática democrática, é um exercício subjetivo de democracia. Porque, a democracia é algo peculiar. A democracia depende da capacidade do sujeito de impor sua

vontade e, ao mesmo tempo, não ser ditatorial. É uma prática democrática diária de se inquirir diariamente e inquirir os outros diariamente, todos os dias, nas mínimas coisas, mas, acho que os viados faltam muito com essa questão. A gente começa a falar sobre isso, aí eles falam “ai, que papo chato” e saem. Tem uma idéia que perpassa o meio gay, gueto ou não, de que a liberdade é uma coisa a ser dada. Dizem: eu vou conquistar essa liberdade de um dia eu poder beijar meu namorado na rua. A liberdade não é uma coisa a ser conquistada, a liberdade é uma prática, ela não é só dádiva, ela é uma prática. Ela não é uma benfeitora, ela não é boa em si, ela é muito difícil, é, sobretudo, uma prática, como a democracia. Talvez, seja herança da ditadura militar. A liberdade é um exercício e custa caro, e ela só vai existir se cada um estiver disposto a pagar por ela. A liberdade é essa negociação diária que parece que o gueto, não só o gueto, o gay em geral, mesmo não gueto (quanto menos gueto menos) pensa essa liberdade sem custo e sem negociações, uma democracia como dádiva. Ia ser muito chato se fosse assim.

É o cerceamento de uma liberdade mais ampla que torna necessária a liberdade guetificada, assim como, tal cerceamento e controle só é possível através das categorias classificatórias identitárias que, ao mesmo tempo, compartimentalizam e excluem. Assim, talvez, seja o momento de pensarmos outro tipo de liberdade, uma liberdade que vá para além do gueto. Sem desconsiderar a importância do Beco/Gueto, mas, entendendo que a importância de tal espaço é dada por causa da existência de um contexto social específico, um contexto ainda marcado pela discriminação, pelo controle e pela exclusão. Uma mudança em termos de como essas sexualidades são manejadas através do espaço pode significar uma mudança de sentido, muito mais ampla, ou seja, que extrapola o espaço e entra na forma mesmo como a sociedade lida com a sexualidade humana. Daí a importância de refletirmos criticamente sobre a ordenação do espaço. Tal ordenação não é uma casualidade e, muito menos, um fenômeno natural, mas, sim, a manifestação da sintonia entre o homem/mulher e o mundo. O que acontecerá com o Beco dos Artistas com todas as mudanças que vêm ocorrendo na atualidade. Qual será o seu destino? Essa é uma pergunta que se coloca, já que, como afirma Doreen Massey (2008):

“Não apenas a história, mas também o espaço é aberto. Nesse espaço aberto interacional há sempre conexões ainda por serem feitas, justaposições ainda a desabrochar em interação (ou não, pois nem todas as conexões potenciais têm de ser estabelecidas), relações que podem ou não ser realizadas. Aqui, então, o espaço é, sem dúvida, um produto de relações (primeira proposição), e para que assim o seja tem de haver multiplicidade (segunda

proposição). No entanto, não são relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual, como se diz, tudo já está relacionado com tudo. O espaço jamais poderá ser essa simultaneidade completa, no qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas e no qual todos os lugares já estão ligados a todos os outros. Um espaço que não é nem um recipiente para identidades sempre já constituídas nem um holismo completamente fechado. É um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes. Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo” (MASSEY, 2008, p.32).

A fala de um entrevistado explicita o desejo de uma lógica diferente de relações humanas que, talvez, seja consoante a própria configuração do espaço em um futuro próximo, já que, como afirma Doreen Massey (2008), o espaço também é um lócus de resultados imprevisíveis em sintonia com a possibilidade mesmo de um futuro diferente. Ele diz:

A - Eu sonho que o Brasil se transforme em um país modelo de convivência com o homossexualismo; que não passe pela normatização exagerada que os americanos fazem; que os direitos não sejam adquiridos pela força da lei e, sim, pelo aprendizado da convivência; que, através da televisão, da parada gay, do teatro, do cinema, as pessoas se acostumem a conviver com os homossexuais de sua cidade, não os encarando como uma deformidade social, mas, sim, como um comportamento alternativo, pois as pessoas não escolhem serem homossexuais, elas são impelidas a isso pelos seus instintos, é uma orientação sexual, não é uma opção. Não é uma coisa que está bem explicada cientificamente, mas, com certeza, não é uma coisa que a pessoa possa desistir de sentir. Acho que essa coisa do gueto é uma forma de você empurrar para o cantinho, para debaixo do tapete aquilo que você não quer ver, eu não... Eu quero poder andar de braço dado na rua, de abraçar, demonstrar afeto. A coisa que eu acho mais fascinante é ver um casal de heterossexuais passando, um casal de gay passando abraçado e o casal de heterossexuais não virar para trás para olhar, fascinante. Quer dizer, não é mais uma coisa diferente, que você não está acostumado a ver, quanto mais visibilidade massiva melhor, ou seja, quanto mais você vir muitos, menos você acha esquisito. Não é aquele cara gay, é uma parte da sociedade gay, então, não dá para você ficar perdendo tempo pensando o que cada um faz na sua intimidade. Desejo que, um dia, as pessoas possam andar livremente, sentir atração por quem tem, se mostrar do jeito que é, que sente, sem que seja submetido a constrangimento por aí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo esse percurso de pesquisa, tanto etnográfico, quanto os depoimentos conseguidos através das entrevistas, assim como todo o levantamento bibliográfico me trouxeram muitas reflexões. Em dois anos de pesquisa, a ânsia por entender um espaço como o Beco dos Artistas (e talvez, também, a ânsia por me compreender nesse processo) e algumas questões que giravam em torno dele, como sexualidade e espaço, me fizeram sentir, completamente, imersa e envolvida pelo meu objeto de pesquisa. A pesquisa foi desenvolvida em um processo de completa entrega e de uma vontade muito grande de entendimento, que se deu em dois sentidos principais. O primeiro foi em relação ao espaço, e aí se encontra a necessidade de compreender o próprio lugar – Beco dos Artistas – e o segundo, foi em relação à sexualidade e aí se encontra a necessidade de entender as pessoas, os indivíduos que frequentam o Beco dos Artistas, seus comportamentos, seus sentimentos, seus medos e desejos.

Nessa trajetória, que se desenvolveu no trabalho de pesquisa e que consta na redação final da dissertação, desde o início do Beco dos Artistas, desde suas origens (final da década de 70) até o processo de transformação ao longo dos anos, podemos fazer duas pontuações principais: primeiro, que o espaço não é fixo e estático como muitos autores tendem a colocar, mas que o espaço é ele mesmo, dinâmico, capaz de transformar e de ser transformado. A mudança que o Beco sofreu, ao longo dos anos, os muitos bares que existiram e deixaram de existir, as diferentes configurações que o Beco ganhou mostram que o espaço não é um lócus de conservação e do não movimento, mas, que ele mesmo é um lócus propulsor da mudança e sujeito a mudança (MASSEY, 2008).. Segundo, o espaço guarda uma relação íntima com as experiências que são vividas nele e através dele. Isso, por sua vez, faz com que o espaço seja sempre dotado de um sentido e esse sentido nada mais é do que a relação simbiótica que se estabelece entre homem/mulher e mundo, entre experiência vivida e o espaço capaz de acolher tal experiência (CASEY, 1996).

Nesse momento, ainda que o Beco não fosse marcado por um sentido, em termos de experiência, ligado principalmente à sexualidade, já que o Beco era marcado, inicialmente, por um sentido ligado às experiências de uma classe artística e intelectual que fazia dele um espaço de encontros e descobertas, uma espécie de segunda casa. Ainda assim, a vivência de uma sexualidade mais livre já era uma dentre tantas outras características que marcavam a experiência da classe artística com o lugar. Esse era um povoamento que dotava o Beco de um sentido para além da sexualidade, mas, que já tinha nesta um dos seus componentes. A vivência de uma sexualidade mais livre era um dos componentes de um sentido maior de

liberdade ligado não só à sexualidade, mas, a possibilidade do encontro com o outro, da familiaridade, da arte e da intelectualidade. Esse componente sexual que existia no Beco, desde suas origens, vai, no decorrer dos anos, se transformar no principal sentido do Beco, no seu sentido mais marcante. O espaço vai, então, ser povoado por experiências que vão dotá-lo de um sentido, marcadamente, ligado à sexualidade.

Isso acontece já no século XXI, aproximadamente entre 2001 e 2002, o Beco começa a ganhar esse sentido fortemente ligado à homossexualidade. Concomitante a isso, o Beco passa a concentrar, na visão das pessoas do entorno e, mais tarde, dos próprios frequentadores, um forte estigma. Os frequentadores atuais, isso já no período em que eu iniciei o campo, em 2008, cunham, então, o termo BA (Baixo Astral), para dizer que o Beco já não é mais dos Artistas mas, sim, um lugar baixo astral. Isso mostra o quanto esse estigma é internalizado, também, pelos frequentadores. Esse estigma, no entanto, não se relaciona só ao forte sentido que a sexualidade ganhou no lugar, mas também, ao fato do público atual que frequenta o Beco ser de camadas mais desfavorecidas socialmente e, também, pelo fato do Beco ser frequentado por pessoas de cor de pele negra. A conjunção desses três fatores – classe, raça e homossexualidade –, de modo que um reforça o outro, carrega as significações, que alguns frequentadores, antigo frequentadores e não-frequentadores atribuem ao lugar, de um forte sentido de negatividade.

Quando o Beco ganha esse sentido mais ligado à sexualidade/homossexualidade, ele se torna um espaço bem profícuo para pensar a sexualidade. Ao entrar em contato com o comportamento dos frequentadores e ao ter acesso a suas representações e pensamentos, através da imersão em campo, pude perceber quatro fatos principais. Primeiro, que os indivíduos que estão ali não se sentem representados pelas normas de gênero e sexualidade que vigoram na sociedade vigente. Esses indivíduos não se enquadram nos padrões de coerência pressupostos pela matriz heteronormativa entre sexo, gênero, desejo e prática sexual (BUTLER, 2008). Segundo, pude perceber que os ideais de gênero – feminilidade e masculinidade – que são cobrados dos indivíduos, segundo seus sexos biológicos, são sempre ideais aproximativos, para não dizer ficções lingüísticas, que são materializados através do corpo, por atos estilizados e repetitivos, que criam uma falsa idéia de substância, como se esse temperamento imanasse da própria diferença corpórea, quando, de fato, ela é uma construção cultural/simbólica (BUTLER, 2008; PRECIADO, 2008). Terceiro, pude perceber que existe, de fato, um dispositivo de sexualidade e controle (FOUCAULT, 1985, 2007), que vigora na sociedade mais ampla - nas instituições como a escola, a polícia, a religião, a família, a economia e, mesmo, na política – e que marcam esses indivíduos com o rótulo e o estigma de

anormais, exercendo sobre eles uma violência simbólica que contribui para a perpetuação de uma lógica excludente e discriminatória. Ainda que essa lógica venha sendo flexibilizada nos últimos anos, pude perceber, através dos relatos dos frequentadores, que ainda existe, socialmente, uma lógica que exclui, constrange e discrimina os indivíduos que não se enquadram nos padrões de gênero e sexualidade pressupostos pela matriz heteronormativa. Por fim, também pude perceber que esses comportamentos, fora dos padrões heteronormativos, podem, por vezes, provocar um deslocamento nas normas de gênero e sexualidade, elucidando que tais normas são frutos de dispositivos de poder que agem sobre a sexualidade, e, não, uma consequência imediata da nossa natureza corpórea. Ao fazê-lo, são capazes de desestabilizar essas normas, questioná-las e flexibilizá-las (BUTLER, 2008).

Ademais, muitos frequentadores vêem o Beco como um espaço de libertação. Um espaço onde eles podem se sentir à vontade para expressar seus desejos e sentimentos, sem o medo de serem constrangidos. Muitos deles afirmam que, inicialmente, quando começam a frequentar o Beco, principalmente quando o Beco é o primeiro lugar de sociabilidade GLS que eles vão, eles sentem certo medo. Ainda que o medo seja uma característica humana, acredito que, nessa circunstância específica, o medo está atrelado à “condição de homossexual” desses frequentadores; o medo de se deparar com desejos que são tão discriminados em nossa sociedade. Ainda assim, quando esses indivíduos começam a ir ao Beco com mais frequência, percebendo que tais desejos não são uma particularidade de um ser anormal, mas que ele existe, também, em outras pessoas e que existem outras pessoas com as mesmas questões, as mesmas angústias, então, o medo se esvai na medida em que esses desejos vão sendo “naturalizados”. A troca de experiências, de conversas, o encontro com pessoas que passam por conflitos semelhantes e a possibilidade de conversar com essas pessoas são de fundamental importância nesse processo de maior aceitação das suas sexualidades e dos seus desejos. Muitos frequentadores dizem que foram, com o tempo, se acostumando e perdendo o medo do desejo homossexual. Desse modo, o Beco cumpre um papel de fundamental importância para a aceitação, por parte dos frequentadores, da sua sexualidade. É por isso que, para muitos deles, o Beco é visto como um espaço de libertação.

As experiências vividas por esses indivíduos, dentro do Beco, não se restringem àquele espaço, mas saem dali com eles, através dos seus percursos cotidianos. O fortalecimento dessa aceitação pode reverberar em outras instâncias sociais da vida daqueles indivíduos que não o Beco, como, por exemplo, na família, no trabalho, no bairro residencial, na escola, e a extensão dessa experiência de aceitação pode servir, inclusive, para questionar as normas de gênero e sexualidade em outros espaços.

Por outro lado, embora o Beco dos Artistas cumpra esse papel de libertação, é importante pensar, também, por que os frequentadores têm esse sentimento quando frequentam o Beco. Qual o custo dessa liberdade? Isso nos leva a questionar, inclusive, o que significa a existência de um espaço como o Beco. Sabe-se que toda configuração espacial não é fruto de um mero acaso, mas que tem relação com as hierarquias e assimetrias de poder presentes na sociedade (BOURDIEU, 1996, 1997). Assim, o espaço reflete uma lógica social. Isso significa dizer que a existência de um lugar específico para pessoas que se identificam como homossexuais, primeiro, só poderia existir em uma sociedade onde existe uma divisão clara entre “homossexuais” e “heterossexuais” e, segundo, onde esse desejo homossexual, delegado a um tipo específico de indivíduo, só pudesse ser vivido, também, em um lugar específico. Já que tal desejo não pode ser vivido de uma forma espontânea na rua, na família, na escola, no ambiente de trabalho, no bairro residencial, então, é necessário a existência de um lugar que possa acomodar, de forma reclusa, a existência desses desejos. Deste modo, podemos inferir daí que, a configuração espacial é a expressão de um conflito social.

Os depoimentos dos frequentadores são bem ilustrativos deste paradoxo que representa um lugar como o Beco. Muitos frequentadores descrevem episódios em que eles foram reais vítimas de preconceito, discriminação, constrangimento e coerção, seja por suas performances de gênero, seja pela externalização do desejo homossexual. Esses depoimentos mostram que esse sentimento de liberdade experimentado pelos frequentadores do Beco dos Artistas é consequência de um cerceamento da liberdade, em relação aos desejos e às práticas homossexuais, experimentados Beco a fora. Ou seja, o custo dessa liberdade guetificada é a ausência de uma liberdade mais ampla. Assim sendo, a existência de um espaço como o Beco dos Artistas encerra um paradoxo, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que ele representa uma liberdade, ele, também, denuncia um cerceamento dessa liberdade Beco a fora.

Duas categorias emergem aqui, então, em sintonia com o espaço e com a sexualidade: primeiro, o gueto, como um dispositivo sócio-organizacional, que utiliza o espaço para acomodar tensões sociais; e o gueto aqui, também, como um dispositivo de controle, fruto de uma relação assimétrica de poder (WACQUANT, 2004). O Beco seria, então, esse lugar capaz de acomodar uma tensão social, fruto de uma relação assimétrica de poder, entre uma sociedade heteronormativa e um desejo homossexual marginalizado. Esse desejo, não concebido na sociedade mais ampla, passa a ser vivido em um lugar específico para isso. Aqui, a idéia de gueto permite a ligação entre duas variáveis explicativas: o espaço e a identidade. A existência do gueto, nessa circunstância particular, mostra que a configuração espacial não só reflete uma classificação social – heterossexual x homossexual – como ele

também a reafirma. Assim, a existência de um espaço como o Beco pode fortalecer a idéia de uma separação clara e nítida, com fronteiras bem delimitadas - expressadas no espaço físico pelos dois portões que existem hoje no Beco, um na frente⁵¹, que separa aquele espaço da avenida principal, e, um, no fundo, que o separa da residência dos moradores⁵²-, entre a existência de dois tipos distintos de indivíduos: os homossexuais e os heterossexuais. Identidade e espaço são duas categorias que, então, se interconectam na própria idéia de gueto, no sentido de um lugar específico para um tipo específico de pessoa – o homossexual.

Talvez, se simbolicamente, um dia, a sociedade encarar a sexualidade pela ótica do desejo, ou melhor, se pulverizarmos esse desejo, entendendo que o desejo homossexual não é uma particularidade de um tipo específico de indivíduo, mas que ele está aí, na sociedade e nas pessoas de um modo geral, talvez, então, não seja mais necessária a existência de lugares específicos para homossexuais. O gueto é dependente de uma perspectiva que concebe o desejo em termos de uma identidade fixa e natural, provinda de um corpo e uma subjetividade particular e ancorada em um ser essencialmente diferente. Se implodirmos essa idéia de identidade, através de uma mudança de entendimento da sexualidade, então, talvez, em um futuro próximo, não precisemos mais de uma configuração espacial que dê vazão a essa liberdade guetificada. Assim, o espaço, também, estaria, como afirma Doreen Massey (2008), aberto para um futuro diferente, em conexão com uma outra lógica social de perceber e lidar com a sexualidade.

Toda essa reflexão foi importante para, também, pensar a existência do Beco dos Artistas sem, com isso, desconhecer a importância que esse espaço tem para muitos garotos e garotas que o frequentam e que vêm nele um espaço de libertação. Além disso, o Beco pode, também, possuir uma importância, como já dito, na flexibilização das normas de gênero e sexualidade vigentes. Essa importância, no entanto, é contextual, ou seja, é uma importância que se dá como consequência de um contexto ainda opressor e discriminatório em relação às sexualidades outras que não a heterossexual; é uma importância que se dá em um contexto, ainda, de cerceamento e privação da liberdade dentro das mais variadas instâncias sociais. Talvez, então, mais importante do que nos contentarmos com essa liberdade guetificada, seja vislumbrar um mundo onde a existência de guetos não seja mais necessária para que os desejos, sejam eles de que ordem for, possam ser vividos e expressados espontaneamente.

Pela complexidade do objeto de pesquisa não pude me furtar de abordar temas variados como, por exemplo, o espaço, o conceito de gueto, a identidade e a sexualidade.

⁵¹ Esse portão da frente foi colocado no Beco depois que eu já tinha encerrado o trabalho de campo.

⁵² Ver o anexo A.

Esses conceitos e temas foram aparecendo segundo a necessidade que o trabalho de campo, as entrevistas e a observação participante colocaram. Por mais que, inicialmente, parecesse difícil fazer com que esses conceitos se comunicassem, no desenrolar da pesquisa e, posteriormente, da escrita, eles foram ganhando tal arranjo que, para mim, ficou evidente como todos eles faziam parte daquela totalidade que é o Beco dos Artistas.

Destarte, ainda que eu tenha tentado dar conta de muitas questões suscitadas para o entendimento do Beco, acredito que não esgotei as possibilidades de pesquisa e de compreensão do espaço. Creio que o presente trabalho pode ser de grande valia para futuras pesquisas que intentem desenvolver uma análise comparativa entre diferentes espaços de sociabilidade GLS, seja em Salvador, ou entre diferentes estados e países. Além disso, como o Beco dos Artistas continua em processo de mudança, essa etnografia pode servir como ponto de partida para pesquisadores e pesquisadoras que se proponham a acompanhar o processo de transformação do espaço nesses anos vindouros. Como provocação para eventuais pesquisadores que possam vir a se interessar pelo Beco como objeto de pesquisa, eu deixo aqui uma pergunta: qual será o destino do Beco diante das novas mudanças que vem ocorrendo no manejo das sexualidades, já no século XXI? Como o Beco dos Artistas se adequará as transformações que vêm ocorrendo em termos de relações de poder e hierarquias sociais referentes às distintas sexualidades?

REFERÊNCIAS CITADAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERLANT, Lauren e WARNER, Michael. Sexo em público. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (Ed.). *Sexualidades transgressoras: Uma antologia de estudos queer*. Barcelona: Içaria, 2002, p. 245-275.

BOURDIEU, Pierre. O conhecimento pelo corpo. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 157-198.

_____. Efeitos do Lugar. In: BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: ED. Vozes, 1997, p. 159-166.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, Unicamp, n. 21, 2003, p.219-260.

_____. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. Criticamente Subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgressoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Içaria editorial, 2002, p. 55 a 81.

CASEY, Edward. How to Get from Space to Place in a Fairly Short Stretch of Time. In: S. Feld e K. Basso (orgs.), *Senses of Place*. Washington: University of Washington Press, 1996, p. 13-51.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revistas Estudos Feministas*, jan. 2002, vol.10, n.1, p. 171 -188.

CSORDAS, Thomas. Modos somáticos de Atenção. *Corpo, Significado e Cura*. Porto-Alegre: UFRGS Editora, 2008, p.367-392.

DAMATA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2000, p.46.

_____. Individualidade e Liminaridade: Considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, 6 (1), 2000, p. 7-9.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Ed Nacional, 1966.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da antropologia*. Petrópolis: Vozes, 2007.

FACCHINE, Regina. Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo. In: Díaz-Benítez, Maria Elvira; Fígari, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 309-342.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. Não ao sexo rei. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 229-242.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 243-276.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cad. Pagu*, Campinas, n.28, jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000100011&Ing=pt&nrm=iso> acessos em 02 de maio 2011. doi:10.1590/S0104-83332007000100011.

FREUD, Sigmund. “*Dois Histórias Clínicas (O pequeno Hans e o Homem dos Ratos)*” (1909). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume X. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FRY, Peter. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GAMSON, Joshua ?Devem autodestruir-se los movimentos identitários? Um extraño dilema. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (ed.). *Sexualidades transgressoras: Uma antologia de estudos queer*. Barcelona: Icaria, 2002, p.141-172.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 3ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 103 a 133

HALPERIN, David. La política queer de Michel Foucault. In: HALPERI, David. *San Foucault – para uma hagiografia gay*. Córdoba: Ediciones Literales, 2004, p. 35-145.

HEIDEGGER, M. Construir, Habitar, Pensar. In: *Ensaio e Conferências*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 125-141.

HITA, Maria Gabriela (2004). *A casa das mães sem terreiro: etnografia familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.

INGOLD, Tim. Culture on the Ground: the world perceived through the feet. *Journal of Material Culture*. Vol. 9, n.3, 2004, p. 315-340.

LACOMBE, Andrea. “Tu é ruim de transa!” Ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: Díaz-Benítez, Maria Elvira; Fígari, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.373-392.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOYOLA, Maria Andréa. Sexo e sexualidades na antropologia. In: LOYOLA, Maria Andréa (org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 17-47.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. IN: GREEN, James N. e TRINDADE, RONALDO (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 291-308.

MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Paredo Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDES, Fernanda; LUISE, Figueiredo. *BECO DOS ARTISTAS: Experiências e descobertas desde a cachaça de D.Chica*. Livro reportagem (Conclusão de curso em jornalismo). Faculdade Dois de Julho, Salvador, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A espacialidade do corpo próprio e a motricidade. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 143-204.

MISKOLCI, Richard. —A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologias*, ano 11, número 21. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, 2009.

_____. Não somos, queremos. Notas sobre o declínio do essencialismo estratégico. (Artigo apresentado na Mesa Novas Perspectivas e Desafios Políticos Atuais do evento Stonewall 40 + o que no Brasil?, realizado em Salvador, 17 de setembro de 2010).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso, O conhecimento antropológico. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo, ED. UNESP, 2000.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p. 11-56.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora. Brasiliense, 1987.

PRECIADO, Beatriz. *Texto Younqui*. Madrid: Editora Espasa Calpe, S.A., 2008

PULET, José Manuel Martínez. La construcción de una subjetividad perversa: el SM como metáfora política y sexual. In: CÓRDOBA, David, SÁEZ, Javier y VIDARTE, Paco (eds.). *Teoria queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestiza..* Madrid: EGALES, 2005, p.213-228.

QUIVY, Raymond; CAMPENHAUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gravidia publicações, 1998.

RUBIN, Gayle, Tráfico sexual – entrevista (feita por Judith Butler). *Cadernos Pagu*, Unicamp, n. 21, 2003, p. 157-209.

_____. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS, CORPO, 1993.

_____. Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoria radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole, (comp). *Placer e peligro. Explorando la sexualidad feminina*. Madrid: Revolucion, 1989, p. 113-190.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia del armário. In: SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologia del armário*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998, p. 91-121.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, p. 215-239.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SIMMEL, Jorge. El Espacio y La Sociedad. In: *Sociología: estudios sobre las formas de socialización*. Traducción del Aleman por J. Pérez Bances. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939, cap IX, p. 207-288.

SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, gênero, raça e idade em circuitos de sociabilidade homoerótica em São Paulo. In: 26a. Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. 26a. Reunião Brasileira de Antropologia, 2008.

SIMÕES, Júlio Assis e FRANÇA, Isadora Lins. Do Gueto ao mercado. In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo. (orgs.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

TRESIVAN, João Silvério. Integrar ou desintegrar-se? In: _____. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004, p. 509-514.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. *Rev. Sociol. Polit.* [online]. 2004, n.23 [cited 2010-01-17], pp. 155-164. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010444782004000200014&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-4478. doi: 10.1590/S0104-44782004000200014.

WEBER, Max. Conceitos sociológicos fundamentais. In: _____. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora UNB, 1991, vol 1, p. 3-35.

_____. *Metodologia das Ciências Sociais*. M. Weber – Campinas: Ed. Cortez/Unicamp, 1992, Vol 2.

WITTIG, Monique. La categoría de sexo. In: WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: EGALES, 2006, p. 21-29.

_____.No se nace mujer. *IN*: WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: EGALES, 2006, p. 31-43.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALBERONI, Francesco. Promiscuidade. In: ALBERONI, Francesco. *O erotismo: fantasia e realidades do amor e da sedução*. São Paulo: Rocco, s/d, 1986, p. 85-110.

ADELMAN, Miriam. Um lugar ao sol? A teoria feminista e seu lugar no campo das ciências sociais. In: LAGO, Mara Coelho de Souza et al. *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, p.165-175.

ALMEIDA, Miguel Vale de. O casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre gentes remotas e estranhas numa sociedade descente. Texto apresentado na VI Reunião do Mercosul. Montevideu: mimeo, 2006, p. 17-31.

BONDI, Liz. Localizar as políticas de identidade. Debate feminista – Cidadania e feminismo, 1999, p. 245- 275.

BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Espaço Simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria social da ação*. 6ª Ed. Campinas: Papyrus, 1996, cap 1, p. 13-33.

BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, Unicamp, n. 11, 1998, p. 11-42.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G.L. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: a Autêntica, 1999, 151-172.

BENZUR, Gabriel. Quando digo intersex. Um diálogo introdutório a La intersexualidad: entrevista com Mauro Cabral. *Cadernos Pagu*. Unicamp, n.21, 2005, p. 283-304.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *cadernos pagu* (28). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2007, p. 65-98.

CORRÊA, Sônia. Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar? In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996, p. 149-159.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, Unicamp, n. 19, 2002, p. 59-90.

CUNHA, Eduardo Leal. Quem quer que seja você, qualquer que seja seu desejo. In: *Indivíduo singular e plural. A identidade em questão*. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2009, p 127 a 167.

DE BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (Livro I).

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FALQUET, Jules. Breve reseña de algunas teorías lésbicas. In: LAGO, Mara Coelho de Souza et al. *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, p. 19- 47.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.217-250.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 92-103.

_____. Sexualidade e solidão. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.92-103.

_____. O triunfo social do prazer sexual: uma conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 119-125.

FRASER, Nancy. Políticas feministas na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. (orgs). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002, p. 59-78.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002, p. 9 a 103.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sergio (org). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré: ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999, p. 183-221.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução de Cesar Gordon. 20ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. Travesti: sex, gender, and culture among Brazilian transgendered.

LAURETIS, Teresa de. La tecnologia del gênero. In: *Technologies of Gender. Essays on Theory, Film and Fiction*. London, Macmillan Press, 1989, p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: vozes, 1997.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, Unicamp, n.24, 2005, p. 249-281.

MOUFFE, Chantal. Feminismo, cidadania e política democrática radical. In: *Debate Feminista*. Ed. Especial Cidadania e Feminismo, México / São Paulo, 1999, p. 29 a 47.

NAVARRO, Pablo Pérez. Cuerpo e discurso en la obra de Judith Butler: políticas de lo abyecto. In: CÓRDOBA, David, SÁEZ, Javier y VIDARTE, Paco (eds.). *Teoría queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestiza..* Madrid: EGALES, 2005, p. 133- 148.

NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 8, No.2, 2000, p. 9-41.

PIERRE, Janine. Elementos para reflexão sobre o lugar e o sentido da sexualidade na sociologia. In: LOYOLA, Maria Andréa (org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 49-68.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: COSTA, Claudia de Lima e SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 43-66.

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*. Vol.78, n.1-2 (1999), p. 155-167.

SÁEZ, Javier. El contexto sociopolítico de surgimento de La teoría queer. De La crisis del sida a Foucault. In: CÓRDOBA, David, SÁEZ, Javier y VIDARTE, Paco (eds.). *Teoría queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestiza..* Madrid: EGALES, 2005, p.67-76.

_____. El feminismo lesbiano. In: SÁEZ, Javier y VIDARTTE, Paco (eds). *Teoría queer y psicoanálisis*. Madrid: Editorial Síntesis, 2004, p.97-124.

_____. Teoría queer. In: SÁEZ, Javier y VIDARTTE, Paco (eds). *Teoría queer y psicoanálisis*. Madrid: Editorial Síntesis, 2004, p. 125-154.

SAFFIOTI, Heleith, "Rearticulando Gênero e Classe." In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (orgs.). *Uma Questão de Gênero*, RJ: Rosa dos Tempos; SP: Fund. Carlos Chagas, 1992, PP.:183-215.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica." *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul-dez.,1990, p. 5-22.

_____. 'Millenium Fantasies: The Future of "Gender" in the 21st Century', in C. Honegger and C. Ani (Hg.). *Gender - die Tuchken einer Kategorie*, p.19-37, Zurich: Chronos, 2001, p. 19-37.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo, corpo e sexualidade. In: *Genealogias do silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, p.65-75.

ANEXO A - Os moradores do fundo do Beco⁵³

Atrás do Beco dos Artistas, existe um espaço que permaneceu residencial. Um conjunto de casas que se localiza no fundo do Beco e cujo único acesso para rua se dá através do Beco. Os moradores ali presentes acompanharam as transformações que aconteceram no Beco desde suas origens. Inicialmente, quando o Beco tinha um sentido ligado mais a classe artística, ainda que existisse certo incômodo com o barulho e com a dificuldade de passar, pelo fato da Avenida Cerqueira Lima (hoje Beco dos Artistas) ter-se tornado um espaço comercial, os moradores apresentavam um grau de tolerância maior. Com o passar dos anos e com as transformações que ocorreram no Beco, esse incômodo se tornou mais forte e acentuado.

Todas as transformações que aconteceram no Beco e que já foram expostas ao longo da dissertação contribuíram para isso. O empobrecimento do público, os pequenos furtos que começaram a ocorrer, o fato do Beco ter se tornado um ponto de uso de substâncias psicoativas, o comportamento dos frequentadores e, por fim, e talvez o principal motivo, o fato de o Beco ter se tornado um espaço de sociabilidade GLS. Todos esses fatores fizeram com que os moradores tivessem a sensação de estarem sendo invadidos dentro do seu próprio espaço de moradia.

Se pensarmos que, naquele lócus, muito particular do espaço, o Beco dos Artistas está quase numa contigüidade da casa dos moradores, e se pensarmos que a casa é o espaço da privacidade e, como tal, da moralidade, perceberemos que esse sentimento de invasão não se refere só ao espaço físico, mas, também, envolve um sentimento de invasão moral, ou, como afirmam alguns moradores de “agressão moral”. Muitos moradores sentem vergonha de morar no Beco, alguns omitem seu lugar de moradia para aqueles que ainda não sabem. Muitos se sentem constrangidos ao passar e se deparar com as práticas que são vivenciadas. Alguns moradores que tinham filhos pequenos se mudaram, pois não queriam que seus filhos tivessem contato com os comportamentos ali presentes.

A dificuldade de criar um filho no Beco, para os moradores, não está apenas no possível contato que as crianças podem ter com práticas homossexuais, mas está, também, em algumas dificuldades em termos de relações sociais. Geralmente, o aniversário dos filhos dos moradores não é comemorado nas suas residências, pois, para isso, os convidados teriam que

⁵³ Este anexo era, inicialmente, um capítulo da dissertação. Neste capítulo, eu fazia uma análise mais minuciosa das falas dos moradores e da sua situação. No entanto, como a dissertação já tinha um número muito grande de páginas, e, para manter melhor a coesão do texto, decidi, junto com minha orientadora, transformar esse capítulo em anexo.

passar por entre o Beco, à noite, até chegar às suas casas. Os pais dos colegas de escola, geralmente, não deixam seus filhos fazerem um trabalho, ou ir para uma reunião que seja na casa de um morador, pois eles não querem que seus filhos tenham contato com um lugar como o Beco. Os moradores (as), muitas vezes, não se sentem à vontade para convidar um(a) amigo(a) para ir às suas casas, já que, para chegar lá, o(a) visitante teria que passar por entre o Beco. Morar no fundo do Beco se tornou, para muitos deles, um segredo que não é revelado a qualquer um. Um segredo acompanhado pelos sentimentos de vergonha e constrangimento.

A dificuldade de transitar, de entrar e sair do Beco, durante a noite e nos dias de maior movimentação, faz com que os moradores precisem mudar suas rotinas. Uma moradora disse que já precisou entrar escoltada, no dia da Parada Gay, pois o Beco estava tão cheio que ela não conseguiu passar. Outra moradora conta que teve de antecipar a data do parto, de uma sexta-feira para uma quarta-feira, pois ficou com receio de não conseguir sair da sua casa na sexta-feira, dia de maior movimentação. Os moradores dizem ter muita dificuldade em entrar e sair de carro, porque alguns frequentadores chutam e riscam os carros que passam. Nesse sentido, muitos moradores afirmam que se sentem privados do direito de ir e vir.

Mas, além dessas dificuldades, talvez as duas maiores dificuldades girem em torno tanto do uso de psicoativos quanto do comportamento homossexual. Os moradores afirmam que já viram de tudo no Beco, desde o uso de maconha e cocaína até o craque. Já viram de tudo, também, quando se referem ao comportamento sexual dos frequentadores: sexo entre dois homens, entre mulheres, sexo oral entre dois homens ou entre duas mulheres, sexo entre três pessoas. Muitos moradores usam a expressão promiscuidade ao se referirem ao Beco. Uma moradora diz: *“é duro você abrir a porta da sua casa e se deparar com sexo explícito”*.

No entanto, para além da explicitação do sexo, o que mais causa perplexidade aos moradores é o fato do ato sexual ser entre pessoas do mesmo sexo. Muitos moradores se sentem agredidos ao se deparar com esse tipo de comportamento sexual. Alguns afirmam que sentem nojo, outros afirmam que têm repugnância, outros afirmam que é uma doença ou, então, safadeza. Enfim, eles tentam encontrar respostas diante da perplexidade que tal tipo de prática lhes provoca.

Esses sentimentos de nojo, repugnância, vergonha, constrangimento e perplexidade, pelos quais os moradores são tomados, têm uma relação muito íntima e, talvez, sejam até mesmo causados pela proximidade forçosa que se estabelece, através do espaço, entre eles e as práticas que ali se dão. Esses sentimentos só surgem, pois essa proximidade espacial se dá diante de um grande distanciamento moral. É esse distanciamento moral, junto a todos os outros fatores citados acima – dificuldade de ir e vir, contato com usuários de substâncias

psicoativas, dificuldade de criar um filho no Beco – que fizeram com que os moradores, em 2003, colocassem um portão para separar o espaço de convivência dos frequentadores das suas residências. Esse portão é a materialização do distanciamento que existe entre frequentadores e moradores, como, também, é a expressão do incômodo gerado por essa convivência forçosa. De todo modo, o portão não deixa de marcar a existência de um tipo de segregação. Algumas falas dos moradores ilustram esse contexto⁵⁴:

“Falta liberdade, sabe? No domingo aqui as três, quatro da manhã, fica aqui som alto. A falta de privacidade de a gente abrir nossas portas; não podemos mais ficar aqui, porque, se ficarmos, a gente vai ver sexo explícito, tráfico de drogas, pessoas usando drogas, o vandalismo gritante na nossa porta, pessoas tocando violão. E aí a gente vive sem paz espiritual...” (Regina, moradora da Avenida Cerqueira Lima, Salvador).

“... nosso problema é com o movimento na rua, porque, se ele se limitasse ao interior dos bares, a gente não está vendo nada. Se a gente tiver a opção do espaço para transitar. Quer dizer, chega de carro é um sacrifício, quer sair de carro, eles não deixam passar, dia de sexta-feira é um verdadeiro carnaval, passeata gay. Menina, é um terror, você não entra e não sai, parece uma lata de sardinha. Teve um ano que, para eu passar, para chegar em casa, eu precisei de escolta, porque eu estava com minha filha novinha e aí tive que ficar esperando a patrulha da polícia me passar mesmo, porque, não tinha condição de passar ali, não tinha e, fora as cenas que você se depara que, é realmente constrangedor, não é? São cenas realmente estarrecedoras. Assim, essa coisa de namorar, de beijar, essa coisa é o mínimo, são cenas que eles passam dos limites mesmo.” (Nádia, moradora da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“A única coisa que eu acho errado é a falta de respeito, entendeu? Mas, a gente não vai consertar o mundo, né? Mas o respeito tem que ter. E assim, um casal de namorados, se também tiver com falta de respeito, é feio. Imagine homem com homem e mulher com mulher, que a sociedade ainda não aceita! Por mais que esteja assim, eles estejam abertamente, falam que está liberado, que isso e aquilo outro. Mas, as pessoas... Eu tenho vergonha de dizer que moro aqui. Eu tenho vergonha de dizer que moro aqui, porque, quando eu digo que moro aqui, tem pessoas que se assustam: Você mora ali? E tem pessoas que não deixam nem

⁵⁴ Poderia fazer uma análise da fala dos entrevistados, mas, esse não é meu interesse aqui, meu interesse é apenas mostrar a perspectiva dos moradores em relação ao espaço.

os filhos vir aqui no Beco dos Artistas. Tem três pessoas que se mudaram daqui por isso. Porque os filhos já estavam adolescentes, então, os coleguinhas, os pais não deixavam vir aqui. Aniversário, tem que sair e fazer no Mcdonald, em outro lugar, porque não pode fazer aqui. É difícil morar aqui. A ladeira da Montanha ganha no respeito. Você passa na Montanha agora, você não vê mais nada. As coisas fechadas, as pessoas lá dentro. Na Montanha não vê nada, vê? Não vê nada. Vêm os bares, as pessoas lá dentro. A Montanha agora é mais confiável do que isso aqui.” (Rita, moradora da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“E - Quando a senhora passa com a criança, a senhora passa tapando os olhos dela?

R - É. Eu tapo os olhos dela. Passo rápido. Eu falo assim para ela: não olha!

E - Como a senhora explica a situação para ela?

R - Que aquilo ali não é normal, não é certo. Mas cada pessoa tem livre arbítrio de fazer com sua vida o que quiser. E ele escolheu namorar homem, homem com homem e mulher com mulher. Mas aquilo ali não é certo. Explicar a ela para ela ter um pouco de entendimento, ela tem nove anos. Ela nasceu e cresceu vendo isso aí. Quando era ainda bebezinha, menorzinha, a gente tapava, passava, cobria. Mas, hoje em dia... E eles ainda dizem piada: o que é que essa criança está fazendo aqui? Aqui não é show da Xuxa.” (Rita, moradora da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“Certo sábado, veio uma visita aqui e eu fui abrir o portão. Você percebe que tem um orelhão aí, tinha um casal de rapazes praticando sexo de dia. Às vezes, acontece dos casaizinhos que vêm se refugiar e praticam sexo mesmo e ficam se pegando, se acariciando. Explícito mesmo e o uso de drogas, minha amiga, é constante, maconha é um mínimo. Você passa por meio da fumaceira, cocaína você vê eles usando mesmo, fazendo uso, não está nem aí para quem está passando.” (Nádia, moradora da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“Você vê aqui, em plena luz do dia, relacionamentos homossexuais explícitos. Em plena luz do dia, você vê homem com homem, mulher com mulher ou, às vezes, os três se relacionando juntos. Isso, para a nossa consciência, é algo que é escabroso, não é algo normal, natural. É natural você ver dentro de um presídio, você ver em submundos, mas, no centro da cidade, no coração da cidade, fica meio indelicado, porque a gente depende de uma qualidade moral, social e espiritual.” (Cláudio, morador da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“E - A senhora acha, então, que se fosse frequentado por heterossexuais seria diferente?”

N - Eu acho. Eu acho que, pelo menos, não ia ficar pela rua assim fazendo essas cenas, o pior são essas cenas. Agora ontem, não teve bar aberto, dia de segunda-feira não tem bar aberto, mas, umas oito e meia, eu fui levar uma correspondência de um morador no correio, aí subi, quando eu desci, aí tinha duas mulheres ali se agarrando, dia que não tem movimento, que não tem bar nenhum aberto, mas, como elas já conhecem, vêem que esse canto é reservado, vêm para aqui, certamente, queriam se agarrar. Aí, quando me viram, ficaram sem graça. Outro dia, a mesma coisa aqui.

E - Se fosse um homem e uma mulher, a senhora se chocaria menos do que dois homens ou duas mulheres?

N - Bom! O casal normal, como a gente chama normal, homem e mulher são chocantes de qualquer sorte, não é? Pessoas fazerem em público, porque existe lugar reservado, mas era menos chocante, pelo menos, era homem e mulher, não é? Mas esse tipo de coisa fica muito chocante, fica muito chocante e eu acho muito mais, quando eu vejo dois homens. Eu, eu, no meu entender, acho muito mais chocante dois homens e eu, eu não consigo entender esse tipo de coisa. As pessoas, às vezes, têm esse problema que, às vezes, é doença, então se é doença... Não sei se é doença, ou se é descaração, tem muita coisa aí que é safadeza, que é descaração. Às vezes, estão se agarrando aí e daqui a pouco saem e estão falando, estão mostrando e apontando. Quer dizer, se fosse um relacionamento sério, ninguém ia ter um tipo de comportamento desses, é triste, é feio.” (Dona Nadir, moradora da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“C - O próprio ato de ser homossexual perde os seus direitos humanos. Por exemplo, se ele introduzir um membro masculino em sua genitália, onde procede excrementos fecais, ele está se auto-denegrindo, se autodestraindo. Isso aí para você se dizer depois humano, como? Se destruindo a si mesmo e a seu próximo?”

E - Você acha que o ato da penetração anal é uma autodestruição?

C - É. Não queria nem abordar sobre essa intimidade, mas, é repugnante. É repugnante. Eu não falo só homem com homem, mulher com mulher. Pode ser piada, engraçadíssimo, não é? Mas, na realidade, a gente tem que ver as consequências que isso vai trazer à moral, ao espírito e sociedade. Aquela pessoa para ser feliz novamente é terrível. O que acontece no Beco é que eles estão totalmente fragilizados, totalmente excluídos, querendo obter direitos. Querendo obter espaço em uma sociedade que tem sido fortalecida por pessoas que se opõem radicalmente a certas condutas, para não estar sendo tão desvalorizada. A família, se você for

ver no Código Civil, se você for ver nas sagradas escrituras, ela tem certa prioridade para quem quer constituir e mantê-la. E esta prioridade também vem dosada de obrigações, e estas obrigações quando elas são cumpridas, elas são reconhecidas. Agora, quando você não cumpre, você não vai ter benefício nenhum. Você está entendendo? Porque você entra numa empresa hoje, você vai ter uma série de obrigações para cumprir, se você cumpre, seu salário está garantido. Se você não cumpre, você é logo demitido por justa causa.” (Cláudio⁵⁵, morador da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“Porque se você for ver, tem atos que o ser humano comete, que animais, se você conservá-lo numa qualidade, ele não faz. E, se você pegar dois seres humanos não instruídos na bíblia e criá-los na mesma instância, eles cometem atos escabrosos. Tipo, o homossexualismo, a violência, selvagerismo, você está entendendo? Por falta do seu esclarecimento, que a gente na bíblia chama de conversão.” (Claudio, morador da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“E - Quando foi que botou o portão Dona Nadir?

N - Em 2003, antes do carnaval, início de fevereiro. Tem seis anos esse portão. Esse portão de ferro, porque, antes a gente tinha botado um de madeira, um provisório para ver se o negócio ia dar certo, então, juntou um rapaz que morava aí, um amigo de meu marido da ultima casa. Quem mais? Seu Antônio e mais duas pessoas, os filhos de Teca. Botamos um portão de madeira, provisório, não é? Daquela, assim, meio precário, amarrava com a corrente. Aí todo mundo tinha a chave, saia, fechava e abria o portão, mas, como era de madeira, eles pulavam. Você vê esse daí? Quebrou as lanças todas, portão pequeno. Não sei se você reparou, está cheio de coisa de arame farpado, porque, eles quebraram todas as pontas para pular. No carnaval do ano retrasado, ano passado ou ano retrasado, a gente botou o rapaz para soldar, para ficar tudo direitinho. Quando chegava o carnaval, eles pisavam, quebravam tudo e pulavam. Aí botou aquele arame farpado, aí pronto, neguinho nunca mais pulou, foi pular se lascou todo, lascou a perna, lascou a roupa, lascou tudo, aí foi que melhorou.” (Dona Nadir, moradora da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

“... antes de botar esse portão aí, eles desciam e vinham praticar sexo dentro do muro aqui de casa, de madrugada eu cansava de abrir, chegar e pegar, foi um dos motivos de colocar

⁵⁵ Cláudio é membro de uma igreja evangélica.

aquele portão. É complicado, é complicado!” (Nádia, moradora da Avenida Cerqueira Lima, Salvador)

ANEXO B – Fotos



Jacques Frélicot, 1975.



Campo Grande, 1979.



La Bohême.



Le Grill.



Le Onze.



Beco dos Artistas, em 1998.



Conexão Arco-Íris.



Queima de Judas, 1998.



Entrada do Beco dos Artistas, em 2009.



Beco dos Artistas durante o dia, 2009.



Bar de Eduardo, 2009.



Bar Cultural, 2009.



Green Bar, parte fechada, 2009.



Green Bar, parte aberta, 2009.



Bar Camarim, 2008.



Bar Camarim desativado, 2009.



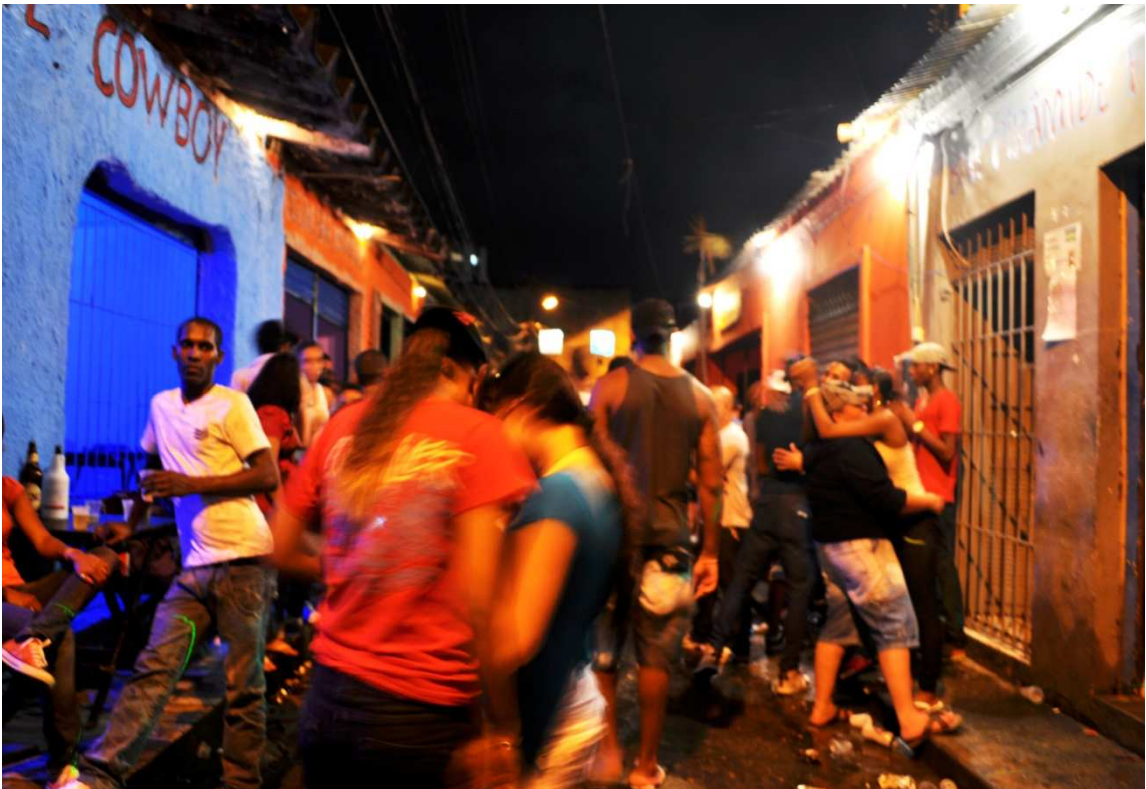
Gina D'Mascar.



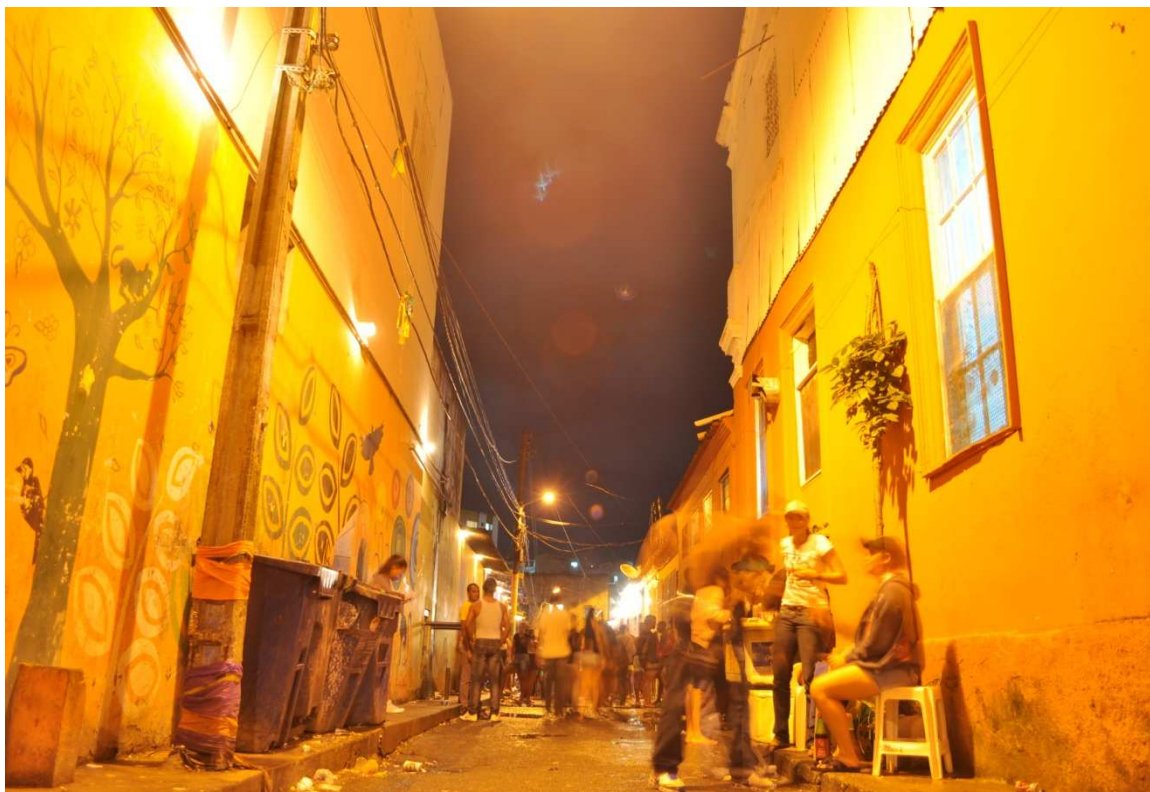
Gina D' Mascar.



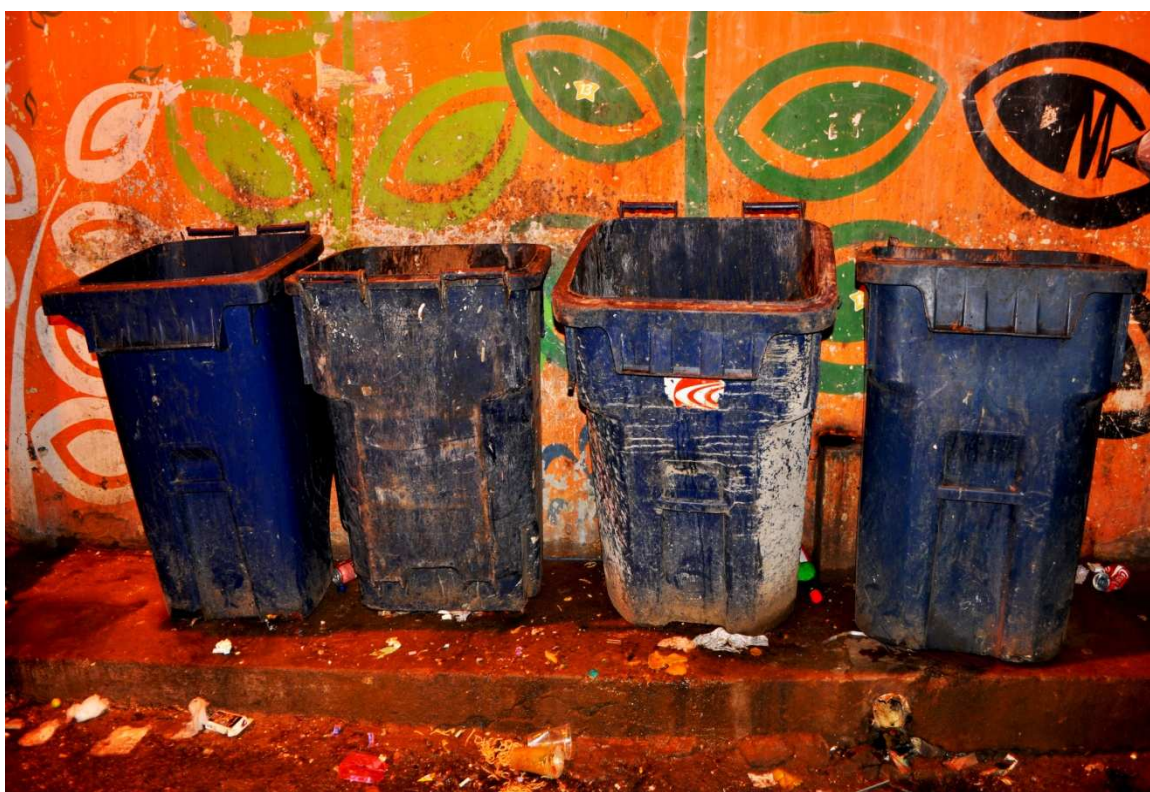
Beco dos Artistas, 2011.



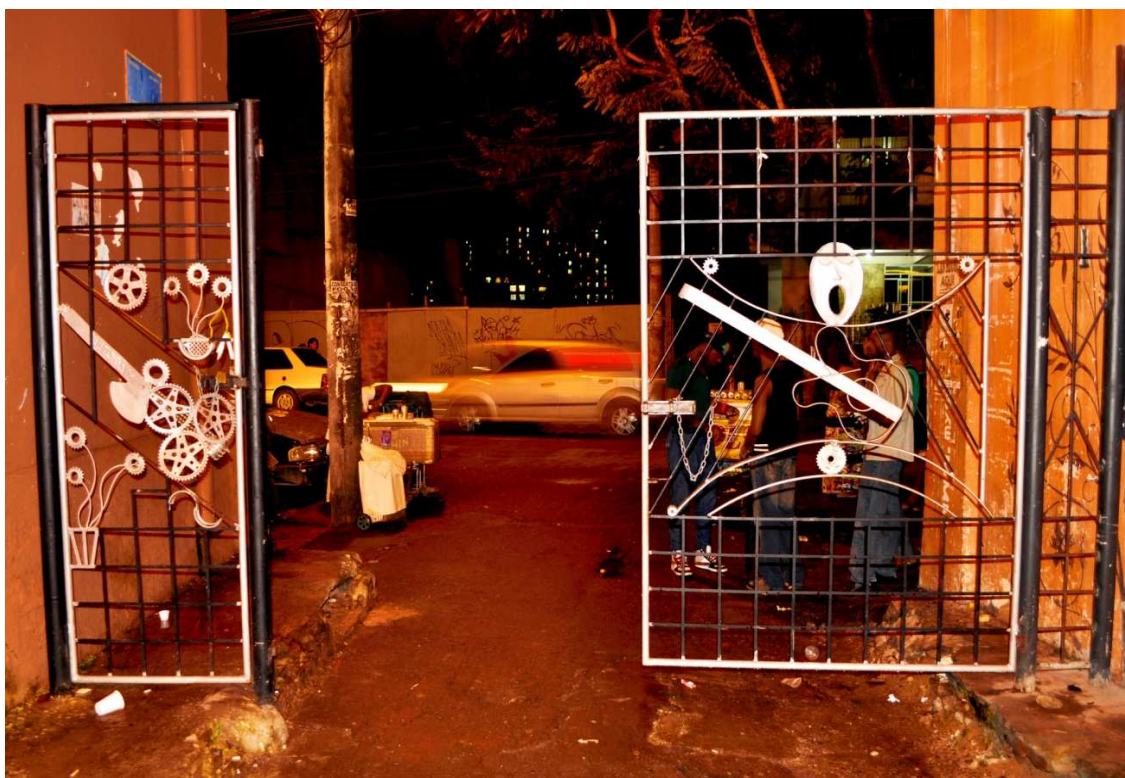
Beco dos Artistas, 2011.



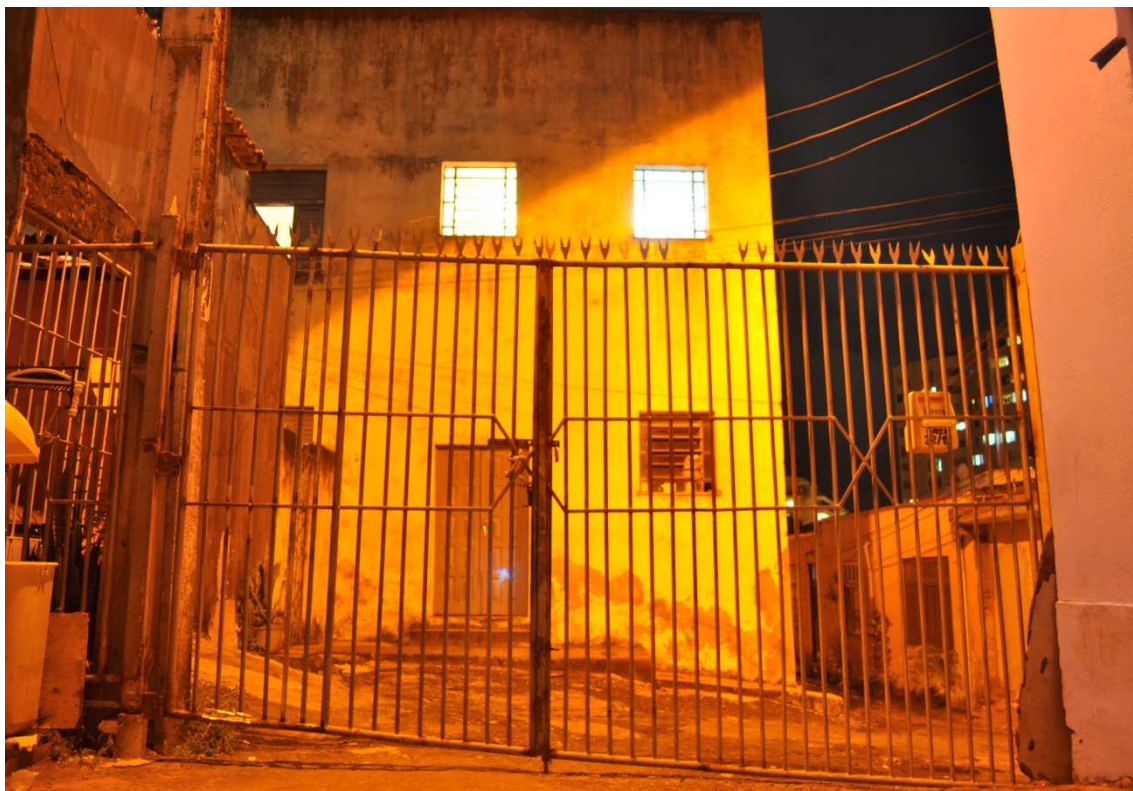
Beco dos Artistas, 2011.



Lixo no Beco dos Artistas.



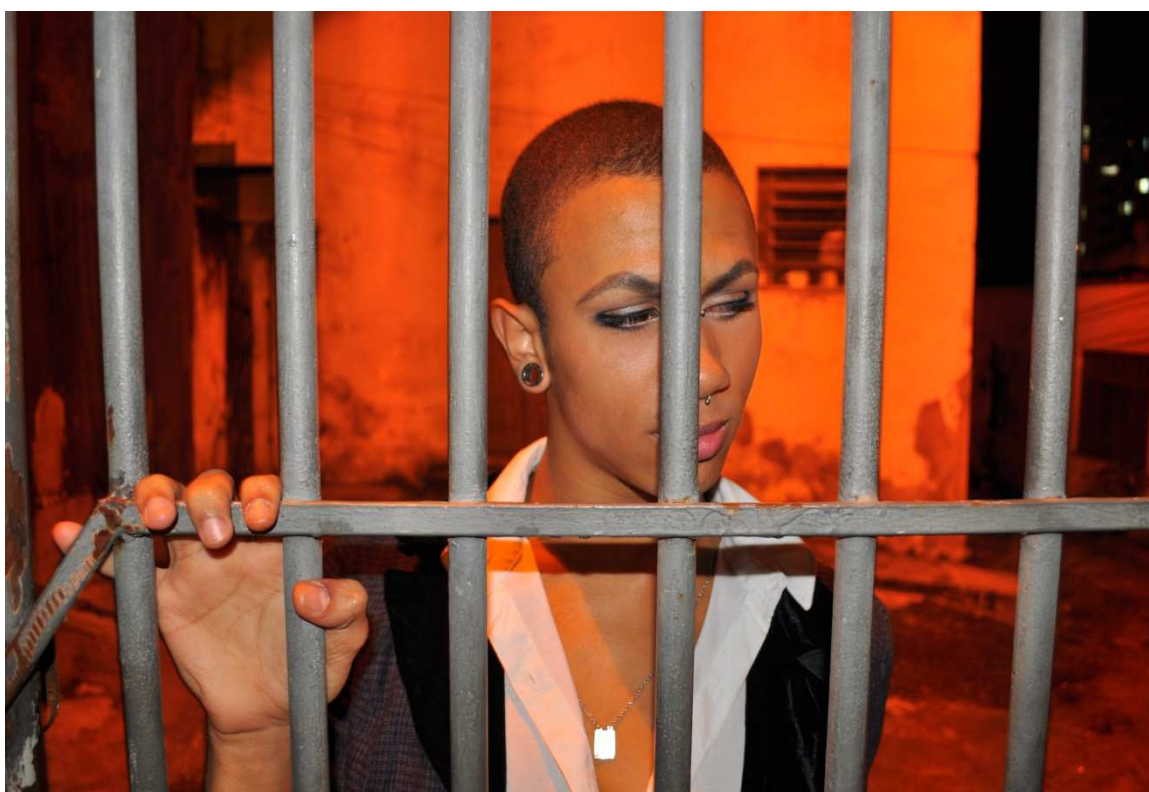
Portão na entrada do Beco, 2011.



Portão fundo do Beco, 2011.



Frequentadores do Beco, 2011.



Frequentador do Beco, 2011.

ANEXO C – Mapa da Avenida Cerqueira Lima

